

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/282085304>

O Estudo Normativo do Teste de Rorschach na População Portuguesa. The Rorschach Normative Study with Portuguese Adult Population.

Thesis · December 2014

DOI: 10.13140/RG.2.1.2582.5762

CITATIONS

0

READS

2,898

1 author:



Antonio Abel Pires

University of Porto

11 PUBLICATIONS 26 CITATIONS

SEE PROFILE

António Abel Pires

O Estudo Normativo
do
Teste de Rorschach na População Portuguesa

Tese apresentada na Faculdade de Psicologia e
Ciências da Educação da Universidade do
Porto para obtenção do grau de Doutor em
Psicologia

Orientação: Professor Doutor Danilo R. Silva

Porto - 2014

RESUMO

Este projecto de investigação realizou a revisão dos estudos de fundamentação teórica do processo de resposta e a revisão da validade no Teste de Rorschach.

A fundamentação teórica do processo de resposta no Sistema Integrativo, conceptualiza a aplicação do Rorschach como uma tarefa perceptivo cognitiva, num processo de tomada de decisão em que se realça a relativização da ambiguidade dos estímulos e a delimitação do papel da projecção. A revisão dos estudos sobre a verbalização no processo de resposta, remete-nos para a investigação neuropsicológica sobre a integração entre representação perceptiva e linguística, o que se revela promissor para tentar compreender os resultados dos indivíduos com protocolos de produtividade baixa.

A revisão dos estudos de validade do Rorschach, revela-nos uma grande produção científica nesta área, onde se demonstrou que a validação deste teste é mais útil se forem correlacionadas cada uma das suas escalas com variáveis de observação directa. As análises meta-analíticas demonstram que a validade do Rorschach é semelhante à dos outros instrumentos de avaliação da personalidade.

O Estudo Normativo do Teste de Rorschach na População Adulta Portuguesa, utilizou uma amostra representativa com $N = 309$, estratificada por género, grupos etários, regiões de residência e níveis de escolaridade. Numa análise inicial, os resultados da amostra global são surpreendentes porque apresentam muitas diferenças em relação ao Estudo Normativo de Exner ($N = 450$). As múltiplas análises dos resultados da amostra portuguesa, permitiram identificar que o nível de escolaridade explica a maioria das diferenças significativas. O aumento da escolaridade é responsável por uma maior produtividade, por maior quantidade de recursos de ideação e de capacidade emocional. Nos indivíduos com escolaridade básica, temos maior frequência de protocolos com baixa produtividade e com Lambda elevado, característica do estilo de resposta evitativo.

ABSTRACT

One of the main aims of this research project is to review the literature on theories related to the response process and validity of the Rorschach Test.

Present theories consider the response process within the Rorschach Comprehensive System as a perception cognitive task on which is based the decision process where the relative ambiguity of the stimuli and the limitation of the role of projection are enhanced. The review of studies on the verbalization involved in the response process, lead us to neuropsychological research findings on the integration of perceptive and linguistic representations in an effort to try and understand results from participants with low production protocols.

The review of validity studies on the Rorschach Test shows a very considerable scientific production on the topic, and demonstrates that test validation is more useful when each test scale is correlated with direct observation variables. The meta-analytic analysis establishes the Rorschach Test validity is similar to other's personality assessment instruments.

The Rorschach Normative Study on the Adult Portuguese Population used a representative sample of 309 participants, stratified by gender, age, regions of residence and education levels. At first, total sample results showed a great deal of unexpected differences when compared to Exner's Normative Study (N=450). However, the multiple analyses carried out on Portuguese sample results showed that most of the significant differences found were due to the effect of level of schooling. Increasing education levels are responsible for greater productivity as well as greater ideation and emotional capacities. Low productivity protocols are more frequent in individuals with a low level of education, showing a high value of Lambda, characteristic of avoidant style.

RESUMÉ

Ce projet de recherche a fait la révision de la littérature sur la fondamentación théorique du processus de réponse et de la validité du Test de Rorschach

L'approche théorique du processus de réponse dans le Système Intégratif du Test de Rorschach, fait la conceptualisation de l'administration du Rorschach comme une tâche perceptive et cognitive où le processus de prise de décision met en valeur la relativisation de l'ambiguïté des tâches d'encre et la délimitation du rôle de la projection. Les recherches sur l'expression verbale dans le processus de réponse, nous montre le travail de la neuropsychologie sur l'intégration de la représentation perceptive et de la représentation linguistique pouvant aider á comprendre les résultats de protocoles avec une faible productivité.

La révision des études de validité du Rorschach, révèle une grande production dans ce domaine, où il a été montré l' utilité de cette épreuve si on fait la corrélation de chacune de ses indices ou échelles avec des variables d'observation directe. Les analyses méta-analytiques montrent que la validité du Rorschach est similaire aux autres tests d'évaluation de la personnalité.

L'étude normative du Test de Rorschach dans la population adulte portugaise avec un échantillon représentatif de $N = 309$, stratifié selon le sexe, les groupes d'âge, la région de résidence et les niveaux de scolarité. Dans une première analyse, les résultats au niveau de l'échantillon global ont montré beaucoup de différences par rapport à l'étude normative d'Exner ($N = 450$). Les analyses multiples conduites sur les résultats, ont permis d'identifier que le niveau de scolarité explique la majorité des différences significatives. L'augmentation du niveau de scolarité est responsable d'une plus grande productivité et de meilleures compétences au niveau de la conceptualisation et de l'émotion. Chez les individus avec une faible scolarité, nous trouvons un plus grand nombre de protocoles de faible productivité et avec Lambda élevé , ce qui caractérise le style de réponse évitativ.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a todos as pessoas que colaboraram na elaboração deste estudo, na facilitação dos contactos e a quem peço desculpa por não formalizar um agradecimento personalizado, porque todos os contactos estavam guardados num computador que foi furtado num congresso em Amsterdão.

Quero também agradecer a todos os sujeitos que colaboraram neste estudo, sem os quais, ele não teria sido possível.

Ao Prof. Doutor Danilo Silva, pela sua orientação, a sua paciência e também pela sua amizade.

Ao Prof. John Exner, como professor e formador, sempre disponível para responder às minhas questões, em fornecer todo o apoio e encorajamentos e que teve uma importância fundamental em todo o meu trabalho.

Ao Prof. Irving Weiner, pela formação, pelos conselhos, pelo acolhimento na Universidade de South Florida e todo o apoio formativo durante esse estágio e também pelo privilégio da sua amizade.

Ao Prof. Gregory Meyer, pela sua simpatia e pela sua disponibilidade em me ajudar com a confusão da exportação de dados entre programas e pela cedência dos ficheiros de sintaxe do SPSS.

A todos os meus colegas da Faculdade que sempre me apoiaram e me encorajaram.

A toda a minha família, à minha esposa, ao meu filho e aos meus pais, pelo seu apoio e amor, a quem dedico este trabalho.

Índice Geral

ÍNDICE DE QUADROS	9
Introdução	10
CAPÍTULO I: <i>Síntese Histórica do Sistema Integrativo</i>	11
1. Síntese Histórica do Sistema Integrativo	12
2. O Sistema Integrativo de Rorschach (SIR)	14
CAPÍTULO II: <i>Fundamentação Teórica - O Processo de Resposta</i>	22
1. O Processo de Resposta	23
2. O Processo de Resposta na Perspectiva de R. Schafer	27
3. O Processo De Resposta No Sistema Integrativo	31
3. 1 Tomada de Decisão	36
3. 2 Fase I: O Processo de Entrada (input)	37
3. 3 Fase II: Ordenação e Eliminação de Respostas Potenciais	42
3. 4 Fase III: Os Traços e os Estilos na selecção de respostas	43
3. 4. 1 A Projecção e o Processo de Resposta	46
4. Outras Perspectivas do Processo de Resposta	49
4. 1 O Processo de Resposta e a Representação	49
4. 2 A Perspectiva de Blatt	52
4. 3 A Verbalização no Processo de Resposta do Rorschach	54
CAPÍTULO III: <i>Fundamentação Teórica - Perspectivas Recentes sobre a Validade do Sistema Integrativo de Rorschach</i>	60
1. Perspectivas Recentes sobre a Validade do Sistema Integrativo de Rorschach.	61
1. 1 Introdução	61
2. A Validade do Teste de Rorschach – SIR	64
2. 1 Os Conceitos de Medida no Rorschach e a Relação com a Validade	64
2. 2 A Variabilidade de R	65
2. 3 A Validade do Sistema Integrativo desde os anos 90	74
2. 3. 1 Estudos Meta-analíticos	76
2. 3. 2 Validade Convergente entre o Rorschach e o MMPI	78
2. 3. 3 Validade Incremental	80
2. 3. 4 O Teste de Rorschach e o Diagnóstico	85
2. 3. 5 Monitorização da Mudança na Psicoterapia	88
2. 3. 6 A Validade das Variáveis Individuais do Rorschach	91
3. Conclusão	93

CAPÍTULO IV: <i>Apresentação do Sistema Integrativo do Rorschach</i>	95
1. O Sistema Integrativo De Rorschach (SIR)	96
2. Aplicação do Teste	96
2. 1 Preparação do sujeito:	96
2. 2 A Fase de Resposta	103
2. 3 A Fase de Inquérito	104
3. A Interpretação	105
3. 1 Estratégia de Interpretação	106
3. 2 As Classes	107
CAPÍTULO V: <i>Estudo Normativo - Metodologia</i>	113
1. METODOLOGIA	114
1.1 Introdução	114
2. Constituição da Amostra	115
3. Procedimento	127
3. 1 A Aplicação Estandardizada	135
3. 2 Análise das Diferenças por Examinador	142
3. 3 Amostra Planeada e Protocolos Válidos Recolhidos	146
4. Hipóteses	147
CAPÍTULO VI: <i>Análise dos Resultados da População Portuguesa</i>	149
1. Análise dos Resultados a População Portuguesa	150
1.1 Introdução	150
2. Amostra Total	153
2.1 Comparação entre os Resultados da Amostra Portuguesa e os da de Exner (2005), em 80 Variáveis	171
3. Análise dos Resultados por Subgrupos	180
3.1 Género	180
3.2 Grupos Etários	180
3.3 Regiões De Residência	182
3.4 Níveis de Escolaridade	184
4. Resultados por Grupos de Dimensão de Protocolos - Curtos, Médios e Longos.	196
4.1 Variáveis Estruturais	197
5. O LAMBDA ELEVADO	219
5.1 Introdução	219

5.2 O Lambda Alto – Estilo de Coping Evitativo	220
6. Os Resultados por Estilo de Resposta	228
7. Discussão dos Resultados	233
CONCLUSÃO GERAL	235
BIBLIOGRAFIA	241
ANEXOS	253

Índice de Quadros

Quadro 1 - Variáveis Demográficas (N = 309)	117
Quadro 2 - Níveis educacionais nos Censos de 1991 e 2001 para a população adulta e para o grupo etário dos 18-24 anos.	119
Quadro 3 - Amostra nacional.	121
Quadro 4 - Amostra do Interior Norte	122
Quadro 5 - Amostra do Grande Porto.	122
Quadro 6 - Amostra do Litoral Centro	123
Quadro 7 - Amostra da Grande Lisboa.	123
Quadro 8 - Amostra Interior Sul.	124
Quadro 9 - Amostra Litoral Sul.	124
Quadro 10 - Participantes por região	125
Quadro 11 - Análise das Diferenças por Examinador em Cinco Variáveis na Amostra	142
Quadro 12 – Estatísticas da fidelidade intercotador (n = 35)	144
Quadro 13 - Amostra nacional planeada.	146
Quadro 14 - Amostra nacional recolhida.	147
Quadro 6.1. - Resultados da amostra total	155
Quadro 6.1.2 - Resultados da amostra total nos estilos de coping, rácios e variáveis mistas	166
Quadro 6.1.3 - Lista de respostas Populares da população adulta Portuguesa e comparação com as listas do Japão, Finlândia, E. U. A. e Espanha	168
Quadro 6.2 - Comparação entre os estudos de Portugal e E. U. A. em 80 variáveis	177
Quadro 6.3.4.1 -. Frequências de 35 variáveis, da amostra total (N = 309) e das três subamostras de níveis de escolaridade: nível 1 - Básico (n = 137), nível 2 - Secundário (n = 111); nível 3 - Superior (n = 61).	186
Quadro 6.4.3.2 - Percentagens de estilos de resposta, na amostra total e por níveis de escolaridade, segundo a versão do Sistema Integrativo anterior a 2000.	190
Quadro 6.3.4.3 - Diferenças significativas entre as três níveis de escolaridade: nível 1 - Básico (n = 137), nível 2 - Secundário (n = 111); nível 3 - Superior (n = 61).	192
Quadro 6.4.1 - Distribuição de N por protocolos curtos, médios e longos	198
Quadro 6.4.2 - Frequências e percentagens por género e nível de escolaridade, na amostra total e por protocolos curtos, médios e longos.	198
Quadro 6.4.3 - Resultados das Localizações e Qualidade de Desenvolvimento, na amostra total e por dimensão de protocolos	199

Quadro 6.4.4 - Resultados dos Determinantes e de alguns rácios, na amostra total e por dimensão de protocolos.	202
Quadro 6.4.5 - Resultados dos Conteúdos Humanos	206
Quadro 6.4.6 - Médias das codificações de conteúdo Humano divididos por dimensão de protocolos e Estilos de Resposta	207
Quadro 6.4.7 - Médias e desvios padrão de algumas codificações especiais	208
Quadro 6.4.8 - Resultados das Variáveis Mistas por dimensão de protocolos.	209
Quadro 6.4.9 - Estilos de resposta por dimensão de protocolos	214
Quadro 6.4.10 - Resultados do Índice de Constelação Suicida (S-CON) por amplitude de R.	215
Quadro 6.4.11 - Frequência da Constelação Suicida (S-CON) Positiva em 9 estudos normativos de 8 Países.	216
Quadro 6.4.12 - Resultados do Índice de depressão (DEPI) por amplitude de R	218
Quadro 6.4.13 - Resultados do Índice de Deficit de Coping (CDI), na amostra total e por amplitude de R.	218
Quadro 6.5.1 - Resultados por níveis de escolaridade em 8 variáveis	220
Quadro 6.5.2 - Distribuição dos sujeitos de Lambda elevado	222
Quadro 6.5.3- Comparação de 10 variáveis entre os grupos de Lambda elevado	223
Quadro 6.5.4 - Distribuição dos sujeitos com Lambda elevado	224
Quadro 6.6.1 - Comparação entre estilos de resposta em 28 variáveis	229
Quadro 6.6.2 - Comparação entre estilos de resposta introversivo e extratensivo, em 28 variáveis.	230

Introdução

O Estudo Normativo do Teste de Rorschach, pelas características dos resultados da nossa população, revelou-nos a necessidade de compreender a sua fundamentação teórica, nomeadamente ao nível do processo de resposta. A compreensão da complexidade do processo em termos perceptivos e cognitivos remete-nos para a área do desenvolvimento psicológico ao longo da vida e para a importância da neuropsicologia.

As polémicas em torno da validade do Rorschach, levaram-nos à revisão da literatura dos últimos 15 anos, de grande qualidade, polémica, que faz a demonstração da validade, da utilidade, da metodologia mais adequada de validação do Teste de Rorschach, mas também da demonstração que os testes psicológicos têm uma validade equivalente à dos testes médicos.

Todo o processo de desenvolvimento do Estudo Normativo colocou vários desafios, desde o cálculo da amostra, o contacto dos potenciais sujeitos e a tarefa aliciante, mas árdua, de percorrer o país durante a recolha dos protocolos. A metodologia do estudo normativo é rigorosa e muito exigente.

A análise dos resultados revelou várias surpresas, em primeiro lugar na comparação com os do Estudo Normativo norte-americano de Exner. Cada análise levantava novas questões, levando à investigação das diferenças significativas entre os vários subgrupos que integram a amostra, por género, grupo etário, região de residência e nível de escolaridade. Tentámos analisar os resultados em função da produtividade dos protocolos. A análise dos resultados de Lambda elevado, indicando um estilo de funcionamento psicológico baseado na economia do evitamento da complexidade e da ambiguidade, permitiu clarificar esta dimensão, mas também coloca novas questões. Os estilos de resposta, como indicadores das capacidades ideativas e emocionais, também foram analisados.

Um estudo normativo deste tipo acaba por ser sensível à heterogeneidade da população que pretende estudar, realça as potencialidades e os limites do teste e recolhe informação quantitativa e qualitativa sobre variáveis de personalidade da população. Esta heterogeneidade da população pode-se manifestar nos resultados e leva-nos a interrogar sobre o modo como os resultados normativos são utilizados.

Capítulo I

Síntese Histórica do Sistema Integrativo

1. Síntese Histórica do Sistema Integrativo

A nossa intenção não é de relatar a história do Teste de Rorschach e a do seu autor, que já foi tratada em várias obras (Ellenberger, 1954), mas apenas a de elaborar uma síntese histórica do Sistema Integrativo de Rorschach, cujo autor principal é John E. Exner, Jr..

Para apresentar a elaboração do Sistema Integrativo, temos que iniciar a nossa síntese histórica com a difusão do Rorschach nos Estados Unidos e na Europa, durante a primeira metade do século XX, porque os diferentes autores principalmente nos Estados Unidos, tiveram influência no percurso académico de John Exner e na necessidade de elaborar o Sistema Integrativo.

Nas décadas de 30 e 40 emergiram nos Estados Unidos cinco sistemas diferentes de Rorschach, conhecidos pelos nomes dos seus autores: Samuel Beck, Bruno Klopfer, Marguerite Hertz, Zygmunt Piotrowski e David Rapaport - Roy Schafer. Na Europa, desenvolveu-se a Escola Suíça inicialmente constituída pelos amigos e discípulos de Hermann Rorschach, como Oherholzer e Morgenthaler e mais tarde Bohm. Nos países de língua francesa, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, eclodiu um sistema muito interessante com autores como Beizmann, Anzieu, Canivet, Loosli-Usteri, Rausch de Trautenberg e Chabert (Pires, 1987). Em Espanha a primeira publicação data de 1925 e o primeiro livro publicado em 1944 (Ortiz e Campo, 1993). Em Portugal, Luiz de Pina publicou um artigo sobre Rorschach em 1938 (Pina, 1938).

Embora os autores respeitassem todo o trabalho elaborado por Hermann Rorschach nomeadamente as bases metodológicas de cotação das respostas, cada um deles introduziu alterações significativas a nível das instruções de aplicação, de codificação de respostas e fundamentação teórica para a interpretação dos resultados. Nos EUA, as diferenças eram tão importantes que parecia que se estava em presença não de um teste mas sim de cinco testes de Rorschach diferentes (Exner, 1980).

No final da década de 50, surgiram críticas muito fortes em relação ao Teste de Rorschach, colocando em questão o valor científico desta prova, marcando, de algum modo, o fim do culto ao Rorschach praticado até aí nos Estados Unidos.

No *The Fifth Mental Measurements Yearbook* de 1959, Eysenck, após uma revisão da literatura, conclui que se falhou na tentativa de estabelecer o valor científico deste instrumento. Segundo este autor, os estudos de validação com resultados positivos apresentam vários erros metodológicos (de planificação ou de estatística). Os resultados seriam tanto mais negativos quanto melhores são, em termos metodológicos, os estudos de validação. As hipóteses do Rorschach só se verificariam devido a "fontes incontroladas de erro" (Silva, 1983, p. 94).

Murstein (1960), após uma revisão crítica dos estudos de análise factorial do Rorschach, concluiu que é praticamente impossível realizar uma análise factorial correcta desta prova, pois trata-se de um teste quantitativo inadequado, que é uma interpretação de uma interpretação e não um teste perceptivo. Esta prova utilizada por clínicos experientes é um meio de sondar as camadas profundas da personalidade, mas a nível de investigação é uma calamidade psicométrica.

A partir destes trabalhos, alguns autores defendem que seja retirado ao Rorschach a classificação de teste e há quem aconselhe a considerar esta prova como entrevista (Aronow, Reznikoff & Rauchway, 1979).

As críticas mais radicais foram publicadas no *The Sixth Mental Measurements Yearbook* de 1965, nomeadamente o artigo de Jensen (1965, p.509) que, depois de apontar os resultados negativos da validação na investigação, considera o Rorschach um teste medíocre, sem valor científico e prático e afirma que, para acabar com o desperdício em dinheiro e esforço humano na aplicação desta prova a milhões de pessoas, nos Estados Unidos, se deve abandonar pura e simplesmente o Rorschach na prática clínica, deixando de se exigir aos estudantes de psicologia clínica que percam tempo a aprender a técnica (Pires, 1987).

Após a publicação destes artigos, tudo parecia indicar que, no início da década de 60, o Teste de Rorschach estava totalmente desacreditado nos Estados Unidos. Houve vários autores, nomeadamente Weiner (1983) e Holt (1967) que responderam às

críticas e apontando algumas falhas metodológicas dos estudos críticos, como a consideração de investigações realizadas com sistemas de Rorschach diferentes, e a insuficiência da metodologia estatística que não tinha sofisticação suficiente para ser utilizada correctamente com um teste tão complexo como o Rorschach, salvaguardavam todavia, a utilidade prática desta prova em contextos clínicos.

2. O Sistema Integrativo de Rorschach (SIR)

John E. Exner, Jr., durante a década de 50, interessou-se muito pelo Teste de Rorschach, tendo tido o privilégio, como estudante universitário, de aprender a utilizar esta prova com personalidades tão marcantes como Samuel Beck e Bruno Klopfer. O seu desejo "irrealista" de aproximar estes dois autores, colocados em posições divergentes, para que pudessem comunicar e discutir as diferenças dos seus respectivos projectos teve como consequência estes autores lhe sugerirem um outro projecto em que ele estudasse os seus sistemas de Rorschach (Exner, 1980). Esta sugestão deu origem a ainda um outro projecto, realizado durante a década de 60, que se traduziu na análise dos cinco sistemas de Rorschach vigentes nos Estados Unidos e que culminou na publicação de *Rorschach Systems* (Exner, 1969).

As conclusões do estudo comparativo entre os cinco sistemas de Rorschach, apesar de não indicarem qual seria o melhor sistema, não deixavam de colocar duas questões muito importantes que serviram de motor às investigações conduzidas no início da década de 70. As questões eram: “*qual dos cinco mostrava maior solidez empírica?*” e “*qual era o mais útil em termos clínicos?*” (Exner, 1994).

Para encontrar respostas a estas questões, foi criada em 1968, a Rorschach Research Foundation, mais conhecida por Rorschach Workshops.

Os primeiros trabalhos realizados nesta Fundação foram três inquéritos junto dos psicólogos, através da Divisão de Psicologia Clínica da American Psychological Association, da Society for Personality Assessment, da American Board of Professional Psychology, e a investigadores que haviam publicado artigos sobre trabalhos de

investigação com o Rorschach, realizados entre 1961 e 1969. Os resultados destes inquéritos mostravam uma situação muito pouco animadora sobre a utilização correcta do Teste de Rorschach em qualquer sistema e algumas dificuldades metodológicas nos trabalhos de investigação.

O primeiro dos inquéritos (Exner & Exner, 1972) enviado a 750 psicólogos pertencendo à Divisão de Psicologia Clínica da APA (American Psychological Association) e à Society for Personality Assessment, com uma taxa de resposta de 53%, mostrava que a maioria tinha recebido formação nos sistemas de Beck ou Klopfer. Os outros sistemas, muito menos representados, iam dos 20%, com formação no sistema de Piotrowski, a 10% nos métodos de Hertz ou Rapaport.

Outro dos resultados deste primeiro estudo indica que 22% dos psicólogos que responderam tinham deixado de codificar os protocolos, utilizando apenas a análise de conteúdo, e que 232 dos 308 psicólogos que utilizavam a codificação personalizavam-na, acrescentando códigos pessoais fruto da sua experiência clínica (Exner, 1994). A maioria admitia que não seguia fielmente a metodologia do sistema que utilizava, podendo seguir as regras de aplicação de um sistema e codificar segundo as regras de outro, o que, segundo Exner, dos cinco sistemas bem definidos, a personalização realizada pelos clínicos, daria origem a uma “proliferação astronómica de sistemas” tantos quanto os utilizadores do teste (Exner, 1994, pp.20-24).

Exner não se mostra surpreendido com estes resultados, dado o que se verificava na formação universitária (Exner, 1994), pois, baseando-se num estudo realizado por Jackson e Whol em 1966, verificou que, a nível da formação universitária em relação ao Teste de Rorschach, 12% dos professores não davam formação na área da codificação, existindo uma grande “variedade de métodos de aplicação, codificação e interpretação” (Exner, 1994). A maioria dos professores que davam formação no Rorschach (60%) não tinham formação pós-graduada, 40% preferia leccionar noutra área (Exner, 1994).

O segundo inquérito da Fundação, mais elaborado, com 90 perguntas, foi enviado a 200 titulares do American Board of Professional Psychology sendo recebidos 131 questionários completos dos quais 111 eram válidos, pois eliminaram-se 20 pelo facto do teste ser utilizado menos de 20 vezes por ano. Os resultados mostram que

poucos deixaram de codificar o teste, que 85% destes psicólogos dominavam pelo menos três sistemas mas 56% reconheciam que misturavam métodos de aplicação e de codificação e postulados interpretativos de mais de um sistema. Do total de 506 inquiridos (nos dois inquéritos), apenas 103 (20%) seguiam fielmente um sistema (Exner, 1994, p. 21).

O terceiro estudo baseava-se num questionário de 55 perguntas sobre a planificação e análise da investigação, enviado a cem investigadores que haviam publicado artigos com trabalhos de investigação com o teste, de 1961 a 1969. As 71 respostas indicavam que quase metade dos investigadores tinha abandonado a investigação com o Rorschach. A maioria dos que continuavam a investigar, recebeu formação em mais do que um sistema, mas a quase totalidade planificava investigações específicas segundo um único sistema. Eles tinham alguns aspectos que os preocupavam. Tinham dificuldades em recrutar sujeitos e havia necessidade de utilizarem vários examinadores para minorar o enviesamento, durante a aplicação. Outra área de interesse era a complexidade da análise de dados, a dificuldade em aplicar certos parâmetros estatísticos e o controle do número de respostas. Também havia problemas com a idoneidade dos grupos de controle e a ausência de dados normativos para realizar comparações. *“Todos estavam de acordo em que a complexidade do Rorschach produzia mais desânimo do que motivação para investigar”* (Exner, 1994, p. 21)

Em paralelo com estes inquéritos sobre as condições de utilização do Rorschach, a Fundação criada por Exner iniciou a análise exaustiva de toda a bibliografia sobre este teste publicada até 1970, composta por mais de 4000 artigos, 29 livros além da monografia publicada por Hermann Rorschach em 1921 (Exner, 1994, p. 22).

Uma das conclusões desta análise, indicava que havia um grande número de temas de Rorschach que nunca tinham sido investigados, por exemplo, as instruções sobre a posição do sujeito durante a aplicação, nunca tinham sido controladas experimentalmente e havia 16 variáveis de codificação sobre as quais não existia qualquer investigação (Exner, 1994, p. 22).

Dos mais de 4000 artigos, 2100 eram estudos de investigação e verificava-se que a maioria (1400) tinha problemas metodológicos graves que punham em causa a

validade das suas conclusões. Exner refere que muitos dos estudos mais antigos, publicados entre 1938 e 1958, eram os que apresentavam mais falhas metodológicas, dado o estado dos conhecimentos na época, e que os critérios considerados correctos nos anos 30 e 40 deixaram de o ser várias décadas depois, devido à evolução da análise de dados na investigação psicológica.

Esta análise da literatura mostrou que existiam 700 trabalhos de investigação com critérios metodológicos adequados que iriam fazer parte de uma base de dados, assim como mais de 1300 protocolos dos quais se seleccionaram 835, recolhidos segundo os critérios de um dos cinco sistemas de Rorschach nos Estados Unidos, sendo a maioria segundo a metodologia de Beck e de Klopfer o que não é de admirar, por serem os mais difundidos.

A acumulação de protocolos dos cinco sistemas, para poder concretizar o estudo comparativo entre estes, os resultados dos inquéritos conduzidos junto dos psicólogos utilizadores do Rorschach permitiu que, no início de 1971, os investigadores das Rorschach Workshops pudessem chegar a algumas conclusões (Exner, 1994, p. 23):

- as diferenças entre os sistemas tiveram como consequência a produção de cinco espécies de protocolos diferentes (Exner, 1994);
- cada sistema incluía algumas cotações, critérios de cotação e regras de interpretação sem confirmação empírica, ou em relação aos quais tinham sido descobertos resultados negativos (Exner, 1994, p. 23);
- todos os sistemas continham elementos empiricamente confirmados (Exner, 1994, p. 23).

Estes dados e a constatação revelada pelos inquéritos sobre a utilização do teste, indicando que menos de 20% dos psicólogos utilizavam fielmente um único sistema, levaram à alteração do objectivo principal da Fundação. Tal objectivo deixou de ser o de estudar cada um dos sistemas quanto às suas qualidades e insuficiências e passou a ser o de integrar as características de todos os sistemas em relação às quais existiam dados empíricos fiáveis ou susceptíveis de serem estabelecidos e constituir um novo sistema (Exner, 1994, p. 24).

Durante os três anos seguintes, o fundo de protocolos elevou-se a 1.200 e completaram-se mais de 150 investigações relacionadas com múltiplos aspectos da utilização do Rorschach.

Estas investigações realizadas não apenas sobre as questões básicas relativas à aplicação do teste, tais a posição do sujeito em relação ao examinador, a instrução inicial, o registo e o inquérito das respostas mas também relativas à selecção dos códigos que iriam ser utilizados, à questão da fidelidade entre cotadores, que ficou resolvida quando se decidiu não incluir no novo sistema nenhuma categoria de cotação ou codificação que não alcançasse um nível mínimo de fidelidade inter-cotadores de 0.85, entre 10 a 15 codificadores que trabalhassem com um mínimo de 10 a 20 protocolos. Isto levou à rejeição de uma grande quantidade de códigos que se julgavam válidos e que mais tarde foram incorporados na codificação, após revisão dos critérios de utilização. Exploraram-se dezenas de critérios interpretativos. Tudo o que foi adoptado no novo sistema desde as codificações ou procedimentos metodológicos de aplicação até aos postulados interpretativos teve que satisfazer determinados requisitos básicos de validade (Exner, 1994, p. 23)

Durante o desenvolvimento deste projecto, surgiram novas formas de codificar, critérios mais rigorosos de aplicação da prova e estabeleceram-se relações e variáveis úteis para a interpretação.

O novo sistema, como produto final, foi apresentado pela primeira vez em 1974 com o título de “*Comprehensive System*”, que vários anos depois foi traduzido pelo Professor Danilo Silva da Universidade de Lisboa para “Sistema Integrativo de Rorschach - SIR” (Silva, 1986), embora os autores espanhóis tenham preferido traduzir para “Compreensivo”. Este sistema tem tido um grande sucesso tanto nos Estados Unidos como em outros países e os investigadores que o tornaram possível têm continuado a desenvolver um grande esforço de investigação durante estas duas últimas décadas, o que deu origem a várias revisões tendo em conta as investigações mais recentes.

O Sistema Integrativo elaborado por Exner assenta sobre um estudo enorme dos cinco sistemas americanos, o trabalho de Hermann Rorschach e uma revisão de toda a

literatura e estudos de investigação publicados nos Estados Unidos. Este trabalho rigoroso, de base empírica em termos de critérios de validade e de fidelidade, resultou na integração dos cinco sistemas norte-americanos, aproveitando o que cada um tinha de melhor. Quando nenhum sistema tinha uma resposta aceitável em termos de qualidades psicométricas ou quando havia necessidade de responder a questões novas surgidas durante este projecto, a investigação permitiu elaborar novas respostas em termos de novas codificações de qualidade ou a alteração de processos metodológicos.

O objectivo de Exner era a elaboração de um sistema com a aplicação estandardizada, codificação objectiva e fiável e uma base de dados normativos representativa (Weiner, 1998a).

Segundo Weiner (1998a), Exner estudou a metodologia de aplicação na maior parte dos sistemas e verificou que a abordagem utilizada originalmente por Hermann Rorschach era suficiente para produzir um protocolo adequado e também minimizava a influência indesejada do examinador. Exner estabeleceu então instruções rigorosas para a aplicação tanto no período da fase de resposta como no inquérito. A estandardização da aplicação obriga todos os psicólogos utilizadores do Rorschach a aplicar este teste seguindo sempre a mesma metodologia. Isto garante-nos uma certa estabilidade metodológica na recolha do protocolo em que as condições de aplicação serão as mesmas com qualquer examinador. Se os psicólogos não quiserem respeitar a aplicação estandardizada, não estarão a utilizar o Sistema Integrativo, pois as condições de aplicação serão alteradas e, em consequência, os resultados serão diferentes não podendo estes serem analisados segundo as regras deste Sistema.

Relativamente à codificação das respostas, Exner (Weiner, 1998a, Exner, 1994) utilizou várias codificações desenvolvidas por outros investigadores do Rorschach, quando após avaliação, verificou serem suficientemente objectivas e cujos critérios de cotação eram precisos para poderem alcançar acordo entre codificadores independentes que receberam uma formação razoável (Weiner, 1998a).

Assim, o Sistema Integrativo tem muitas codificações propostas por Rorschach e outros autores ligados ao desenvolvimento do teste, durante as primeiras décadas do século XX, tem também muitas codificações desenvolvidas no quadro de escalas

específicas de Rorschach e inclui ainda várias codificações novas, algumas das quais foram desenvolvidas na fase inicial do Sistema Integrativo ou foram adicionadas posteriormente (Weiner, 1998a).

Com a aplicação estandardizada e um sistema de codificação objectivo e fiável (embora complexo), o Sistema Integrativo cumpre o objectivo de Exner de o transformar num sistema fiável para recolher, codificar e interpretar as respostas do teste.

A estandardização do teste possibilitou a realização, em outros países ou culturas, de estudos normativos e de outro tipo de investigação, seguindo procedimentos semelhantes aos que Exner utilizou. Nos estudos normativos, não tem havido alterações na estandardização da aplicação e da codificação. As alterações provocadas pelos resultados dos estudos normativos processam-se nas listas de localização de detalhes comuns e de detalhes raros, da qualidade formal e de respostas populares, assim como nos critérios de interpretação.

O Sistema Integrativo já foi revisto várias vezes, nomeadamente em 1990 e em 2000 devido aos progressos de investigação com o Rorschach e, sempre que novos estudos indicam a necessidade de introduzir melhorias a nível da codificação e da metodologia de interpretação.

Durante a década de 90, o Sistema Integrativo divulgou-se consideravelmente. Depois de ter sido adoptado pela grande maioria dos psicólogos norte-americanos, sendo o sistema dominante entre os psicólogos membros da Society for Personality Assessment, o Sistema Integrativo expandiu-se para a Europa, sendo de salientar a grande implantação em Espanha e nos países nórdicos e com uma utilização crescente em todo o continente europeu. A sua implantação na Europa, deu origem à criação, em 1990, da ERA - European Rorschach Association for the Comprehensive System.

O Sistema Integrativo tem também um grande sucesso em toda a América Latina, nomeadamente no Brasil, Argentina e Venezuela. Na Ásia, está fortemente implantado no Japão, havendo alguns estudos realizados por investigadores chineses.

Pela amostragem verificada nos últimos Congressos de Rorschach e Métodos Projectivos, Paris 1990; Lisboa 1993; Boston 1996, Amesterdão 1999, Roma 2002,

Barcelona 2005 e Lewen 2008, verifica-se um aumento significativo de estudos que utilizam o Sistema Integrativo e que, neste final de milénio, é o sistema de Rorschach mais utilizado no mundo.

Capítulo II

Fundamentação Teórica: O Processo de Resposta

1. O Processo de Resposta

Uma das áreas que até aos anos 70 foi relativamente pouco estudada, foi o processo de resposta. Este consiste na análise e estudo da sucessão de operações que ocorrem entre o momento em que se apresenta o cartão e se dá a instrução: *O que poderia ser isto?*, até à produção da resposta.

O estudo do processo de resposta é fundamental para compreender a complexidade da reacção do indivíduo ao estímulo Rorschach, citando Acklin (1994):

“This, the response process, is the very heart and soul of the Rorschach Test. No deep mastery of the test is possible without an understanding of what is happening between the presentation of the cards and verbalization” (pág. 130).

Hermann Rorschach (1921/1978) tentou explicar o processo de resposta como um processo associativo a que chamou de interpretação de imagens fortuitas.

Afirma que a interpretação pertence ao domínio da percepção e da compreensão. A resposta elabora-se *“...como uma percepção na qual o trabalho de assimilação entre o complexo de sensações e o engrama é tão grande que por esta razão será percebido intrapsiquicamente, como trabalho de assimilação. Esta percepção intrapsíquica, da equivalente imperfeita entre o complexo de sensações e o engrama, dá à percepção o carácter da interpretação.”* (H. Rorschach 1921/1978, pág. 17). Esta operação é realizada conscientemente e o sujeito sabe que a mancha não é idêntica aos objectos armazenados na memória. Este trabalho de assimilação com a associação entre percepção, engrama e memória que se transforma em interpretação parece interessante no início do século XX. Este processo aparece classificado como perceptivo e aperceptivo, mas actualmente há autores que o referem como representação (Leichtman, 1996), embora Exner reconheça o primado da percepção e a aceitação da apercepção (Exner, 1996), o que deu origem a uma controvérsia entre estes dois autores sobre o primado da percepção ou da representação como iremos analisar mais tarde.

H. Rorschach refere que nem todos os indivíduos têm a capacidade de interpretar as manchas, certos doentes e até indivíduos normais apenas têm capacidade para definir e, neste caso, não se trataria de interpretação, mas de definição. A interpretação e a definição seriam sub-categorias da percepção. O trabalho de assimilação associativa está fora do seu alcance e este autor sugere a existência de um limiar “... *a partir do qual a percepção, assimilação sem consciência do trabalho assimilativo, transforma-se em interpretação, isto é, numa percepção que inclua consciência do trabalho de assimilação*” (H. Rorschach 1921/1978, pág. 18). Seria a existência deste limiar, capacidade para integrar “as sensações” originadas pelo estímulo com os engramas prévios, a nível individual, a responsável pela variedade de respostas. Com esta afirmação, nega a influência dos elementos inconscientes na formação das respostas.

Rorschach era psicanalista, discípulo de Jung e teve a oportunidade de exprimir as ideias de Freud se essa fosse a sua intenção e, segundo Acklin & Oliveira-Berry (1996), ele poderia estar a desenvolver a sua própria teoria de personalidade, baseada no seu teste.

Naquela época (1921), na Europa, tanto os filósofos como os psiquiatras estavam interessados na interpretação dos sonhos e no inconsciente, incluindo muitos dos colegas de Rorschach e este, na sua monografia, frisou bem que este teste se baseava na percepção e aparentemente não deu relevância ao papel do inconsciente. Ele afasta a ideia de o teste poder ser considerado como uma prova de imaginação. O indivíduo, possua ou não imaginação, utiliza-a naturalmente e os resultados não precisarão de ser analisados segundo a pobreza ou riqueza da imaginação.

Não podemos deixar de mencionar que, no final do século XIX e início do XX, houve vários autores, entre os quais Binet, que tentaram utilizar manchas de tinta para estudar a imaginação (Pires, 1987), sem grandes resultados, enquanto H. Rorschach se centrou na percepção para estudar a personalidade. Em *Psicodiagnóstico* (1921/1978, pp 107-109) dedicou a secção 12 do capítulo IV à imaginação onde referiu as limitações das conclusões de Szymon Hens, sobre os resultados do seu estudo com manchas de tinta, que aplicou a psicóticos, porque se limitou apenas ao estudo da imaginação. Nesta parte refere-se à “imaginação receptiva e à imaginação produtiva”, em que a receptiva orientaria a energia para o lado extratensivo, enquanto a produtiva a orientaria para o

lado introversivo. Neste caso, a imaginação, embora ligada à percepção, ajudaria a ...*"desligarem-se por algum tempo, de maneira mais ou menos ativa, da preocupação de adaptação à realidade"* (Rorschach, 1921/1978, pp 107). O autor mostra a sua preferência pela imaginação produtiva, como configuração associativa, o que, na sua perspectiva, define o tipo de vivências introversivo.

Segundo Exner (1994), Hermann Rorschach considerava o processo de resposta como um processo perceptivo, aperceptivo ou ambos e citando H. Rorschach (1978, 1921):

“Resumindo teremos que: as diferenças entre a percepção e a interpretação só podem ser de natureza individual e gradual e não de natureza geral e essencial; e com isto, a interpretação só pode ser um caso especial de percepção. Por conseguinte, não podemos duvidar de chamar a prova de interpretação de formas de uma prova de percepção.” (pág. 18)

Pela análise da sua obra “Psicodiagnóstico”, não parece haver dúvidas de que H. Rorschach considera o processo de resposta como um processo perceptivo em que o sujeito tem consciência de que a sua resposta não corresponde exactamente à realidade da mancha, de que o sujeito não é necessariamente influenciado pela imaginação e de que o papel do inconsciente não parece ser reconhecido.

Não podemos deixar de referir a morte precoce de H. Rorschach que impediu que muitos aspectos teóricos, conceptuais e metodológicos fossem devidamente tratados. Não se pode prever qual teria sido a evolução do seu empreendimento se Rorschach tivesse vivido mais tempo. Este trabalho foi e está a ser realizado por outros, em locais e tempos diferentes e, possivelmente, isso deu e dará origem a resultados e consequências diferentes.

Segundo Acklin & Oliveira-Berry (1996), H. Rorschach escreveu a sua monografia "Psicodiagnóstico" dentro de uma perspectiva da teoria associacionista, influenciado por Bleuler e a abordagem baseada nesta teoria e nas propriedades esquemáticas tem alguma semelhança com as noções contemporâneas de processamento de informação e de esquema cognitivo (Acklin & Oliveira-Berry, 1996, pp. 428).

Rapaport compreendeu o processo de resposta entre a associação e a percepção em que a psicologia do ego teve uma grande influência (Acklin, 1994), dividindo-o em três fases. Na primeira fase as características perceptivas da mancha desencadeiam o processo associativo, na segunda fase verifica-se uma elaboração organizacional intensiva e na terceira fase em que as potencialidades e limitações perceptivas do estímulo tem um papel regulador no processo associativo (Gold, 1987).

Schachtel (1966/2001) na sua obra *Experiential Foundations of Rorschach Test*, analisou o processo de resposta no Rorschach enquadrado na sua perspectiva fenomenológica, em que a natureza da tarefa Rorschach e o processo de formação das respostas devem ser compreendidos tendo em conta a estrutura da experiência subjectiva do sujeito no contexto interpessoal em que o teste é aplicado (Leichtman, 1998).

Na primeira parte do livro (pp. 8-75), Schachtel explora o papel da percepção, da associação, do juízo e da *comunicação* no processo de resposta e na parte final dá um grande relevo ao significado interpessoal da situação do teste de Rorschach. A qualidade da reacção do sujeito ao encontro, o processo de comunicação, e todas as definições subjectivas da situação de teste, fazem com que as atitudes do sujeito moldem o material no processo de resposta (Leichtman, 1998). Além da componente perceptiva, a experiência interpessoal e a definição subjectiva da situação têm uma grande influência no modo como o sujeito vê os cartões e dá as respostas num contexto relacional e toda a interpretação dos resultados daquele protocolo tem que considerar as particularidades do significado interpessoal desta experiência. O psicólogo tem toda a vantagem em conhecer as definições subjectivas da situação de teste pelo cliente porque permite conhecer melhor essa pessoa, sendo um material significativo. Schachtel não se preocupa apenas com a experiência dos sujeitos, a experiência dos aplicadores do teste também é relevante. O modo como estes encaram o seu papel na situação de teste, a qualidade do seu envolvimento na interacção com o cliente e a reacção deste influenciam a qualidade da interacção e a experiência dos participantes (Leichtman, 1998).

2. O Processo de Resposta na Perspectiva de R. Schafer

R. Schafer, colaborador de Rapaport, na sua obra de 1954 (pp. 74-113), sobre a interpretação psicanalítica do teste de Rorschach, desenvolveu um trabalho particularmente fecundo sobre o processo de resposta que despertou a nossa curiosidade devido ao seu enquadramento nos processos de pensamento. Esta abordagem recordou-nos perspectivas contemporâneas, nomeadamente Epstein (1994) quando refere a existência de dois sistemas de processamento de informação interactivos, o sistema racional e o sistema experiencial conduzido pela emoção. Kahneman (2011) na mesma perspectiva refere-se ao sistema 1, rápido, intuitivo, automático, mais emocional e menos racional e o sistema 2, lento, consciente, racional.

R. Schafer (1954), dando um enquadramento teórico na perspectiva da psicologia do ego, principalmente da teoria psicanalítica do pensamento e da criatividade, abordou o processo de resposta no Teste de Rorschach, colocando o enfoque nos processos de pensamento primário e secundário. Há uma hipótese central em que a compreensão do processo de resposta poderá ajudar a abrir o livro da imagística privada e tornar as suas imagens passíveis de uma interpretação psicanalítica parcial (Schafer, 1954, pp. 74-113).

Schafer (pp. 75-77) ao explicar o processo de resposta analisa o significado e a influência da instrução inicial “*o que poderia ser isto?*”, na produção das respostas e até na relação sujeito – psicólogo que é vista numa perspectiva dinâmica. O autor considera que a instrução produz quatro implicações:

- 1- As instruções dão indicações de que a situação é perceptiva e que as respostas devem respeitar as configurações das manchas.
- 2- Na instrução está implícita uma certa semelhança, não sendo necessária uma correspondência exacta com os objectos reais. O próprio sujeito tem consciência que não existe uma correspondência exacta entre as respostas que ele “vê” nas manchas e os objectos reais.

3- As instruções introduzem um elemento de “subjectividade”, imaginação ou fantasia, memória e formação de conceitos. Implicitamente pede-se ao sujeito que utilize a sua imagística.

4- Enfatiza a auto-expressão em vez da realização. As instruções não pedem para resolver problemas ou responder correctamente a questões mas de exprimir o que poderiam ser as manchas. Reforçariam uma orientação voltada para o interior, imaginativa *“estimulada pelos estímulos não pictóricos e pela necessidade de procurar aproximações e semelhanças”* (Schafer, 1954, p. 77)

Durante a formação de cada resposta, as instruções ajudariam a que a realidade e fantasia se misturassem e interagissem. Como se houvesse um vaivém entre percepção/realidade e imaginação/fantasia). A consequência seriam os saltos (shift - passagens) complexos e transitórios no nível de funcionamento psíquico do sujeito.

Para este autor, a noção de mudança ou passagem (shift), formulada por Freud e reelaborada e ampliada por Kris e Rapaport (Schafer, 1954. pp.78-90), está directamente relacionada com a noção de nível de funcionamento psíquico, de onde se destacam os processos de pensamento primário e secundário.

i) Definição de nível de funcionamento psíquico

Tendo em conta o trabalho de conceptualização de Freud, Schafer descreve o nível de funcionamento psíquico e a noção de mudança (shift), através do processo de pensamento primário e secundário que serão os dois pólos fundamentais. Em cada nível, estariam presentes processos primários e secundários mas com pesos diferentes, segundo a configuração de cada nível de funcionamento psíquico. Num estado de cansaço ou de intoxicação, seria relativamente dominante o processo de pensamento primário, enquanto em situações de concentração intensa e eficiente num problema intelectual, seria relativamente dominante o processo de pensamento secundário (Schafer, 1954, pp.78-81).

Em cada nível psíquico existem configurações específicas do id, ego e superego, nomeadamente as relações entre os instintos inconscientes e fantasias do id, as

operações defensivas do ego que procuram evitar ou tutelar as expressões eruptivas do id, as operações adaptativas do ego que procuram articular, regular e coordenar as actividades e relações entre id, ego e superego e integrar estas com as oportunidades, perigos e limites do meio físico e social e também as actividades primitivamente concebidas e expressas do superego.

Nos níveis psíquicos primitivos, prevalecem as forças do id e do superego, nos níveis avançados prevalecem as funções defensivas e adaptativas do ego (Schafer, 1954).

Nas relações estruturais entre id, ego e superego, existe uma configuração específica do ego para cada nível. Nos níveis mais evoluídos, as funções do pensamento (formação de conceitos), o conteúdo do pensamento (imagens) e a energia psíquica (usada na atenção), tendem a ser caracterizados por modos de operação e expressão, relativamente autónomos ou livres de conflito. Nos níveis mais primitivos, as funções, conteúdo e energia do pensamento tendem a perder a sua autonomia, invadidos por conflitos e afectos e a ter qualidades agressivas e libidinais.

Nos níveis avançados, o princípio de realidade e o processo secundário prevalecem sobre o princípio de prazer e o processo primário.

Os níveis primitivos de funcionamento psíquico, não desaparecem perante os níveis avançados, eles coexistem e estão sempre prontos a substituí-los. (Schafer, 1954). Podem influenciar as respostas nos níveis avançados, colocando um selo demasiado pessoal, no que deveriam ser reacções objectivas.

ii) Definição de mudança (shift) de funcionamento psíquico

As mudanças de nível de funcionamento psíquico, implicam a alteração de equilíbrios entre o peso do processo primário e secundário, a alteração das relações mútuas entre id, ego e superego e das relações entre os processos do ego. Estas mudanças são transitórias e podem operar uma regressão ou uma progressão, conforme a mudança implique, respectivamente, um maior peso do processo primário ou do

processo secundário ou segundo Shafer, se vá para um nível de funcionamento psíquico, menos ou mais avançado.

Shafer analisa o conceito de “regressão ao serviço do ego”, que Kris (1952, citado por Shafer, p.78) foi buscar a Freud e aplicou para explicar os processos criativos, porque pensa ser um conceito importante para explicar os aspectos criativos do processo de resposta no Rorschach.

Este conceito de regressão ao serviço do ego, traduz uma forma de regressão criativa que está sob o controle do ego, é um processo activo que permite liberdades imaginativas e não se trata de um processo passivo em que o sujeito fica submerso por forças não controladas, mas o material do processo primário é valorado e modificado através de uma avaliação crítica e orientada para a realidade. (Shafer, 1954).

A perspectiva de Shafer sobre o processo de resposta no Rorschach, baseado no conceito de processos de pensamento primário e secundário, em que o funcionamento psíquico pode variar continuamente entre estados de sonho e a consciência desperta, bem enquadrado no referencial teórico psicanalítico.

3. O Processo De Resposta No Sistema Integrativo

Antes do início da década de 70, eram escassos os estudos sobre o processo de resposta no Rorschach. Ao nível da investigação, faltavam estudos cujas conclusões indicassem explicitamente se o indivíduo perante os cartões Rorschach perceberia muito mais respostas que as produzidas no protocolo e também não havia informação sobre a velocidade da exploração perceptiva dos cartões. Relativamente a este último ponto, apenas se conheciam os tempos médios de latência para a produção da primeira resposta. O tempo médio de latência variava entre 5 e 10 segundos dependendo das características específicas de cada cartão.

Exner (1978) cita dois estudos que fornecem resultados interessantes sobre o processo de resposta, o de Stein, publicado em 1949, e o de Horiuchi, publicado em 1961. O estudo de Stein (1949) utiliza dois grupos de sujeitos a quem foram apresentados os cartões utilizando o taquistoscópio. Com o primeiro grupo, utilizaram-se 4 tipos de tempos de exposição, respectivamente 0,01 segundo, 0,10 s, 3,0 s e tempo ilimitado com cada cartão. Com o segundo grupo inverteu-se a ordem de tempos de exposição. Os resultados mostram que os sujeitos do primeiro grupo conseguem dar 14 respostas, na totalidade dos 10 cartões, com um tempo de exposição de cada cartão de 0,01 segundo e de 17 respostas com um tempo de exposição de 3,0 segundos. O autor verificou um aumento significativo da utilização da forma e do número de respostas Popular com o aumento dos tempos de exposição por cartão.

Horiuchi (1961) apresentou os cartões III e VI a três grupos de respectivamente 80 não pacientes, 80 esquizofrénicos e 80 neuróticos, também utilizou o taquistoscópio com 4 tempos de exposição por cartão de 0.10 segundo, 0.30 segundo, 1.0 segundo e tempo ilimitado. Os resultados mostram que 60 dos 80 não pacientes e metade dos esquizofrénicos e dos neuróticos conseguem dar uma resposta com um tempo de exposição de dez centésimos de segundo. Com um tempo de exposição de trinta centésimos de segundo todos os não pacientes davam respostas e dois terços dos sujeitos davam uma resposta baseada em outros determinantes além da Forma pura.

Estes estudos mostram que é possível um sujeito dito normal conseguir dar um número razoável de respostas mesmo com tempos de exposição aos cartões, relativamente curtos.

A questão dos protocolos curtos e das rejeições de cartões preocupava Exner que, em 1978, publicou um estudo (Exner, Armbruster & Mittman, 1978), onde colocava a questão de se o sujeito vê muitas coisas facilmente ou se tem dificuldade em dar uma ou duas respostas por cartão.

Já eram conhecidos meios para provocar alterações da frequência de respostas, nomeadamente a alteração da instrução inicial e ou os reforços verbais e não-verbais. A instrução inicial de H. Rorschach (*O que poderia ser isto?*), foi adoptada por Klopfer e posteriormente pelo Sistema Integrativo. Os outros sistemas de Rorschach têm instruções diferentes. Estas diferenças de instrução têm como consequência diferenças significativas no número médio de respostas, na totalidade dos dez cartões, entre os diferentes sistemas de Rorschach (Klopfer = 23.9; Beck = 31.2; Hertz = 32.9; Piotrowski = 33.8; Rapaport = 36.4), (Exner, 1994, pág. 31).

Num estudo piloto (Exner & Armbruster, 1974; in Exner, Armbruster & Mittman, 1978 e Exner, 1994), com dois grupos de 10 sujeitos cada, o primeiro de indivíduos adultos do sexo masculino não pacientes e o segundo de ex-pacientes não psicóticos também do sexo masculino, voluntários para um projecto de standardização do Rorschach, pedia-se a todos os sujeitos que dessem o máximo de respostas num tempo limite de 60 segundos por cada cartão. Havia um reforço com o pagamento de 10 cêntimos por resposta, pagos no momento em que a resposta era dada. Só foi utilizado um único administrador. A média de respostas por protocolo do grupo de não pacientes foi de 104 respostas com uma amplitude de 68-147, o grupo de ex-pacientes deu uma média 113 respostas com uma amplitude de 71-164. A convencionalidade, avaliada através de $X\pm\%$, não era diferente da de sujeitos similares, quando lhes era aplicado o teste na situação standardizada.

Esta grande quantidade de respostas foi uma surpresa para os investigadores e levantava algumas questões, nomeadamente, a da influência do reforço monetário, a de se o tempo de exposição do cartão de 60 segundos não seria muito elevado obrigando os

sujeitos a uma hiperprodução de respostas, o que não aconteceria na aplicação estandardizada e como só foi utilizado um examinador levantou-se a questão de se um número tão elevado de respostas também ocorreria com vários examinadores.

Para responder a estas questões foi planeado um estudo mais sofisticado (Exner, Armbruster & Mittman, 1978; Exner, 1994), com vários grupos de sujeitos (5 grupos de 20 sujeitos), um grupo de adultos não pacientes com resultados na metade superior da escala K do MMPI, um grupo de adultos não pacientes com resultados na metade inferior da escala K do MMPI, um grupo de crianças não pacientes com idades entre 11 e 13 anos, um grupo de pacientes adultos esquizofrénicos e um grupo de pacientes adultos deprimidos. O estudo tinha 12 examinadores de modo e cada um destes não aplicava o teste a mais de 10 sujeitos. Todos os sujeitos eram voluntários para um estudo de estandardização, a nenhum deles fora previamente aplicado o teste e foi-lhes comunicado que teriam uma exposição de cada cartão durante 60 segundos, e, durante este período, deveriam dizer tudo o que vissem em cada cartão. As respostas foram gravadas em audio, tendo sido inserido na fita magnetofónica um sinal silencioso com intervalos de 15 segundos. Os resultados foram analisados de modo a mostrar a média das respostas em três períodos, nos primeiros 15 segundos, nos 15 segundos seguintes e nos 30 segundos restantes.

Os resultados revelaram não só uma média de respostas muito elevada na totalidade dos cartões, entre 100.6 respostas para o grupo com a média mais elevada e 51.2 para o grupo com menor número de resposta, o grupo dos pacientes deprimidos. A amplitude entre respostas oscila entre 73-134 e 34-82, em que o protocolo mais curto de não pacientes tem 56 respostas e o mais curto de pacientes (depressão) tem 34 respostas. Verifica-se também que os sujeitos com classificação na parte superior da escala K do MMPI dão significativamente menos respostas do que os que se classificam na parte inferior. Estes resultados também indicam que é nos primeiros 15 segundos que os grupos de sujeitos não pacientes dão o maior número de respostas, com médias de 30.4 a 38.9. O facto de dar um número tão elevado de respostas não põe em causa a qualidade formal pois, nos sujeitos não pacientes, a média de X+% é bastante elevada (de 83.2 a 88.9). É também no período dos primeiros 15 segundos onde ocorre uma maior frequência de respostas Populares. Não podemos deixar de referir que os sujeitos

não pacientes deram mais respostas nos primeiros 15 segundos do que dão habitualmente na aplicação estandardizada, em que a maioria dos sujeitos utiliza 30 a 50 segundos em cada cartão para dar as suas respostas.

A maioria das respostas é dada na primeira metade do tempo de exposição de 60 segundos, o que corresponde a aproximadamente dois terços do total das respostas dadas em cada cartão. É de salientar que as respostas dadas neste período são as que têm a melhor qualidade formal e onde se verifica a maior frequência de respostas Populares.

Se compararmos estes resultados com os da aplicação estandardizada, poderemos concluir que a maioria dos sujeitos tem uma potencialidade de ver ou produzir respostas em maior quantidade, muito rapidamente e sem afectar a qualidade formal, do que aquilo que habitualmente se verifica.

Além de verificar que a produção de respostas poderia ser alterada pela instrução inicial na administração estandardizada de outros sistemas (Exner, 2003, pp.161-188), na alteração da instrução inicial em situação experimental (Exner, Armbruster & Mittman 1978), também se observou uma alteração significativa da quantidade e qualidade das respostas em função da relação entre administrador do teste e sujeito. Num estudo com 2 grupos de 10 sujeitos cada, em que ao grupo experimental, o Rorschach foi aplicado pelo seu terapeuta e no grupo de controle, o teste foi aplicado por um terapeuta desconhecido do sujeito. Os resultados mostraram que os protocolos recolhidos pelos terapeutas dos sujeitos, são mais longos, existe maior frequência de M, cor cromática, combinações, W, D e valores mais baixos em X+% e respostas populares e mais respostas sexo. No grupo experimental, os sujeitos não tiveram a preocupação de "controlar" as respostas como parece acontecer com um psicólogo desconhecido.

Nos estudos sobre a actividade de exploração visual de adultos não pacientes, Exner (1980, 1983) obteve resultados interessantes. A exploração visual de um cartão Rorschach varia segundo a especificidade da sua estrutura, podendo ir de 500 ms (cartão I) a 1100 ms no cartão III. A maioria dos sujeitos não pacientes tem um tempo de latência de 5 a 10 segundos segundo a especificidade de cada cartão, o que leva a questionar por que, na aplicação estandardizada, o sujeito demora mais 4 a 8 segundos, para produzir a primeira resposta, do que o tempo necessário à exploração visual da

totalidade do cartão, além de se demonstrar que todos os sujeitos vêm mais respostas do que as que dão e muito rapidamente.

O mérito de Exner foi o de ter conseguido demonstrar, pela primeira vez, através de estudos experimentais, a possibilidade de os sujeitos poderem explorar muito rapidamente cada um dos cartões Rorschach e de conseguirem ver muito mais respostas do que aquelas que efectivamente dão na aplicação estandardizada do teste. Antes de Exner, os psicólogos não tinham consciência disto e pensava-se que os sujeitos davam apenas as respostas que viam.

Segundo Exner (2003, p. 167), durante os poucos segundos que leva a dar uma resposta, ocorre um conjunto de seis operações mentais divididas em três fases.

Esquema do processo de resposta:

Fase I:

1. Input visual e codificação do estímulo e das suas partes.
2. Classificação (identificação) do estímulo e/ou das suas partes e ordenação hierárquica das respostas potenciais que são criadas.

Fase II:

3. Eliminação das respostas potenciais que ocupam os últimos postos da ordenação.
4. Eliminação de outras respostas potenciais através da censura.

Fase III:

5. Selecção de algumas das respostas restantes em função de traços ou estilos.
6. Selecção de algumas das respostas restantes pela influência de factores de estado.

Apesar de Exner se preocupar com uma abordagem empírica do Rorschach e até ter afirmado em algumas conferências que o Sistema Integrativo poderia ser considerado ateuórico, acusação formulada por alguns autores defensores de uma ancoragem do sistema numa teoria de personalidade, verifica-se que o seu trabalho sobre o processo de

resposta define a tarefa Rorschach numa perspectiva perceptivo-cognitiva na tomada de decisão.

3. 1 Tomada de Decisão

Exner (1980), durante o seu trabalho de investigação com crianças, observou que a grande maioria, com 5 ou 6 anos de idade, dava como primeira resposta no Rorschach, uma mancha de tinta ou algo semelhante. A sua reflexão sobre isto, refere que realmente esta é a resposta mais objectiva e mais correcta, porque se trata apenas de manchas de tinta e não existem borboletas, morcegos, pessoas etc., trata-se apenas de uma mancha de tinta. Como não se aceita esta resposta, o sujeito é quase obrigado a violar a realidade e é forçado a converter a ambiguidade da mancha em qualquer outro tipo de resposta, tendo consciência que isso não está no cartão, porque lá estão apenas manchas (Exner, 1980).

Para explicar esta situação, Exner (2003, p.162) cita Cattell que diz que o indivíduo deve identificar algo que não está lá, a tarefa exige que o sujeito "perceba erroneamente" ("misperceive") o estímulo e projecte algo de si próprio na resposta. Para Exner o termo "perceber erroneamente" pode significar o modo como o estímulo é traduzido ou é identificado. Ele prefere o termo identificação, porque *tradução* implica a negligência de que o estímulo é uma mancha. Este termo também foi usado por H. Rorschach.

O facto de o sujeito ter consciência de que está perante uma mancha e ter que aceitar o "jogo" de "perceber erroneamente" e conseguir dar uma resposta "aceitável" pelo interlocutor, resposta que objectivamente não existe, torna a resposta ao Rorschach equivalente "a uma situação de resolução de problemas, porque se está diante de uma exigência de violação da realidade com manutenção da integridade pessoal. A exigência de *identificar erroneamente* o estímulo provoca um conjunto complexo de operações psicológicas que, finalmente, culmina em decisões levam à elocução de respostas" (Exner, 2003, pp. 163).

Como vimos pelos trabalhos de Exner, os sujeitos podem ver muito mais respostas potenciais do que aquelas que habitualmente dão, a amplitude de respostas

possíveis é bastante elevada, o que implica nova tomada de decisão relativamente às respostas que devem ser eliminadas, por diversos motivos, ou devem ser escolhidas.

Exner mantém a centralidade da percepção no processo de resposta, utilizando a abordagem de Cattell para explicar o facto de, na mancha, não se encontrarem as respostas que os sujeitos dão, a que H. Rorschach (1921/1978) chamou interpretação como fazendo parte da percepção. Esta interpretação não se verifica em sujeitos muito perturbados por psicose, problemas neurológicos ou défices intelectuais.

A centralidade da percepção no processo de resposta é contestada por Leichtman (1996), que valoriza mais a representação, tal como Blatt (1990).

3. 2 Fase I: O Processo de Entrada (input)

Como referimos anteriormente, os estudos experimentais de Exner mostraram que a exploração visual dos cartões é feita muito rapidamente, entre 500 ms para os cartões compactos e 1100 ms para os cartões fragmentados, o que contrasta com os tempos de reacção entre cinco e oito segundos. A rapidez de exploração visual é importante, mas muito menos que o que se passa no intervalo entre o final da exploração visual, *input*, e a produção da resposta, *output* (Exner, 2003, pp.167-169).

i) O processo de classificação (identificação)

Segundo Exner, depois do estímulo ser examinado e codificado inicia-se o processo de classificação (identificação) e a memória de longo prazo é usada como termo de comparação para a classificação. A codificação e o armazenamento não param enquanto o processo de classificação decorre, assim como continua a exploração visual durante o período em que o cartão está à disposição do cliente.

Quando se inicia o processo de classificação, a presença de unidades críticas de informação que permitam alguma distinção ou definição do estímulo torna-se importante. Na perspectiva de Exner, cada imagem tem características distais críticas, porque H. Rorschach não se limitou a pintar os cartões ou a deitar tinta, mas teve o cuidado de desenhar os detalhes da figura de modo a que cada imagem possa conter

características distintas para provocar grupos de respostas específicos tais como as Populares.

ii) As Unidades críticas de informação (*critical bits*)

Exner (1996) escreveu um artigo muito importante sobre as unidades críticas de informação (*critical bits*), questionou a ambiguidade das manchas de Rorschach permitindo, em consequência, delimitar sobre o que poderá ser ou não do domínio da projecção e como poderá ser integrado no processo de resposta.

As *unidades críticas* são explicadas no âmbito dos trabalhos sobre a percepção, tanto de psicólogos como de físicos. Exner (1996) refere duas regras básicas da percepção, a de que muitos acontecimentos físicos não podem ser observados pelos órgãos sensoriais sem ajuda e a de que aquilo que se observa não tem uma correspondência exacta com a situação física. Estas regras são importantes na conceptualização das respostas no Rorschach, para delimitar o que se pode atribuir ou não às características do sujeito.

Um aspecto importante para compreender as *unidades críticas* está relacionado com os trabalhos de Berkeley, que em 1709 afirmava "*...that the individual is not inherently able to specify definite sets of objects. Instead, translations of objects and events must be learned through experiences that the participant has with the world*" “*que o indivíduo não é por inerência capaz de identificar conjuntos de objectos definidos. Em seu lugar, a indicação de objectos e acontecimentos tem de ser aprendida com a experiência que o sujeito tem com o mundo*” (Exner, 1996, p. 466). O papel da experiência na percepção é importante e também se pode encontrar em abordagens contemporâneas, na teoria do esquema, no construtivismo e em certa medida em Schachtel no que se refere ao significado que o sujeito atribui à relação interpessoal no contexto da aplicação do Rorschach. Apesar da existência de diferenças na exploração visual da mesma mancha, a matriz óptica pode ser muito parecida na maioria das pessoas na captação sensorial, o que leva à noção de princípio mínimo que o gestaltista Koffka elaborou como: "as pessoas percebem a organização que aparece como mais simples" (Exner, 1996, p. 465).

Estes dois princípios básicos são importantes para se compreender a noção de *unidades críticas*, como sendo as características do estímulo que definem ou restringem os parâmetros de juízos ou identificações relativamente ao meio distal (Exner, 1996, p. 466), pode ser a forma, a cor ou outra característica qualquer, de dimensão relativamente pequena mas suficientemente potentes para que o observador consiga muito rapidamente identificar ou definir um determinado objecto em relação a outros, mesmo que sendo relativamente parecidos.

Durante décadas na literatura Rorschach, havia afirmações sobre a ambiguidade das imagens e sobre o potencial quase ilimitado de respostas possíveis. Se as manchas fossem totalmente ambíguas seria muito difícil explicar como um terço dos sujeitos consegue ver a mesma resposta, na mesma localização do mesmo cartão, como é o caso das respostas Popular que ocorrem na totalidade dos cartões no estudo normativo americano (Exner & Erdberg, 2005) e em oito cartões segundo os dados normativos de idêntico estudo em Portugal.

Exner e a sua equipa de colaboradores realizaram um trabalho experimental muito interessante que incluiu a mudança de cor de partes dos cartões cromáticos e acromáticos, a transformação de cartões cromáticos em acromáticos e a retirada de pequenos detalhes de vários cartões, assim como a apresentação dos cartões ou parte deles em diferentes posições.

Existem características distais em todos os cartões e alguns destes têm várias, o que contribui para a formação de diversas respostas, quer seja pelo contorno, quer pela posição quer pela cor.

Relativamente às *unidades críticas* relacionadas com os contornos da mancha, Exner verificou que no Cartão V, as respostas Popular, morcego e borboleta, tinham frequências de 41 e 44% respectivamente. Quando tentou a explicação da diferença de distribuição das respostas morcego e borboleta, não se encontraram diferenças de género, mas verificou-se que os introversivos davam em maior número a resposta morcego. Ensaiou-se também alterar a cor do Cartão para cor de rosa, considerada facilitadora da resposta borboleta. Esta alteração provocou alguma mudança mas não tanto como a esperada, 55% dos sujeitos dão a resposta borboleta, mas 30% continuam

a ver morcego e 65% destes são introversivos. Como a cor não parece ter características distais críticas, ensaiou-se a eliminação das extremidades, D10. Então 70% dos sujeitos passaram a dar a resposta borboleta e apenas 15% a resposta morcego. Para os que deram a resposta morcego, verificou-se uma distribuição equivalente entre introversivos e extratensivos. O D10, no Cartão V, é uma *unidade crítica* que facilita a resposta morcego (Exner, 1996). Quando se elimina a área Dd34 (antenas) do mesmo Cartão, a distribuição das respostas morcego e borboleta inverte-se a favor de morcego, o que permite reconhecer que a área Dd34 é unidade crítica para a resposta borboleta.

No cartão I, a eliminação da área Dd34 (prolongamentos laterais superiores) provocou alterações significativas de respostas. A frequência das respostas Popular, morcego e borboleta, diminui substancialmente e aumenta a resposta máscara ou face na globalidade, assim como figura humana em D4. O mais curioso é que o detalhe D4 apresentado sozinho não suscita tanto a resposta figura humana como quando tem a envolvente dos espaços brancos e dos cinzentos laterais (Exner, 1996).

Quanto às *unidades críticas* relacionados com a posição do Cartão, a área D2 do Cartão VII, na posição direita, suscita a resposta de figura humana em 65% dos sujeitos norte-americanos e 25% vêem a mesma área como animal, coelho, para uma grande percentagem de sujeitos (Exner, 1996). Quando esta área D2 é apresentada na posição lateral, 50% dos sujeitos vêem um cão e 20% vê o D3 (segundo terço) como cabeça de animal.

A cor também tem um papel importante na facilitação de respostas, mesmo quando não é integrada directamente na resposta. No cartão II, quando ocorre a resposta Popular animal em D1, 85% destas implica movimento animal. Em 30% dos casos existe uma situação de brincadeira (COP), em 40% há uma relação agressiva (AG) ou ferimentos (MOR). Quando existe AG ou MOR, na maior parte das vezes, o vermelho é integrado na resposta. Se forem eliminados os detalhes de cor vermelha D3 e D2 ou se forem alterados para cinzentos e pretos, a resposta popular de animal em movimento mantém-se, mas o movimento agressivo e MOR descem para 5%, enquanto as respostas COP aumentam para 70% (Exner, 2003, p.170). Neste caso a cor vermelha, mesmo que não entre na resposta, é uma *unidade crítica* que favorece o movimento agressivo.

No cartão X, a área D1 de cor azul, é a mais escolhida, e tem como respostas mais frequentes, aranha e caranguejo que não condizem com a cor da área. Quando se alterou a cor para castanho mais de acordo com a cor das respostas dominantes, ocorreu algo de inesperado, essa área deixou de ser a mais escolhida e os sujeitos passaram a preferir a área D6 também azul. Após inquérito, verificou-se que, para a maioria dos sujeitos, o azul era a sua cor preferida (Exner, 1962). Com a utilização de uma versão acromática do cartão X, as respostas aranha e caranguejo quase desapareceram em D1 (Exner, 2003). Estudos sobre o efeito da cor na produção de respostas confirmaram que a cor determina o aumento da produção de respostas aos cartões coloridos VIII, IX e X, designadamente no Cartão X, cujo maior número de respostas era considerado devido ao aspecto dividido ou fragmentado daquele cartão (Silva, 2002, Silva et al., 2007, 2014).

iii) Exposição temporal

Como foi referido no início deste capítulo, o tempo de exposição e o tempo de resposta tem alguma influência na classificação do campo do estímulo. Apesar de a exploração do cartão se realizar rapidamente, vários estudos demonstraram, que se a exposição do cartão for muito reduzida (inferior a 100ms) tem lugar uma produção inferior a uma resposta por cartão. Com o aumento do tempo de exposição, o número de respostas por cartão também aumenta, principalmente com tempos de 800ms a um segundo. Com estes últimos tempos de exposição temos uma utilização adequada dos contornos, através das variáveis XA% e respostas Popular. Quanto mais fragmentado o cartão, maior necessidade existe de tempo para codificar e classificar o estímulo (Exner, 2003, pp.169-170).

As *unidades críticas* mostram que os cartões são apenas relativamente e não totalmente ambíguos e que existe um grande número de respostas semelhantes na mesma área dadas por sujeitos diferentes. Cada cartão, globalmente ou por áreas, tem uma estrutura própria que acaba por condicionar um grande número de respostas, as mais comuns e frequentes dadas pela maioria dos sujeitos, como é o caso das respostas Popular. No estudo normativo, em cada cartão, a maioria das respostas, no que respeita

à localização, são dadas na mancha no seu todo e em partes que constituem os detalhes mais frequentes, que representam no máximo 20% de todas as localizações e onde encontramos muitas respostas comuns. Existe um grande número de detalhes raros, áreas escolhidas por um número reduzido de sujeitos, com poucas respostas por área, poucas respostas comuns, podendo estas áreas de detalhe raro atingir 80% do número de áreas por cartão. Podemos afirmar que 80% das respostas por cartão se concentram, no máximo, em 20% das áreas, e que 20% das respostas se distribuem por 80% das áreas de detalhe raro.

3. 3 Fase II: Ordenação e Eliminação de Respostas Potenciais

A preparação do sujeito para a aplicação do teste e a instrução inicial, bastante curta, nunca dão informação suficiente sobre o número de respostas a dar. Pretende-se que o comportamento do cliente seja o mais espontâneo possível. Pode haver indivíduos mais influenciados pelo princípio da economia ou da eficácia que dêem poucas respostas e outros que tenham um comportamento oposto. A metodologia de aplicação do Rorschach tem regras para evitar protocolos demasiado curtos, menos de 14 respostas, ou demasiado longos.

Por mais esforço que o psicólogo invista na preparação da aplicação, a maioria dos sujeitos, mesmo as crianças, têm alguma concepção do teste, ainda que errada. A aplicação de um teste pode ser vista numa perspectiva escolar, assimilada ao exame com a possibilidade de respostas certas ou erradas, notas altas ou baixas, aprovação ou reprovação, rapidez e eficiência. Esta concepção pode orientar os indivíduos para funcionarem de forma eficaz e económica, o que os impele a escolher e ordenar as respostas através de comparação.

Há cartões ou partes de manchas que são mais fáceis ou difíceis de classificar, pode haver concorrência entre várias respostas na mesma parte da mancha ou existir uma quantidade razoável de respostas potenciais, isto faz com que o sujeito compare as respostas e as ordene quer pela similaridade com objectos conhecidos ou outra razão. Esta ordenação é uma forma de selecção e não podemos esquecer que, nos estudos de Exner, se demonstrou que os indivíduos podem ver três a quatro vezes mais respostas

do que aquelas que dá habitualmente na administração estandardizada (Exner, Armbruster & Mittman, 1978, Exner, 2003, pp. 164-167).

A censura também pode ter um papel fundamental na selecção de respostas, quer seja pela preocupação com a sua imagem, convenções sociais nos comportamentos perante estranhos ou relativamente desconhecidos, evitar respostas que poderiam provocar má impressão devido a uma avaliação subjectiva, o efeito da desejabilidade social, razão por que se evitam as respostas relacionadas com sexo. A aplicação do teste pretende recolher uma amostragem de comportamento e também faz parte da avaliação a observação do comportamento em interacção com um indivíduo relativamente desconhecido, para que a análise dos resultados tenha possibilidade de generalização.

Há vários estudos que demonstram que, se o administrador do teste for o terapeuta do cliente, este dará maior número de respostas e terá menor preocupação em controlá-las. Os psicólogos mais experientes tendem a recolher mais protocolos de dimensão média (de 17 a 27 respostas) e com mais respostas de conteúdo humano, que os menos experientes, mas aqueles têm uma interacção mais simpática com os sujeitos. Este efeito da relação interpessoal tem alguma influência na censura e eliminação de certas respostas, mas esta ocorre devido a concepções sobre o teste e juízos de valor relativamente à aceitabilidade das respostas (Exner, 2003).

3. 4 Fase III: Os Traços e os Estilos na selecção de respostas

Os indivíduos têm traços de personalidade que podem ser observados pelas pessoas que os conhecem bem, através dos estilos de *coping*, a forma como lidam com o stresse e estas características influenciam o indivíduo na tomada de decisões quando tem que lidar ou resolver problemas. Como a tarefa Rorschach exige operações de tomada de decisão, pode esperar-se que os traços tenham influência na pessoa e que se manifeste alguma redundância comportamental na situação de teste e é provável que alguns tipos de respostas sejam seleccionados em detrimento de outros também disponíveis (Exner, 2003, pp. 176-184).

Esta tendência para a redundância comportamental, sob influência dos traços que são estáveis, tem consistência temporal, contrariamente ao que respeita com estados.

Exner desenvolveu vários estudos tanto a nível de fidelidade como de consistência temporal de classes de respostas. Para estes últimos estudos, a hipótese operacional é a de que se as pessoas têm estilos de resposta que se manifestam na maioria das suas respostas, a prova deve ser encontrada nas testagens repetidas do Rorschach (Exner, 2003). O teste-reteste com intervalos de semanas e de meses demonstram boa consistência temporal, nas variáveis relacionadas com traços, com correlações superiores a 0.80. A excepção são as crianças até aos 14 - 16 anos de idade em que as correlações são baixas. Quando o intervalo de reteste baixa para menos de um mês, principalmente sete dias, as correlações são boas (Exner, 2003). Isto tem a sua explicação nas mudanças provocadas pelo desenvolvimento, em períodos mais curtos.

Exner (2003) apresenta os resultados de 50 adultos não pacientes com reteste após um ano, e um grupo de 100 adultos com reteste após 3 anos. Os coeficientes de correlação para o reteste a um ano são superiores a 0.90 em 4 variáveis, em outras 25 estão entre 0.81 e 0.89 e dez variáveis têm correlações inferiores a 0.75. Os resultados destas 10 variáveis não surpreendem Exner, porque estão relacionadas com características tanto de traço como de estado.

No reteste a três anos, os resultados são bastante parecidos, com uma das correlações superior a 0.90, 18 variáveis entre 0.81 e 0.89 e seis, relacionadas com condições de estado, têm correlações inferiores a 0.70 (Exner, 2013).

Exner também estudou a consistência temporal do estilo EB, o rácio obtido a partir do número de respostas M e da soma ponderada das respostas de cor cromática, pois a frequência destas variáveis e direcção do rácio são reveladoras de traços muito estáveis, como se demonstrou em estudos sobre o processo de mudança em psicoterapia (Weiner & Exner, 1991). As correlações teste-reteste tanto a um como a três anos mostraram uma boa consistência temporal, relativamente à direcção do rácio, avaliada mediante o número de pontos de dominância de um pólo sobre o outro, em que, numa amostra de 100 sujeitos, no teste, 83 tiveram resultados com pelo menos dois pontos de diferença no EB. No reteste, destes 83 sujeitos, 73 mantiveram o resultado e apenas dois tinham mudado a direcção do rácio (Exner, 2003).

Estes estudos indicam que, tendo em conta a consistência temporal dos resultados, pode afirmar-se que eles permitem a identificação de traços ou estilos.

Os estados psicológicos também podem influenciar o comportamento dos indivíduos no processo de tomadas de decisão e essa influência será tanto maior quanto mais intenso e persistente for esse estado, alterando a rotina do funcionamento psicológico ou provocando o aparecimento de comportamentos que não fazem parte dessa rotina. Se isto acontecer, poderá haver alguma alteração na selecção das respostas pelo sujeito durante esta fase do processo de resposta.

No Teste de Rorschach temos duas variáveis que mostram baixa fidelidade no reteste, *m* e Soma de *Y*, ambas relacionadas com o stress situacional e que se tornam mais frequentes em situações de maior stress tanto a nível ideacional, como emocional ou quando este stress é difuso.

Segundo Exner (2003), a Soma de *T* é bastante consistente com correlações com o reteste entre 0.80 e 0.90, mas esta variável pode ser influenciada por um estado psicológico, no caso de haver uma perda emocional recente, em que, durante um certo período, se irá verificar uma elevação da variável sombreado de textura.

As pessoas deprimidas tendem a dar uma maior frequência das respostas Vista, cor acromática e MOR. Os estudos de Exner (1980/2003), mostram que estas respostas diminuem com o aliviar da depressão, mas, no caso desta ser persistente, como na depressão major, as frequências destas variáveis podem mante-se r altas no reteste, um ano após o teste.

O estado psicológico do indivíduo, no momento da aplicação do teste, pode influenciar a selecção de algumas respostas potenciais.

A selecção, de entre as potenciais, das respostas a dar, pode ser operada por ordenação, comparação emparelhada, influência da censura, desejabilidade social ou preocupação com a auto imagem, pela influência de traços e também pela influência de estados psicológicos, na fase final do processo de resposta. A tomada de decisão na selecção destas respostas é bastante complexa e explica a diferença entre o número de respostas dadas na aplicação do teste em condições experimentais e o número muito inferior obtido pela aplicação estandardizada do Rorschach.

3. 4. 1 A Projectção e o Processo de Resposta

O conceito de projectção elaborado por Freud tinha uma vertente defensiva e, em *Totem et Taboo* (Freud, 1913/1976), uma vertente não defensiva, que poderia servir para explicar o mundo externo, dando o exemplo dos primitivos que na ausência de conhecimentos científicos explicavam a trovoadas como uma guerra entre deuses. A aplicação do conceito de projectção a testes com estímulos ambíguos para operacionalizar a "hipótese projectiva", foi realizada por Frank (1939) e a fundamentação deste conceito deu origem a alguma controvérsia (Pires, 1987).

Para Exner (1989), o TAT de H. Murray era o bom exemplo do teste projectivo, elaborado para suscitar a projectção, através da elaboração pelo sujeito, de uma história para cada imagem. Exner (1989) tenta definir o que é a projectção e não está de acordo com os autores que pensam que a projectção se pode manifestar através de qualquer comportamento, sendo as técnicas projectivas apenas instrumentos para suscitar a projectção (Pires, 1987). O seu desacordo é ilustrado citando Murray "se o termo projectção é usado para significar qualquer forma de expressão ... então deve-se encontrar uma nova palavra para o processo da projectção ... Se a projectção significa tudo, não significa nada"¹ (Exner, 1989, pp. 522).

Exner (1989) critica os que procuram e usam sistematicamente material projectivo em todas as respostas. Considera que laboram no equívoco de pensar que a projectção está relacionada com o grau de ambiguidade dos estímulos. Sendo os estímulos, em seu entender, fortemente ambíguos, as respostas conterão sempre algum grau de projectção.

Segundo aquele autor, os estudos empíricos demonstram que a) as manchas do Rorschach são apenas relativamente ambíguas e têm alguma estrutura que, mediante as unidades críticas, permite que a ocorrência de respostas comuns entre sujeitos diferentes; b) o Rorschach não se pode considerar um instrumento projectivo, mas não inviabiliza a projectção; c) no protocolo podem existir respostas com e sem projectção distinguindo:

1- As respostas descritivas dos contornos, sem comentários ou adjectivações, que constituem uma mera descrição da mancha, podem não ter nenhuma projecção;

2- A projecção no Rorschach vai para além da simples expressão e traduz-se, geralmente, por comentários, adição de adornamentos e referência a quaisquer aspectos que não constam dos cartões segundo uma simples leitura descritiva. Os movimentos são um bom exemplo de projecção porque as imagens são estáticas e os movimentos não estão lá, são adicionados pelo sujeito. Resumindo, como exemplos de projecção, temos os movimentos, com as componentes activa e passiva, as respostas COP, AG, MOR, AB e todos os acrescentamentos e adornos que o sujeito adiciona de si próprio. As projecções podem ocorrer ou não e é importante distinguir o material projectivo do não projectivo. É possível recolher um protocolo válido sem nenhuma resposta com projecção. Geralmente são protocolos curtos e com respostas não elaboradas em que até o inquérito é muito pobre.

Exner (1989, 2003) integra a projecção no processo de resposta, fazendo a distinção entre a projecção da Fase I e a das Fases II e III.

i) A projecção e a Fase I

A projecção que possa ocorrer nesta fase provoca uma distorção perceptiva, durante o processo de *input* e classificação, o que dá origem a uma resposta que ignora ou distorce as propriedades distais da mancha e geralmente é codificada como tendo uma qualidade formal má.

ii) A projecção nas Fases II e III

Como vimos anteriormente, pode existir alguma projecção nas classificações da Fase I, mas se acontecer, poderá surgir mais facilmente nas operações das Fases II e III, através de uma possível *projecção imaginativa* (Exner, 2003, pp. 184) que leva a uma sobre elaboração através de embelezamentos a partir do campo estimular. Por exemplo, no cartão V, o sujeito poderá ver um morcego, resposta muito comum, Popular e a partir

¹ Tradução do autor.

do elemento perceptivo "morcego", poderá dizer que está a voar e também está ferido ou triste ou cansado etc.

Segundo Exner (2003), a ambiguidade limitada das manchas e a natureza da tarefa, não encorajam a projecção mas também não a proíbem ou desencorajam e os embelezamentos ou a sobre elaboração da resposta manifestam elementos de projecção.

Exner afirma a percepção como elemento central do processo de resposta, considera o Rorschach como um teste não projectivo, cujas características estruturais limitam a ambiguidade, o que tem como consequência a limitação da possibilidade de ocorrência da projecção, mas sem a proibir ou desencorajar. Existe uma delimitação bastante precisa entre o material projectivo e não projectivo das respostas, o que é muito útil para a análise dos resultados. No Sistema Integrativo, embora a projecção continue a ser importante quando existe, deixou de ter o papel central que outros Sistemas de Rorschach lhe atribuíram, em que a análise dos resultados se baseava maioritariamente no material supostamente projectivo que todas as respostas tinham.

4. Outras Perspectivas do Processo de Resposta

4.1 O Processo de Resposta e a Representação

Em 1996, Leichtman (1996, 1996b) publicou uma obra de grande importância, intitulada *The Rorschach A Developmental Perspective*, onde contesta que a tarefa do Rorschach seja eminentemente perceptiva, tal como o próprio Rorschach considerava no que foi seguido por nomes como Exner, Rapaport, Gill & Shafer, Beck ou Schachtel. Todos estes autores reconhecem que os sujeitos têm consciência de que aquilo que vêem não corresponde exactamente à mancha, não constitui apenas uma simples percepção. Admitem a existência de processos adicionais no acto de dar a resposta como percepção errónea, associação, juízo, e comunicação, a não ser no caso de indivíduos muito psicoticizados ou com défice cognitivo grave, que podem apenas identificar manchas sem consciência do esforço de assimilação.

Para Leichtman, a hipótese da percepção foi modificada, pois não se trata de percepção comum. A crítica inicia-se com H. Rorschach que, embora considerasse a centralidade do acto perceptivo, afirma que a percepção é um processo interpretativo (Leichtman, 1996b) que envolve o registo de sensações, a sua organização baseada na experiência do passado e a atribuição de significado pela associação com os engramas da memória. Leichtman afirma que, na percepção comum, a integração associativa de complexos de sensações com engramas é realizada naturalmente e os participantes não têm consciência do processo interpretativo, contrariamente ao que acontece quando se utilizam as manchas de Rorschach, em que os participantes se apercebem de que as manchas e as "imagens da memória, não são perfeitamente idênticas e tomam consciência do processo "associativo-assimilativo" estabelecendo um ajuste entre elas (Leichtman, 1996, p. 479-480).

Embora Rapaport e colaboradores, entre os quais Shafer, aceitem o teste como perceptivo atribuem maior importância aos processos secundários e propõem um modelo complexo em que a percepção desencadeia associações que têm em linha de conta a organização das manchas e, quando as respostas estão organizadas, a percepção volta a ser importante, na medida em que o sujeito julga em que medida as suas imagens

se ajustam ao objecto ou conceito. Tanto Exner (1986), como Schachtel (1966/2001), Leichtman, 1998) afirmam que o acto perceptivo está no centro das respostas do Rorschach, mas dão uma grande importância ao juízo, à comunicação e aos traços de personalidade na selecção de respostas que irão ser formuladas (Leichtman, 1996).

Leichtman desenvolve a sua crítica em relação à conceptualização da tarefa Rorschach como perceptiva, citando vários autores que defendem que o que ocorre no processo de resposta não é percepção no sentido comum, como acto perceptivo a metodologia de recolha de informação não é a mais adequada. Segundo Zubin (1965), se em laboratório é difícil medir os factores da percepção, a situação torna-se impossível de gerir e de controlar com os estímulos multifacetados do Rorschach.

Como as manchas não são parecidas com as respostas que os sujeitos fornecem, não há, segundo Leichtman, um ajustamento formal. Se a qualidade formal fosse correctamente avaliada, a maioria destas respostas teriam qualidade formal negativa.

Em alternativa ao processo perceptivo, Leichtman propõe que o processo de resposta do Rorschach deve ser conceptualizado com base na teoria da representação. Partindo do pressuposto de que as manchas do Rorschach são totalmente ambíguas, da definição de técnica projectiva e numa perspectiva psicanalítica, considera que o teste não constitui uma tarefa perceptiva, mas um exercício de representação visual (Leichtman, 1996, 1996b).

Define a representação como "sendo um acto intencional, em que o sujeito molda de alguma forma o material para o caracterizar num objecto ou conceito para ser partilhado com uma audiência" (pp. 484). Cita Werner e Kaplan (Leichtman, 1996b) sobre a sua conceptualização da "situação símbolo", que se desenvolve em dois eixos. O eixo horizontal mostra que toda a actividade simbólica exige um veículo ou meio de representação e um conceito ou objecto para ser representado, o eixo vertical reflecte o facto que qualquer simbolização envolve alguém tentando comunicar alguma coisa a outro, mesmo se a audiência for interna (Leichtman, 1996, p. 485, figura 2).

Como os cartões de Rorschach são imagens, Leichtman reconhece numa primeira fase, o papel da percepção e aceita todos os trabalhos empíricos sobre a exploração visual como os de Exner, mas depois pensa que o papel da percepção no

processo de resposta é algo parecido ao da conceptualização de Rapaport em que os processos associativos têm um papel importante na formação da imagem - resposta. A partir do momento em que os sujeitos se apercebem de que estão frente a manchas de tinta para identificar, e olham para as manchas à procura de formas, cores, texturas para as moldar como algo, Leichtman considera que temos uma intenção representacional. O que emerge não é uma associação, mas a procura de um referente para moldar o estímulo, o que, na sua perspectiva, é um acto de representação, que também é um processo social, uma forma de comunicação com uma audiência.

O eixo remetente - destinatário da situação símbolo permite aspectos sociais e intra psíquicos do processo de resposta e Leichtman menciona os paradigmas da transferência e contra-transferência da psicanálise para justificar a importância da representação.

A importância do papel da representação na percepção não pode ser subestimada, mas Leichtman parte do pressuposto partilhado pelos autores da abordagem psicanalítica de que as manchas do Rorschach são totalmente ambíguas e a partir daí sobrestimam o papel da projecção. Baseado em paradigmas da psicanálise como a actividade simbólica e a transferência e contra-transferência tenta substituir o papel da percepção pelo da representação. Mas Exner (1978, 1986, 2003), através de estudos empíricos provou que as manchas não são totalmente ambíguas e que as unidades críticas mostram a presença de alguma estruturação, que reduz significativamente a ambiguidade e permite que várias respostas, em cada cartão, sejam vistas por um número significativo de sujeitos. Além disso, demonstrou que a projecção nem sempre ocorre em todas as respostas e que no Rorschach, contrariamente ao TAT, a sua importância é mais limitada do que muitos autores pensam.

Tendo em conta os estudos empíricos de Exner, temos que reconhecer que a percepção tem uma grande importância no processo de resposta do Rorschach. Embora a representação seja importante na construção perceptiva e na atribuição de significado, será difícil aceitar a perspectiva de Leichtman de minimizar a percepção e de atribuir a primazia à representação. Os trabalhos de Exner mostraram que não poderemos continuar a considerar os cartões Rorschach como totalmente ambíguos e que todas as

respostas são projectivas, portadoras de um conteúdo simbólico, o que pode acontecer com algumas respostas, mas não com todas.

4. 2 A Perspectiva de Blatt

Blatt (1990) elaborou um texto muito interessante sobre a percepção e a representação no Teste de Rorschach. Tal como Leichtman, as suas abordagens são conceptuais e não parecem apoiar-se em estudos empíricos como Exner costuma fazer. A sua abordagem refere alguns marcos históricos da "revolução cognitiva" do início dos anos sessenta que promoveu o interesse dos psicólogos pelos processos cognitivos e pela representação mental. Refere que a percepção e a cognição - representação estão inter-relacionadas e baseia-se em Piaget para fazer a distinção entre elas. É como se fosse um processo em duas etapas: a percepção envolve o reconhecimento relativamente claro e relativamente imediato da leitura dos aspectos figurativos dos estímulos, fornecendo a informação básica. A cognição e a representação vão para além da percepção e envolvem a construção de significado e de operações e transformações de objectos que se tornam diferentes de como aparecem no campo perceptivo (Blatt, 1990).

Esta "revolução cognitiva" influenciou quase todas as áreas da psicologia através de novas formulações teóricas sobre a construção das estruturas cognitivas, o papel das forças motivacionais na vinculação, na exploração, no jogo, na curiosidade, a qualidade das relações interpessoais no desenvolvimento psicológico e na construção de estruturas cognitivas. As investigações nas áreas da psicologia social, do desenvolvimento e cognitiva, levaram à produção de investigação sobre o esquema cognitivo. Toda a investigação sobre as estruturas cognitivas apelidadas de esquema, planos, protótipos, expectativas, cenas, guiões ou outros, mostrou a tendência e a capacidade para a construção de significado como sendo uma parte importante do funcionamento humano, também apelidada de abordagem construtivista. A investigação na área da psicologia do desenvolvimento com Piaget, Werner e Kaplan, estudou o mundo representacional em pormenor (Blatt, 1990, pp.398,399).

Blatt (1990), ao constatar esta revolução cognitiva realçando os processos da representação na construção de significado, considerou que ela deve ter reflexos na

avaliação psicológica e no Teste de Rorschach. Reconhece a importância da sua conceptualização como um procedimento experimental e um teste de percepção, a utilização de normas, os estudos empíricos, os rácios e percentagens de variáveis, mas pensa que o teste é mais do que isso e realça o papel da representação como estando para além da percepção. Elege a interpretação do movimento no Rorschach como o exemplo de variável representacional, dado que o movimento não pode ser perceptivo porque não está nas manchas. A resposta movimento como variável representacional é o resultado da construção de significado imposto ou criado a partir das experiências perceptivas. A partir de Piaget, Blatt (1990) reafirma que a percepção e a representação estão inter-relacionadas. A representação é baseada na percepção mas vai para além dela e tal como acontece no Rorschach, a interpretação do protocolo como um teste perceptivo continua válida, mas segundo Blatt, é insuficiente e as respostas deveriam ser consideradas não apenas como uma experiência perceptiva mas também como processos cognitivo-representacionais para se poder observar como os indivíduos constroem significado em resposta a estímulos relativamente ambíguos (Blatt, 1990).

Blatt propõe que a resposta seja considerada num "continuum" a partir da percepção para a representação. Desenvolve a sua perspectiva de como as respostas poderiam ser analisadas na componente perceptiva e na componente representacional. Blatt propõe que se devem encontrar formas de reflectir os processos dinâmicos do pensamento, a sequência e fluxo do pensamento nos diferentes níveis de organização do pensamento, considerar a relação das várias qualidades do processo de pensamento com a organização da personalidade e da psicopatologia. Segundo Blatt (1990), a abordagem cognitiva do Rorschach, requer concepções e novos modelos teóricos de psicopatologia baseados na compreensão do desenvolvimento psicológico ao longo do ciclo de vida e das diferenças de estrutura cognitiva inerente aos diferentes tipos de perturbações psicológicas (Blatt, 1990, pp. 403).

Esta tentativa de Blatt de conceptualizar a representação no processo de resposta do Rorschach é muito sugestiva e apoia-se nas formulações teóricas da psicologia do desenvolvimento, da psicanálise, de toda a investigação na área da psicologia cognitiva e poderia ser uma perspectiva complementar à de Exner, desde que pudesse ser validada

ou demonstrada através de estudos empíricos, respeitando a abordagem de Exner que permitiu a recuperação e a revitalização do Teste de Rorschach.

4. 3 A Verbalização no Processo de Resposta do Rorschach

No estudo normativo da população adulta portuguesa, ao recolher os protocolos, fomos nos apercebendo das dificuldades dos indivíduos com baixa escolaridade relativamente à expressão verbal. O teste de Rorschach pode ser classificado de perceptivo, pode-se focar a importância da representação visual, das estruturas cognitivas, mas o que o psicólogo avalia é o resultado da expressão verbal e pode-se sempre colocar a questão de a "palavra" conseguir traduzir fielmente a percepção - representação.

J. Gold (1987) tentou estabelecer a ligação da percepção com a linguagem ao estudar o papel da verbalização no processo de resposta do Rorschach, dividido em duas fases: quando o sujeito está em silêncio envolvido em processos perceptivo-cognitivos complexos e quando o sujeito articula uma resposta audível. Geralmente acredita-se que este teste revela dimensões importantes da personalidade e que as etapas silenciosas da formulação da resposta envolvem estruturas cognitivas centrais e de personalidade, sendo a resposta verbal o acesso às dimensões do funcionamento psicológico que decorreu durante o silêncio anterior. Existe a ideia de que a linguagem poderia reflectir todo o processo psicológico de formulação da resposta e a interpretação do protocolo irá basear-se no relato verbal.

Relativamente à utilização do relato verbal para a compreensão dos processos cognitivos internos, Gold (1987) menciona a abordagem metodológica de Ericsson & Simon (1980) que considera três níveis básicos dos processos de verbalização que podem ser obtidos no contexto da realização de uma tarefa cognitiva (pp. 490).

Verbalização de nível 1 : O relato verbal baseado em aspectos de memória de curto prazo, é um relato directo dos conteúdos da atenção focal.

Verbalização de nível 2: A verbalização requer recodificação, a atenção está focada na imagem não verbal que tem de ser recodificada em linguagem antes de ser verbalizada.

Verbalização de nível 3: A verbalização requer processamento cognitivo adicional e selecção de respostas prévia à verbalização que possa ocorrer.

Nesta perspectiva de classificação da verbalização no teste de Rorschach, sendo o estímulo perceptivo e de acordo com os trabalhos de Exner sobre o processo de resposta, as respostas seriam de nível 2 e 3.

Ericsson & Simon (1980) chamam a atenção que na verbalização de nível 2, a direcção e estrutura da cognição não são alteradas se a informação visual for facilmente recodificável linguisticamente, caso contrário, podem ser alteradas pela verbalização. Também se coloca o problema da fase de inquérito do Rorschach, porque o sujeito deve recordar-se da tarefa (fase de resposta) e operar uma verbalização retrospectiva, havendo a possibilidade de haver uma mudança de uma tarefa visual e perceptiva (fase de resposta) para uma tarefa cognitiva de maior elaboração linguística (inquérito). Existe a possibilidade de que o que entra na memória, não seja o mesmo que sai devido ao impacto da codificação e da recuperação.

Para Ericsson & Simon (1980), os relatos verbais podem ser considerados dados válidos se o psicólogo compreender como são gerados e como o relato se insere no modelo de processamento de informação, tendo consciência dos limites da veracidade, das dificuldades de codificação verbal, da informação em falta na memória que pode activar um processo inferencial e o facto de muitos processos cognitivos automáticos não estarem contidos na memória de curto prazo (Gold, 1987, pp. 490-491).

i) Teorias clássicas do processo de resposta

Os autores, de maior notoriedade, que estudaram o processo de resposta, H. Rorschach, Rapaport, Shafer, Schachtel e Exner, não integraram explicitamente a verbalização no processo de resposta e poder-se-ia considerar que, implicitamente, adoptaram o nível 1 ou um não problemático nível 2 do modelo de verbalização.

Segundo Gold (1987), H. Rorschach não considerou o problema da verbalização dos processos perceptivos e associativos. Rapaport abordou a resposta como o resultado de um processo associativo desencadeado pelas manchas, conceptualizou o processo em três fases, mas omitiu a verbalização, que, neste tipo de testes, é o único aspecto directamente disponível para o administrador do teste. Shafer (1954) conceptualizou o processo de resposta de uma forma semelhante à de Rapaport, mas deu relevo a uma interpretação dinâmica do conteúdo. Na formulação da resposta, Shafer indica a adaptação regressiva ao serviço do ego, que expande a consciência. Como forças contra regressivas indica a necessidade de se conformar à forma da mancha, as defesas, as funções sintéticas do ego e a necessidade do paciente verbalizar a sua resposta à medida que dá a forma (Gold, 1987). Para Shafer, a riqueza evocativa do processo primário e da imagética interna não pode ser transcrita através de palavras e aquilo que o administrador do teste ouve, é apenas algo muito pálido da experiência do sujeito. Segundo Gold, Shafer nunca pensou que as variações na capacidade de tradução, poderiam representar uma função integrativa do ego.

Schachtel (1966/2001) era o mais sensível ao facto de a "resposta ser um relato verbal de uma experiência interna" (Gold, 1987, pp. 493), mas, como privilegiou os factores interpessoais no contexto da aplicação do teste, acabou por dar muito menos importância à verbalização. Apesar de notar diferenças entre os sujeitos na capacidade de comunicar o que vêem e como o vêem, adoptou uma visão pessimista sobre a possibilidade de a linguagem conseguir exprimir a riqueza da experiência individual.

Exner (1974, 1978, 2003) descreveu o processo de resposta em três fases e prevê no final a verbalização da resposta, mas segundo Gold, Exner "viu a resposta verbal como a reflexão precisa dos processos cognitivos estimulados pela mancha" (1987, pp. 492).

Para Gold (1987), sobre a questão da relação da ligação das representações, entre pensamento e linguagem podem inferir-se duas posições: a primeira assume que o pensamento e a linguagem são idênticos e que a resposta é uma versão precisa dos processos perceptivo-associativos, e pode ser classificada de acordo com o modelo de nível 1. Por outro lado, se se considerar a imagética visual na formação da resposta, então a rede de associações não é puramente verbal, o pensamento e a linguagem não

são idênticos e as verbalizações serão de nível 2. Se a imagética fornecida pela imagem for facilmente codificável linguisticamente, então a linguagem será um instrumento de comunicação da experiência privada (pensamento) e nestes dois casos não será necessário estudar a função da linguagem no processo de resposta (Gold, 1987).

A investigação neuropsicológica (Gold, 1987), através do estudo de pacientes com lesões cerebrais que sofrem de agnosia visual, de afasia óptica ou de anomia, demonstra que conhecer e nomear são funções complexas que podem ser dissociadas e que a percepção visual e a nomeação de objectos envolve várias áreas cerebrais e processos cognitivos. Para se assumir que a resposta verbal é um relato preciso dos processos perceptivos e que não se perderia nenhuma informação, teria que se assumir uma integração inter-hemisférica em desacordo com o que se pensa da organização cerebral.

Gold menciona os trabalhos de Paivio (1971, 1978,) sobre a teoria da memória de codificação dualista. Segundo este último autor, a memória a longo prazo teria dois tipos de codificação, um código linguístico e um código de imagem, especializado no armazenamento da informação perceptiva. Estes formatos de codificação são independentes, mas interligados. O código linguístico está organizado em termos de estruturas semânticas hierárquicas e o código imagético está organizado pela semelhança perceptiva, pela valência afectiva ou contiguidade (Gold, 1987). Qualquer estímulo poderá entrar num código ou em ambos e a possibilidade de ligação dos sistemas depende da natureza dos estímulos. Será mais difícil produzir imagens mentais para palavras relacionadas com conceitos abstractos. Uma tarefa que peça uma nomeação de um percepto ou a produção de uma imagem em resposta a uma palavra, obriga a uma ligação entre os dois formatos de codificação. Relativamente ao Rorschach, Paivio não estudou a possibilidade de os indivíduos terem desempenhos diferentes na ligação entre os formatos de código.

Bucci & Freedman (1978, 1981) demonstraram que os indivíduos variam na sua capacidade para ligar os sistemas de representação (entre o código linguístico e o código imagético), a que Bucci apelidou de processo de actividade referencial (RA) e que é independente da capacidade verbal, tal como é medida pelo QI verbal. A actividade

referencial representa capacidade cognitiva e tem uma dimensão estilística. (Gold, 1987, p. 498).

Gold (1987) afirma que os estudos de Bucci & Freedman (1981) com o constructo da actividade referencial permite três conclusões:

1- Que os indivíduos têm capacidades diferentes para tarefas simples de nomeação.

2- A capacidade para encontrar nomes não está relacionada com o QI verbal.

3- A actividade de nomeação está relacionada com aspectos da construção da narrativa linguística e pode ser compreendida através de um modelo dualista de representação mental (p. 499).

Quando a investigação neuropsicológica refere a possibilidade de que os indivíduos podem ter desempenho diferente, na sua capacidade de ligação entre percepção e pensamento, ou dito de outra forma, que o relato ou resposta verbal não traduz exactamente a percepção, o mundo interno de imagética, o afecto e a memória, coloca também uma série de questões a nível da aplicação e da interpretação do teste de Rorschach.

Quando um indivíduo produz um protocolo limitado, coloca-se a questão de, se constitui uma limitação da capacidade de nomeação ou se trata de uma contracção defensiva. Os indivíduos com actividade referencial baixa têm dificuldade em traduzir o seu mundo interno em palavras e na aplicação do Rorschach, as respostas com qualidade formal inadequada podem ser o produto de falhas de ligação entre a representação perceptiva e forma verbal, em oposição a distorções perceptivas (Gold, 1987)

A nível de investigação, estes resultados mostram que a codificação linguística é uma parte importante do processo de resposta e pode dar origem a potenciais diferenças individuais. Se os sujeitos tiverem dificuldades na conexão de representações, pode dar origem a uma baixa produtividade de respostas.

As diferenças individuais tanto a nível da capacidade de nomeação como de ligação entre representações perceptivas e linguísticas podem promover uma reflexão para alteração da metodologia de interpretação dos protocolos de Rorschach e para

compreender as dificuldades de alguns indivíduos tanto na produção de respostas, como na capacidade de tradução da complexidade dos processos cognitivos em palavras.

Na interpretação dos resultados do teste de Rorschach, apesar de se tentar integrar dados de observação do comportamento durante a aplicação do teste, a maior parte do material que temos à disposição é o relato verbal ou as respostas que o sujeito dá (verbalmente). Dependemos da sua produção verbal e é muito difícil ter a certeza de que as suas palavras traduzem correctamente o seu mundo interno e a imagética perceptiva suscitada pelas manchas de tinta ou se há uma diferença significativa em que as palavras não conseguem traduzir a riqueza da representação perceptiva como se os formatos de codificação dual da memória, de Paivio, não se ligassem de forma satisfatória.

Estas conclusões não põem em causa a validade do teste de Rorschach no Sistema Integrativo, mas desperta o interesse na interpretação de forma diferente dos protocolos com Lambda alto e / ou de baixa produtividade.

Capítulo III

Fundamentação Teórica:

*Perspectivas Recentes sobre a Validade do Sistema Integrativo de
Rorschach.*

1. Perspectivas Recentes sobre a Validade do Sistema Integrativo de Rorschach.

1. 1 Introdução

Tendo realizado uma revisão bibliográfica sobre a validade do Teste de Rorschach até finais dos anos setenta (Pires, 1987), verificava-se alguma polémica devido a dificuldades metodológicas, nomeadamente limitações da metodologia estatística e da falta de precisão conceptual sobre o que se pretende validar.

Nesse trabalho, a contribuição de Blatt (1975) foi importante sobre a correcção de critérios metodológicos de validação relativamente à diferenciação de grupos nosológicos e à predição de comportamento (Silva, 1983, Pires, 1987).

O trabalho de Weiner (1977) teve uma posição relevante sobre a problemática dos estudos de validade do Rorschach (Pires, 1987).

Este autor apontava três tipos de posição relativamente à validade do Teste de Rorschach. Alguns psicólogos, após consulta da literatura, constataram que a validade do Rorschach foi um fracasso apesar dos milhares de estudos e que este teste não tinha lugar entre os instrumentos de avaliação utilizados pelos cientistas comportamentais (Weiner, 1977. p. 575).

Um segundo grupo respondeu aos ataques psicométricos afirmando que o Rorschach não é um teste, mas um método de interacção clínica que deve a sua utilidade mais às competências do examinador do que às qualidades psicométricas do instrumento (Weiner, 1977). Para estes psicólogos, os estudos de validade são desadequados à natureza do Rorschach. Weiner (1977) refere que alguns destes autores alertaram para as dificuldades metodológicas em planear estudos de validade reflectindo as aplicações clínicas deste método. Actualmente Aronow (2001) é um dos autores que continua a manter esta posição através das suas publicações (Aronow, Rauchway & Reznikoff, 1979).

Uma terceira perspectiva mantém o respeito científico pelos dados objectivos sem sacrificar a riqueza e a utilidade do Rorschach. Esta posição elaborou críticas aos estudos de validade realizados no passado e apresentou novas propostas sofisticadas de validação deste teste.

Dentro desta perspectiva, Weiner (1977) confirma as limitações fortes das perspectivas tradicionais de validação do Rorschach, nomeadamente as abordagens empírica de sinal, de clusters e configuração e a de impressão global. Em alternativa, Weiner (1977) defende a abordagem de validação conceptual de constructo. Trata-se de uma perspectiva conceptual, visando conhecer as variáveis de personalidade que estão em jogo no comportamento e, por outro lado, conhecer os aspectos do Rorschach que avaliam essas variáveis (Pires, 1987, Pp. 87).

No âmbito da perspectiva conceptual, Weiner (1977) defende que o Rorschach é um instrumento para avaliar os processos de personalidade e que fornece uma boa descrição do funcionamento da personalidade e que não é um teste para realizar diagnósticos e predição de comportamentos. O psicólogo poderá utilizar este conhecimento para realizar diagnósticos precisos e predição de comportamentos tendo em conta as variáveis de personalidade que conseguiu avaliar.

Weiner (1977) refere ainda a diferenciação entre interpretações representativa e simbólica do Rorschach e as consequências nos estudos de validade deste teste.

No âmbito das interpretações representativas, o Rorschach é uma tarefa perceptivo-cognitiva e os resultados reflectem directamente o comportamento em outras situações que são determinadas pela organização perceptiva e o estilo cognitivo. A interpretação representativa baseia-se na análise das variáveis estruturais e envolve poucas inferências.

As interpretações simbólicas definem o Rorschach como um estímulo para a fantasia, baseando-se apenas no conteúdo das respostas. O conteúdo não é visto como representativo do comportamento mas como material temático revelando pistas de sentimentos e atitudes subjacentes do indivíduo. Estas interpretações envolvem um processo inferencial de vários níveis em que o conteúdo do protocolo é utilizado para formular hipóteses sobre a dinâmica da personalidade (Weiner, 1977, Pp. 604). Este

processo inferencial pode aumentar o risco de erro se o número de passos inferenciais para atingir a interpretação for elevado, o que compromete a validação pois esta requer uma inferência precisa em cada passo da cadeia inferencial que a suporta.

As interpretações representativas são mais facilmente validadas pois requerem apenas a similaridade esperada entre as variáveis estruturais do Rorschach e o comportamento na vida real (Weiner, 1977).

Esta perspectiva veiculada por Weiner, nomeadamente em resposta às críticas da falta de qualidades psicométricas do Rorschach, salientando a qualidade e a sofisticação dos estudos de investigação sobre o Rorschach, sem deixar de valorizar as suas qualidades e utilidade clínicas, tornou-se realidade com a elaboração do Sistema Integrativo de Rorschach. Exner, autor principal (Exner, 1974, 1978, 1983 1986, 1991, 1993 2003, Exner & Erdberg, 2005, Exner & Weiner, 1982, 1995) e os colaboradores que trabalharam e trabalham no âmbito deste sistema permitindo a produção de várias centenas de estudos e o alcance do reconhecimento do Teste de Rorschach como instrumento útil em várias áreas da Psicologia. Exner promoveu com sucesso a renovação deste teste e a sua divulgação a nível mundial.

A elaboração do Sistema Integrativo de Rorschach, com base na preocupação com a precisão e o rigor dos critérios de codificação, da análise dos resultados, no grande esforço de investigação e publicação granjeou-lhe grande credibilidade e notoriedade. Realizaram-se vários estudos de fidelidade, que permitiram verificar a consistência temporal a dois níveis: níveis elevados permitiram identificar variáveis - traço e níveis menos elevados variáveis - estado de personalidade. Também se realizaram uma grande quantidade de estudos de validade, alguns sobre variáveis isoladas, mas a grande maioria incidiu sobre *clusters* ou configurações de variáveis. A maioria destes estudos estão descritos e referenciados nos três volumes, com várias edições, do Sistema Integrativo de Rorschach (Exner, 1974, 1978, 1986, 1991, 1993, 2000, 2003, Exner & Weiner, 1982, 1995, Exner et al. (1995). A melhoria significativa do Sistema Integrativo a nível estrutural e psicométrico, em relação aos sistemas anteriores de Rorschach, permitiu afastar as críticas negativas de Eysenck (1959), Jensen (1965) entre outros, em relação a este teste e alcançar um sucesso crescente com projecção mundial nos últimos quarenta anos. Também tem recebido críticas à sua

vertente empírica, excesso de estatísticas, falta de ligação primordial a uma teoria de personalidade, principalmente de autores ligados à psicanálise.

2. A Validade do Teste de Rorschach – SIR

Antes de realizarmos a revisão dos estudos de validade e das controvérsias provocadas por críticas no final dos anos 90, vamos abordar um trabalho de Exner, sobre métodos de medida - efeito do tamanho de R no significado das variáveis e examinar as vantagens e inconvenientes da transformação de R em constante.

2.1 Os Conceitos de Medida no Rorschach e a Relação com a Validade

Segundo Exner (1999), muitos autores que elaboram críticas ou os que defendem o Rorschach não compreendem a natureza do teste e usam indevidamente o termo “cotação” no que se refere aos códigos em que as respostas de um protocolo são traduzidas.

Os métodos de medida neste teste são diferentes dos de outros instrumentos como as Escalas de Wechsler. No Rorschach, as respostas são codificadas através de 89 variáveis. Destas apenas 4, as notas Z, correspondem a uma cotação com quantificação. As 85 variáveis restantes são uma espécie de linguagem que serve para traduzir o protocolo e são estes códigos que formam a base das notações do Rorschach. As codificações isoladas raramente têm um valor interpretativo, mas agrupadas ou formando pequenos conjuntos permitem identificar as características principais de um protocolo e possíveis variações dos diferentes protocolos. As frequências de códigos ou de constelações de códigos ou os resultados de rácios e ponderações são o que permite uma quantificação de características de personalidade.

As questões que Exner (1999) levanta é a de se os critérios são suficientemente definidos para que os cotadores os possam utilizar correctamente, se a variabilidade do número de respostas altera a frequência de alguns códigos, se os componentes de respostas são identificados pelos códigos com consistência em retestes e finalmente se

os dados das frequências dos códigos ou das notas derivadas destes fornecem informação válida na interpretação. Estas questões encontrarão respostas através dos estudos de fidelidade inter cotador, da fidelidade de teste reteste e dos estudos de validade tendo em conta a utilidade da interpretação dos resultados do Rorschach. (Weiner, 1995a, 1995b 1996, 2000, 2001, Meyer & Archer, 2001, Meyer et al., 2002, Meyer & Viglione, 2008).

2. 2 A Variabilidade de R

No teste de Rorschach, a variabilidade do número de respostas (R) por protocolo pode ser bastante elevada, dado que no Sistema Integrativo apenas se exige o mínimo de R (frequência de resposta) igual ou superior a 14. Apesar de existirem normas de aplicação para limitar o número excessivo de respostas, é sempre possível dar um R superior a 50. No estudo normativo da população adulta portuguesa, a média de R é de 22.07 e o mínimo e o máximo é de 14 e 61 respostas respectivamente (Pires, 2007).

A frequência de respostas (R) é uma variável associada a muitas outras, pois a maioria das percentagens e de alguns rácios são elaborados em função de R. Segundo Meyer (1992), os vários sistemas de Rorschach deram um valor interpretativo a R, apesar de haver pouca evidência empírica para justificá-lo como medida de obsessividade, de recursos do ego ou de produtividade ideacional (pp. 237).

No Sistema Integrativo (Exner, 1986, 2003), estudos de investigação demonstraram que os protocolos em que esta variável é baixa, as hipóteses interpretativas podem relacionar-se com capacidades intelectuais limitadas, problemas neurológicos, depressão ou resistência devido a características da personalidade do cliente ou à desconfiança deste em consequência de uma má preparação do examinador. Também existe investigação que validou a relação entre R baixo e a potencialidade suicida (Exner, 1986). A baixa frequência de R pode por em questão a validade do protocolo (Exner & Sendin, 1995, Exner, 2003, pp. 53).

O estudos sobre protocolos breves levou a que Exner (1990) ao reformular o Sistema Integrativo, alterasse a metodologia de aplicação para garantir o R mínimo de 14, quando anteriormente era de 10. Exner (2003) alerta sistematicamente para a

prudência na interpretação de protocolos breves com $R < 16$. Apenas os protocolos com $R > 16$ mostram consistência nos resultados.

Antes da elaboração do Sistema Integrativo de Rorschach, vários autores tentaram estudar esta questão, nomeadamente Cronbach (1949, citado por Exner, 1992, Kinder, 1992 e Meyer, 1992) e Holtzman, Thorpe, Swarts & Herron (1961, citado por Exner, 1992 e Meyer, 1992).

Segundo Exner (1992), Cronbach (1949) abordou os problemas das diferenças de R na análise dos resultados, cuja argumentação serviu de base para os autores apologistas da normalização de R . Uma das sugestões deste autor, para resolver esta situação era a de dividir a amostra em grupos por frequência de R . Teríamos assim grupos relativamente homogêneos e os testes de significância seriam realizados para cada agrupamento.

Exner (2000), segue esta sugestão e na análise de resultados utiliza três grupos segundo a frequência de R . Os protocolos curtos de $R = 14 - 16$, os protocolos médios de $R = 17 - 27$ e os protocolos longos de $R = 28 - 55$.

Segundo Exner (1992), a variação de R actualmente é muito menor do que a observada pelos autores das décadas de 40 e 50. Os protocolos curtos com R inferior a 14 são hoje eliminados dos estudos de investigação e das análises e a standardização do SIR, através da instrução inicial e da metodologia para evitar protocolos demasiado curtos e longos. Segundo este autor mais de dois terços dos protocolos têm mais de 17 respostas e menos de 30.

Exner (1992, 1999) verificou que o impacto de R é estaticamente significativo em algumas variáveis, mas, após análise cuidadosa, reconheceu que apenas as correlações com a variável localização D têm uma variância superior a 10%. Este aspecto e o facto de uma grande parte das variáveis Rorschach não terem uma distribuição normal, inviabiliza a utilização de testes paramétricos. Segundo Exner (1992), com a utilização de testes paramétricos, "parcializar" (partialing) ou normalizar as variáveis é sempre inadequado, dado que a maioria das variáveis não paramétricas do Rorschach tem muito poucos *data points*, apenas três ou quatro para quase 99% das variáveis e a tentativa de alisar a distribuição em *ranks(grupos)* de forma diferente da

que é utilizada nos testes não paramétricos pode criar uma curva distorcida e afectar outras variáveis. Se for importante controlar o número de R, dever-se-á utilizar um método de agrupamento (ranking) semelhante ao proposto por Cronbach (1949) (Exner, 1992, p. 250).

Kinder (1992) relativamente ao controlo de R, coloca duas questões: se devemos mudar a natureza do Rorschach quando usado com clientes isolados? Quais são as implicações de R na interpretação dos dados de investigação, nomeadamente quando se comparam os resultados entre dois ou mais grupos em que há uma diferença significativa entre os R, deve-se ajustar ou controlar essas diferenças e na afirmativa quando a melhor metodologia para o realizar? (p. 252).

No caso da primeira questão, se houver uma limitação do número de R, poderemos conseguir protocolos com uma frequência desta variável bastante homogénea o que aparentemente resolve as discrepâncias entre protocolos, mas levanta outras questões. Esta proposta de alteração da metodologia de aplicação do Rorschach, ao limitar ou controlar demasiado R, altera significativamente a natureza e a estandardização do teste o que implica o desenvolvimento de novos estudos normativos, de fidelidade e de validade, é como se se tratasse quase de um novo teste. Holtzman elaborou um novo teste com 40 manchas em que só é permitido dar uma resposta por cartão (Holtzman, Thorpe, Swarz & Herron, (1961)

O autor aponta também que a experiência clínica de várias décadas, mostra a utilidade de não limitar ou controlar R, quando se utiliza o Rorschach para obter informação dos clientes, pois poder-se-ia perder muita informação valiosa (Kinder, 1992, p. 253).

Quanto à segunda questão, ao longo das décadas vários autores (Beck, 1952, Exner, 1986) interpretaram o "sinal" de R. Para Beck, estava relacionado com a produtividade mental e Exner relacionou R baixo com defensividade, resistência, limitação intelectual ou depressão (Kinder, 1992). Relativamente ao controle de R, Cronbach (1949), citado por Kinder (1992), propôs três métodos: codificar um determinado número de respostas para todos os protocolos, construir grupos por número de R e analisar os perfis depois da transformação dos valores.

Também se utiliza um controle estatístico através da co-variância, correlações parciais ou residualização. Estes métodos de controlo estatístico levantam a questão da sua adequação com variáveis com uma distribuição não normal, tal como Exner (1992) referiu. A maioria das variáveis do Rorschach não tem uma distribuição normal e a utilização de testes paramétricos não é adequada. Segundo Kinder (1992) a utilização destes métodos de controlo estatístico partem do modelo com o pressuposto subjacente de que os dados têm pelo menos intervalos, quando a maioria das variáveis Rorschach são ordinais ou nominais. Além disso estes métodos podem distorcer os resultados.

Segundo este autor, muitos investigadores não prestaram atenção suficiente ao facto de que a maioria das variáveis têm uma distribuição não normal e que seria portanto mais adequado utilizar testes não paramétricos e que se deve dar uma grande importância à análise da assimetria e da curtose.

Kinder (1992) sugere que, na comparação entre grupos, se não houver diferenças muito acentuadas a nível de R, devem-se analisar os dados sem controlo estatístico de R.

Meyer (1992), por seu turno, afirma que a variável R tem correlações significativas com muitas codificações do Rorschach e as variações de R contribuem directamente para 50% das notas brutas.

Perante estes dados, este autor coloca duas questões. A primeira refere-se ao que mede R e à sua importância clínica. A segunda tenta avaliar o mérito de transformar R em constante através de uma metodologia de controlo de resposta na administração do Rorschach.

Na tentativa de responder à primeira questão, Meyer (1992) alerta para alguns problemas nomotéticos provocados por R, nomeadamente as correlações desta variável com outras do Rorschach, o que clinicamente provoca alguns problemas durante a interpretação dos resultados com tabelas normativas em protocolos com um número elevado de respostas.

Protocolos com R elevado (ex. 40 a 45 R) tornam mais provável a frequência de algumas variáveis como por exemplo, $FD > 2$, $S > 2$, $Soma C' > 2$, $MOR > 2$ etc. , o que poderá aumentar o número de variáveis positivas da Constelação suicida, do Índice de

Depressão e do Índice de Hipervigilância. Os protocolos com R baixo tendem a dar resultados positivos no Índice de Deficit de Coping. As regras de prudência indicam para ter cuidados acrescidos na interpretação dos resultados de protocolos longos ou de protocolos curtos a que um psicólogo experiente está habituado, na utilização do teste de Rorschach. O problema pode tornar-se muito sério com psicólogos com fraca formação neste domínio e que se habituaram a utilizar a interpretação de resultados elaborada por programas informáticos que não consideram na análise, a questão dos protocolos curtos ou longos.

Segundo este autor, o R contribui para a validade preditiva destes índices, validade que é muito mais efectiva com protocolos de média dimensão (aprox. de 20). Com protocolos com R baixo ou de 30 ou 40 respostas, poderá haver sempre o risco de um diagnóstico incorrecto ou conclusões inadequadas.

Este autor analisa 17 estudos de análise factorial com o Rorschach, realizados entre 1950 e 1989, a grande maioria anterior à elaboração do sistema integrativo. A maioria destes estudos utilizou a correlação de Pearson e alguns utilizaram uma medida não paramétrica de associação. Segundo Meyer (1992), "apesar dos diferentes grupos de sujeitos, dos métodos de análise factorial e dos números de factores extraídos, o factor R era notavelmente consistente em todos os estudos", (p. 234) sendo dominante em 15 destes estudos. Mesmo em outros quatro estudos de análise factorial em que se tentou controlar o impacto de R através de percentagens, o factor R continuou a destacar-se (Meyer, 1992).

Meyer (1992) indica (p.236) que a frequência de R tem um peso de aproximadamente metade da variabilidade explicável entre todas as cotações do Rorschach, tornando-se a maior fonte de variância do teste.

A nível da análise factorial surge o problema da colinearidade dentro das variáveis Rorschach. Como R tem uma grande relação com outros resultados, aquela variável pode ser "estimada" (predicted) a partir destes, o que viola o pressuposto estatístico da independência e pode inviabilizar a utilização da metodologia de análise factorial com os dados do Rorschach (Meyer, 1992).

Sobre o objecto de medição imputado a R, não existem provas empíricas suficientes para indicar exactamente o que esta variável mede. Os psicólogos com alguma experiência com este teste, apercebem-se de que, em alguns sujeitos, o número de respostas, pode depender da qualidade da relação interpessoal entre psicólogo e cliente, durante a aplicação do teste, e também do desempenho do psicólogo, durante a preparação do sujeito e a aplicação desta prova. As investigações de Exner demonstraram a contribuição de um baixo R para a predição da potencialidade suicida, embora seja a variável menos importante deste índice (Meyer, 1992).

No sistema integrativo, o impacto de R em outras variáveis é parcialmente minimizado através dos rácios e das percentagens do sumário estrutural (Meyer, 1992). Quando se analisa a metodologia de interpretação dos resultados no sistema integrativo, verifica-se que todas as variáveis, excepto R, são directamente utilizadas em algum cluster ou passo, embora R dê um grande contributo para o cálculo dos rácios e das percentagens. Segundo Meyer (1992) isto poderia indicar que a "variabilidade de R não tem pouco ou nenhum significado interpretativo para os clínicos e investigadores que usam os dados estruturais"(1992).

Tendo em consideração estes aspectos, este autor faz a proposta de R deixar de ser uma variável e passar a ser uma constante. Na revisão dos custos e benefícios desta mudança, Meyer (1992) elenca as dificuldades provocadas pela variação de R, nomeadamente:

- Na prática clínica, a variabilidade de R impede a aplicação de dados normativos aos casos individuais;
- Como R tem um peso de 50% na variância explicável dos dados Rorschach, tem um papel importante na determinação das notas brutas do sumário estrutural;
- O autor tenta justificar o abandono de R como variável. A sua passagem a constante far-se-ia através de um método de controle de respostas durante a aplicação do teste. Tendo em conta que não existe grande compreensão do que R mede realmente e a sua ausência em todos os clusters interpretativos do SIR, pode-se inferir que a informação que poderia oferecer tem reduzido significado. Se R não é importante para a

compreensão do indivíduo, por que é que se deverá continuar a considerar, quando cria problemas na investigação e na aplicação clínica dos dados normativos?

i) Vantagens de R constante:

- Como constante, deixa de ter uma relação directa com outras notas ou variáveis de codificação do Rorschach e deixaria de existir o problema estatístico de colinearidade.

- Os determinantes deixam de ser diluídos pela influência de R. A mesma frequência de determinantes não tem o mesmo significado, se aparecerem em protocolos longos, médios ou curtos. Num protocolo longo fica-se sempre com dúvida acerca da frequência de algum determinante. Por ex., se M é elevado, essa elevação deve-se ao número de respostas ou traduz algo de significativo do funcionamento psicológico daquele indivíduo. Se as notas brutas deixarem de ser influenciadas pela variabilidade de R, torna-se mais fácil a interpretação dos dados estruturais e a utilização de dados normativos, com todos os protocolos deixando de ser necessário a utilização de percentagens, porque todas as notas são consideradas em função de um número fixo de respostas (Meyer, 1992).

- Com o controle de R, as distribuições das variáveis são mais normalizadas, porque o R como variável torna assimétricas as curvas de distribuição de muitas variáveis do teste, sendo R uma constante, a assimetria dessas variáveis será menor, possibilitando o recurso aos testes estatísticos paramétricos.

- A administração com controle de respostas mudará a natureza clínica do teste, o que poderá ser encarado negativamente, retirando-lhe certa espontaneidade e riqueza dinâmica ao teste. Este tipo de administração imporá ao sujeito uma estrutura formal explícita da tarefa Rorschach, na medida em que se exige um número fixo de respostas por cartão, o que indicará uma expectativa e um constrangimento. O facto de o sujeito dar menos ou mais respostas que o pretendido, poderá suscitar uma nova variável relacionada com o desvio em relação à estrutura explícita, que será interpretada de acordo com o modo como se comporta nas situações reais da vida quotidiana. Assim se manifesta incapacidade ou tem dificuldade em mobilizar recursos suficientes para

responder a uma exigência externa, se não consegue dar o número mínimo de respostas ou se revela a existência de problemas em se restringir ou controlar dando mais respostas do que o pedido.

ii) Desvantagens de R constante:

- Redução da liberdade do sujeito que verá limitado o número de coisas que possa ver. Esta poderá ser uma desvantagem potencial em termos de inferências dinâmicas baseadas no que, em cada estímulo, poderá provocar aumento ou diminuição de respostas em condições pouco estruturadas.

- O rácio afectivo deixará de existir e com este perder-se-à informação sobre a capacidade ou vontade de o sujeito processar material relacionado com as emoções e o papel importante que este rácio tem no Índice de Depressão e no Índice de Déficit de Coping.

- A maior desvantagem refere-se aos limites de utilização dos dados normativos actuais. Dado que estes foram recolhidos em condições de estandardização de não limitação de respostas, com a passagem de R a constante e o controle desta na aplicação do teste, terá que se recolher novo material normativo, pois o Rorschach passa a ser administrado com uma estandardização diferente. Esta desvantagem já tinha sido também referida por Kinder (1992).

Meyer (1992) indica que, antes de R ser adoptada como constante, será necessário, investigação adicional para determinar o que mede exactamente R e também se esta é uma variável mediadora que contribua para a validade de alguns índices do Sistema Integrativo.

Outro aspecto a investigar é o do conhecimento dos problemas que R pode causar e em que medida a sua significância pode ser descontada na actual interpretação dos dados estruturais. Menciona também que investigação futura deverá avaliar em que medida o formato de aplicação com controle de R dará maior limpidez às cotações consideradas mais importantes e se estas terão também maior validade de constructo e

preditiva do que as mesmas cotações da administração tradicional. Também questiona-se a investigação com o formato de controle de R não terá maior validade interna.

Relativamente aos problemas da frequência de R, Exner (1992) desvaloriza esse aspecto, salientando o facto de dois terços dos protocolos terem um número de respostas entre 17 e 27, o que caracteriza os protocolos médios. Debruçou-se sobre a questão da distribuição não normal da maioria das variáveis e opõe-se a métodos de normalização ou suavização das curvas de distribuição. Não considera a importância dada ao artigo de Cronbach onde este levanta a questão da variabilidade de R no tratamento estatístico e propõe o agrupamento de protocolos por número de respostas.

Kinder (1992) alerta para os problemas provocados pela variabilidade de R e tendo em conta a distribuição anormal da maioria das variáveis advoga a utilização de testes não paramétricos. Levanta também a questão do controle de R por cartão, mas alerta para a inutilização dos dados normativos actuais e a recolha e investigação de novos dados normativos.

Meyer (1992) dá um grande relevo à influência de R e todos os problemas provocados pela sua variabilidade, na utilização dos dados normativos, e na investigação. Defende um formato de aplicação do teste com um controle de respostas limitadas a duas por cada cartão. Isto implica, que R seja considerada uma constante em vez de variável. Enumera as vantagens e desvantagens de R deixar de ser uma variável e passar a ser uma constante. Na sua conclusão, apesar de defender novos estudos de investigação sobre as qualidades de medição de R, indica claramente mais vantagens do que inconvenientes na metodologia de controle de R.

Recentemente com o novo Sistema R-PAS, uma das grandes alterações relativamente ao Sistema Integrativo é a das instruções de aplicação do teste em que existe um controle explícito para que o sujeito dê duas ou talvez três respostas por cartão.

2. 3 A Validade do Sistema Integrativo desde os anos 90

O Sistema Integrativo trouxe uma grande vitalidade ao Rorschach, porque desenvolveu um grande número de projectos de investigação, tanto nas Rorschach Workshops como entre os investigadores desta área e promoveu projectos e estudos não só nos Estados Unidos mas também em outros países, nomeadamente estudos normativos. A par do incremento de estudos, foi-se verificando um aumento de qualidade e exigência desses estudos ao longo do tempo contemplando a estandardização do teste, a fidelidade da codificação, a fidelidade - consistência temporal dos resultados, os estudos de validade, o recurso a meta-análises e revisões de estudos.

Durante os anos 90, apareceram algumas críticas veiculadas por académicos norte americanos, sem formação específica na área do Rorschach (Lerner, 2000), mas que realizaram vários estudos de revisão da metodologia dos projectos de investigação realizados (Dawes, 1994, Wood & Lilienfield, 1999, Netzworski & Wood, 1995, Wood, Netzworski & Setjskal, 1996a, 1996b). Estas críticas, como iremos referir, utilizam citações que privilegiam os estudos com resultados negativos, deturpam algumas conclusões sem terem em conta os objectivos dos estudos de que são extraídas, pretendem que o Rorschach siga os critérios de diagnóstico sem estar alinhado com eles ou então exigem um rigor metodológico quase impossível de observar pela maioria dos testes de avaliação psicológica. Estas críticas também tiveram um papel positivo ao apontar algumas falhas metodológicas, algumas variáveis insuficientemente estudadas e também "pressionaram", na última década, a elaboração de respostas fundamentadas, muitas delas justificadas com novos estudos de fidelidade e validade mais rigorosos.

Uma das críticas sobre a validade do Rorschach foi elaborada por Dawes (1994), com o seu livro *House of Cards*, em que se invocam as críticas publicadas nos volumes do *Buro's Mental Measurements Yearbook*, como a de Eysenck (1959) e de Jensen (1965), antes da elaboração do Sistema Integrativo, e se afirma que o Teste de Rorschach não é válido nem tem utilidade para a avaliação da personalidade. Além disso, as citações privilegiam os estudos, cujas conclusões são menos favoráveis ou então citam as conclusões sem ter em conta os objectivos originais do estudo.

Em resposta a esta crítica, Weiner (1996) teceu algumas considerações sobre a metodologia dos estudos de validade com o Rorschach.

A correlação de um teste com variáveis observadas é muito mais significativa do que com variáveis inferidas. Aquelas são as características directas de como as pessoas pensam, sentem e comportam. As variáveis inferidas remetem-nos para hipóteses através de fontes indirectas de informação (Weiner, 1996). Podemos até ter boas correlações com variáveis de outro teste, mas não com as variáveis de comportamento. O objectivo de um teste é explicar e prever comportamentos e não para explicar o resultado com outro teste (pp. 206).

Num teste unidimensional, a validade é para a totalidade em relação com a dimensão medida. Com testes multidimensionais como Rorschach, a validade tem de ser verificada nas suas diferentes componentes, escalas, índices e para cada uma das dimensões poderão ser utilizados métodos de validação diferentes que podem variar individualmente.

A validade de um teste está relacionada com a sua utilidade, segundo Weiner (1996) e as afirmações sobre a validade de um teste devem indicar as especificações dos fins para que é válido. A validação de instrumentos de avaliação psicológica é um procedimento complexo que exige correlações dos resultados das escalas individuais com fenómenos observáveis, significativos por algum motivo; no caso do Rorschach "como instrumento multidimensional de avaliação da personalidade, a questão coloca-se no que respeita a escalas ou índices que deverão correlacionar de forma consistente e significativa com aspectos observáveis do funcionamento da personalidade de identificação e compreensão úteis.

A avaliação da validade de testes psicológicas realiza-se actualmente através da técnica de meta-análise, uma técnica que combina os dados de diversos estudos particulares sobre determinada variável mediante a análise estatística das dimensões reais do efeito obtido em cada um deles.

Como acontece com a generalidade de trabalhos deste autor, este constitui um excelente documento a um tempo de denúncia e de ensino, já que não apenas esclarece situações e condições mas também informa sobre avanços na metodologia e ilustra de

forma indefectível com exemplos concretos a realidade actual da validade do Rorschach.

2. 3. 1 Estudos Meta-analíticos

As meta-análises de Atkinson (1986) e de Parker, Hanson & Hunsley (1988) mostram resultados semelhantes entre a validade do Rorschach e do MMPI, mas sofrem de algumas limitações devido a problemas metodológicos referenciados por Garb, Florio & Grove (1998). Estes autores realizaram uma reanálise da meta-análise de Parker et al. (1988) onde mostraram maior validade do MMPI do que do Rorschach. Segundo Rosenthal, Hiller, Bornstein, Berry & Brunell-Neuleib (2001), a reanálise de Garb et al. (1998) também tem problemas metodológicos.

Hiller & col. (1999) analisaram os problemas metodológicos das duas meta-análises. Na de Atkinson (1986), as limitações têm a ver com problemas estatísticos do cálculo dos tamanhos de efeito, nos estudos em que não havia informação suficiente. Além de outros problemas com a técnica meta-analítica geral, acontece porque Atkinson extrai vários tamanhos de efeito de estudos individuais e trata-os como se fossem independentes o que viola o pressuposto da independência entre tamanhos de efeito (Hiller et al., 1999).

A meta-análise de Parker et al. (1988) apenas seleccionou estudos de validade publicados no *Journal of Personality Assessment* e no *Journal of Clinical Psychoogy* entre 1970 e 1981. Hiller et al. (1999) pensam que existe um potencial enviesamento de selecção de estudos, porque estas revistas de renome, mais selectivas, publicam estudos com tamanhos de efeito maiores que as revistas de menor prestígio. A meta-análise foi realizada tendo 30 estudos de validade do MMPI e apenas 5 estudos do Rorschach, não havendo diferença significativa entre eles, com Rorschach ($r = 0.41$) e MMPI ($r = 0.46$) (Hiller et al., 1999, pp. 279). Hiller et al. (1999) e Garb et al. (1998) apontaram outros problemas metodológicos da meta-análise de Parker et. al (1988) que limitam o alcance das suas conclusões.

Hiller et al. (1999) conduziram uma nova meta-análise comparando os critérios de validade para o Rorschach e o MMPI, corrigindo assim as limitações provocadas por

problemas metodológicos dos estudos de Atkinson (1986) e Parker et al. (1988). Para encontrar estudos relevantes, utilizaram pesquisas no PsycLit de 1977 a Dezembro de 1997. Tentaram encontrar estudos não publicados entre os investigadores que apresentaram trabalhos sobre o Rorschach ou o MMPI na *Society for Personality Assessment*, entre 1993 e 1997 e contactaram o grupo de discussão SSCPnet.

Os estudos foram seleccionados em duas etapas, primeiro através de uma análise relativamente aos critérios de elegibilidade e em segundo lugar através da codificação dos estudos por dois juízes peritos em Rorschach e dois juízes peritos em MMPI.

Foram incluídos na meta-análise 30 estudos publicados do Rorschach e 30 do MMPI. Entre os estudos não publicados foram seleccionados 8 estudos do Rorschach e 1 do MMPI (Hiller et al., 1999).

Os resultados demonstraram valores semelhantes de validade, com médias não ponderadas para o Rorschach (0.30) e o MMPI (0.29). As médias ponderadas são de 0.26 para o Rorschach e 0.37 para o MMPI (Hiller et al., 1999, pp. 286, Quadro 4). Segundo os autores deste estudo, comparando com os resultados de Parker et al. (1988) com médias ponderadas de 0.41 no Rorschach e de 0.46 no MMPI, os coeficientes/efeitos de tamanho de validade nesta meta-análise são menores, embora ainda sejam substanciais.

Segundo Hiller et al. (1999) os resultados mostram que o Rorschach e o MMPI não são diferentes em termos de validade, os valores de $r = 0.30$ indicam uma validade dentro das expectativas para um teste de personalidade.

Na comparação entre instrumentos, Hiller et al., os resultados indicam que o MMPI é superior ao Rorschach na predição de variáveis critério de auto relato, enquanto o Rorschach tem coeficientes de validade superiores em estudos que utilizam variáveis critério objectivas. Os autores tentaram uma explicação para este facto e segundo Meyer (1996) e Bornstein, Rossner, Hill, & Stephanian (1994), os sujeitos podem influenciar mais facilmente os resultados nas medidas de auto relato do que no Rorschach onde a validade facial é muito baixa tendo os sujeitos mais dificuldade em falsificar ou influenciar os resultados no sentido dos seus interesses. Hiller et al. colocam a questão de que talvez as variáveis de critério objectivo tenham uma predição mais rigorosa

quando os sujeitos não conseguem influenciar os resultados e concluem que o "Rorschach possa ser mais objectivo que os instrumentos dito objectivos" (p. 291). Os autores desta meta-análise estão de acordo com Weiner (1996) em que, em testes multidimensionais como o Rorschach e o MMPI, é muito mais útil realizar a validação ao nível das escalas do que a tentativa de os validar como um todo.

Esta meta-análise mostra-nos que o Rorschach e o MMPI não são diferentes em termos de validade e mostra algumas das suas especificidades. Eles podem ter coeficientes de validade semelhantes, mas podem avaliar dimensões diferentes. Houve tentativas de estudos de validade convergente entre estes dois testes.

2. 3. 2 Validade Convergente entre o Rorschach e o MMPI

Archer & Gordon (1988), Archer & Krishnamurthy, 1996, 1997, 1999) realizaram vários estudos em que utilizaram o Rorschach e o MMPI com grupos de pacientes adolescentes para o diagnóstico da esquizofrenia e da depressão (Archer et al., 1988) e a utilização do MMPI-A e do Rorschach com respeito aos índices de depressão e de perturbação do comportamento. Estes autores chegam à conclusão de que não existe validade convergente do Rorschach com o MMPI e que aquele não acrescenta validade incremental a este, o que é contestado por Weiner (2001). Relativamente ao estudo de Archer et al, (1988), Weiner afirma que o índice de esquizofrenia > 3 consegue diferenciar 69% dos pacientes esquizofrénicos dos não esquizofrénicos, enquanto a nota $T > 69$ na Escala 8 do MMPI diferencia 60% dos esquizofrénicos. Com valores de ponto de corte mais conservadores, $SCZI > 4$ melhora a classificação anterior para 80% enquanto a escala $Sc > 74$ diferencia 76% (Weiner, 2001), o que leva Weiner a afirmar que, se há alguma diferença, é o facto do Rorschach obter melhores resultados do que o MMPI.

No estudo Archer & Krishnamurthy (1997), os autores afirmam que o índice de depressão do Rorschach não acusa nenhum incremento ao MMPI na predição do diagnóstico de depressão, mas Weiner (2001) explica que os resultados deste estudo indicam que dois componentes do DEPI, as respostas Vista e o Rácio Afectivo melhoram a identificação da depressão acima da informação fornecida pelo MMPI.

Meyer, Riethmiller, Brooks, Benoit & Handler (2000) elaboraram a replicação de um estudo de validade convergente entre o Rorschach e o MMPI-2, tendo-se baseado nos trabalhos anteriores de Meyer (1997, 1999), em que elaboraram a hipótese de validade convergente de escalas destes dois instrumentos, se os indivíduos tivessem uma atitude consistente de abertura, espontaneidade e de implicação, durante a administração destes dois testes.

Utilizaram duas amostras, a de Tennessee com 350 sujeitos, voluntários, de uma clínica de doentes em ambulatório, a quem foram aplicados o Rorschach e o MMPI-2. A amostra de Chicago, com 362 pacientes que completaram os dois testes. A fidelidade de cotação foi classificado entre boa e excelente, a mais baixa foi do HVI = 0.72 e as mais levadas $R = 1.0$ e $FPuro\% = 0.93$. (Meyer et al., 2000, pp. 181.)

Para os Estilos de Interação ao Teste, utilizaram componentes do MMPI-2 e do Rorschach. A escala de Ansiedade de Welsh (A), foi o principal componente do MMPI-2. No Rorschach utilizaram a *Complexidade- Resposta*. Os pacientes também foram classificados com indicadores de estilo de aplicação de teste, o R e Lambda do Rorschach e as escalas F e K do MMPI-2. Os pacientes com $R < 21$, $\text{Lambda} > 0.55$ no Rorschach e as escalas F e K do MMPI-2. Os pacientes com $R < 21$, $\text{Lambda} > 0.55$ no Rorschach e $F < 58$ e $K > 50$ no MMPI-2, seriam classificados como constritos. Os dilatados teriam $R > 21$ e $\text{Lambda} < 0.55$ no Rorschach e $F > 58$ e $K < 50$ no MMPI-2 (Meyer et al., 2000, pp. 183-184). Nos resultados do estilo de interação, 45 pacientes adoptaram os mesmos estilos nos dois testes (dilatados em ambos = 28 ou constritos = 17), e 48 pacientes adoptaram estilos discordantes, dilatado no Rorschach e constrito no MMPI-2 ($n = 10$) e constritos no Rorschach e dilatados no MMPI-2 ($n = 38$), (Meyer et al., 2000, pp. 184).

Os resultados mostram que, considerando todos os sujeitos, sem ter em conta os estilos de interação, a validade convergente é fraca, porque a média das correlações de 17 pares de variáveis é apenas 0.055. Quando se toma em consideração os estilos de interação semelhantes nos dois testes, existem correlações significativas entre as escalas conceptualmente semelhantes do Rorschach e do MMPI-2, com a média de correlações de 0.42 (Meyer et al., 2000).

Dadas as diferenças conceptuais entre o Rorschach, tarefa perceptiva cognitiva, com estímulos perceptivos de baixa validade facial, em que a projecção e os resultados idiográficos podem ter algum relevo e o MMPI-2, como teste de auto-relato, com boa validade facial, seria bastante difícil, mas não impossível que se pudesse encontrar validade convergente entre estes dois instrumentos. Geralmente os resultados destes dois testes complementam-se, mesmo quando os resultados parecem ser divergentes, como se cada um deles avaliasse uma "face diferente da mesma moeda". Teglassi (1998) apontou algumas diferenças entre os testes de auto relato e os testes projectivos.

Segundo Weiner (1996, 2001) é muito mais útil correlacionar as escalas de um teste dimensional com variáveis observáveis do funcionamento psicológico do que com resultados de outros testes, principalmente quando estes são diferentes em termos conceptuais e metodológicos.

Não havendo convergência entre os resultados do Rorschach e do MMPI-2, por que razão é a crítica negativa sempre dirigida ao Rorschach. Também se poderia admitir que os resultados do Rorschach possam ser mais robustos que os dos outros testes.

Meyer et al., (2000) mostraram que apenas existe validade convergente entre o Rorschach e o MMPI-2 quando os sujeitos têm um estilo de interacção "positivo" consistente na administração dos dois testes.

2. 3. 3 Validade Incremental

A validade incremental de um teste ou método de avaliação psicológica é a mais valia que os seus resultados conseguem acrescentar em relação a outras fontes de informação, incluindo dados demográficos e resultados de outros instrumentos, na melhoria da precisão tanto a nível da explicação como da predição de comportamentos.

Viglione (1999), analisa 13 estudos que mostram resultados consistentes de validade incremental do Rorschach, realizados entre 1974 e 1997. Estes estudos são referenciados através de um quadro sintético em Viglione & Hillsenroth (2001).

Nos estudos de validade incremental entre o Rorschach e o MMPI, o estudo de Archer & Gordon (1988) com pacientes esquizofrénicos, e o de Archer &

Krihsnamurthy (1997), para a classificação da depressão em adolescentes, apesar de serem referidos por Hunsley & Bailey (1999) na sua crítica o Rorschach, mostraram resultados consistentes com a validade incremental do Rorschach. No primeiro estudo como foi analisado por Weiner (2001) e Viglione (1999), e já referido anteriormente, o índice de esquizofrenia distingue melhor os esquizofrénicos dos não esquizofrénicos do que a escala Sc do MMPI. No segundo estudo, também analisado por Weiner (2001) e Viglione (1999), embora o índice de depressão não acrescente validade incremental ao MMPI-A, as respostas Vista e o Rácio Afectivo aumentam a identificação da depressão das escalas A-DEP e Ma.

Hilsenroth, Handler, Toman & Padawar (1995) realizaram um estudo para diferenciar os pacientes que terminavam prematuramente a psicoterapia dos que continuavam em tratamento. As variáveis do Rorschach conseguiram realizar a diferenciação entre estes dois tipos de pacientes ($p = 0.008$) e as do MMPI-2 não o conseguiram ($p = 0.56$). Os resultados do *cluster* Relações interpessoais do Rorschach tiveram uma média do efeito de tamanho (ES) de 0.57, enquanto a escala Indicadores de Tratamento Negativo do MMPI-2 teve um ES de -0.14 (Viglione et al., 2001, pp. 458).

O estudo de Shapiro, Leifer, Martone & Kassem (1990) é uma avaliação multi-método da depressão com 53 raparigas de raça negra, vítimas de abuso sexual por alguém das suas relações, com idades entre os 5 e os 16 anos. Também foi utilizado um grupo de controle de 32 raparigas de raça negra, escolhidas ao acaso. Foram utilizados o Inventário de Depressão para Crianças (CDI), de Kovacs e Beck, a escala de Internalização da *Child Behavior Checklist* (CBCL) de Achenbach e Edelbrock, e o Índice de Depressão (DEPI) do Rorschach.

Os resultados mostraram que não houve correlações significativas entre as escalas de auto relato, a observação do comportamento relatado pelos pais e o Rorschach. O DEPI diferenciou significativamente as meninas vítimas de abuso sexual em relação ao grupo de controle ($p < 0.005$). O CDI não diferenciou as crianças pelas amostras experimental e de controle ($p > 0.05$), o que demonstra validade incremental do Rorschach em relação à escala de auto relato da depressão. Os resultados da escala da Internalização da CBCL mostraram uma diferenciação dos grupos ($p < 0.0001$) (Viglione et al., 2001).

O estudo de Perry & Viglione (1991) sobre a utilização do *Ego Impairment Index (EII)*, baseado em variáveis do Rorschach, como preditor dos resultados de pacientes deprimidos (melancólicos) tratados com antidepressivos tricíclicos. O grupo de pacientes era composto por 49 indivíduos, 17 homens e 32 mulheres, com idades entre os 18 e os 65 anos (média = 37.35). A média do nível educacional era de 14 anos.

As medidas de critério foram dois índices de auto relato da depressão, o BDI que valoriza os sintomas cognitivos da depressão e a CRS - *Carroll Rating Scale* que avalia os aspectos somáticos da depressão.

Os resultados mostraram que o EII do Rorschach conseguia predizer os resultados do BDI ($p < 0.0002$) e os da *Carroll Rating Scale* para a depressão ($p < 0.01$), em pacientes tratados com antidepressivos tricíclicos, em média, mais de 9 semanas de tratamento.

Meyer (2000a) investigou a validade incremental para a predição do resultado do tratamento em psicoterapia, através de duas meta-análises entre a *Rorschach Prognostic Rating Scale* (RPRS) e a escala de *Ego Strength* (Es) do MMPI. A escala Es foi elaborada para predizer o resultado da psicoterapia. A segunda parte do trabalho é uma meta-análise da contribuição dos resultados da RPRS para além do QI. A RPRS utiliza variáveis do Rorschach mas não integra o Sistema Integrativo, foi inicialmente elaborada por Klopfer.

A primeira meta-análise incluiu seis estudos com 229 sujeitos, utilizando a RPRS e a Escala Es do MMPI. Os resultados da RPRS demonstram uma validade incremental considerável para a predição da psicoterapia, em relação à escala Es do MMPI, com os *effect size* não corrigidos e corrigidos de $r = 0.32$ e $r = 0.48$. Depois da eliminação de um estudo (Fiske et al.) que reduziu os participantes para 187, os *effect size* não corrigidos e corrigidos passaram para $r = 0.40$ e $r = 0.59$ respectivamente. Depois da exclusão deste estudo os coeficientes de validade foram de -0.02 e de -0.03 para os resultados não corrigidos e corrigidos, respectivamente (Meyer, 2000a, pp. 358).

A segunda meta-análise incluiu nove estudos ($N = 358$) com a RPRS e um teste de inteligência. Os testes de inteligência eram a Wechsler-Bellevue, Binet, Raven, WAIS, WAIS versão reduzida, "IQ" e "Intelligence". Os resultados mostraram uma

validade incremental da RPRS em relação ao teste de inteligência, para prever o resultado da psicoterapia. A contribuição da RPRS depois de correcção dos artefactos metodológicos foi de $r = 0.48$. (Meyer, 2000a).

Na conclusão deste trabalho, Meyer aponta o problema da utilização de vários testes de inteligência e levanta a possibilidade da contribuição da RPRS para a predição do resultado do tratamento, poder ser menor caso se utilizasse apenas uma medida de QI "ótima". A questão da avaliação regular da validade dos perfis do MMPI também se coloca, pois os sujeitos podem manipular deliberadamente os resultados, o que levaria a uma diminuição da eficácia da escala Es (Meyer, 2000a).

Dawes (1999) apresentou dois métodos para avaliar a validade incremental de uma variável de Rorschach, o EII (Ego Impairment Index), com o objectivo de demonstrar como se deve investigar a validade incremental neste teste. Investigou dois conjuntos de dados de Meyer & Resnick (1996) com o Rorschach, o MMPI e o "impairment" com a gravidade definida pelo diagnóstico (Viglione et al., 2001). O outro conjunto de dados é de Perry, Moore & Braff (1995), com os resultados de Rorschach, medidas de competência social e perturbação do pensamento.

As conclusões de Dawes são negativas para o Rorschach, mas a sua estratégia de análise dos resultados levanta problemas e foi classificada como enviesada para desfavorecer o Rorschach, por Viglione et al., (2001) e Perry (2003). Dawes seleccionou um critério de competência social usado para avaliar situações matrimoniais e de emprego e o nível de exigência ao EII foi superior ao habitual, porque exige que a nota total do EII seja superior a duas variáveis principais incluídas no índice, uma delas relacionada com a qualidade formal, que Dawes transformou numa nova medida, apelidada de XQUAL. Segundo Perry (2003), esta forma de testar a validade incremental não é habitual e segundo Viglione et al., a escolha de Dawes de utilizar R (número total de respostas do Rorschach) e esta nova variável (XQUAL), antes do EII na regressão hierárquica, com o argumento que estas variáveis do Rorschach são fáceis de codificar, não é justificável.

Relativamente aos resultados, apesar desta estratégia de análise dos resultados parecer desfavorecer o Rorschach, Dawes afirma que os resultados mostram uma

superioridade das variáveis do MMPI, tem de admitir os bons resultados de validade incremental do EII. Viglione et al., (2001) em nova análise dos dados de Dawes confirmam a validade de critério e incremental do Rorschach e que o EII tem um poder significativo de predição superior ao das variáveis do MMPI com respeito à perturbação psicológica estimada pela "severidade máxima do diagnóstico" (Viglione et al., 2001, p. 460).

Os estudos de validade incremental de variáveis do Rorschach e do MMPI, ora mostram alguma vantagem do Rorschach, ora mostram alguma vantagem do MMPI, muitas vezes com indicadores de "áreas de especificidade diferentes". Perry (2003), face às críticas contra o Rorschach e o EII (*Ego Impairment Index*) (Dawes, 2001), considera que elas revelam uma falha ao não admitir que a avaliação da personalidade fornece informação que não pode ser fornecida apenas pelos instrumentos de auto relato e que foi demonstrado que o Rorschach é diferente do auto relato "na sua associação com critérios comportamentais significativos" (Perry, 2003, pp. 583).

Segundo Weiner (2001) quando os dados nomotéticos parecem não fornecer validade incremental, muitas vezes não é muito importante no quadro da avaliação dos pacientes e clientes na prática clínica. Muitos dos psicólogos que utilizam o Rorschach e o MMPI deparam-se com situações em que os resultados do MMPI estão dentro do espectro da normalidade e os resultados do Rorschach têm indicadores de desvios importantes em relação aos dados normativos, o que acontece em contextos de custódia e selecção de pessoal em que os clientes querem causar uma boa impressão e conseguem influenciar os resultados do MMPI. Noutras situações acontece o contrário, os protocolos do Rorschach sendo válidos, aparentam ser defensivos, fornecendo pouca informação ao passo que no MMPI, temos um protocolo válido e rico. Isto acontece com sujeitos que não estão inclinados para se revelarem numa tarefa do estilo Rorschach, mas são mais cooperativos para dar respostas do género sim ou não. Weiner (2001) afirma que, quando existe a preocupação de gerir a imagem e a impressão, tanto ao nível da cautela como do esforço para dar uma boa imagem, surgem incongruências entre os dados do Rorschach e do MMPI, o que é parcialmente confirmado por Meyer et al., (2000) ao pronunciar-se sobre os estilos de interacção no teste, consistentes no Rorschach e no MMPI.

Num estudo sobre validade de testes psicológicos e de testes médicos que incluiu 125 meta-análises, com 800 amostras examinando a avaliação multimétodo, conduzido por Meyer, Finn, Eyde, Kay, Moreland, Dies, Eisman, Kubiszyn & Reed (2001), as conclusões são interessantes:

a. Tanto os testes psicológicos como os testes médicos apresentam vários graus de validade, desde testes sem relação com um critério até testes associados com vários critérios.

b. Torna-se difícil distinguir os coeficientes de validade dos testes psicológicos e dos testes médicos. Os testes psicológicos têm validade forte e comparável à validade dos testes médicos.

c. A validade dos testes é condicional. Há testes com forte validade com alguns critérios e fraca com outros. Os diferentes métodos de avaliação fornecem fontes de informação únicas e os psicólogos que apenas utilizam entrevistas, têm acesso a uma informação incompleta. Os autores sugerem a utilização de uma bateria de avaliação multi método para maximizar a validade das avaliações individuais.

Os resultados não revelam testes de avaliação psicológica com uma inferioridade ou superioridade nítidas e os testes de Rorschach, o TAT e o SCT (teste de completamento de frases) não produzem coeficientes de validade inferiores aos outros testes de personalidade. "Os testes de capacidade cognitiva, os testes de desempenho de personalidade e os testes de personalidade de auto relato, todos produzem uma amplitude de coeficientes de validade que variam em grande parte, em função dos critérios em consideração" (Meyer, 2004, pp. 328).

2. 3. 4 O Teste de Rorschach e o Diagnóstico

Apesar de o Sistema Integrativo conter índices que podem ajudar a estabelecer o diagnóstico da depressão (DEPI), da esquizofrenia (SCZI). Este último foi eliminado do Sistema em 2000 e substituído pelo Índice de Pensamento Perceptivo (PTI), os principais autores do Sistema Integrativo, Exner e Weiner, nunca mencionaram nos manuais que o Rorschach era um instrumento de diagnóstico directo, apesar de alguns

autores (Wood et al., 1999) criticarem este teste por não ter qualidade como instrumento de diagnóstico.

Segundo Weiner (2000), o Rorschach não é um teste de diagnóstico, no sentido do sistema de classificação das DSM, mas um instrumento de avaliação da personalidade cujo objectivo é medir aspectos da estrutura e das dinâmicas da personalidade.

Weiner, Spielberger & Abeles (2002) ao realizarem o ponto da situação sobre o estatuto científico do Rorschach, afirmam que existem algumas perspectivas erradas nos que vêem o Rorschach como um teste de diagnóstico. O Rorschach é uma medida de processos de personalidade. Este teste avalia muito bem perturbações do pensamento e pode ajudar no diagnóstico da esquizofrenia. Mede bastante bem perturbações do humor e cognições negativas e pode ser útil para ajudar a identificar a depressão, assim como pode medir a angústia subjectivamente sentida e pode auxiliar na identificação da ansiedade. Apesar disto, os autores afirmam que o Rorschach não deve ser utilizado como único critério de diagnóstico da esquizofrenia, depressão ou ansiedade e dentro desta perspectiva, a validade da avaliação com o Rorschach nunca deveria ser medida pelas suas correlações com categorias de diagnóstico (p. 10). A grande utilidade deste teste é a de identificar características de personalidade do indivíduo para tomadas de decisão nos contextos clínico, forense, saúde, educacional e organizacional.

Bornstein (2001) num artigo sobre a utilidade clínica do Rorschach, aborda a questão do diagnóstico. Afirma que não é um teste de diagnóstico e não se pode esperar que tenha correlações altas com os diagnósticos da DSM-IV, porque estes baseiam-se em auto relatos, os critérios de diagnóstico são problemáticos (Blashfield, 1998) e os processos psicológicos avaliados pelo Rorschach estão apenas indirectamente relacionados com os sintomas da DSM-IV (Bornstein, 2001, p. 44). Bornstein alerta para não se considerar o Rorschach como um teste de diagnóstico per se (p. 44), mas que fornece uma mais valia para realizar predições, cujos processos psicológicos não estão acessíveis ao relato verbal, o que o torna superior às medidas de auto relato que avaliam "traços auto atribuídos, motivos e estados sentidos em vez dos processos

subjacentes que impelem e direccionam os relatos de superfície"² O Rorschach pode complementar os dados de diagnóstico mas não os pode substituir. (Bornstein, 2001, p. 45).

Apesar destes alertas, foram elaborados com sucesso alguns estudos que correlacionam positivamente algumas escalas do Rorschach com alguns critérios de diagnóstico da DSM-IV.

O estudo de Blais, Hilsenroth, Castelbury, Fowler & Baity (2001), citado por Viglione et al., (2001), explora a validade incremental na discriminação das perturbações da personalidade (PD) da DSM-IV, com o MMPI-2. Os resultados indicam que o Rorschach e o MMPI-2 acrescentam uma mais valia incremental na predição dos critérios PD borderline e narcisista da DSM-IV, mas já não são claros em relação ao valor incremental do Rorschach e do MMPI-2 na predição da totalidade dos critérios histriónico e anti-social. O Rorschach é melhor preditor no critério histriónico da DSM-IV e o MMPI-2 é melhor na predição do critério anti-social (Viglione et al., 2001).

Dao & Prevatt (2006) realizaram uma avaliação psicométrica do PTI (Índice de Pensamento Perceptivo), mais concretamente análises de fidelidade e validade do PTI, com uma amostra de 107 pacientes adultos, diagnosticados pelos critérios da DSM-IV-R, de perturbações do espectro esquizofrénico (SSD) ou de perturbações de humor sem características psicóticas (MD). Os resultados mostraram uma boa fidelidade intercotador, uma boa consistência interna com valores de alpha de 0.70 e de KR-20 de 0.30, o que demonstra adequada convergência entre as variáveis do PTI e o critério, comparáveis aos do índice de esquizofrenia (Hilsenroth et al., 1998, citado por Dao & Prevatt, 2006, pp. 186). As análises de validade mostram que o PTI consegue com sucesso, diferenciar os pacientes com perturbações de espectro esquizofrénico dos pacientes com perturbações do humor. Os pacientes com perturbação esquizofrénica têm resultados mais elevados nas variáveis de Qualidade formal negativa, relações implausíveis, pensamento ilógico ou circunstancial, e pensamento dissociado ou distorcido. Os pacientes com perturbações do humor (MD) têm resultados mais

² Tradução do autor

elevados nas variáveis de qualidade formal XA% e WDA% que indicam um menor peso da qualidade formal negativa (Dao & Prevatt, 2006, pp. 186).

2. 3. 5 Monitorização da Mudança na Psicoterapia

Muitos psicólogos realizam a monitorização do progresso em psicoterapia, comparando os resultados da avaliação psicológica no início da intervenção com os resultados da avaliação final. Nesta avaliação psicológica, o Rorschach pode ser um dos testes utilizados.

Weiner & Exner (1991) realizaram um estudo com a duração de quatro anos, envolvendo duas amostras de 88 sujeitos cada, os pacientes que receberam psicoterapia de longo prazo e a outra amostra de pacientes que receberam terapia de curto prazo.

Na intervenção de longo prazo, de orientação dinâmica, os pacientes eram vistos mais que uma vez por semana, no mínimo duas vezes por semana e em períodos curtos poderiam ter atingido quatro sessões por semana. A média do período de intervenção deste grupo, era de 48 meses com uma média de 2.35 sessões por semana (pp. 456). O Rorschach era aplicado no início da terapia, com três retestes, 12 a 14 meses depois, o segundo de 27 a 31 meses durante a intervenção em que 17% dos pacientes tinham terminado e o terceiro reteste entre 46 a 50 meses, quando 67% dos sujeitos tinham completado a terapia.

O grupo de terapia de curto prazo tinha sessões menos de uma vez por semana e todos tinham terminado a terapia, 16 meses depois do início. Os três retestes foram realizados como no grupo de longo prazo, a 12-14 meses, 27-31 e 46-50 meses, este último reteste acontecia 30 meses depois de todos os participantes terem terminado a intervenção.

Os resultados do grupo da psicoterapia de longo prazo, depois do primeiro reteste tinham melhores capacidades de lidar com as exigências da vida quotidiana, mais atentos às suas experiências e mais convencionais nas suas percepções, menos deprimidos, com melhor modulação emocional. Também se notava um aumento do comportamento introspectivo através de $FD > 2$. Este indicador diminuiu

significativamente no segundo teste, dois anos depois do início da terapia e houve uma melhoria em outros indicadores como a gestão do stress. Verificou-se uma diminuição significativa do estilo de resposta ambigüal no segundo reteste e a diminuição continuou no terceiro reteste, acompanhado por um aumento significativo do estilo introversivo (de 23% no início, para 45% no final dos quatro anos. O estilo extratensivo não sofreu grandes alterações, de 39% no início, para 46% no final dos quatro anos (Weiner & Exner, 1991). Antes do segundo reteste não houve alterações significativas em $D < 0$, $AdjD < 0$ e $EA < 7.0$. No terceiro reteste, dois anos depois do início da terapia, estes resultados melhoraram significativamente tanto em relação aos resultados do primeiro teste como, principalmente em relação ao primeiro reteste (12 -14 meses depois do início da terapia). A variável $\Lambda > 0.99$ diminuiu drasticamente entre o segundo e o terceiro reteste, passando a verificar-se apenas em 6% do grupo.

No grupo da terapia de curto prazo, verificou-se uma melhoria significativa mais rápida do que nos pacientes da terapia a longo prazo, obtendo também melhorias nas variáveis $EA < 7.0$ e $M- > 0$, mas no segundo reteste, ficaram atrás do grupo da terapia de longo prazo. Quatro anos depois do início da terapia, os dois grupos mostraram dez diferenças significativas a 0.01, tendo os membros do grupo de terapia de longo prazo os melhores resultados.

Exner & Andronikof-Sanglade (1992) realizaram um estudo com dois grupos de 35 pacientes cada, um grupo foi tratado com terapia breve, com uma média de 14.2 sessões, com uma sessão por semana. O outro grupo com terapia de curto prazo, média de 47 sessões com a frequência de uma sessão por semana.

Aos dois grupos foram aplicados o Rorschach e a *Katz Adjustment Scales - Form S*, três vezes. O teste foi antes do início da terapia, o primeiro reteste no final da intervenção e o segundo reteste 8 a 12 meses depois do segundo reteste.

Os resultados mostram uma melhoria no final do tratamento que se manteve até ao final do segundo teste.

Grønnerød (2004) conduziu uma meta-análise sobre a avaliação com o Rorschach após psicoterapia. O autor examinou a literatura sobre a avaliação, com o Rorschach, das variáveis que poderiam medir as mudanças pós psicoterapia. A meta-

análise incluía 38 amostras, nas quais a aplicação repetida do Rorschach permitia monitorizar a mudança durante o período de intervenção psicológica.

O primeiro estudo (Grønnerød, 2004) destinava-se a uma avaliação global da mudança, utilizou 29 amostras, com 1202 sujeitos em que os períodos de reteste variaram entre 6 semanas e 5 anos, com uma média de 18.7 meses.

Os resultados mostraram um tamanho de efeito (*effect size*) ponderado, para a mudança medida de $r = 0.26$. Em 32 variáveis de Rorschach, o tamanho de efeito ponderado da mudança, entre o teste e o reteste foi de $r = 0.29$, o que segundo Grønnerød está de acordo com os resultados de outros estudos sobre a medida de mudança em psicoterapia. A outra conclusão do autor é que o Rorschach produz um nível de validade equivalente a instrumentos baseados no auto relato ou na classificação clínica (Meyer & Viglione, 2008).

Grønnerød (2004) também realizou um segundo estudo para avaliar as influências moderadoras na mudança, com 38 amostras (as 29 amostras do estudo anterior e mais 9 amostras novas). As variáveis moderadoras de codificação eram a preocupação com a fidelidade intercotador, a cotação às cegas, o tipo de publicação, o período de teste e o peso da terapia (tipo de terapia, individual ou de grupo vezes o número de sessões por semana).

Os resultados das análises de regressão das influências moderadoras, mostram que a duração e a intensidade da terapia estavam associados a maiores mudanças de personalidade. Os resultados do Rorschach mostravam maiores mudanças nas psicoterapias mais longas, o que concorda com os resultados de Weiner & Exner (1991). A intensidade da terapia, o que equivale a mais terapia, produz mudanças mais saudáveis na personalidade. Os factores relacionados com a metodologia, o rigor com a fidelidade intercotador estavam associados a uma estimativa de maior mudança, contrariamente à cotação cega que produz menores tamanhos de efeito. Grønnerød explica este último resultado pelos efeitos de expectativa, apesar de obter bons resultados de fidelidade através de estatísticas conservadoras (Meyer & Viglione, 2008, pp. 294). Na análise deste estudo, Weiner (2004) afirma que Grønnerød utilizou uma

metodologia conservadora, que pode ter atenuado a medida da mudança e subestimado a capacidade de medição do Rorschach, neste tipo de avaliações (pp. 324).

2. 3. 6 A Validade das Variáveis Individuais do Rorschach

Uma das recomendações das conclusões de Meyer & Archer (2001), referia-se aos esforços de validação criativos em que incluía o estudo de variáveis do Rorschach pouco estudadas.

Segundo Mihura, Meyer, Dumitrascu & Bombel (2013), na última década, várias publicações deixaram recomendações para se avaliar as variáveis individuais do Rorschach (Hunsley & Bailey, 2001, Garb et al., 2005), o que requeria a planificação de um projecto muito complexo, dado que não se trata de avaliar a validade global do teste, mas a justificação científica das componentes individuais do Rorschach.

Mihura et al., (2013) realizaram a revisão das 65 variáveis principais, do Sistema Integrativo de Rorschach, agrupadas pelos *clusters*: Controles e stress situacional, Características afectivas, Percepção interpessoal, Auto percepção, Processamento de informação, Mediação cognitiva e Ideação.

Foram calculados 3074 coeficientes de validade do Rorschach, os efeitos foram obtidos de 215 amostras independentes, com uma amostra independente combinada de 25795 participantes. A maioria das amostras era de adultos (152), de crianças (10), adolescentes (31) e várias amostras de combinações de crianças, adultos e adolescentes (22). (Mihura et al., 2012, pp. 563).

Os resultados relativos à força da prova de validade das variáveis estão divididos em dois grupos: as variáveis de suporte forte e as variáveis menos suportadas (Mihura et al., 2013, p. 570). As variáveis são apresentadas segundo o grau de suporte: excelente, bom, modesto, pequeno e ausência de evidência (sem estudos).

As variáveis com maior validade são as que estão relacionadas com os processos cognitivos e perceptivos, isto é, o PTI e as suas duas componentes principais, Codificações Especiais Críticas e Forma Distorcida, têm os melhores coeficientes de

validade ($r_s = 0.38$ a 0.49), devido à sua capacidade de detectar e diferenciar doentes com perturbações psicóticas e doentes com outras perturbações.

Variáveis com provas de validade mediana ($r_s = 0.28$ a 0.37), relacionadas com recursos psicológicos e complexidade cognitiva: Lambda, Experiência Efectiva, Movimento Humano, EA-es, Rácio de Complexidade, Resposta Sintetizada e Frequência Organizacional.

Há duas variáveis com prova de validade que avaliam comportamentos impulsivos ou perigosos, o Rácio forma-cor ($r = 0.32$) que avalia a impulsividade emocional, e a Constelação suicida ($r = 0.41$) que avalia o risco de suicídio. Mihura et al., alertam para o facto de a constelação suicida positiva ter uma frequência muito baixa e os resultados elevados poderem dar a origem a muitos falsos positivos, aconselhando a utilizar medidas alternativas de predição de suicídio.

As variáveis que avaliam o "Sofrimento" (*Distressing*) ou os estímulos internos irritativos (Soma de sombreado) e a reacção ao stress situacional moderado ou grave (movimento inanimado) também têm suporte de validade. Segundo Mihura et al., estas variáveis têm uma relação fraca com os critérios introspectivos da avaliação da aflição ou da distração mental. A pessoa não reconhece o desconforto em si própria mas pode ser observado pelos outros.

Há três variáveis com forte suporte de validade, relacionadas com os conteúdos, o Movimento cooperativo, Mórbido, Anatomia e Radiografia.

As causas para a fraca prova de validade das variáveis com menor suporte, podem ser devido à inexistência de estudos, a prova de ausência de validade com resultados não significativos, níveis de validade fracos ou instáveis, com resultados significativos mas com coeficientes no quartil inferior da literatura de avaliação psicológica (Mihura et al.). As variáveis com menor prova de validade são as que têm menor ênfase interpretativo no manual: Movimento Animal, Movimento não Humano, Projecção da Cor, Movimento Humano sem Forma, Espaço Branco, Cor Pura, Índice de Egocentricidade, Eficiência de Processamento e as variáveis de Estilo de Coping.

Segundo Mihura et al., é difícil indicar os constructos psicológicos das variáveis com menor suporte, mas têm duas características, algumas têm frequências muito baixas

e a maioria não existiam nos sistemas de Rorschach anteriores ao Sistema Integrativo, o que diminui o número de estudos disponíveis para as meta-análises.

Neste estudo de Mihura et al., 13 variáveis têm excelente base de validade, 17 têm boa base, 10 têm base modesta, 13 têm base fraca ou inexistente e 12 não têm estudos de validade de constructo.

3. Conclusão

Pela revisão dos estudos sobre a validade do Rorschach podemos concluir que:

- O Teste de Rorschach dispõe de provas de validade semelhante às dos outros testes de personalidade e testes médicos e é válido na monitorização da evolução da mudança durante e após a psicoterapia.

- A maioria das variáveis principais do Sistema Integrativo têm prova de validade e existem 12 variáveis sem estudos que permitam avaliar a validade através de meta-análises.

- O Teste de Rorschach tem boa validade incremental com alguns critérios e menos boa com outros. A validade com critérios de diagnóstico das DSM, não é em geral brilhante, porque tais critérios estão relacionados com técnicas de auto relato. A validade é menor quando se utilizam como critérios os resultados de outros testes e muito mais forte quando é possível realizar correlações com variáveis de comportamento. O Rorschach tem acesso a informação do funcionamento psicológico dos indivíduos, inacessível aos instrumentos de auto relato e às entrevistas.

- O Rorschach é um teste multidimensional e a prova de validade deve ser obtida para cada uma das escalas, com os seus coeficientes de validade próprios que variam em função dos objectivos para os quais são usadas, devendo as escalas específicas ser correlacionadas com variáveis observáveis. Tem menos utilidade demonstrar a validade do teste na sua globalidade (Weiner, 2001).

- Tanto o Rorschach como os outros testes de avaliação da personalidade têm especificidades diferentes que se podem complementar e é aconselhável que os psicólogos utilizem uma metodologia de avaliação multimétodo.

- Além de demonstrar evidência de validade tanto na globalidade como nas suas diferentes escalas, o Rorschach tem utilidade nas áreas da clínica, forense e de comportamento desviante, educacional, organizacional, com crianças, adolescentes e adultos e até tem critérios de predição do sucesso futuro no treino das forças especiais navais da Noruega (Hartmann, Sunde, Kristensen & Martinussen, 2003).

Capítulo IV

Apresentação do Sistema Integrativo do Rorschach

1. O Sistema Integrativo De Rorschach (SIR)

Qualquer psicólogo que queira utilizar o Rorschach, dentro do quadro do Sistema Integrativo, deve ter uma formação específica, dado que a aplicação deste teste, é uma tarefa crítica, não só pela interacção com o cliente mas também pelo rigor do procedimento estandardizado que deve seguir.

Descrição sintética do processo de aplicação do Rorschach:

- Preparação do sujeito
- Fase de resposta
- Fase de inquérito

2. Aplicação do Teste

2. 1 Preparação do Sujeito:

Antes de administrar o Teste de Rorschach:

i) A Posição do Sujeito

A posição do sujeito e do examinador na aplicação do teste foi objecto de estudo, tendo-se considerado como mais adequada a do sujeito e o examinador sentados ao lado um do outro ou numa posição lateral num ângulo máximo de 90° (Exner, 1994. Pág. 63). Exner aconselha que se pode trabalhar numa mesa ou utilizar duas cadeiras ou sofás confortáveis com uma mesa baixa no meio.

A preocupação com a posição é justificada devido à influência involuntária que o psicólogo pode exercer sobre o sujeito com a emissão de sinais faciais, de postura ou outros.

Hermann Rorschach utilizou a posição lateral na sua investigação (Exner, 1994) o que segundo Exner parece demonstrar uma certa consciência do efeito potencial do examinador. Os investigadores que desenvolveram o Rorschach após a morte do seu autor modificaram a posição de acordo com a sua conceptualização do teste (Exner,

1994. Pág. 63). Klopfer e Hertz continuaram a utilizar a posição lateral. Piotrowski também aconselhava esta posição desde que não houvesse alteração relativamente à entrevista. Beck preferia sentar-se por trás do sujeito e Rapaport utilizava o frente a frente afirmando que esta era a posição mais natural para a entrevista e o exame (Exner, 1994. Pág. 63).

Quanto aos autores de língua francesa, Beizmann recomenda que o sujeito deve estar a sós com o psicólogo e sentado à sua esquerda sendo de evitar sempre o inconveniente do frente a frente (Beizmann, 1982, pág. 33). Rausch de Traubenberg aconselha a posição à esquerda e um pouco à frente do examinador (o que poderá dar um ângulo de 45°) e desaconselha vivamente a posição frente a frente, porque faz sentir ao sujeito que está numa situação de exame e sob uma vigilância muito forte, mesmo que esta pareça para muitos psicólogos a posição mais prática (Rausch de Traubenberg, 1990, pág. 12

Exner (1994) fez uma revisão dos estudos sobre a influência do examinador sobre o sujeito, durante a aplicação do Teste de Rorschach. Assim Coffin (1941) refere que o sujeito pode ser mais sensível à influência do examinador devido à ambiguidade e à novidade da situação Rorschach. Schachtel (1945, 1966/2001) foi, segundo Exner, um dos primeiros autores a fundamentar teoricamente esta questão, colocando o problema do exame no seu conjunto como uma situação de liberdade aparente e de controle, onde tem que se ter em consideração a influência da relação entre o examinador e o sujeito que, segundo Schachtel, tende a dar uma definição subjectiva da situação (Exner, 1994). Schafer (1954) deu uma grande importância à interação entre o sujeito e a dinâmica da situação. Segundo Exner nenhum destes dois autores afirmou que o rendimento do sujeito possa ser alterado devido à influência da relação examinador - sujeito. Exner menciona o estudo experimental de Lord, em 1950, que tentou verificar a influência do examinador através da utilização de três examinadoras que adoptavam atitudes diferentes, para o sujeito se sentir aceite e triunfante, fracassado e rejeitado e o procedimento normalizado de neutralidade afectiva. Trinta e seis sujeitos do sexo masculino foram submetidos a 3 administrações. Os resultados não foram conclusivos e apenas se pode verificar que as maiores diferenças se observaram entre os examinadores, independentemente do modelo de relação que utilizaram.

Os trabalhos de Baughman em 1951 e os de Gibby, Miller e Walker em 1953 têm conclusões que indicam a influência dos examinadores, através de padrões comuns de cada examinador nos resultados dos protocolos (Exner, 1994). O projecto de Masling em 1965 colocou “a hipótese de que o reforço não intencionado por parte dos examinadores poderia ser o principal factor subjacente e causador das diferentes respostas dadas pelos sujeitos a examinadores diferentes” (Exner, 1994. Pág. 64). Para o verificar, Masling planeou uma investigação com 14 estudantes de doutoramento sem experiência no Rorschach, que se ofereceram como voluntários para receber formação rápida. Os estudantes foram distribuídos aleatoriamente por dois grupos, que receberam as mesmas instruções, excepto que um foi contaminado com a ideia de que os peritos recolham mais protocolos com respostas humanas do que animais e o outro grupo com a ideia contrária. Utilizou-se um registo magnético para verificar se haveria condicionamento verbal. Os resultados mostraram diferenças entre os dois grupos no sentido previsto pela hipótese e não houve nenhuma prova de condicionamento verbal. O autor concluiu que os examinadores influenciaram os sujeitos através de sinais transmitidos por posturas, gestos ou expressões faciais (Exner, 1994)

Este trabalho de Masling foi repetido em 1976 por Exner, Leura e George (Exner, 1994) para “provar a influência da posição do examinador sobre os resultados do teste” (pág. 64). Os autores utilizaram para a aplicação do teste 24 estudantes voluntários divididos aleatoriamente em quatro grupos de seis. Destes quatro grupos dois usaram a posição frontal e os outros a posição lateral. Cada grupo de cada posição foi contaminado com a informação falsa de que os examinadores competentes obtêm mais respostas humanas e os outros grupos foram contaminados com a informação de que os examinadores competentes obtêm mais respostas de animal. Cada estudante examinou três sujeitos sendo realizada uma gravação vídeo. Os resultados mostraram que, nos grupos que utilizaram a posição frontal se verificaram diferenças em relação aos da posição lateral no sentido do que era esperado na proporção de respostas humanas e animais. A análise das gravações vídeo confirmou a hipótese de Masling de que os examinadores davam mais sinais posturais, gestuais e faciais quando os sujeitos davam respostas relacionadas com as contaminações transmitidas anteriormente aos examinadores. Nos dois grupos que utilizaram a posição lateral, observaram-se os

mesmos comportamentos relativamente aos sinais posturais, gestuais e faciais mas estes não se traduziram em diferenças na proporção de respostas humanas e animais (Exner, 1994).

Este trabalho de Exner e colaboradores permite concluir por um lado que as variáveis do Rorschach podem ser modificadas facilmente através de contaminações introduzidas no examinador ou no sujeito, nomeadamente os sinais de comportamento não verbal que o examinador transmite involuntariamente. Por outro lado, verifica-se que apesar destes comportamentos não verbais poderem ser emitidos por qualquer psicólogo-examinador, quando se utiliza a posição lateral a influência destes diminui significativamente, o que não acontece com a posição frontal.

Estes resultados vêm confirmar a escolha “correcta” feita pela maioria dos investigadores que utilizaram o Rorschach, nomeadamente o seu principal autor Hermann Rorschach. Cabe-nos destacar que, na experiência acumulada durante a execução deste projecto de investigação através da recolha de centenas de protocolos, a posição em que nos sentimos mais confortáveis perante o sujeito no que se refere à facilitação da aplicação do teste e ao suscitar de cooperação por parte daquele, num período de tempo muito reduzido, foi sempre a posição lateral. Num estudo anterior (Pires, 1987) utilizou-se com 10 sujeitos a posição frontal e a experiência não se mostrou satisfatória relativamente ao comportamento dos sujeitos pois estes estavam menos à vontade, o número de respostas foi mais reduzido e houve um aumento de F puro em detrimento de outros determinantes.

A nossa experiência, através da formação e supervisão de colaboradores permitiu-nos também verificar que quanto maior é a experiência e a competência na recolha de protocolos tanto mais facilmente o psicólogo consegue uma interacção de maior qualidade com o sujeito., Observa-se também uma maior probabilidade de que o número de respostas do protocolo esteja próximo dos valores médios (aprox. 20 respostas) sendo menos frequentes os sujeitos com um número de R inferior a 14.

ii) Apresentação do Teste

A apresentação do Teste de Rorschach ao sujeito antes da avaliação respeita as regras gerais das outras provas e os aspectos específicos foram bem explicitados por Exner nas suas obras (Exner, 2001).

Na nossa experiência verificámos que quando se apresentava o Teste de Rorschach como o *teste de manchas de tinta* ou vou mostrar-lhe umas *manchas de tinta* tal como Exner aconselha nos seus manuais, alguns sujeitos tinham tendência a dar respostas *manchas de tinta* em número bastante elevado, nomeadamente nos cartões em que havia alguma dificuldade em dar respostas ou em que se notava maiores resistências, principalmente nos cartões IV, VI e IX. Não podemos deixar de referir que, tal como Exner afirmou (Exner, 1980), a resposta mais objectiva em todos os cartões é *manchas de tinta*, pois, na realidade, o que está nos cartões são manchas, mas esse não é o objectivo deste instrumento, nem é esse tipo de respostas que os sujeitos habitualmente dão.

Esta constatação verificou-se durante a utilização do Rorschach no contexto clínico e também na primeira fase de recolha de protocolos para o projecto do estudo normativo na população portuguesa. Devemos mencionar que anulámos todos os protocolos recolhidos durante a primeira fase (Maio de 1990 a Outubro de 1991) pois existiam problemas durante a recolha devido à falta de experiência dos administradores e a dificuldades no domínio da técnica da sua recolha e cotação.

Depois de uma reflexão e de várias discussões com outros psicólogos sobre a substituição do termo, *manchas de tinta* na apresentação do Rorschach aos sujeitos, acabámos por substituir esse termo por *imagens*. Assim passámos a apresentar um *teste com imagens* e a mostrar *umas imagens* em vez de *manchas de tinta*. Com esta substituição de terminologia, deixámos de ter um número tão elevado de sujeitos a dar respostas *manchas de tinta*. Este tipo de respostas tornou-se relativamente raro e às vezes encontrámos em alguns sujeitos comentários no início da aplicação com o Cartão I, por ex. *são manchas de tinta!*, é um comentário exclamativo que não parece ser emitido como resposta pois de imediato o sujeito diz que vê uma borboleta, um morcego ou outro tipo de resposta.

A escolha do termo *imagem (ns)* em substituição de *manchas de tinta*, com o assentimento de Exner, foi feita porque aquilo que existe nos cartões são manchas de tinta mas também são imagens. Pareceu-nos que este último seria o termo mais correcto ou *menos mau* para substituir manchas de tinta que nos parecia influenciar demasiado as respostas de um número razoável dos nossos sujeitos. A explicação será talvez de natureza cultural, mas, neste momento, não temos nenhuma explicação que justifique por que o termo *manchas de tinta* produz aquele resultado.

iii) A Instrução

A aplicação do Rorschach inicia-se quando se entrega o Cartão I ao sujeito e dá a instrução: “O que poderia ser isto?”.

Esta instrução é a original de Hermann Rorschach. Nos cinco sistemas americanos apenas o de Klopfer adoptou a instrução de Rorschach traduzida para inglês como “What might this be?” (Exner, 1994). As instruções dos outros quatro sistemas eram diferentes e encorajavam o sujeito a dar um maior número de respostas que a instrução original de Hermann Rorschach. Por exemplo a instrução de Beck era “Diga-me tudo o que vê” (Exner, 1994).

No início dos anos 70, a Fundação Rorschach Workshops desenvolveu um projecto com uma base de dados de 835 protocolos enviados por 153 psicólogos em resposta a um pedido enviado a 600 membros da Divisão de Psicologia Clínica da APA (American Psychological Association). Havia protocolos recolhidos segundo a metodologia dos cinco sistemas e verificou-se que o número médio de respostas por protocolo variava segundo a instrução de cada sistema. O número médio de respostas variava desde 23.6 respostas com a utilização da instrução de Klopfer, 33.8 com a de Piotrowski a 36.4 com a instrução de Rapaport (Exner, 1994).

Exner (1994, pág. 30) constatava que “Também se verificou que as diferenças entre as instruções básicas utilizadas pelos diferentes sistemas do Rorschach produzem diferenças significativas na extensão média dos protocolos”. Segundo Weiner, Exner depois de ter estudado a metodologia utilizada pelos sistemas concluiu que a abordagem

utilizada originalmente por Hermann Rorschach era suficiente para produzir um protocolo adequado (Weiner, 1998a).

Exner & Weiner (1995, pág. 30) propõem uma ligeira modificação na instrução quando se aplica o Rorschach a crianças: “What might this be – What does it look like?”. Esta ligeira modificação compreende-se na medida em que houve intenção de a tornar mais compreensível pelas crianças.

Nina Rausch de Trautenberg (1990), que deu um enorme contributo para a sistematização do Sistema Francês de Rorschach, refere a instrução original de Rorschach “O que poderia ser isto?” como sendo a mais adequada, sem deixar de mencionar outro tipo de instruções mais longas e mais explícitas e aconselha uma certa flexibilidade no modo como se dá a instrução. Rausch de Trautenberg tenta elaborar o objectivo da instrução afirmando: “O objectivo das instruções é o de estimular o sujeito numa actividade que não lhe é familiar, dando-lhe uma impressão de liberdade e evitando induzir-lhe esta ou aquela maneira de fazer. Deste modo, impõem-se instruções impessoais, dadas no condicional e com o menos possível de precisão ...» (pp.12-13)

Em Portugal nós próprios durante a investigação preparatória do estudo normativo (Pires, 1987) que foi realizada com a metodologia do sistema francês de Rorschach, baseando-nos na perspectiva de Nina Rausch de Trautenberg utilizamos a instrução “*Para si o que poderia ser isto?*”. Silva (1986) com a introdução do Sistema Integrativo em Portugal traduz a instrução original de Rorschach adoptada por Exner: “*O que poderia ser isto?*”. Esta tradução da instrução é a mais adequada e é a versão utilizada em língua portuguesa com o Sistema Integrativo de Rorschach.

Esta instrução no condicional deixa liberdade ao sujeito (o que poderia...) sendo também precisa, simples, de fácil compreensão e a última parte da instrução (...ser isto?) dá uma espécie de chamada à realidade parecendo contrariar o condicional do início da instrução e ao mesmo tempo é a interrogativa mais comum quando se pergunta o significado de algo que não se conhece.

2. 2 A Fase de Resposta

A instrução “*O que poderia ser isto?*” desencadeia uma série de operações cognitivas complexas (Exner, 1996) a que Exner deu o nome de processo de resposta e que será examinado mais tarde em confronto com outras perspectivas.

Depois da instrução, inicia-se a aplicação propriamente dita do Teste de Rorschach, dividida em duas partes que habitualmente são denominadas de fase de resposta e inquérito.

Hermann Rorschach (1921, 1978) dividiu a aplicação em interpretação de imagens fortuitas e questionário. Mais tarde principalmente nos autores de orientação psicanalítica vemos a classificação em fase de associação livre e fase de Inquérito. A denominação Inquérito manteve-se constante em todos os autores ao longo das sete décadas de vida do teste de Rorschach. A denominação associação livre (free association em inglês) foi preferencialmente utilizada pelos autores de orientação dinâmica havendo uma relação directa entre a conceptualização do Rorschach como prova projectiva e a teoria psicanalítica. Na conceptualização da projecção nas técnicas projectivas (Pires, 1987) Anzieu (1976) chamou à aplicação do Rorschach “psicanálise condensada” (pág. 15).

Esta denominação de associação livre foi adoptada por grande número de utilizadores do Rorschach, tanto europeus como americanos.

Os autores que abordaram o Rorschach através de uma perspectiva diferente da psicanalítica como a perceptivo-cognitiva passaram a utilizar a denominação “fase de resposta” (response phase) (Exner, 1990, 1994) ou “Fase de associação” (association phase) (Acklin, 1996).

A intervenção do psicólogo, durante a fase de resposta, é mínima limitando-se a situações em que o sujeito apenas dá uma resposta no Cartão I para que o sujeito compreenda que pode produzir mais respostas. No caso de dar cinco respostas no Cartão I e não o entregar espontaneamente, o examinador recolhe o Cartão, para evitar os protocolos demasiado longos. Outro tipo de intervenção tem a ver com encorajamentos

em caso de desistência ou de recusa de resposta em algum cartão. As rejeições não são aceites e encoraja-se razoavelmente o sujeito, para que consiga encontrar alguma resposta nesse cartão.

Se, no final da fase de respostas, o sujeito não produziu pelo menos 14 respostas, o examinador repete esta fase, antes de iniciar o inquérito.

2. 3 A FASE de INQUÉRITO

O Inquérito é a parte mais exigente e mais complicada para o psicólogo, e tem lugar após a fase de respostas.

O grande objectivo do Inquérito é obter informação adicional suficiente para a codificação correcta das respostas, tal como foram elaboradas e relatadas verbalmente na fase de resposta e não se pretende que o sujeito produza material novo como por exemplo novas respostas. Apenas se pretende que o sujeito indique, de forma, clara *onde viu, como viu e o que viu*, isto é, apenas clarificar as respostas produzidas na fase de resposta. Para o psicólogo, não é fácil conseguir atingir este objectivo sem modificar a resposta original (Exner, 1994).

No Inquérito, é fundamental que o sujeito compreenda o que o psicólogo pretende. Para isso, este necessita de fazer a preparação do sujeito onde lhe vai explicar com clareza o que se vai fazer e qual o objectivo. Tendo em conta a especificidade de cada sujeito esta preparação vai-se realizar através de uma instrução enunciada por Exner (1994, 1996). O elemento mais importante da instrução de Inquérito é que o sujeito compreenda que o psicólogo quer ver o objecto (respostas) exactamente como o vê o sujeito (Exner, 1994).

Após verificar que o sujeito compreendeu o que se vai passar no Inquérito e o seu objectivo, o psicólogo dá início à fase de Inquérito propriamente dita lendo literalmente a primeira resposta do Cartão I.

Para realizar correctamente o Inquérito, o psicólogo precisa de dominar todas as regras de codificação, pois esta é a única forma de avaliar se a informação necessária para a codificação é suficiente e pode passar ao Inquérito da resposta seguinte.

O Rorschach é um teste, e como tal foi objecto de standardização tanto na sua aplicação, codificação das respostas e interpretação do protocolo como no estabelecimento de dados normativos. Esta standardização foi realizada no âmbito da elaboração do Sistema Integrativo por Exner e seus colaboradores, durante as últimas três décadas. Se o utilizador do Rorschach realizar uma alteração no *modus operandi* da recolha do protocolo deixa de utilizar o Sistema Integrativo pois a alteração não controlada adulterou toda a estrutura do Sistema e os resultados deixarão de ter a fiabilidade conseguida através de todo o esforço de investigação dentro do quadro do Sistema Integrativo.

Pela nossa experiência, como formadores e utilizadores do Teste de Rorschach, verificamos que é fundamental respeitar rigorosamente as regras de aplicação do teste e nunca é demais insistir em que os psicólogos mesmo que tenham algumas falhas de formação em algum tipo de codificação ou dificuldades na interpretação, têm que investir todo o esforço necessário para administrar correctamente este instrumento. Geralmente os psicólogos formandos no Sistema Integrativo, têm tendência, no início do programa de formação a considerar a administração do teste como sendo relativamente fácil e estarem motivados para a codificação e a interpretação. Tem que existir um esforço de formação acompanhado de um grande rigor na aplicação do teste. Se esta não for realizada correctamente, o protocolo estará irremediavelmente perdido por mais competências que o psicólogo possua na codificação das respostas e na interpretação dos resultados. Se a recolha do protocolo for realizada correctamente, a codificação e a interpretação poderão ser sempre corrigidas por um supervisor ou um colega mais experiente.

3. A Interpretação

A metodologia de interpretação dos resultados do Teste de Rorschach foi amplamente tratada por Exner (1991, 1995), por Sendín Bande (2007) e por Weiner (1998a, 1998b).

Desde o início da sua elaboração, o Sistema Integrativo teve como um dos seus objectivos principais basear-se numa perspectiva empírica relativamente à aplicação, à

codificação e à interpretação do Rorschach (Exner, 1980, 1994; Weiner, 1998a). Todo o edifício do Sistema Integrativo foi elaborado e justificado empiricamente (Weiner, 1998a). Apesar de Exner considerar o resultado do seu trabalho, um sistema empírico (Workshops, Atlanta 1992, Madrid 1995) e de poder ser utilizado com qualquer teoria ou modelo de personalidade, não deixou de dar alguma atenção à conceptualização do teste, considerando também que o Rorschach é demasiado rico para ser utilizado apenas no quadro de uma teoria psicológica.

Um dos aspectos mais curiosos do Sistema Integrativo é o de que o seu autor nunca teve a pretensão de apresentar um Sistema completo e perfeito. Em todas as conferências, workshops e seminários do Professor John Exner Jr. a que assistimos desde 1990, constatamos que o Sistema teve um bom desenvolvimento desde a sua primeira publicação em 1974 até hoje, que respondeu com sucesso a muitas das questões colocadas pelo Rorschach, mas que, devido à riqueza e complexidade deste instrumento, muitas questões ainda estão por responder e que, no futuro, possivelmente, aparecerão novas questões que hoje ainda desconhecemos.

Ao longo destas últimas duas décadas, de forma sistemática, dados novos resultantes de vários projectos de investigação e o progresso da sua conceptualização levaram a várias revisões na codificação das respostas e na interpretação do sumário estrutural.

3. 1 Estratégia de Interpretação

A interpretação tem como metodologia de base o cluster (classe de variáveis), que valoriza a relação entre as diferentes variáveis pois a interpretação de um grupo significativo de variáveis e as conclusões em determinada classe podem sofrer a influência dos valores de outras variáveis e/ou classe(s).

A interpretação baseia-se nos dados estruturais e permite avaliar a estrutura da personalidade tendo em complementaridade a avaliação da dinâmica da personalidade através da interpretação do conteúdo das respostas, podendo apoiar-se no modelo psicológico escolhido pelo psicólogo, segundo a sua competência profissional e a adequação ao caso clínico.

O Sistema Integrativo beneficiou de um desenvolvimento metodológico importante em 1991, através do agrupamento de variáveis em clusters e da estratégia de interpretação ser elaborada através de uma sequência estratégica baseada em variáveis chave e variáveis secundárias, em que a sequência de clusters é organizada conceptualmente segundo a sua importância (Exner, 1991).

3.2 As Classes

Uma análise formal de classes (Weiner, 1998a) permitiu identificar sete grupos de variáveis inter correlacionadas:

- O controle de comportamento e a tolerância ao stress: relacionado com os recursos psicológicos disponíveis do sujeito para enfrentar (lidar com) a sua experiência e gerir o stress.
- O stress situacional: quando ocorre, é um estado psicológico que afecta o indivíduo temporariamente, podendo ter uma origem ideativa, emocional ou difusa.
- O afecto: este agrupamento está relacionado com o modo como as pessoas lidam com as situações emocionais e como vivem e exprimem os sentimentos.
- A percepção de si próprio: tem a ver com o modo como as pessoas se vêem a si próprias.
- A percepção interpessoal e as relações: o modo como as pessoas se relacionam com os outros.
- O processamento de informação: como as pessoas prestam atenção ao seu mundo.
- A mediação cognitiva: o modo como os indivíduos percebem os objectos a que dão atenção.
- A ideação: como as pessoas pensam sobre o que percebem.

Além da análise destas oito classes de variáveis estruturais correlacionadas, que avaliam sete componentes do funcionamento da personalidade, (Weiner 1998a), Exner (1991) indica que a análise temática dos conteúdos das respostas, especialmente as que envolvem projecção, é um complemento importante à análise das variáveis estruturais de cada classe, quando existem respostas com essas características. Assim, a análise temática das respostas com movimento humano, pode ser realizada tendo em conta a projecção de características relacionadas com a auto imagem no cluster da auto-percepção, mas se essas respostas forem analisadas no cluster da percepção interpessoal, a análise tem em conta o objectivo desta classe.

A decisão de incluir a análise temática das respostas surge com a definição das características da resposta em que se pode verificar a existência de projecção, nomeadamente todas as respostas com movimentos, distorções perceptivas e embelezamentos (temas de morbidez, agressão, cooperação etc.) (Exner, 1989).

Segundo Weiner (1998a), desta metodologia de “clustering” das variáveis estruturais e temáticas, podem-se retirar duas implicações conceituais importantes: esta abordagem, para interpretar o Rorschach, preocupa-se em descrever a pessoa e aspectos da sua personalidade em vez de se concentrar apenas no resultado dos testes. Para Weiner (1998a) “a interpretação tradicional do Rorschach trata o protocolo com questões centradas no teste, relativo a como o sujeito lida com a cor, que nível formal é, se o protocolo inclui alguma imagística temática...” (pág. 223). Weiner (1998a) apresenta em contraste, que os psicólogos que utilizam uma abordagem dos resultados baseada em clusters organizam a interpretação em volta da questão “O que é que este protocolo de Rorschach indica sobre como o sujeito provavelmente gere o stress e lida com as relações interpessoais”. Esta abordagem centra-se na pessoa, nas suas características de personalidade e pode fornecer um guia muito útil para a comunicação dos resultados e a sua utilização eficiente na planificação da intervenção que eventualmente seja necessária (Weiner, 1998a).

A segunda implicação conceptual da interpretação do protocolo, baseada no sistema de clusters permite uma análise integrada dos dados estruturais e dos dados temáticos (Weiner, 1998a). Segundo Weiner (1998a) quase todos os sistemas de Rorschach, incluindo o Sistema Integrativo antes de 1991, utilizavam uma abordagem

segmentada da interpretação. Partir-se-ia de uma análise do sumário estrutural, depois a sequência de cotações e finalmente a leitura da resposta para identificar as implicações da imagética temática do protocolo. Apenas Shafer (1954) não utiliza esta segmentação dos dados tentando analisar em conjunto os aspectos estruturais e temáticos das respostas.

A grande mudança no processo de interpretação do Sistema Integrativo deu-se em 1991. Além de se ter dado importância às funções ou variáveis de personalidade em vez das características do teste, passou a haver uma concentração ao nível de cada cluster, da análise dos dados relevantes para as funções da área desse cluster, tanto ao nível dos dados estruturais como temáticos.

Existe uma análise sequencial, estabelecendo uma ordem de prioridade de clusters específica de cada protocolo e a análise sequencial também existe dentro de cada cluster integrando tanto os dados estruturais como temáticos.

Em vez de realizar uma análise de rotina, em que se faria a exploração das mesmas variáveis ou dos clusters segundo a mesma ordem, o Sistema Integrativo orienta o tratamento dos dados, segundo as características específicas de cada protocolo, tendo em consideração um sistema de prioridades relativamente a variáveis críticas. Por exemplo, se houver indícios de perturbação do pensamento, as variáveis a analisar em prioridade serão as relacionadas com as perturbações do pensamento, nomeadamente a capacidade de pensar logicamente e de forma coerente. Neste caso, o cluster mais importante e que será analisado em primeiro lugar será o da ideação, em que se procurará verificar se o nível de perturbação do pensamento permite suportar a hipótese de esquizofrenia ou de perturbação de pensamento provocado por outra causa que não a psicose. A ordenação das classes restantes será realizada na ordem do mais importante para o menos importante. No caso de haver suspeita de perturbação emocional, aí serão as variáveis relacionadas com a afectividade a explorar prioritariamente. Além de haver um grupo de variáveis primárias como sendo as mais importantes no caso da existência de patologia, existe também uma lista de variáveis terciárias menos relacionadas com a patologia e representando mais a variabilidade de comportamentos de pessoas normais.

Com os dados estruturais e temáticos agrupados em dada classe, e se em todos os protocolos se interpreta a totalidade dos sete clusters, poder-se-ia aceitar que a interpretação se iniciasse com qualquer classe e continuar sem grande preocupação com essa sequência, porque no final teremos sempre a totalidade da interpretação do protocolo. A interpretação rotineira ou ao acaso é menos eficiente do que a exploração tendo em consideração os aspectos mais salientes directamente relacionados com as hipóteses que estiveram na base da estratégia de avaliação.

A estratégia de interpretação do Rorschach baseia-se num grupo de variáveis chave e noutro de variáveis terciárias. As variáveis chave são consideradas as mais importantes em termos de gravidade de perturbação aparecendo em primeiro lugar $PTI > 3$ (índice de pensamento "perceptual" - indicador de perturbação do pensamento) e a segunda variável chave é $DEPI > 5$ e $CDI > 3$ (Índice de Depressão positivo e Défice de Confrontação). O valor de $DEPI > 5$ indica alguma gravidade, pelo menos levanta seriamente a hipótese de um estado depressivo, enquanto $DEPI = 5$ pode indicar apenas a existência de uma perturbação afectiva mas que pode não ser uma depressão. Para qualquer protocolo, através das variáveis chave ou das terciárias, será sempre encontrada uma estratégia de interpretação específica com uma seriação dos clusters segundo a sua importância relativa para aquele protocolo.

Na maior parte dos protocolos, a variável chave inicial indica os aspectos mais importantes do protocolo. Como as variáveis chave estão ordenadas em termos de prioridade, a primeira variável chave do protocolo acaba por ter algumas implicações em termos de diagnóstico. Segundo Weiner (1998a) temos um agrupamento de variáveis em três categorias. Assim, o primeiro grupo, $SCZI > 3$ (alterado posteriormente para $PTI > 3$), $DEPI > 5$ e $D < AdjD$, estão associados respectivamente com perturbações sintomáticas relacionadas com a esquizofrenia, o espectro de perturbações afectivas e perturbações relacionadas com a ansiedade. O segundo grupo, $CDI > 3$, $AdjD < 0$, $\Lambda > 0.99$ e $Reflexos > 0$ tende a identificar orientações de desenvolvimento inadaptado ou caracterológico. O terceiro grupo é formado pelas variáveis chave restantes e as terciárias, desde que no protocolo não haja nenhuma das sete variáveis dos dois grupos anteriores, tendem a identificar preferências de personalidade ou variações dentro da amplitude da normalidade.

Weiner (1998a) afirma que, clinicamente, as pessoas com perturbações sintomáticas em remissão podem mostrar, numa primeira abordagem, problemas caracterológicos, que as pessoas com problemas de desenvolvimento ou perturbações de personalidade podem responder a situações de stresse com sintomas de ansiedade e depressão e que as fronteiras entre estados de funcionamento psicológico normal ou patológico são muito imprecisas e permeáveis.

Como foi afirmado anteriormente, na análise de cada classe serão tomados em consideração os dados estruturais, os dados temáticos e a história de vida do sujeito. A interpretação de um protocolo não se pode realizar sem ter em consideração as características do indivíduo que o produziu, o mais importante não é a interpretação *per se*, mas que as conclusões da interpretação sejam úteis para compreender a situação específica de determinado indivíduo em termos psicológicos.

Após se ter estabelecido a estratégia de interpretação, através da ordenação prioritária dos *clusters*, realiza-se a interpretação de cada um destes, através de um sistema sequencial, por passos, em que as variáveis são interpretadas por ordem decrescente de importância, em que os dados temáticos estão integrados com os estruturais.

A interpretação de um protocolo Rorschach permite realizar uma boa descrição do funcionamento psicológico, integrando os dados estruturais, os dados temáticos, os dados de observação directa, informação da história de vida e informação relevante de outras fontes, nomeadamente resultados de outros testes. A integração de toda esta informação, após conceptualização psicológica, permite a formulação de conclusões descritivas, essenciais para a compreensão do funcionamento psicológico, o de prioridades para a mudança e a planificação de uma intervenção, se for necessária.

Pela nossa experiência, não nos deparamos com o que alguma crítica refere como *patologização* dos resultados, provocada pelas normas e metodologia de análise do Sistema Integrativo. Habitualmente, os resultados do Rorschach, neste Sistema, correlacionam-se com a observação ou descrição do comportamento. Quando aparece alguma informação contraditória, se os resultados forem suficientemente questionados,

obtemos uma resposta muito rica, que permite uma boa descrição do funcionamento da personalidade.

Capítulo V

Estudo Normativo - Metodologia

1. METODOLOGIA

1.1 Introdução

A planificação e condução do estudo normativo do Teste de Rorschach constituem tarefas complexas que requerem muito investimento. Após a escolha das variáveis demográficas, do cálculo da amostra e da distribuição, temos pela frente duas tarefas importantes: a primeira refere-se à definição de uma estratégia adequada de contacto dos potenciais sujeitos da amostra, em cada região, tendo em conta as diferenças regionais e sócio-cultural; a segunda respeita ao rigor do modo de aplicação do teste, quer na observância da sua técnica estandardizada de aplicação, quer e principalmente na sua preparação com indivíduos normais desconhecidos em situação de investigação. Com efeito, nesta situação, distinta da situação clínica em que o cliente pede ajuda, o examinando é alguém que acedeu a um pedido do examinador-investigador.

Aos psicólogos que aplicam o Teste de Rorschach, segundo o SIR, é-lhes exigida uma sólida formação e experiência no Sistema, além de capacidades de relacionamento interpessoal com indivíduos que poderão ter uma experiência de vida e um fundo cultural muito diferentes. Assim, no caso de populações rurais com baixa escolaridade, com pronúncia e vocabulários diferentes das zonas urbanas, sabemos que o primeiro contacto pode ser difícil, dadas as diferenças interindividuais que se manifestam. Assim disso, as populações rurais podem sentir alguma desconfiança ao ouvirem falar de um trabalho de investigação, mostrando muita dificuldade em compreender, principalmente a utilidade da sua participação ao tentar ver "coisas" em cartões com manchas de tinta.

Quanto à metodologia de contacto e escolha dos indivíduos da amostra, o que se encontra na literatura não parece o indicado para utilizar no nosso contexto sócio-cultural, tendo em conta as especificidades de aplicação do Teste de Rorschach, muito diferentes das de um teste de "papel e lápis". Foi necessário experimentar algumas estratégias até se encontrarem as mais adequadas, como adiante se especificará.

As dificuldades surgem no contacto e na escolha dos sujeitos da amostra, na escolha dos locais de aplicação, no tipo de retribuição ou outro tipo de reconhecimento,

porque tais decisões dependem das disponibilidades e adaptação do autor do estudo e seus colaboradores aos contextos sócio-culturais. Os condicionalismos sócio-culturais podem variar em função do país, da região e dos grupos e o seu tratamento adequado depende das competências profissionais e da sensibilidade dos autores deste tipo de estudos.

Em cada país, região, cidade ou aldeia, pode ser mais fácil ou mais difícil, contactar pessoas que aceitem participar num projecto de investigação e pode ser necessário realizar esse contacto tendo em conta as particularidades específicas de uma comunidade ou dos diferentes grupos que a compõem.

Este trabalho no terreno torna-se tão ou mais exigente do que o trabalho de “gabinete” para a planificação e a organização metodológica. As estratégias de contacto de sujeitos ganharam eficácia, após algumas tentativas que permitiram ganhar experiência no terreno.

Um dos maiores problemas surgidos no início da recolha de dados, foi o do elevado número de protocolos anulados, devido a problemas na aplicação ou situação do sujeito.

Os procedimentos técnicos para a aplicação do teste de Rorschach são os indicados nos manuais do Sistema Integrativo (Exner, 2001), que são ensinados nos programas de formação e aplicados da mesma forma em todos os países em que psicólogos devidamente formados utilizam este Sistema.

O domínio destes procedimentos técnicos faz parte da formação adequada dos psicólogos e *per se* não constituem problema. O que é mais valorizado nos psicólogos, além da preparação técnica, são as qualidades humanas que permitem estabelecer uma boa relação com o sujeito, num período de tempo relativamente curto, para que a aplicação do teste decorra sem resistências e se possível em ambiente descontraído.

2. Constituição da Amostra

Para calcular uma amostra representativa da população adulta, residente em Portugal, utilizamos o Recenseamento da População – Censos 91 (INE, 1993).

Posteriormente, para a variável nível de escolaridade em jovens adultos, actualizamos os dados com o Censos 2001 (INE, 2002). Tivemos em consideração as variáveis de sexo, idade, nível de escolaridade e região de residência.

i) Sexo

Procurou-se que houvesse um número igual de homens e de mulheres apesar de no Recenseamento o número de mulheres ser ligeiramente superior (homens = 48,2%, mulheres = 51,8%). Esta preocupação com a distribuição equilibrada entre os géneros, foi tida em consideração com as variáveis demográficas de grupos etários, nível de escolaridade e região de residência.

Num total de 309 protocolos válidos, recolhemos 155 (50%) de homens e 154 (50%) de mulheres.

ii) Grupos etários

Como o objectivo deste trabalho era a realização do estudo normativo do Teste de Rorschach na população adulta portuguesa, considerámos a idade adulta a partir dos 18 anos, o que corresponde à regulamentação legal, sem limite nos escalões etários mais elevados, desde que fosse possível recolher correctamente os protocolos.

Foram considerados seis grupos etários dos 18 aos 65 anos e mais de idade. A amplitude etária para a população adulta e a divisão em grupos etários foi a adoptada por Exner, (1993) no estudo normativo dos Estados Unidos. O primeiro grupo abrange as idades dos 18 aos 25 anos. Dos 26 aos 65 anos, cada grupo etário tem uma amplitude de 10 anos e o último grupo integra todos os indivíduos com mais de 65 anos.

A distribuição da população portuguesa e respectiva percentagem por grupos etários, segundo os dados do Recenseamento de 1991, é a seguinte: 18-24 = 14,9%, 25-34 = 19,3%, 35-44 = 17,6%, 45-54 = 15,3%, 55-64 = 14,8%, 65-74 = 11,0% e 75+ = 7,2%.

A distribuição da amostra por grupo etário não corresponde exactamente à da população, os grupos mais idosos estão menos representados, porque têm mais dificuldade em aceitar a aplicação do Teste de Rorschach. Houve também mais dificuldade em recolher correctamente protocolos no grupo dos idosos e foi nestes grupos onde se eliminaram a maior quantidade de protocolos.

Dos 18 aos 45 anos, recolhemos uma maior percentagem de protocolos do que os dados do Censos de 1991, no grupo etário dos 46-55, temos uma proporção de protocolos, equivalente aos resultados do Censos (ver Quadro 1).

Quadro 1 - Variáveis Demográficas (N = 309)

<u>SEXO</u>			
Masculino155		50%
Feminino154		50%
<u>IDADE</u>			
18-25 74		24%
26-35 81		26%
36-45 71		23%
46-55 46		15%
56-65 28		9%
+ 65 9		3%
<u>EDUCAÇÃO</u>			
Menos de 7	. 102		33%
7-9 Anos 69		22%
10-12 Anos	.. 77		25%
13+ Anos 61		20%
<u>ESTADO CIVIL</u>			
Solteiro 84		27%
União de facto	. 2		1%
Casado 201		65%
Separado 6		2%
Divorciado 10		3%
Viúvo 6		2%
Não classif. 0		0%

iii) Nível Educacional

Inicialmente, pensámos utilizar, como critério de constituição da amostra, os níveis sócio-profissionais. A sua classificação, porém, dava origem a um grande número de subgrupos, o que levantava alguns problemas estatísticos além de que, para assegurar a representatividade de cada grupo, impunha-se uma amostra bem maior do que a que foi calculada. Dada a morosidade e complexidade da recolha de protocolos do Teste de Rorschach, seria necessário mobilizar maior quantidade de meios humanos e financeiros.

Após devida ponderação e tendo em conta que o nosso teste visa, antes de mais, a avaliação da personalidade, decidimos tomar, como critério de constituição da amostra, o nível de educação formal em substituição dos níveis sócio-profissionais. Esta decisão pragmática justifica-se por duas razões:

1- Para a maioria da população, o nível de educação formal, permite o acesso a uma função profissional ou a um nível mais elevado de formação. O nível sócio-profissional aumenta com a escolaridade, excepto nos casos de “self made men” ou “self made women”. A escolaridade como ascensor social, permitiu nas décadas de 60 e 70, uma melhoria do nível sócio-cultural a um número importante de indivíduos.

2- O protocolo do Teste de Rorschach é essencialmente constituído por material verbal, elaborado a partir da percepção visual do sujeito sobre as manchas dos cartões e cada sujeito mostra as suas competências verbais ou de comunicação quando produz as respostas neste teste. Poder-se-à colocar a hipótese que na maioria dos indivíduos, as capacidades de elaboração e de expressão verbal, a comunicação, e o à vontade na situação de aplicação do teste poderá ser influenciada pelo nível de escolaridade ou de formação profissional ulterior. Por experiência, sabemos que os indivíduos com baixo nível educacional, quando adultos, deixaram a escola há muitos anos e não estão habituados ou familiarizados com situações de avaliação formal, o que poderá dificultar o seu “à vontade” com que poderão estar neste tipo de situações.

Tendo em conta estes aspectos enunciados, Assim, optou-se por uma divisão em três níveis de escolaridade: o básico, correspondendo à escolaridade obrigatória de 0 a 6 ou de 0 a 9 anos de acordo com os grupos etários (0-6 anos para indivíduos com idade superior a 30 anos ou 0-9 para os mais jovens), o nível secundário, que termina ao fim de 12 anos de escolaridade e o superior, com 13 ou mais anos de escolaridade, correspondendo à frequência ou obtenção de graus universitários.

Quadro 2 - Níveis educacionais nos Censos de 1991 e 2001 para a população adulta e para o grupo etário dos 18-24 anos.

<i>Anos de educação</i>	<i>Censos 1991</i>	<i>Censos 2001</i>	<i>Grupo etário 18-24 - Censos 1991</i>	<i>Grupo etário 18-24 - Censos2001</i>
Inf. 7 anos	73,0%	59,5%	47,2%	19,6%
7-12 anos	18,5%	26,1%	39,8%	52,2%
13+ anos	8,5%	14,4%	13,1%	28,2%

O Recenseamento de 1991 (Censos 91) (Quadro 2) mostrou, na população adulta, a seguinte distribuição por níveis de escolaridade: 0-6 anos = 73%, 7-12 anos = 18.5% e 13 + anos = 8.5%. Contudo, no grupo etário dos 18-24 anos, a distribuição é muito diferente: 0-6 anos = 47.2%, 7-12 anos = 39.8% e 13 + anos = 13.1%. Como se pode verificar, a maioria dos indivíduos do grupo etário 18-24 anos, tem mais de 7 anos de escolaridade, o que demonstra a progressão da escolaridade, principalmente nos grupos de jovens adultos.

Tendo em conta estes dados demográficos e considerando a representatividade mínima para cada um dos grupos de escolaridade, decidimos que o nível básico representaria 50% da amostra, o nível secundário 30% e o nível superior 20%. Os protocolos recolhidos considerados válidos correspondem a 44% de indivíduos com o nível básico, o nível secundário 36% e o superior 20%.

No grupo de escolaridade básico verificou-se alguma dificuldade em recolher protocolos válidos, devido a desistências, alguns protocolos com rejeições de cartões e problemas de clarificação durante o inquérito.

Se considerarmos apenas os anos de escolaridade, temos com escolaridade inferior a 7 anos = 33%, de 7 a 9 anos = 22%, de 10 a 12 anos = 25%, de 13 e mais anos = 20%.

Mais tarde, depois de termos concluído a constituição da amostra e após termos concluído a recolha dos protocolos, tivemos acesso aos dados do Recenseamento de 2001 (Censos 2001) (Quadro 2), onde se verifica que a tendência de aumento do nível de escolaridade na população adulta em geral e nos grupos de jovens adultos, torna-se mais evidente com este último Recenseamento, quando se comparam os resultados sobre escolaridade entre os dois Recenseamentos.

Assim os resultados do Censos 2001 mostra para a população adulta em geral, uma distribuição de 0-6 anos = 59.5%, 7-12 anos = 26.1% e 13 + anos = 14.4%. Para o grupo etário 18-24, os 0-6 anos = 19.6%, 7-12 anos = 52.2% e 13 + anos = 28.2%. A população feminina tornou-se cada vez mais numerosa entre os estudantes do ensino superior, constituindo a maioria em quase todos os cursos.

Quadro 3 - Amostra nacional.

REGIÕES	GRUPOS ETÁRIOS																			
	18-25			26-35			36-45			46-55			56-65			66-70				
	Bas	Sec	Su p	Bas	Sec	Su p	Bas	Sec	Su p	Bas	Sec	Su p	Bas	Sec	Su p	Bas	Sec	Su p	Total	
Interior Norte	4	5	2	6	3	3	4	3	3	4	3	2	4	1	1	1	1		50	
G. Porto	12	10	5	13	10	6	12	5	1	8	3								85	
Litoral Centro	2	4	1	4	3	2	4	4	3	1	2	2	2		1	1		1	37	
G. Lisboa	2	8		3	5	4	5	6	3	3	1		3		1				44	
Interior Sul	4	2	2	3	3	2	3	4	1	4	3	1	2	2	1	2		1	40	
Litoral Sul	4	5	2	3	5	3	3	4	3	4	4	1	6	2	2	1		1	53	
Total	28	34	12	32	29	20	31	26	14	24	16	6	17	5	6	5	1	3	309	

Quadro 4 - Amostra do Interior Norte.

INTERIOR NORTE													
	GRUPOS ETÁRIOS												
	18-25		26-35		36-45		46-55		56-65		66-70		
Sexo	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	Total
Básico	3	1	4	2	2	2	2	2	1	3	1	0	23
Secundário	1	4	1	2	1	2	1	2	1	0	1	0	16
Superior	1	1	1	2	1	2	1	1	0	1	0	0	11
Total	5	6	6	6	4	6	4	5	2	4	2	0	50

Quadro 5 - Amostra do Grande Porto.

GRANDE PORTO													
	GRUPOS ETÁRIOS												
	18-25		26-35		36-45		46-55		56-65		66-70		
Sexo	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	Total
Básico	7	5	7	6	6	6	5	3	0	0	0	0	45
Secundário	4	6	5	5	2	3	3	0	0	0	0	0	28
Superior	3	2	3	3	1	0	0	0	0	0	0	0	12
Total	14	13	15	14	9	9	8	3	0	0	0	0	85

Quadro 6 - Amostra do Litoral Centro.

LITORAL CENTRO													
	GRUPOS ETÁRIOS												
	18-25		26-35		36-45		46-55		56-65		66-70		
Sexo	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	Total
Básico	0	2	2	2	1	3	0	1	0	2	1	0	14
Secundário	2	2	1	2	1	3	0	2	0	0	0	0	13
Superior	0	1	1	1	1	2	1	1	0	1	1	0	10
Total	2	5	4	5	3	8	1	4	0	3	2	0	37

Quadro 7 - Amostra da Grande Lisboa.

GRANDE LISBOA													
	GRUPOS ETÁRIOS												
	18-25		26-35		36-45		46-55		56-65		66-70		
Sexo	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	Total
Básico	2	0	3	0	5	0	3	0	3	0	0	0	16
Secundário	5	3	3	2	2	4	0	1	0	0	0	0	20
Superior	0	0	1	3	1	2	0	0	1	0	0	0	8
Total	7	3	7	5	8	6	3	1	4	0	0	0	44

Quadro 8 - Amostra Interior Sul.

INTERIOR SUL.													
	GRUPOS ETÁRIOS												
	18-25		26-35		36-45		46-55		56-65		66-70		
Sexo	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	Total
Básico	2	2	1	2	2	1	2	2	1	1	1	1	18
Secundário	1	1	1	2	1	3	1	2	1	1	0	0	14
Superior	1	1	1	1	0	1	1	0	0	1	1	0	8
Total	4	4	3	5	3	5	4	4	2	3	2	1	40

Quadro 9 - Amostra Litoral Sul.

LITORAL SUL													
	GRUPOS ETÁRIOS												
	18-25		26-35		36-45		46-55		56-65		66-70		
Sexo	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	Total
Básico	2	2	1	2	2	1	2	2	2	4	1	0	21
Secundário	2	3	3	2	1	3	2	2	2	0	0	0	20
Superior	1	1	2	1	2	1	0	1	1	1	1	0	12
Total	5	6	6	5	5	5	4	5	5	5	2	0	53

iv) Região de residência

Dividiu-se o país em seis regiões: Interior norte, Litoral norte (incluindo o Grande Porto), Centro, Grande Lisboa, Interior sul e Litoral sul. As três regiões do litoral têm uma predominância de zonas urbanas onde se concentra a maioria da população e se encontram os principais centros populacionais. Nas três regiões do

interior, existe uma predominância de áreas rurais com pequenas zonas urbanas, correspondendo a pequenas cidades.

Em quatro das seis regiões, excepto Porto e Lisboa, procurou-se ter uma proporção razoável de sujeitos residentes em zonas rurais, onde as principais actividades eram a actividade agrícola e doméstica. Em todas as quatro regiões, a população residente em vilas e cidades era maioritária relativamente à residente em aldeias.

Tentou-se sempre recolher número previsto de protocolos nas zonas rurais, o que nem sempre se logrou alcançar dado o menor número de habitantes, a menor aceitação para participar no projecto e o predomínio de uma população envelhecida. A proporção de sujeitos entre zonas rurais (aldeias) e zonas urbanas (vilas e cidades, em cada uma das quatro regiões, nem sempre foi conseguida (ver Quadros 3 a 9).

Indicam-se a seguir o número de protocolos válidos recolhidos em cada uma das seis regiões consideradas:

Quadro 10 - Participantes por região

Interior Norte	50
Grande Porto	85
Litoral Centro	37
Grande Lisboa	44
Interior Sul	40
Litoral Sul:	53
Total	309

v) Patologia *versus* normalidade

Inicialmente levantou-se a questão da patologia. O estudo normativo não pretende fixar normas rígidas, mas apenas obter resultados que permitam a percepção dos resultados reais e não necessariamente ideais de uma determinada população. Pode ser aceitável ter na amostra um determinado número de indivíduos com patologias e até se poderá respeitar na amostra a proporção de acordo com os dados estatísticos

conhecidos. Isto obrigaria à constituição de uma amostra muito grande para se conseguir ter subgrupos representativos de cada uma das patologias.

A outra opção é obter os resultados através de uma amostra representativa de indivíduos ditos normais ou caracterizados como não pacientes e realizar um estudo posterior com grupos de diferentes patologias suficientemente representativos. A vantagem desta opção seria a de se poderem obter resultados representativos dos indivíduos com diferentes patologias e poder comparar os resultados entre os diferentes grupos e com os da amostra de indivíduos não pacientes.

Exner (1993), no estudo normativo da população dos E. U. A., optou por constituir uma amostra normativa de não-pacientes e amostras de doentes deprimidos e de doentes esquizofrénicos.

Decidimos constituir uma amostra de indivíduos não-pacientes para se obterem os dados normativos e deixámos em aberto a opção, de, no futuro, se constituírem amostras por patologias, permitindo comparar os seus resultados com os dados da amostra de não-pacientes.

Para controlar esta variável patologia *versus* normalidade optou-se pelo critério de o sujeito não ter seguido nenhum tipo de intervenção psiquiátrica ou psicológica nos dois últimos anos e que, ao mesmo tempo, revele estabilidade na sua vida pessoal, familiar e profissional. Esta condição foi controlada em todos os sujeitos da amostra na entrevista inicial. Excepcionalmente, em alguns casos, essa informação só foi fornecida após a administração do teste.

Consideramos demasiado restritivo limitar a recolha de dados a quem nunca precisou de uma consulta psicológica ou psiquiátrica. Com efeito, no caso de a intervenção ter sido eficaz, provavelmente esse indivíduo pode ter um funcionamento psicológico mais equilibrado do que o daqueles que nunca foram a uma consulta da especialidade e poderiam até necessitar de intervenção. Para além disso, as questões sobre a normalidade e a eventual patologia são bastante polémicas e torna-se difícil definir com exactidão e com indicadores objectivos o funcionamento psicológico “normal”, dado existir uma quantidade enorme de variáveis não só individuais como ambientais, situacionais, sociais etc, que seria difícil controlar.

Em alguns congressos internacionais, tem havido discussões sobre questões metodológicas, relativamente à selecção de sujeitos para a constituição de amostras de estudos normativos, surgindo questões sobre a classificação de sujeitos normais e de sujeitos não pacientes. A questão que se levanta está sempre relacionada com os critérios objectivos para definir os sujeitos normais. Muitos investigadores, apelando ao bom senso, pensam que se o sujeito não está afectado por doença mental ou por doença física incapacitante, podendo ser considerado não paciente e se não houver indícios de instabilidade desde há pelo menos dois anos, o seu funcionamento psicológico traduzido em comportamentos poderá ser idêntico ao que as nossas sociedades consideram como sendo o funcionamento de uma pessoa normal.

3. Procedimento

No início do projecto, a maior dificuldade estava relacionada com o contacto e selecção dos sujeitos da amostra. Para indivíduos que nunca foram objecto de uma avaliação psicológica, aceitar a aplicação de um teste psicológico sem existir uma necessidade pessoal, com um psicólogo desconhecido, poderá não ser muito evidente para a maioria das pessoas. Tal como em qualquer avaliação psicológica, o sujeito deve ser informado do objectivo e das condições do contexto, obter respostas a possíveis dúvidas e ter a liberdade de recusar a situação. A qualidade da interacção examinador cliente é fundamental. Numa recolha de dados deste tipo, não é difícil que alguns indivíduos se sintam desconfiados, o que poderá impedir a sua implicação ou recusa da aplicação.

Ao contactar os potenciais sujeitos, foi explicado resumidamente o objectivo do projecto e as pessoas aceitavam ou recusavam. Aparentemente, a situação era muito clara e no momento da aplicação, tínhamos que preparar o sujeito, respeitando a regras de standardização elaboradas por Exner.

i) Sujeitos voluntários

A voluntariedade dos participantes levanta algumas questões interessantes, que foram abordados no contexto dos Estados Unidos, onde é habitual pedir a participação voluntária através de anúncio, chamadas telefónicas, com ou sem pagamento pela participação. Não foi esse o nosso caso.

- Serão os sujeitos voluntários diferentes do cidadão comum que o leva a aceitar participar neste tipo de projectos?

- Esta facilidade em se tornar voluntário, poderá traduzir-se em comportamentos atípicos durante a aplicação do teste, nomeadamente um menor nível de censura e a formulação de respostas não representativas?

Pensámos que se utilizássemos por exemplo, um anúncio através da imprensa, provavelmente iríamos atrair facilmente indivíduos com características psicológicas específicas não representativas da população geral.

Nos Estados Unidos, Rosenthal & Rosnow (1975), citado por Weiner (1995b), num estudo sobre sujeitos voluntários demonstraram que os participantes que aceitam ser voluntários para estudos de investigação são muito diferentes dos que não aceitam participar. A sua conclusão é que os estudos normativos com sujeitos voluntários recolhem dados que não são representativos.

No Rorschach, devido ao carácter relativamente pouco estruturado dos estímulos e à relativa liberdade do número de respostas, os sujeitos podem variar na quantidade e no tipo de elaboração das respostas (Weiner, 1995b). No estudo normativo do Teste de Rorschach, o risco de obtenção de resultados não representativos, com sujeitos voluntários, manifesta-se através da possível emergência de duas dificuldades:

- Falta de investimento ou desconfiança que se traduzirá em poucas respostas e de fraca elaboração;

- Relaxamento da censura e a emergência de comportamentais verbais não representativos, em que se inclui um número muito elevado de respostas.

Os estudos de investigação confirmaram a relação entre as atitudes do sujeito durante a aplicação do teste e o número e a qualidade das respostas que dão no teste de

Rorschach. Habitualmente, tanto as crianças como os adultos tendem a dar mais respostas e com maior elaboração se o examinador lhes for familiar (Weiner, 1995). Se o examinador for desconhecido e eles estiverem preocupados com a possível interpretação das suas respostas, a censura torna-se mais activa e algumas respostas poderão ser evitadas, como por exemplo as que estão relacionadas com a actividade sexual, para não comprometer a sua imagem (Exner, 1994, p.44). Num estudo normativo, em que eles são apenas voluntários, poderá haver um relaxamento da censura e permitir a produção de respostas que não seriam dadas numa situação em que os sujeitos tivessem consciência das consequências possíveis da interpretação dos resultados sobre a sua auto-imagem

A nossa experiência mostrou-nos que a qualidade de desempenho do psicólogo, administrador do teste, nomeadamente a qualidade da relação interpessoal que irá moldar toda a interacção durante a aplicação do Rorschach, é o elemento mais importante. A competência profissional do psicólogo e as suas qualidades humanas, podem "condicionar" o sujeito num menor ou maior investimento na tarefa que se irá traduzir na quantidade e qualidade das respostas. Além da qualidade do desempenho do psicólogo teremos que acrescentar a motivação do sujeito, o facto de estar ou não preocupado com a qualidade da sua imagem e a vontade sincera de colaborar no projecto.

Como prevenção de efeitos indesejados relativamente à falta de investimento na tarefa, com menor produção de respostas ou excesso de investimento com a despreocupação do número, tipo e qualidade das respostas, procura-se envolver o sujeito no projecto. Durante a preparação da aplicação do teste, fez-se uma descrição do projecto de estudo normativo, referiu-se a importância dos resultados para se poder utilizar correctamente o teste com população adulta portuguesa e a relevância da colaboração individual do sujeito para a execução do estudo e na obtenção de resultados válidos. Esta atitude era ainda reforçada com a informação da entrega, no final da aplicação, de uma carta de agradecimento endereçada ao sujeito e assinada pelo investigador. Esta forma de motivação foi abordada com o Professor J. Exner, Jr. que a considerou muito interessante, não só na valorização da colaboração do sujeito como na

indicação da relevância da sua participação num estudo importante para a população em geral. Weiner, (1995b) também a aconselhou numa perspectiva preventiva.

Para evitar ou minimizar a familiaridade entre o sujeito e o aplicador, todos os psicólogos envolvidos na recolha de protocolos não deveriam ter nenhuma relação prévia com os participantes. Recusou-se a colaboração de psicólogos para recolher protocolos nos seus locais de trabalho ou com vizinhos e conhecidos, mas permitiu-se que esses psicólogos recolhessem protocolos em ambientes e localidades deles desconhecidas. Por exemplo, o autor recolheu protocolos numa empresa do Grande Porto, onde trabalhavam dois psicólogos que facilitaram os contactos com a direcção da empresa para este projecto. Foi mesmo estabelecido que nenhum dos psicólogos recolhesse protocolos nos seus locais de residência.

ii) Estratégias de contacto, selecção e exclusão dos sujeitos da amostra

Após a constituição da amostra, ponderámos sobre a melhor estratégia de contacto e escolha dos sujeitos ao acaso, o melhor lugar para aplicação do teste, tendo em conta o contexto sócio-cultural da região ou a localidade de residência dos potenciais sujeitos.

Com a colaboração de alguns psicólogos, a trabalhar em várias regiões do país, contactados através dos ficheiros de sócios da APPORT, realizámos algumas experiências de recolha de protocolos ensaiando algumas estratégias para recolha de dados:

- 1- A experiência demonstrou que o contacto ao acaso, através de chamadas telefónicas, de números pares e ímpares das ruas, não funciona no contexto cultural português. O contacto directo do sujeito por um indivíduo desconhecido torna-se impraticável, porque um grande número de pessoas não confia e não aceita a situação da aplicação de um teste.
- 2- A possibilidade de colocar anúncios em jornais a pedir voluntários, foi afastada, após ponderação, concluiu-se que os anúncios poderiam trazer-nos sujeitos voluntários “demasiado motivados” ou com alguma especificidade e

não “pessoas comuns” e que poderiam dar respostas não representativas da população geral.

- 3- Para contactar e seleccionar os sujeitos da amostra, o maior obstáculo era a possibilidade de eles não confiarem numa pessoa estranha, desconhecida, mesmo que se intitule psicólogo e docente de uma Universidade. Como forma de ultrapassar esta dificuldade, decidimos escolher uma estratégia de mediação, que consistia em conseguirmos ser apresentados por alguém conhecido na comunidade e/ou conhecido pelos potenciais sujeitos da amostra. Pelo facto de sermos apresentados por um membro da comunidade, logo “teríamos a confiança” desse membro e a partir daí já não seríamos vistos como totalmente desconhecidos ou por isso, poderíamos ser encarados como alguém em quem se poderia confiar.
- 4- Nenhum dos sujeitos foi pago para participar neste estudo normativo, por várias razões. Através de alguns contactos preliminares com sujeitos em zonas urbanas e rurais, a maioria achou estranho ser pago para colaborar. O pagamento também poderia enviesar a "voluntariedade" dos sujeitos e motivá-los excessivamente.

Todos os sujeitos estavam mais interessados em terem acesso à comunicação dos seus resultados pessoais. Pela observação, pensámos que a possibilidade de ter acesso aos próprios resultados era a principal motivação para a participação neste projecto. Valorizavam também a participação num projecto de investigação conduzido a partir de uma Universidade e o reconhecimento demonstrado pelo investigador, através de uma carta de agradecimento, em papel timbrado da FPCE-UP, entregue a cada sujeito no final da aplicação do Teste de Rorschach.

- a- Geralmente, em cada região ou localidade, contactávamos (se possível) o(s) psicólogo(s) que aí trabalhasse(m), em escolas, câmaras municipais ou outras instituições. Após explicação do projecto, fornecíamos a componente da amostra referente àquela zona, tendo em conta as variáveis de sexo, grupo etário, condição de não paciente,

nível socio-económico e número de anos de educação formal. Os psicólogos apresentavam-nos a pessoas que conheciam e viviam na comunidade, com algum prestígio social e facilidade de contactos sociais. Alguns eram dirigentes de instituições da comunidade, mas outros eram apenas “pessoas comuns”, amigos de amigos, conhecidos ou vizinhos, que nos poderiam apresentar alguns sujeitos potenciais. Em algumas Câmaras Municipais e Escolas, após acordo dos dirigentes, era possível contactar professores ou funcionários e até nos era facultado a cedência de gabinetes para a recolha de protocolos.

- b- Para evitar concentrações de tipos de sujeitos, tentar respeitar, na medida do possível, a selecção de sujeitos da amostra “ao acaso”, limitámos o número de potenciais sujeitos apresentados por um indivíduo ou instituição. Geralmente, cada instituição ou contacto inicial, permitia-nos escolher de 1 a 7 sujeitos.
- c- O primeiro contacto com cada sujeito potencial era informal e após uma breve explicação do objectivo do estudo, a protecção dos dados através do sigilo profissional, respondíamos a todas as questões ou dúvidas que nos eram colocadas sobre a situação, respeitando sempre as regras de aplicação do Teste de Rorschach. Durante este primeiro contacto, o sujeito indicava-nos se queria ou não colaborar neste projecto de investigação. Se aceitasse participar era agendada a aplicação do teste, tendo em conta a disponibilidade do sujeito. Nesta fase, aproximadamente 10% dos sujeitos recusavam colaborar, alegando falta de disponibilidade e algumas vezes, indicavam-nos outros sujeitos potenciais. As recusas foram em maior número na zona da Grande Lisboa e relativamente raras nas zonas rurais do interior.

Só durante a entrevista, antes da aplicação do teste, é que podíamos verificar o critério psiquiátrico de inclusão / exclusão. Com os sujeitos do meio rural tornava-se mais difícil verificar este critério e muitas

vezes só após a aplicação do teste é que confirmávamos o critério que em alguns casos levou à eliminação do protocolo da amostra.

- 5- Antes da aplicação do teste, investimos pelo menos meia hora na preparação da aplicação e a conversar com o sujeito. O objectivo principal era estabelecer uma relação de boa qualidade entre o psicólogo e o sujeito. É muito importante, responder a todas as questões colocadas pelos sujeitos, para que a situação seja por eles percebida como o mais clara possível, sem dúvidas e desconfianças. Verificámos que alguns psicólogos muito jovens, tentaram economizar tempo, não investindo o suficiente na preparação da aplicação do teste e obtinham protocolos pobres e com poucas respostas. Possivelmente, os sujeitos não confiaram na situação. Este problema surge com psicólogos jovens, muitas vezes com pouca experiência no relacionamento e nas actividades de avaliação psicológica. Como foi referido anteriormente, nesta fase era sempre descrito o projecto e frisava-se a importância da colaboração do sujeito para uma utilização correcta no futuro com os indivíduos que necessitassem ser avaliados com este teste.
- 6- No fim da aplicação do teste de Rorschach, era entregue a cada sujeito uma carta escrita em papel timbrado da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, da Universidade do Porto, assinada pelo investigador, a agradecer a sua participação neste projecto de estudo normativo.
- 7- Durante o contacto inicial e no final da aplicação do teste, a grande maioria dos sujeitos, pedia para ter acesso aos seus próprios resultados. Pensámos que a comunicação individual dos resultados, seria uma forma interessante de agradecer a sua colaboração e disponibilidade durante duas horas. Legalmente, eles teriam direito a conhecer os seus resultados.
- 8- Os resultados foram comunicados a cada sujeito, respeitando duas condições:
 - a- A comunicação dos resultados só teria início após a recolha de todos os protocolos naquela região ou localidade, para evitar a “contaminação” através de conversas.

- b- Como os psicólogos que aplicaram os testes não residiam nas regiões de recolha, decidimos comunicar os resultados apenas verbalmente, recusando entregar um relatório escrito, tendo em vista evitar problemas de compreensão e possíveis complicações futuras provocadas pelos resultados escritos, sobretudo nas pessoas com nível educacional mais baixo, dado que os psicólogos deixariam de estar fisicamente disponíveis para poder esclarecer dúvidas. Como as pessoas eram informadas da comunicação dos resultados apenas verbalmente, teriam a oportunidade de colocar todas as questões e esclarecer todas as dúvidas presencialmente. Os resultados eram comunicados mediante uma linguagem adequada às possibilidades de compreensão de cada sujeito.
- c- A comunicação dos resultados foi uma tarefa muito interessante e muito rica, mostrando a potencialidade deste teste. A grande maioria dos sujeitos compreendeu e concordou com os resultados e alguns expressaram a sua surpresa sobre “como nós sabíamos tanto sobre eles, utilizando apenas umas manchas de tinta”. Tentou-se sempre comunicar correctamente os resultados ao próprio sujeito, utilizando uma linguagem adequada, sem alarmismos e o mais objectiva possível (Pires, 2004).

iii) Exclusão de voluntários

Alguns participantes foram excluídos com base no critério psiquiátrico anteriormente apontado. Vários sujeitos, por outro lado, foram excluídos, por vontade própria declarando, em certo momento da aplicação do Teste de Rorschach, que não estavam interessados em continuar até ao fim e preferiam desistir.

3. 1 A Aplicação Estandardizada

Uma das preocupações de J. Exner, Jr. foi a da importância da estandardização do modo de aplicação do Rorschach. Durante o início do seu projecto de elaboração do sistema, aquele autor confirmou a confusão e mesmo a anarquia no modo como alguns psicólogos utilizavam o Rorschach, misturando metodologias de sistemas diferentes, a nível de aplicação como de codificação e interpretação. Isto conduzia a resultados pouco rigorosos e ao consequente descrédito do teste e da avaliação psicológica.

O cuidado de Exner com a consideração e adopção dos critérios da estandardização, verifica-se na metodologia de aplicação onde, praticamente tudo foi objecto de atenção, desde a preparação do cliente para a aplicação, a instrução inicial, a regulação da interacção durante a fase de respostas, a instrução do inquérito, o âmbito deste e o tipo de questões aceitáveis e as inaceitáveis nesta fase da aplicação. Em nenhum sistema anterior, o teste de Rorschach atingiu um nível de estandardização do processo de aplicação tão elaborado. Nas sessões de formação, conduzidas pelo Professor J. Exner Jr., em que tivemos a feliz oportunidade de participar, seja no formato de workshop seja no de conferência, sempre se insistia na necessidade de respeitar a estandardização do procedimento de aplicação, para se poder recolher a informação com rigor e precisão. Observava que, se o psicólogo se desleixasse na aplicação do teste, seria impossível recuperar a situação e ter acesso a resultados precisos e fiáveis, por mais perito que fosse na codificação ou na interpretação dos dados recolhidos.

No âmbito do estudo normativo, a importância da estandardização foi sempre realçada e existiu sempre o cuidado em que os psicólogos que colaboraram no projecto utilizassem a aplicação estandardizada com todos os sujeitos e seguissem um guião de preparação destes últimos na aplicação do teste.

i) Locais de aplicação

A aplicação do teste decorreu na localidade de residência dos sujeitos, em vários locais cedidos gratuitamente. Foi pedida a colaboração de instituições locais, tais como Escolas, Juntas de Freguesia, Câmaras Municipais, igrejas, cooperativas ou outras

instituições, assim como de uma empresa situada no Grande Porto. Geralmente, o nosso pedido era bem acolhido e permitiam-nos utilizar um gabinete com condições suficientes para aplicar o Rorschach.

Excepcionalmente, houve seis casos de pessoas idosas que pediram para que a aplicação decorresse nos seus domicílios, sempre em salas utilizando uma mesa.

O autor e os sete psicólogos que ocasionalmente colaboraram recolheram 80 protocolos válidos (25,9%) numa empresa do Grande Porto, 182 protocolos (58,9%) em escolas, instituições municipais, centros sociais e paroquiais, cooperativas, bibliotecas e outro tipo de instituições. A recolha através de amigos, conhecidos e vizinhos foi de 47 protocolos (15%).

ii) Procedimentos de preparação

Antes da aplicação do teste, o examinador despendia aproximadamente trinta minutos numa entrevista semi-estruturada, que tinha como objectivo:

- Estabelecer uma relação de confiança;
- Explicar o objectivo deste trabalho de investigação, a sua aplicação prática e a importância dos participantes para se poder utilizar o teste adequadamente na população portuguesa.
- Esclarecimento sobre a utilização dos resultados e o sigilo profissional tanto dos resultados como das identidades.
- Conversar sobre a localidade, o modo como as pessoas vivem etc., o examinador demonstrando assim interesse pelo meio onde o sujeito vive. Este interesse empático do examinador melhora a qualidade da relação e permite que o sujeito esteja mais à vontade, durante a aplicação do teste.
- Recolher dados sobre a identidade, situação sócio-económica e toda a informação que pudesse garantir as condições de inserção na amostra e de aplicação do teste. Para evitar desconfianças, a informação sobre a estabilidade sócio-profissional e a informação do critério psiquiátrico de inclusão / exclusão, era obtida apenas depois da aplicação do teste ter terminado.

- Responder a dúvidas e questões sobre a investigação e a aplicação do teste, respeitando os procedimentos de aplicação (Exner, 1993);

A aplicação do Teste de Rorschach respeitou os procedimentos (Exner, 1993), tendo sido feita a tradução das instruções para português. A instrução inicial ao entregar o Cartão I ao sujeito foi traduzida como “O que poderia ser isto?”

iii) Posição e procedimentos usados no registo das respostas

Todas as respostas ao teste bem como anotações de observações foram registadas por escrito, sendo a localização das respostas indicada em fotocópias, em tamanho natural, de cada um dos cartões. Esta prática deveu-se ao facto de, nas primeiras 30 aplicações do teste, se ter utilizado a folha de localização da *Structural Summary Blank* (Exner, 1989/2000b) e de esta ter uma dimensão reduzida, o que não permitia registar com rigor a localização de cada resposta. Com a fotocópia de cada cartão, tínhamos uma área que permitia o registo de todos os pormenores de cada localização, independentemente da sua dimensão.

Nos cartões em que o sujeito dava mais de três respostas, havia problemas de registo da localização exacta de cada uma das respostas, quando se utilizava um marcador ou uma esferográfica de apenas uma cor, porque nas respostas de localização próxima, a marcação de uma poderia confundir-se com a marcação de outra ou outras respostas.

Este problema foi resolvido com a utilização pelo examinador, de marcadores de 4 a 5 cores diferentes, em que no mesmo cartão, a localização de cada resposta era marcada com uma cor diferente. Esta utilização de marcadores de cores diferentes não vem mencionada nos manuais do SIR, mas, em conversas pessoais, o autor obteve a aprovação do Professor John Exner Jr., estando este de acordo com ele como meio de aumentar a precisão do registo da localização e também devido ao facto de a utilização pelo administrador, de lápis de cores diferentes, durante a fase de inquérito, não provocar qualquer alteração no comportamento do sujeito com efeito sobre a análise e interpretação do protocolo.

Os procedimentos relativos à posição do sujeito e do examinador (seating) foram os que estão indicados na 4ª ed. do Workbook for the Comprehensive System (Exner, 1995), sendo sempre utilizada a posição lateral de 45 a 90°, de acordo com o formato da mesa, circular ou rectangular respectivamente.

iv) Procedimento para obter $R > 13$ e/ou Limitar R Elevado

Tal como está previsto na standardização do teste, para evitar protocolos curtos, utilizava-se o encorajamento previsto no Cartão I e para evitar protocolos demasiado longos, se o sujeito desse 5 respostas no Cartão I e não o entregasse espontaneamente, este era-lhe pedido. Este procedimento só terminava quando o sujeito dava 5 respostas num cartão e o entregava ou dava menos de 5 respostas.

Quando um protocolo tinha menos de 14 respostas, durante a fase de resposta, repetia-se a aplicação desta, antes do inquérito. Se a repetição da aplicação resultasse num protocolo com menos de 14 respostas, este era eliminado da amostra. Isto aconteceu com 12 protocolos num total de 500 protocolos recolhidos, dos quais se escolheram 309 como sendo válidos.

v) Inquérito

O inquérito era conduzido segundo os procedimentos da standardização e foi sempre a parte da aplicação que se revelou mais difícil, principalmente com sujeito com um nível de escolaridade mais baixo, onde estes revelavam alguma dificuldade em explicar como viram as suas respostas.

Alguns inquéritos com deficiências deram origem à eliminação dos respectivos protocolos.

vi) Controle da qualidade da aplicação do Teste

Cada protocolo foi analisado em pormenor, para assegurar que a sua recolha foi totalmente isenta de erros.

A primeira análise incidia sobre as condições em que o sujeito foi contactado, se as condições da construção da amostra foram respeitadas, nomeadamente, a ausência de psicopatologia, uma vida relativamente estável, nos planos social, profissional e familiar. Esta informação era recolhida durante o contacto e na entrevista de preparação para a aplicação do teste, o psicólogo registava-a numa folha de registo biográfico, onde podia anotar livremente qualquer tipo de informação.

A segunda análise incidia sobre a aplicação do teste, tendo em conta as regras enunciadas nos manuais de J. Exner (1993, 2001). Durante a fase de resposta, era controlada a existência de erros. Nesta fase, raramente ocorreram erros de aplicação.

A fase mais difícil foi a do inquérito, o que era previsível. Mesmo psicólogos com muita experiência na aplicação do Rorschach, poderão cometer alguns erros menores, durante o inquérito, sobretudo após um período longo em que não houve aplicação do teste. Muitos psicólogos, referem que, se não aplicarem este teste durante três meses, têm que ter muito cuidado quando recolhem o primeiro protocolo, após a interrupção, para não cometerem erros.

Em cada protocolo, o inquérito era muito bem analisado pelo autor. Se houvesse algum erro nas questões indirectas, na utilização de palavras-chave ou qualquer tipo de erro ou omissão que levantasse dúvidas sobre a codificação mais correcta da resposta, esse protocolo era eliminado. No total, foram eliminados 200 protocolos.

Este controle de qualidade foi utilizado com todos os protocolos e só foram escolhidos os que não levantaram a mínima dúvida, não apresentaram qualquer erro detectável de aplicação e em que os psicólogos tiveram um bom desempenho. Num estudo normativo, o controle do desempenho do aplicador tem que ser muito bem considerado, para se ter a certeza de que não há o menor erro e que as regras de aplicação definidas por J. Exner foram escrupulosamente respeitadas.

Nos casos de preparação prévia insuficiente do cliente que se manifestava através de alguma resistência à aplicação do teste ou quando a preparação era bem realizada, mas o sujeito dava indicações de desconfiança na situação, apesar de se ter um protocolo que se poderia considerar tecnicamente válido, optou-se sempre pela eliminação destes protocolos.

Existiu um caso em que se verificou no final da administração, que o sujeito tinha considerado o teste como uma tarefa de imaginação, dando respostas estranhas e optou-se também pela eliminação deste protocolo.

Também foi eliminado um protocolo muito interessante numa perspectiva clínica, nomeadamente com uma tendência depressiva e uma potencialidade suicida elevada, mas quando se transmitiram os resultados, o indivíduo declarou que no momento da administração do teste ainda não tinha consciência da sua situação problemática, mas que o seu estado psicológico se degradou muito rapidamente duas semanas depois.

vii) Examinadores

Um total de oito psicólogos participaram na recolha de protocolos para este projecto. Os sete psicólogos que colaboraram neste estudo recolheram entre 10 a 27 protocolos válidos, cada um. O autor recolheu os restantes num total de 204.

O total de protocolos recolhidos ascende a 500 mas apenas se consideraram como válidos 309.

Treino e Experiência de Aplicação do Rorschach

Cinco destes psicólogos eram jovens licenciados que receberam formação no Sistema Integrativo nas Faculdades de Psicologia das Universidades do Porto e de Lisboa. Participaram em seminários e workshops dirigidos por John Exner, Jr., Irving Weiner, das Rorschach Workshops, Concepcion Sendin, da Universidade Complutense de Madrid e Danilo Silva, da Universidade de Lisboa. Dois psicólogos tinham uma grande prática profissional e uma grande experiência no Sistema Integrativo de Rorschach.

Estes colaboradores foram seleccionados por se considerar que tinham uma boa formação no Sistema Integrativo, cada um deles tinha uma experiência de recolha de 30 protocolos, no mínimo, sob a supervisão do Prof. Danilo Silva ou do autor deste estudo.

Todos eles estavam disponíveis, mas seis meses depois do estudo se ter iniciado, os cinco psicólogos mais jovens deixaram de estar disponíveis para continuar a recolha dos protocolos. Devido à dificuldade em encontrar psicólogos devidamente formados no Sistema Integrativo, o autor deste estudo, teve que recolher um número importante de protocolos.

Número de Protocolos por Examinador

Como foi referido, cada examinador que colaborou neste estudo, recolheu aproximadamente 20 protocolos válidos, entre um mínimo de 10 e o máximo de 27, além do autor que recolheu os restantes.

Cada examinador codificou os seus protocolos e o autor recodificou-os todos. Os protocolos recolhidos pelo autor foram codificados por este e recodificados por dois psicólogos com vários anos de experiência com o Rorschach.

3. 2 Análise das Diferenças por Examinador

Quadro 11 - Análise das Diferenças por Examinador em Cinco Variáveis na Amostra ($N = 309$)

		R	Form%	Zf	X-%	WSum6
ANOVA F		0.75	0.82	0.48	0.39	0.94
Eta		0.13	0.14	0.10	0.10	0.15
Examinador	n	Médias Específicas por Examinador				
6	10	17.80	0.41	10.10	0.11	2.80
3	20	20.45	0.49	9.00	0.11	2.05
8	11	21.82	0.39	11.09	0.14	4.55
2	27	21.89	0.42	10.85	0.13	2.85
1	204	22.26	0.45	10.55	0.12	2.86
4	10	22.30	0.51	10.70	0.13	2.40
5	17	23.12	0.46	11.18	0.12	2.53
7	10	24.60	0.38	11.80	0.12	4.50
Pooled <i>DP</i>	309	7.90	0.18	4.85	0.07	3.38
Max Cohen's <i>d</i>		0.86	0.72	0.58	0.45	0.74
Média Cohen's <i>d</i>		0.28	0.31	0.20	0.20	0.31

Nota Os examinadores estão ordenados em ordem ascendente segundo a média de R. Os valores do Emparelhamento de Cohen's *d* foram calculados utilizando os DP agrupados para todos os examinadores. Não foram encontradas diferenças significativas na ANOVA "omnibus" ou nas comparações estabelecidas.

O quadro 11 apresenta os resultados da ANOVA I (one-way), investigando as diferenças entre os oito examinadores. As análises examinam cinco variáveis do SIR, R (total de respostas), Forma % (percentagem de respostas Forma pura), Zf (frequência da nota Z) e WSum 6 (soma ponderada das 6 codificações especiais críticas).

Nenhum dos resultados da ANOVA mostra diferenças estaticamente significativas entre os examinadores. Adicionalmente, realizaram-se comparações post-hoc dos examinadores, utilizando os valores Student-Newman-Keuls e a média harmónica (14.77). Não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre os examinadores (Pires, 2007).

Seleção de Protocolos e de Examinadores para a avaliação da Fidelidade da Codificação

Do total da amostra de 309 sujeitos, foram seleccionados ao acaso 35 protocolos, com 643 respostas, para utilizar no estudo de fidelidade intercotador. Estes protocolos foram codificados independentemente por dois psicólogos.

Para o cálculo do acordo intercotadores, utilizámos o programa estatístico Rorschach Research Utilities, Versão 1.0.0, 2003 de H. Janson (Janson, 2003), que permite calcular o acordo tanto a nível de categorias simples como de categorias múltiplas entre dois ou mais cotadores, além de permitir o cálculo de *iota*, que permite corrigir a percentagem de acordo, eliminando o acordo ao acaso. A medida de acordo *iota* é igual ao *kappa*, no caso de se utilizarem dois cotadores.

Foram calculados a percentagem de concordância e o valor de *iota* (*kappa*) para todas as variáveis do SIR a nível de resposta. O Quadro 12 apresenta a totalidade dos resultados encontrados.

O acordo intercotador para a totalidade das respostas foi de 0.99, *iota* de 0.96. Segundo Weiner (1991), todos os segmentos de codificação das respostas devem ter um acordo intercotador mínimo de 0.80.

Nos nossos resultados houve apenas quatro variáveis com valores de acordo intercotador (*kappa*) inferior a 0.80, C' (cor acromática pura), V (sombreado vista puro), o conteúdo Ex (explosão) e a codificação especial FABCOM de nível 2. Todas estas variáveis obtiveram valores corrigidos de acordo de 0.60. Estas variáveis estão presentes nestes protocolos com uma frequência bastante reduzida.

Quadro 12 – Estatísticas da fidelidade intercotador (n = 35)

Variável	% Acordo	Iota (Kappa)
Respostas Globais -- Cod. SIR	.99	.96
Localização e S (2 variáveis)	.99	.99
Localização (W,D,Dd)	.99	.99
DQ (+,o,v/+,v)	.98	.96
Determinantes (11 variáveis)	.99	.95
M (--Ma,Mp,Ma-p)	.98	.95
FM (--,FMa,FMp,FMa-p)	.99	.96
m' (--,m'a,m'p,m'a-p)	.99	.95
Côr (--,C,CF,FC,Cn)	.99	.97
C' (--,C',C'F,FC')	.98	.92
T (--,T,TF,FT)	.99	.95
V (--,V,VF,FV)	.99	.86
Y (--,Y,YF,FY)	.98	.89
r (--,rF,Fr)	1.0	1.0
FQ (None,+,o,u,-)	.98	.96
Pares	.99	.99
P	.99	.98
Conteúdos (27 variáveis)	.99	.96
Z-Score	.98	.98
CS Special Scores (14 variav.)	.99	.94
DV (--Lvl-1,Lvl-2)	.99	.95
INC (--,Lvl-1,Lvl-2)	.99	.85
DR (--,Lvl-1,Lvl-2)	.99	.93
FAB (--,Lvl-1,Lvl-2)	.99	.84
Número de cotadores:	2	
Número de protocolos:	35	
Número de Respostas:	643	

Se analisarmos as categorias ou segmentos de codificação a que estas quatro variáveis pertencem, obtemos acordos intercotadores corrigidos (kappa) bastante mais interessantes. A categoria cor acromática (C', C'F, FC'), tem um valor de kappa de 0.92, a codificação sombreado vista (V, VF e FV) tem um valor kappa de 0.86. O segmento conteúdos, a que pertence a codificação Ex, tem um valor de acordo corrigido de 0.96 e a codificação especial FABCOM de nível 1 e de nível 2 obtém um acordo corrigido de 0.84.

Isto parece indicar que estes valores de acordo corrigido (kappa) relativamente baixos destas quatro variáveis, se referem a codificações que têm uma frequência muito reduzida a nível de codificação e basta um pequeno número de desacordos intercotadores para se obterem valores de acordo corrigidos bastante baixos, o que não acontece com variáveis com maior frequência. A variável sombreado Vista puro (V), é muito rara. A cor acromática pura (C'), também é bastante rara e o conteúdo explosão (Ex) pode ser difícil de codificar em algumas respostas mais complexas. Deste grupo de quatro variáveis, a mais difícil de codificar é a codificação especial FABCOM 2 (nível 2), não a nível da categoria base combinação fabulada, mas o problema maior de codificação está na distinção entre os níveis 1 e 2. Não é raro cotadores diferentes codificarem correctamente a variável FABCOM, mas existir desacordo apenas na diferença de classificação entre os níveis 1 e 2. Apesar destas quatro variáveis isoladas terem valores kappa bastante baixos, as categorias ou segmentos de codificação a que pertencem obtiveram valores de acordo muito bons.

Referimos o acordo intercotador corrigido (kappa) para a totalidade das respostas de 0.96 e se analisarmos o acordo por segmentos de codificação, temos valores muito superiores aos de 0.80 indicados por Weiner (1991).

Para a localização temos valores kappa de 0.99, a qualidade de desenvolvimento tem 0.96, o segmento determinantes tem 0.95, a qualidade formal 0.96, as respostas Popular tem um acordo de 0.98, as respostas par (2) 0.99, os conteúdos obtiveram um acordo de 0.96, os valores da actividade organizativa (nota Z) são de 0.98 e as codificações especiais 0.94.

Segundo as recomendações de I. Weiner (1991, 1995a), o acordo intercotadores tem que utilizar pelo menos 20 protocolos com aproximadamente 400 respostas. Neste estudo utilizamos 35 protocolos com 643 respostas. Os valores de acordo intercotadores recomendados por este autor são de 0.80 para a totalidade das codificações e de 0.90 para os segmentos de localização e respostas Popular. Estes valores referem-se à percentagem de acordo, sem indicação de correcção kappa. Neste estudo, decidimos apenas tomar em linha de conta, os valores de acordo corrigido (iota), em que se elimina o acordo por acaso ou por sorte, sendo esta medida muito mais exigente que a simples percentagem de acordo.

Os valores de acordo obtidos neste estudo são superiores a 90% em todos os segmentos de codificação, o que indica a obtenção de uma precisão elevada.

3.3 Amostra Planeada e Protocolos Válidos Recolhidos

O cálculo inicial da amostra indicava 501 sujeitos (ver Quadro 13). Depois de eliminar os protocolos que não foram considerados válidos pelas razões atrás indicadas, recolhemos a amostra de 309 sujeitos (ver Quadro 14), cujos protocolos, após controlo, tínhamos a certeza que foram correctamente recolhidos e cuja validade não levanta dúvidas. Verificámos que a redução da amostra, nos grupos etários até aos 60 anos, foi realizada com uma certa proporcionalidade relativamente à amostra original. A maior redução de proporcionalidade verificou-se nos grupos etários dos idosos.

A média da idade para a totalidade da amostra recolhida é de 37.25 (DP = 13.29), mediana = 35, moda = 26 e uma amplitude dos 18 aos 76 anos. Os sujeitos têm uma média de 9.33 anos de escolaridade com uma amplitude de 1 a 18 anos. As variáveis demográficas podem ser consultadas no quadro nº 1.

Quadro 13 - Amostra nacional planeada.

AMOSTRA PLANEADA - NACIONAL													
	GRUPOS ETÁRIOS												
	18-25		26-35		36-45		46-55		56-65		66-70		
Sexo	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	Total
Básico	24	26	25	28	22	23	23	23	19	19	8	7	247
Secundário	16	15	17	17	14	15	14	15	12	10	5	4	154
Superior	10	9	11	10	8	10	10	8	7	9	5	3	100
Total	50	50	53	55	44	48	47	46	38	38	18	14	501

Quadro 14 - Amostra nacional recolhida.

AMOSTRA REALIZADA - NACIONAL													
	GRUPOS ETÁRIOS												
	18-25		26-35		36-45		46-55		56-65		66-70		
Sexo	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	Total
Básico	16	12	18	14	18	13	14	10	7	10	4	1	137
Secundário	15	19	14	15	8	18	7	9	4	1	1	0	111
Superior	6	6	9	11	6	8	3	3	2	4	3	0	61
Total	37	37	41	40	32	39	24	22	13	15	8	1	309

4. Hipóteses

A conceptualização do Estudo Normativo do Teste de Rorschach na População Portuguesa surgiu com o interesse da utilização deste instrumento na investigação psicológica. Existia apenas o Estudo Normativo realizado por John Exner com a população dos Estados Unidos da América e a questão que se colocou então tinha a ver com a possibilidade da utilização dos resultados normativos de Exner junto de populações que viviam noutro contexto cultural diferente do norte americano.

Esta questão levou-nos à formulação da nossa hipótese de trabalho relacionado com a influência da cultura sobre a personalidade. Em que medida é que a cultura vista numa perspectiva ampla englobando a língua, a história, as práticas psicoeducativas, o contexto sócio-cultural, a organização sócio-económica e a organização das instituições teria alguma influência importante sobre o desenvolvimento psicológico e a estruturação da personalidade do indivíduo. A estas questões, esperamos encontrar uma resposta nos resultados do estudo normativo da nossa população e a sua comparação com as de outras populações.

A hipótese da influência da cultura sobre a personalidade tem sido alvo de numerosos trabalhos de investigação na área da psicologia intercultural. Os trabalhos de Levine (1973) sobre Cultura, Comportamento e Personalidade, Abel (1973) analisa os

estudos sobre a utilização de vários instrumentos de avaliação psicológica em contextos culturais diferentes dando um espaço muito importante do seu trabalho ao Rorschach. O trabalho de Lindzey (1961) sobre técnicas projectivas e investigação intercultural onde as suas conclusões sobre a utilização do Rorschach são bastante pessimistas devido às limitações metodológicas e de investigação do final dos anos 50.

De referir também o trabalho de Dana (1993, Allen & Dana, 2004) sobre a avaliação multicultural nos Estados Unidos e a necessidade de fornecer serviços adequados à diversidade cultural dos indivíduos nas áreas da avaliação e da intervenção psicológica. Sobre a influência da cultura no funcionamento psicológico não podemos deixar de indicar o trabalho de Matsumoto (1996).

Inicialmente, não se colocava a questão sobre a existência de impedimentos na aplicação deste teste, relativamente às características dos sujeitos, nomeadamente limitações sócio-culturais, literacia. Como o estímulo era perceptivo, o sujeito não precisava de ler, bastava-lhe dizer o que via.

A amostra foi estratificada tendo em conta variáveis de género, grupos etários e níveis de escolaridade e tentou-se que fosse a mais representativa possível da população adulta. Reconheço que tinha uma certa curiosidade sobre a possibilidade de existirem diferenças de resultados explicadas pelo género, grupos etários, regiões de residência, numa perspectiva *intracultural* em oposição à perspectiva *intercultural*.

Após a recolha e tratamento de resultados da primeira centena de protocolos, levantaram-se questões sobre as diferenças de resultados, cuja explicação se poderia encontrar mais a nível *intracultural* e que possivelmente, estaríamos perante uma situação mais complexa, para explicar diferenças de resultados dos indivíduos desta amostra.

Capítulo VI

Análise dos Resultados da População Portuguesa

1. Análise dos Resultados a População Portuguesa

1.1 Introdução

Para organizar as codificações e calcular o sumário estrutural de todos os protocolos, recorreremos ao programa RIAP 3.0 (Rorschach Interpretation Assistance Program) de Exner & Ona (1995). Os cálculos estatísticos foram executados com o programa SPSS para Windows, versões 11.0, 15.0 e 18.0. Os dados foram organizados e exportados para ficheiros compatíveis com o SPSS, através de módulos de sintaxe cedidos pelo Professor Greg Meyer, da Universidade de Toledo, E. U. A., a quem agradecemos a gentileza.

Iniciaremos com a apresentação do Quadro de resultados da amostra total. A sua análise irá incidir nas variáveis consideradas importantes para o funcionamento psicológico, nomeadamente os indicadores de recursos internos disponíveis, gestão de emoções, capacidades ideativas, processamento de informação, convencionalidade, distorção perceptiva e os índices. Proceder-se-á, também, a uma análise dos resultados por estilos de resposta. As frequentes comparações que estes resultados suscitem referem-se, na sua quase totalidade, aos dados normativos do SIR.

Os resultados serão também analisados tendo em conta as variáveis demográficas, como o sexo, o grupo etário, a região de residência e o nível de escolaridade, para se verificar se existem padrões de resultados, a nível de diferenças estatisticamente significativas ou de correlações.

Também será elaborada a lista de respostas populares (P) para a população adulta portuguesa, pois esta variável é um dos principais indicadores da convencionalidade nas situações mais simples.

Numa segunda fase, numa perspectiva intercultural, iremos realizar comparações entre os resultados da população adulta portuguesa, com os resultados do estudo normativo da população adulta dos E. U. A., de Exner (2000a, 2001, 2003, 2007) Exner & Erdberg (2005).

As estatísticas descritivas da nossa amostra estão no Quadro 6.1.1.

Ao analisar as médias, os desvios-padrão, a simetria e curtose foi levantada a hipótese da existência de problemas de distribuição simétrica em muitas variáveis, o que nos levou à exploração da distribuição com os *Plots* de normalidade (Q-Q Plots) e à utilização do Teste de Kolmogorov-Smirnov com a correcção do teste de Shapiro-Wilk.

Da centena de variáveis analisadas (141), apenas sete: F+%, Zd, índice de egocentricidade, e as variáveis de qualidade formal X+%, X-%, Xu% e XA%, apresentaram uma distribuição normal, o que nos levou a realizar o tratamento estatístico com testes não paramétricos, nomeadamente os Testes Kruskal-Wallis e o Mann-Whitney.

Através de numa primeira análise encontrámos alguns resultados interessantes. Vamos apenas realçar as variáveis com valores elevados e com valores baixos em relação às regras de interpretação enunciadas nas obras de Exner (1991, 2000, Exner & Sendin, 1995, Sendin, 2007). Numa análise posterior iremos comparar os resultados da nossa amostra com os de Exner (Exner & Erdberg, 2005, Exner, 2007). Muitos dos valores pontos de corte, enunciados nos textos de J. Exner, foram elaborados tendo em conta não só os resultados do estudo normativo do Rorschach nos E. U. A., mas também a investigação conduzida em laboratório consistindo em estudos realizados com pequenos grupos experimentais e de controle, assim como estudos realizados com grupos com diversas patologias. Existiu um enorme esforço de investigação liderado por J. Exner, durante algumas décadas, nas Rorschach Workshops, integrando projectos de muitos investigadores, que permitiu estudar com relativa precisão “pontos de corte”, constelações de variáveis, correlações de variáveis em grupos de indivíduos com patologias ou características psicológicas específicas.

Para validar ou verificar na população portuguesa, os valores pontos de corte das variáveis Rorschach, exigiria um esforço de investigação enorme, com grupos de investigação em grande número para replicar os estudos de investigação, realizados pelos investigadores que trabalharam com J. Exner.

A nível mundial, os psicólogos e investigadores que utilizam o SIR, têm verificado empiricamente que muitos pontos de corte de variáveis e muitas regras de investigação, enunciadas por Exner, são válidos. Os autores de projectos de investigação, associados ou não a estudos normativos, conduzidos em vários países, têm realizado sugestões ou proposto algumas correcções na interpretação de algumas variáveis, no contexto sócio-cultural específico das suas regiões ou países (Silva 1996, Ephraim et al., 1992, Mattar et al., 1995, Riquelme & Ruos, 1996, Campo & Vilar, 2007).

2. Amostra Total

O Quadro 6.1.1, contém os resultados da amostra total. Dada a elevada quantidade e variedade dos dados, optou-se por destacar, em primeiro lugar, os resultados daquelas variáveis que, pelo modo como se posicionam face aos dados normativos norte-americanos, tomados por referência, revelam particularidades comportamentais da amostra portuguesa de adultos.

Escolaridade:

Na amostra da população adulta Portuguesa, tentámos estratificar a amostra por níveis de escolaridade, tendo em consideração os Censos, desde que os grupos fossem razoavelmente representativos. Temos 55% da amostra com menos de 10 anos de escolaridade, 25% entre 10 e 12 anos e 20% com mais de 12 anos de escolaridade. Na amostra americana (Exner, 2007), 2% dos sujeitos têm menos de 12 anos de escolaridade, 26% têm 12 anos, 48% têm entre 13 e 15 anos e 24% têm mais de 16 anos de escolaridade. Existe aqui uma diferença enorme, pois enquanto a nossa amostra tem 45% dos sujeitos com mais de 9 anos de escolaridade, na amostra americana 98% dos sujeitos têm mais de 11 anos de anos de escolaridade. Relativamente ao nível superior, com 13 ou mais anos de escolaridade, se compararmos os nossos 20% deste grupo com os 72% da amostra de Exner, podemos verificar que os sujeitos das duas amostras têm diferenças enormes no que toca aos anos de escolaridade.

No que respeita à variável R , número total de respostas por protocolo, a sua média é de 22.07, com um DP de 7.88, a mediana de 20.00 e a moda de 16.00, valores próximos dos apresentados no SIR: 22.32, com um DP de 4.40, 22.00 e 20.00 respectivamente. De notar que a dispersão dos resultados, no SIR, é bem menor do que a da nossa amostra, sem contar com os valores elevados de assimetria (1.74) e de curtose (4.13) indicadores do afastamento da distribuição normal dos R. O facto de o valor da Moda ser bastante mais baixo do que o valor da Média, não assume particular importância dada a sua natureza instável, enquanto medida, embora possa dever-se ao

elevado número de indivíduos com um nível de escolaridade baixo, responsável plausivelmente da assimetria positiva registada.

Relativamente às variáveis indicadoras da localização – W, D e Dd –, os valores médios das duas primeiras modalidades são mais baixos do que os constantes do SIR. Por sua vez, o valor médio de Dd = 5.27, (DP = 4.37), é bastante mais elevado do que o ali obtido (1.16). Este pode ser um indicador de uma tendência acentuada da população portuguesa para detectar, no seu ambiente quotidiano, forma menos frequentes do que é comum. Com efeito, este valor médio de 5.27 é reforçado pelo facto de os valores médios desta variável se manterem muito próximos nos três grupos classificados segundo os níveis de escolaridade básico, médio e superior: 5.36, 5.00 e 5.57 respectivamente. As localizações W e D são consideradas mais convencionadas, passíveis de serem escolhidas pela maioria dos sujeitos, enquanto a localização Dd corresponde a uma leitura mais personalizada, ou perfeccionista das imagens Rorschach.

Quadro 6.1.1 - Resultados da amostra total
(N = 309)

VARIÁVEL	M	DP	MÍN	MÁX	FREQ	Md	MODA	AS	CU
Idade	37.25	13.29	18.00	76.00	309	35.00	26.00	0.57	-0.51
Anos Escolaridade	9.33	4.23	1.00	18.00	309	9.00	4.00	0.22	-0.94
R	22.07	7.88	14.00	61.00	309	20.00	16.00	1.74	4.13
W	7.02	4.20	0.00	28.00	303	6.00	5.00	0.97	1.93
D	9.78	5.60	0.00	32.00	307	9.00	8.00	1.10	1.50
Dd	5.27	[4.37]	0.00	28.00	300	4.00	3.00	1.97	5.61
S	2.26	[2.22]	0.00	14.00	249	2.00	2.00	1.88	5.04
DQ+	5.15	3.39	0.00	19.00	297	5.00	3.00	0.92	1.23
DQo	15.90	6.58	4.00	46.00	309	15.00	12.00	1.32	3.14
DQv	0.89	[1.35]	0.00	8.00	137	0.00	0.00	1.94	4.31
DQv/+	0.13	[0.38]	0.00	2.00	35	0.00	0.00	3.05	9.24
FQx+	0.23	0.84	0.00	11.00	43	0.00	0.00	8.05	91.06
FQxo	10.51	3.82	2.00	28.00	309	10.00	10.00	0.76	1.35
FQxu	8.37	4.64	1.00	30.00	309	7.00	6.00	1.62	4.18
FQx-	2.72	1.95	0.00	11.00	279	2.00	2.00	1.14	2.15
FQxNulo	0.25	[0.58]	0.00	3.00	60	0.00	0.00	2.81	8.83
MQ+	0.10	0.41	0.00	3.00	23	0.00	0.00	4.59	23.35
MQo	1.61	1.42	0.00	7.00	231	1.00	1.00	0.86	0.49
MQu	0.79	1.23	0.00	8.00	135	0.00	0.00	2.53	9.40
MQ-	0.29	[0.73]	0.00	4.00	55	0.00	0.00	2.80	7.85
MQNulo	0.05	[0.28]	0.00	3.00	10	0.00	0.00	7.31	60.96
SQual-	0.54	[0.92]	0.00	8.00	116	0.00	0.00	3.28	17.94
M	2.85	2.60	0.00	15.00	258	2.00	1.00	1.37	2.19
FM	3.62	2.87	0.00	19.00	284	3.00	2.00	1.94	6.64
m	1.34	1.51	0.00	7.00	192	1.00	0.00	1.25	1.07
FC	1.25	1.52	0.00	10.00	188	1.00	0.00	1.80	4.48
CF	1.80	1.80	0.00	10.00	224	1.00	0.00	1.24	1.55
C	0.26	[0.57]	0.00	3.00	61	0.00	0.00	2.33	5.27
Cn	0.02	[0.19]	0.00	3.00	3	0.00	0.00	13.93	210.70
Sum Color	3.32	2.76	0.00	15.00	271	3.00	2.00	1.19	1.52
WSumC	2.81	2.45	0.00	13.00	271	2.00	0.00	1.22	1.46
FC'	0.84	[1.11]	0.00	5.00	151	0.00	0.00	1.49	2.12
C'F	0.45	[0.81]	0.00	4.00	91	0.00	0.00	1.88	3.00
C'	0.02	[0.19]	0.00	2.00	5	0.00	0.00	9.03	85.98
FT	0.63	[0.76]	0.00	3.00	148	0.00	0.00	0.94	0.12
TF	0.05	[0.22]	0.00	2.00	13	0.00	0.00	5.24	29.65
T	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
FV	0.45	[0.88]	0.00	6.00	90	0.00	0.00	2.75	9.74
VF	0.13	[0.53]	0.00	6.00	29	0.00	0.00	6.70	60.06
V	0.00	[0.06]	0.00	1.00	1	0.00	0.00	17.57	309.00
FY	0.73	[1.12]	0.00	6.00	124	0.00	0.00	1.69	2.64
YF	0.41	[0.76]	0.00	4.00	87	0.00	0.00	2.19	5.00
Y	0.07	[0.27]	0.00	2.00	18	0.00	0.00	4.49	21.52
Fr	0.29	[0.76]	0.00	5.00	53	0.00	0.00	3.29	11.89
rF	0.07	[0.31]	0.00	2.00	15	0.00	0.00	5.09	26.62
Soma C'	1.32	[1.53]	0.00	7.00	180	1.00	0.00	1.24	1.22
Som T	0.68	[0.80]	0.00	4.00	154	0.00	0.00	1.05	0.74
Soma V	0.59	[1.03]	0.00	6.00	109	0.00	0.00	2.49	7.60
Soma Y	1.20	[1.54]	0.00	8.00	169	1.00	0.00	1.58	2.49
Soma Sombreado	3.78	3.33	0.00	16.00	265	3.00	4.00	1.26	1.64
Fr+rF	0.35	[0.91]	0.00	5.00	55	0.00	0.00	3.02	9.41
FD	1.46	[1.48]	0.00	9.00	222	1.00	1.00	1.69	4.39

CAPÍTULO VI: Análise Dos Resultados Da População Portuguesa

(n = 309)

VARIÁVEL	M	DP	MÍN	MÁX	FREQ	Md	MODA	AS	CU
F	9.62	4.58	1.00	28.00	309	9.00	7.00	0.86	1.12
(2)	7.73	4.82	0.00	32.00	303	7.00	7.00	1.49	4.34
3r+(2)/R	0.40	0.18	0.00	1.14	307	0.39	0.33	0.51	1.00
Lambda	1.21	1.71	0.06	19.00	309	0.75	0.50	6.11	51.99
FPuro%	0.45	0.18	0.06	0.95	309	0.43	0.33	0.44	-0.21
FM+m	4.96	3.54	0.00	24.00	297	4.00	3.00	1.75	5.28
EA	5.65	4.20	0.00	24.50	296	4.50	4.50	1.37	2.39
es	8.74	5.42	0.00	32.00	307	8.00	8.00	1.26	2.21
D Score	-0.89	1.46	-7.00	3.00	171	0.00	0.00	-1.06	1.54
AdjD	-0.43	1.21	-7.00	4.00	151	0.00	0.00	-0.81	3.88
a (active)	5.06	3.69	0.00	22.00	297	4.00	2.00	1.46	3.14
p (passive)	2.79	2.51	0.00	19.00	265	2.00	2.00	1.97	7.29
Ma	1.78	1.85	0.00	9.00	224	1.00	0.00	1.43	2.17
Mp	1.09	1.35	0.00	7.00	169	1.00	0.00	1.46	2.29
Intellect	2.24	2.58	0.00	15.00	217	2.00	0.00	1.89	4.52
Zf	10.56	4.82	1.00	34.00	309	10.00	10.00	0.84	1.92
Zd	-1.13	4.47	-13.50	16.00	297	-1.00	-0.50	-0.12	0.84
Blends	3.53	3.00	0.00	15.00	274	3.00	1.00	1.18	1.39
Blends/R	0.16	0.12	0.00	0.67	274	0.14	0.00	0.97	1.04
Col-Shd Blends	0.66	[1.05]	0.00	7.00	122	0.00	0.00	2.18	6.72
Afr	0.56	0.23	0.19	1.63	309	0.53	0.50	1.01	1.67
Populars	4.93	1.82	0.00	11.00	308	5.00	5.00	0.19	0.04
XA%	0.87	0.07	0.63	1.00	309	0.87	0.88	-0.29	-0.30
WDA%	0.88	0.08	0.63	1.00	309	0.88	1.00	-0.49	0.05
X+%	0.50	0.13	0.19	0.88	309	0.50	0.50	0.09	-0.20
X-%	0.12	0.07	0.00	0.31	279	0.12	0.00	0.29	-0.41
Xu%	0.37	0.12	0.06	0.74	309	0.36	0.33	0.31	0.24
Isolate/R	0.22	0.17	0.00	0.94	276	0.19	0.00	0.83	0.65
H	1.90	1.83	0.00	10.00	248	1.00	1.00	1.63	3.29
(H)	0.79	0.97	0.00	5.00	161	1.00	0.00	1.47	2.44
HD	1.25	1.70	0.00	14.00	189	1.00	0.00	3.11	15.69
(Hd)	0.31	0.69	0.00	5.00	70	0.00	0.00	2.96	11.39
Hx	0.24	[0.72]	0.00	6.00	43	0.00	0.00	4.04	20.16
H+(H)+Hd+(Hd)	4.26	3.45	0.00	22.00	290	4.00	3.00	1.98	5.88
(H)+Hd+(Hd)	2.35	2.35	0.00	15.00	260	2.00	1.00	2.49	9.05
A	8.59	3.71	2.00	29.00	309	8.00	6.00	1.06	2.50
(A)	0.21	[0.49]	0.00	3.00	53	0.00	0.00	2.53	6.60
Ad	2.67	[2.32]	0.00	21.00	275	2.00	1.00	2.60	14.04
(Ad)	0.07	[0.29]	0.00	2.00	21	0.00	0.00	4.06	17.33
An	1.38	[1.68]	0.00	11.00	195	1.00	0.00	1.95	5.38
Art	1.53	1.65	0.00	9.00	204	1.00	0.00	1.44	2.83
Ay	0.25	[0.61]	0.00	4.00	56	0.00	0.00	2.95	9.94
Bl	0.25	[0.53]	0.00	3.00	62	0.00	0.00	2.23	4.71
Bt	1.50	1.61	0.00	10.00	212	1.00	0.00	1.74	4.76
Cg	1.24	1.47	0.00	9.00	184	1.00	0.00	1.57	3.53
Cl	0.26	[0.57]	0.00	3.00	61	0.00	0.00	2.20	4.19
Ex	0.18	[0.53]	0.00	3.00	41	0.00	0.00	3.32	11.73
Fi	0.45	[0.82]	0.00	6.00	95	0.00	0.00	2.48	8.58
Food	0.24	[0.50]	0.00	3.00	63	0.00	0.00	2.21	5.02
Ge	0.29	[0.78]	0.00	7.00	59	0.00	0.00	4.27	24.87
Hh	0.65	0.94	0.00	5.00	132	0.00	0.00	1.80	3.77
Ls	0.81	1.12	0.00	7.00	144	0.00	0.00	1.78	4.09
Na	0.85	[1.18]	0.00	6.00	141	0.00	0.00	1.46	1.78
Sc	0.67	[1.17]	0.00	6.00	114	0.00	0.00	2.22	5.05

CAPÍTULO VI: Análise Dos Resultados Da População Portuguesa

(n = 309)

VARIÁVEL	M	DP	MÍN	MÁX	FREQ	Md	MODA	AS	CU
Sx	0.43	[0.93]	0.00	6.00	79	0.00	0.00	2.87	9.62
Xy	0.22	[0.66]	0.00	6.00	47	0.00	0.00	4.55	27.08
Idiographic	0.61	0.92	0.00	6.00	124	0.00	0.00	1.86	4.61
An+Xy	1.60	[1.84]	0.00	11.00	210	1.00	0.00	1.86	4.56
DV	0.31	[0.58]	0.00	3.00	77	0.00	0.00	1.84	2.79
INCOM	0.31	[0.67]	0.00	5.00	72	0.00	0.00	2.79	10.61
DR	0.14	[0.47]	0.00	4.00	33	0.00	0.00	4.25	22.52
FABCOM	0.28	[0.53]	0.00	3.00	74	0.00	0.00	2.07	4.81
DV2	0.00	[0.06]	0.00	1.00	1	0.00	0.00	17.57	309.00
INC2	0.00	[0.06]	0.00	1.00	1	0.00	0.00	17.57	309.00
DR2	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
FAB2	0.01	[0.08]	0.00	1.00	2	0.00	0.00	12.36	151.97
ALOG	0.07	[0.26]	0.00	1.00	22	0.00	0.00	3.35	9.29
CONTAM	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
Sum 6 Sp Sc	1.12	1.19	0.00	6.00	200	1.00	1.00	1.37	2.26
Lvl 2 Sp Sc	0.01	[0.14]	0.00	2.00	3	0.00	0.00	11.89	152.20
WSum6	2.88	3.38	0.00	20.00	200	2.00	0.00	1.65	3.57
AB	0.23	[0.64]	0.00	5.00	49	0.00	0.00	3.91	19.12
AG	0.59	0.95	0.00	7.00	122	0.00	0.00	2.57	9.64
COP	0.91	1.02	0.00	6.00	179	1.00	0.00	1.43	3.02
CP	0.04	[0.23]	0.00	2.00	10	0.00	0.00	6.39	44.36
Good HR	2.95	2.18	0.00	13.00	275	3.00	3.00	1.21	2.45
Poor HR	2.10	2.41	0.00	15.00	233	1.00	1.00	2.22	6.50
MOR	1.25	[1.33]	0.00	7.00	202	1.00	0.00	1.39	2.23
PER	1.11	1.30	0.00	7.00	183	1.00	0.00	1.44	2.26
PSV	0.14	[0.36]	0.00	2.00	42	0.00	0.00	2.31	4.11
PTI Total	0.10	0.34	0.00	2.00	29	0.00	0.00	3.36	11.49
DEPI Total	3.86	1.31	1.00	7.00	309	4.00	4.00	0.08	-0.77
CDI Total	3.25	1.30	0.00	5.00	305	3.00	4.00	-0.38	-0.75
SCon Total	5.12	1.57	1.00	10.00	309	5.00	5.00	0.11	-0.34
HVI Total	2.07	1.34	0.00	7.00	286	2.00	2.00	0.95	0.96
OBS Total (1-5)	1.15	0.92	0.00	4.00	226	1.00	1.00	0.46	-0.36
WD+	0.21	0.70	0.00	8.00	42	0.00	0.00	6.27	55.68
WDo	9.21	3.45	2.00	26.00	309	9.00	8.00	0.70	1.62
WDu	5.38	2.95	0.00	20.00	307	5.00	4.00	1.16	2.58
WD-	1.77	1.32	0.00	6.00	254	2.00	1.00	0.54	-0.19
WDNulo	0.23	0.56	0.00	3.00	57	0.00	0.00	2.88	9.40

O valor de S (Espaço branco) também é relativamente elevado ($M = 2.26$, $Md = 2.00$). Segundo Exner & Erdberg (2005), a interpretação de negativismo, oposição, raiva, inicia-se quando os sujeitos obtêm valores de $S > 2$ e torna-se evidente com $S = 4$ ou superior. Existe ainda a distinção entre oposição ou irritação em relação à aplicação do teste, podendo ser qualificada de situacional, se as respostas S, forem dadas nos três primeiros cartões do Teste (I, II ou III). Se as respostas S forem dadas após o cartão III, então o negativismo em relação ao meio será mais estrutural. Na nossa amostra, apesar da média de S, ser superior a 2, a mediana e a moda são de 2 valores. Neste caso, não se poderá concluir que a população portuguesa tenha características acentuadas de oposição em relação ao meio.

No sector dos determinantes, assinalam-se as médias das variáveis Movimento (M) (2.85), de Soma da Respostas Cor (Sum C) (3.32) e de Soma Ponderada da Cor (WSumC) (2.81) que, comparativamente, são bastante baixas. Estes valores encontrarão mais adiante a sua justificação, pois eles distribuem-se diferentemente consoante as variáveis critério de classificação dos indivíduos em grupos que constituem a amostra.

A soma das respostas de Textura (T) é também relativamente baixa, com uma média de 0.68. Saliente-se que, nesta amostra, 50% dos indivíduos apresenta um valor de $T = 0$ e apenas 15% apresenta um $T > 1$. Um número tão elevado de indivíduos com $T = 0$ mereceria um estudo específico, tendo em vista encontrar uma explicação para uma tão elevada diferença em relação aos valores norte-americanos, onde a percentagem de indivíduos com $T=0$ é de 19% (Quadro 6.1.2).

As variáveis relacionadas com a Qualidade Formal, Forma Adequada Alargada (XA%) e Forma Adequada – Áreas Comuns (WDA%) apresentam valores médios de respectivamente 0.87 e 0.88. Por sua vez as variáveis indicadoras de Distorção Formal (X-%) e de Forma Incomum (Xu%) apresentam médias de 12% e 37% respectivamente. Se o valor de X-% (0.12), embora ligeiramente mais elevado do que o do SIR (0.11), não surpreende. A média de Xu% é quase o dobro do valor constante do SIR que é de 0.20. Se considerarmos que o valor de XA% resulta da soma de Xu% + X+%, verificamos que o valor deste último é de 50%, quando o equivalente do SIR ascende a

77%. Estes dados apontam para um aspecto que, de alguma maneira secunda o anteriormente observado a propósito da alta frequência de localizações em Dd. As respostas FQu definem-se como a identificação de boas formas em objectos incomuns ou raramente percebidos. Aqui reencontramos a tendência, aparentemente bem atestada, para a identificação adequada do que não é comum. Esta tendência contrabalança a menor frequência das identificações adequadas de objectos ou formas comuns que, nos norte-americanos, é marcante.

A variável $X-\%$, indicadora de distorção perceptiva assume particular importância por significar precisamente a frequência dos erros perceptivos que, quando elevada assume particular significado no âmbito da psicologia clínica. Segundo o SIR, um valor de $X-\%$ superior a 0.20, indica além da falta de convencionalidade, a possibilidade da existência de distorção perceptiva e possível perturbação do pensamento.

Ao analisarmos $X+\%$ ($M = 0.50$), este valor médio parece relativamente baixo, enquanto $Xu\%$ ($M = 0.37$), parece bastante elevado. Estas duas variáveis englobam as respostas com boa Qualidade Formal, sendo, respectivamente, umas mais frequentes [(FQo) (a componente FQ+ é rara, mais o maior peso é sempre de FQo)] e outra mais rara (FQu). A variável que acaba por englobar todas as respostas com boa Qualidade Formal sem ter em conta o facto de ser comum ou rara, é $XA\%$ ($M = 0.87$, $DP = 0.07$, mediana = 0.87 e moda = 0.88). Esta variável tem valores considerados bons, tendo em conta os manuais do SIR, que alertam para os valores inferiores a 0.75 e 0.70. No caso de se obterem estes resultados, então o valor de $X-\%$ é demasiado elevado, muito superior aos 20% de respostas.

Levantou-se a questão de os resultados de $Xu\%$ e $X+\%$ na população portuguesa, serem provocados por uma causalidade cultural, podendo os dados da população portuguesa dar origem a uma nova tabela de qualidade formal. Esta hipótese tinha alguma consistência e partia do pressuposto que um indivíduo veria nos cartões algo que lhe fosse mais familiar, em termos de objectos de uso quotidiano ou outros.

No âmbito do estudo normativo com crianças em Portugal, dirigido pelo Prof. Danilo Silva, foi elaborada uma nova tabela de qualidade formal para crianças.

Efectivamente, constatou-se que um número importante de respostas tinha alterado a classificação de qualidade formal, passando de FQo para FQu ou vice-versa, assim como houve outras em número mais reduzido que sofreram uma alteração no âmbito da FQ-, quando comparado com as listas de qualidade formal de Exner. Todos os protocolos da amostra de crianças foram recodificados, tendo em conta estas alterações. Com a comparação dos resultados das duas codificações de qualidade formal (Silva & Pires, 2009), das duas amostras, com a lista FQ de Exner e a lista portuguesa, as comparações tanto a nível de resposta como de protocolo mostraram níveis altos de concordância nas respostas FQ- e FQo (0.81 e 0.72 respectivamente). Os níveis de concordância mais baixos verificaram-se com as codificações das respostas FQu (0.56), que corresponde à única diferença significativa ($p > 0.05$). A média de Xu% diminuiu ligeiramente na codificação com a tabela portuguesa, de 0.28 para 0.26. (Silva & Pires, 2011). Perante estes resultados, talvez não se justifique a elaboração de uma tabela de qualidade formal para a população portuguesa.

A variável WDA% também engloba a Qualidade Formal considerada aceitável (excluindo a Qualidade Formal negativa), mas apenas para as respostas com localização Global (W) e Detalhe frequente (D). Como estas variáveis são as localizações mais convencionais, será de esperar valores de boa Qualidade Formal superiores aos da totalidade de localizações (XA%). Geralmente, os valores de WDA% são sempre superiores aos de XA%.

Neste estudo, isto também se verificou pois WDA% ($M = 0.88$, $DP = 0.08$, mediana = 0.88 e moda = 1.00). Estas duas variáveis, XA% e WDA%, foram elaboradas na reformulação do SIR (Exner, 2000a, 2001), após constatação que Xu% tinha um valor muito mais elevado, em alguns países europeus, nomeadamente Portugal (Pires, 1999) do que era constatado nos E.U.A., em detrimento de X+% (comunicação pessoal de J. Exner). Assim XA% e WDA% tinham o mérito de realçar as respostas com boa Qualidade formal, em detrimento da Qualidade Formal negativa (X-%) e de permitir uma análise mais precisa e fina da convencionalidade.

Ainda dentro do sector dos determinantes, vamo-nos deter com brevidade sobre a relação das respostas de Movimento (M) e de Cor (WSumC). No SIR, estas variáveis constituem indicadores dos recursos disponíveis de que o indivíduo se serve ou a que recorre, sempre que, diante de uma situação problema ou de exigências provindas de dentro ou de fora, tem de encontrar uma maneira adequada de se desenvencilhar. Segundo Exner (2000a), as respostas movimento humano e as respostas cor cromática representam os recursos internos disponíveis. O M representando a capacidade ideacional, a adaptação através do pensamento. A soma ponderada de C representa o pólo emocional, a capacidade de lidar com os afectos.

No SIR, esses recursos expressam-se pela variável Experiência Efectiva (EA) (*Experience Actual*) que contém a soma do valor das respostas M mais o valor de WSumC ou Soma Ponderada das respostas Cor. Dados os valores baixos de M e WSumC, acima indicados, temos que, para a amostra total dos adultos portugueses, os recursos disponíveis para enfrentar e sair-se com sucesso das dificuldades do dia-a-dia são escassos. Na WSum C, o CF ($M = 1.80$) e o C ($M = 0.26$) são mais elevados que FC ($M = 1.25$). Nesta amostra 55% dos sujeitos têm um valor de CF+C mais elevado que FC+1, o que indicaria problemas com a modulação da expressão emocional (Quadro 6.1.2).

Dentro dos resultados obtidos, estes baixos valores, de M e WSum C, ligam-se ao valor muito elevado da variável Lambda e à acentuada assimetria da distribuição dos seus resultados, já que a média de 1.21 se acompanha duma mediana de 0.75. Por sua vez a distribuição dos resultados mostra-se muito dispersa e irregular. No SIR, o valor médio de 1.21 é considerado muito elevado pois ultrapassa o ponto de corte de 0.99. Ora verifica-se que, na nossa amostra, 111 sujeitos, ou 36% da amostra têm $\text{Lambda} > 0.99$, correspondendo tais valores ao estilo de resposta evitativo da complexidade e da ambiguidade, sendo um estilo de economia psicológica indicador de fracos recursos ideativos (M) e de expressão emocional (WSumC). O valor elevado de Lambda nesta amostra associa-se, assim, aos valores médios baixos das variáveis que constituem o EA.

Os recursos disponíveis representados pelo EA, estão directamente relacionados com a capacidade de tolerância ao stress e o controle do comportamento. O valor médio

de EA é de 5.65 (mediana = 4.50). Geralmente, espera-se que um adulto tenha um valor de EA > 6, como indicador de bons recursos internos disponíveis (Exner, 2000a). O es (estimulação sentida) que agrega as variáveis de ideação periférica (FM + m) e de actividade afectiva periférica (soma de todos os sombreados: C' + T + V + Y), tem uma média de 8.74, com as mediana e moda em 8.00. Este valor parece relativamente alto, em comparação com a média de EA. Segundo os manuais do SIR (Exner, 2000a e Weiner, 1998b), seria de esperar que a média de EA fosse superior à de es.

A nota D, indicador da capacidade de tolerância ao stress e controle de comportamento, resulta de um cálculo da subtração do EA ao es, sendo corrigido através de uma tabela com desvios padrão de 2.5 valores. O indivíduo que tem uma boa capacidade de tolerância, no momento da aplicação do teste, deveria ter um valor de EA superior a es.

O valor de Lambda ($M = 1.21$, $SD = 1.71$, mediana = 0.75) está bastante elevado em relação ao valor limite de 0.99 (Weiner, 1998b e Exner, 2000a).

Segundo Exner (2000), o $\text{Lambda} > 0.99$, significa que pelo menos metade das respostas do protocolo têm como único determinante o determinante F (Forma pura). As normas de interpretação indicam que os indivíduos com este tipo de Lambda, têm uma tendência para na sua vida quotidiana, utilizar uma tática psicológica de ignorar a complexidade e/ou ambiguidade (Exner, 2000^a, p. 31). Segundo Weiner (1998b), o Lambda elevado não indica flexibilidade e mostra uma falta de abertura à experiência e uma tendência para se ver a si próprio e ao seu mundo numa perspectiva muito limitada, “olhando só para a frente, mas raramente para a esquerda ou direita”. Este tipo de pessoas tende a tomar decisões sem pensar muito e sem grande investimento emocional, são intolerantes relativamente à ambiguidade e à incerteza, sentem-se mais confortáveis em situações bem estruturadas e familiares e preferem soluções simples, mesmo para problemas complexos (Weiner, 1998b, p. 108).

Exner (2000a) caracterizou o $\text{Lambda} > 0.99$ como sendo um estilo de resposta evitativo (da complexidade e da ambiguidade), que se sobrepõe e em certa medida neutraliza as características dos outros três estilos de resposta: introversivo, ambigual e extratensivo. O estilo evitativo passou a ser o quarto estilo de resposta e geralmente os

indivíduos com estas características têm um valor de EA relativamente baixo, pois como uma categoria de determinantes está presente na maioria das respostas em detrimento do movimento humano (M) e da cor cromática (WSumC).

O facto de termos 36% da amostra total com um estilo de resposta evitativo, poderá ser uma das explicações possíveis para os valores de EA relativamente baixos, anteriormente mencionados

O índice de egocentricidade apresenta uma média de 0.40 (DP = 0.18), o que é considerado interessante, pois os valores considerados comuns na população variam entre 0.33 e 0.44. É de realçar que temos 35% da amostra com valores inferiores a 0.33 e também 35% com valores superiores a 0.44, (uma distribuição normal). Registe-se que a média referida é idêntica à apresentada no SIR.

No campo dos conteúdos, os valores de H puro, figura humana inteira, são baixos (média = 1.90, DP = 1.83, mediana = 1.0). Por outro lado, verificámos também que 160 sujeitos (52%) têm valores de H puro menores que 2 e 20% da amostra tem mesmo um H Puro nulo. A média da soma dos conteúdos humanos também pode considerar-se relativamente baixa (média = 4.26, DP = 3.45). Por sua vez, a variável conteúdo Animal inteiro - A, alcança uma média de 8.59 (DP = 3.71), mais elevada do que a do SIR (7.96), quase duplicando a soma dos conteúdos humanos. Este dado é tanto mais significativo quanto os valores médios alcançados nos três grupos diferenciados pelo nível de escolaridade são idênticos. Será interessante verificar se estes valores são específicos de algum segmento da amostra ou se são consistentes na sua totalidade.

As respostas de movimento cooperativo (COP) e de movimento agressivo (AG), são indicadores de tendências na qualidade das relações interpessoais. Os valores de COP, Movimento Cooperativo, (média = 0.91) e de AG (Movimento Agressivo) (média = 0.59) também se podem considerar bastante baixos, na sequência da nota inicial referente à frequência das respostas com determinante Movimento Humano. Constatase que 42% da amostra tem COP = 0 e apenas 6% têm COP > 2. Relativamente a AG, 61% dos sujeitos não apresentam este tipo de conteúdo (AG = 0) e apenas 4% têm AG > 2.

O valor de Conteúdo Mórbido (MOR) (média = 1.25, DP = 1.33) é ligeiramente elevado, sobretudo se tivermos em conta a média do SIR que é de 0.79, pois o valor mediano é de 1.00, idêntico ao português. Com efeito, enquanto a percentagem de indivíduos que dão respostas MOR, na nossa amostra, é de 65% a dos norte-americanos é de 53,5%. A percentagem de indivíduos com MOR >2 é de 14%.

As variáveis de representação humana são outro indicador qualitativo das relações interpessoais, com GHR (boa representação humana) temos uma compreensão saudável e adaptativa dos outros, com PHR (representação humana má ou pobre) temos um indicador de compreensão perturbada e inadaptada dos outros.

Para GHR e PHR encontramos médias de 2.95 e DP 2.18 e 2.10 com DP de 2.41 respectivamente. São valores relativamente baixos, em grande medida ligados à fraca frequência de respostas de Movimento Humano. Enquanto, na amostra norte-americana, a resposta de Movimento Humano está presente em todos os indivíduos, na amostra portuguesa, há 17% de indivíduos que não dá tais respostas. Aqueles valores médios deixam também transparecer a elevada frequência com que a forma humana, tão familiar a cada pessoa, é objecto de distorção perceptiva. Com efeito, apenas em 59% dos indivíduos o valor médio de GHR é maior do que o de PHR (Quadro 6.1.2). As variáveis de boa e má representação humana, GHR com uma média de 2.95 (DP = 2.18) pode-se considerar como baixo, mas PHR (média = 2.10, DP = 2.41) tem valores considerados razoáveis. Verifica-se que $GHR > PHR$ se encontra em 59% dos sujeitos da amostra.

Relativamente aos valores das codificações especiais críticas, tanto o da Sum 6 Sp Sc (média = 1.12) como o da WSum6 (média = 2.88) são considerados razoavelmente baixos, correspondendo aos níveis esperados em amostras se não-pacientes.

O quadro 6.1.2, contém os resultados dos estilos de coping, dos rácios e das variáveis mistas.

Os estilos de resposta considerados mais positivos são o Introversivo e o Extratensivo. O primeiro, indicador de dominância de actividade ideativa e o segundo,

de dominância da actividade emocional, ambos sem evitamento da complexidade e da ambiguidade.

Os estilos de resposta menos valorizados são o Ambiguo e o Evitativo, o primeiro indica falta de consistência do estilo de resposta, sem evitamento da complexidade. O segundo indica um funcionamento psicológico mais económico em que predomina o evitamento da complexidade e da ambiguidade.

No que respeita aos estilos de resposta, observamos que os estilos tidos como melhor caracterizados, o introversivo e o extratensivo ocorrem respectivamente em 20% e 16% da amostra, contrastando com o estilo ambiguo e com o evitativo claramente mais frequentes na nossa amostra representando respectivamente 28% e 36% da amostra. Estes valores causam alguma surpresa porque os estilos de resposta considerados mais interessantes têm uma frequência muito inferior aos estilos considerados mais pobres. É plausível que outras análises destes resultados permitam uma justificação esclarecedora.

O valor de positivo no Índice de Défice Confrontação (CDI), é bastante surpreendente, tanto quanto o valor máximo atingível de 5 não ocorre na amostra norte-americana ao passo que está presente em 19% dos indivíduos da amostra portuguesa e o valor de 4 em 29%, quando não chega a atingir 1% da amostra norte-americana.

Outro resultado que chama a atenção é o do Índice de Depressão (DEPI) que é positivo quando o valor obtido for de 5. Ora o valor de 5 ocorre em 19%, o de 6 em 12% e o de 7 em 1%, perfazendo 32% da amostra. Esta variável pode indicar a existência de uma depressão ou apenas alguma instabilidade emocional. Estes valores não parecem ser completamente incongruentes com a realidade da nossa sociedade, pois o Plano Nacional de Saúde 2004-2010, Vol. 2. (http://www.dgsaude.min-saude.pt/pns/vol2_227.html) - Plano nacional de saúde 2004-2010 – ref. completa), admite que 20% da população pode ser atingida por depressão.

Quadro 6.1.2 - Resultados da amostra total nos estilos de coping, rácios e variáveis mistas
(N = 309)

RÁCIOS, PERCENTAGENS E INDICES ESPECIAIS					
ESTILOS			DESVIOS DE QUALIDADE FORMAL		
Introversivo	62	20%	XA% > .89	118	38%
Invasivo Introversivo ...	35	11%	XA% < .70	3	1%
Ambigual	87	28%	WDA% < .85	88	28%
Extratensivo	49	16%	WDA% < .75	13	4%
Invasivo Extratensive ...	31	10%	X+% < .55	198	64%
Evitativo.....	111	36%	Xu% > .20	284	92%
			X-% > .20	42	14%
			X-% > .30	2	1%
D-SCORES			FC:CF+C RATIO		
D Score > 0	23	7%	FC > (CF+C) + 2	15	5%
D Score = 0	138	45%	FC > (CF+C) + 1	36	12%
D Score < 0	148	48%	(CF+C) > FC+1	104	34%
D Score < -1	82	27%	(CF+C) > FC+2	65	21%
Adj D Score > 0	38	12%			
Adj D Score = 0	158	51%			
Adj D Score < 0	113	37%			
Adj D Score < -1	50	16%			
			S-Constellation Positive ...	22	7%
Zd > +3.0 (Overincorp)	47	15%	HVI Positive	9	3%
Zd < -3.0 (Underincorp)	91	29%	OBS Positive	3	1%
PTI = 5	0	0%	DEPI = 7	2	1%
PTI = 4	0	0%	DEPI = 6	38	12%
PTI = 3	0	0%	DEPI = 5	60	19%
VARIÁVEIS MISTAS					
R < 17	86	28%	(2AB+Art+Ay) > 5	28	9%
R > 27	63	20%	Populares < 4	68	22%
DQv > 2	36	12%	Populares > 7	22	7%
S > 2	100	32%	COP = 0	130	42%
Sum T = 0	155	50%	COP > 2	19	6%
Sum T > 1	47	15%	AG = 0	187	61%
3r+(2)/R < .33	107	35%	AG > 2	12	4%
3r+(2)/R > .44	108	35%	MOR > 2	44	14%
Fr + rF > 0	55	18%	Level 2 Sp.Sc. > 0	3	1%
PureC > 0	61	20%	GHR > PHR	182	59%
PureC > 1	16	5%	Pure H < 2	160	52%
Afr < .40	79	26%	Pure H = 0	61	20%
Afr < .50	128	41%	p > a+1	31	10%
(FM+m) < Sum Shading	99	32%	Mp > Ma	69	22%

As respostas Popular (P) apresentam uma média de 4.93 ($DP = 1.82$) e uma mediana de 5, valores que podem ser considerados adequados, considerando o número máximo de 10 P encontrado na amostra portuguesa. Com efeito, na amostra norte-americana, o valor médio de P é de 6,58 para um número máximo de 13. O facto de que 22% da amostra tem $P < 4$ e apenas 7% com $P > 7$ traduz a assimetria da distribuição em que os valores mais baixos predominam.

No Sistema Integrativo de Rorschach, uma resposta é considerada Popular se for vista, pelo menos por um terço ou cerca de 33% dos sujeitos da amostra do estudo normativo. Este critério é o mais exigente porque, noutros sistemas, a exigência é de apenas um sexto.

No Quadro 6.1.3 apresentamos a lista das respostas Populares da população adulta Portuguesa. A par da lista portuguesa das respostas Populares, apresentamos também as listas do Japão, Finlândia, Espanha e Estados Unidos.

Se compararmos com a lista de respostas P dos Estados Unidos (Exner, 1986, p. 158), na nossa população encontramos as mesmas respostas Populares, com excepção das dos Cartões IX e X. No cartão IX em D3, a resposta figura humana ou humanóide apenas foi referida por 4% dos sujeitos, enquanto, na lista dos E. U. A., a frequência foi de 54%. No cartão X, em D1, os conteúdos aranha e caranguejo foram referidos respectivamente por 16 e 18% dos nossos sujeitos, contra 42 e 37% da amostra norte-americana.

Se tomarmos como referência a lista de respostas Populares de Exner (1986, p.158), podemos verificar que, nos cartões IX e X, Portugal, Japão, Finlândia e Espanha não alcançam a percentagem mínima de 33% dos sujeitos em nenhuma das respostas indicadas nem em qualquer outra.

Quadro 6.1.3 - Lista de respostas Populares da população adulta Portuguesa e comparação com as listas do Japão, Finlândia, E. U. A. e Espanha.

			Pires. Portugal	Nakamura Japão	Mattlar. Finlândia	Exner. E.U.A	Sangro. Espanha
				2000	1995	1986	1997
Cart	Loc.	Resposta	N=309	N=450	N=357	N=700	N=470
I	W	Morcego	49%	48%	59%	48% 0	33%
	W	Borboleta	38%	22%	25%	40%	21%
II	D1	Animal	33%	39%	43%	34%	37%
	W, Dd99	2 Pessoas	—	38%	32%	—	—
III	D1, D9	Figura Humana	78%	85%	98%	89%	83%
IV	W, D7	Figura Humana ou Humanóide	34%	37%	30%	53%	36%
V	W	Morcego	47%	37%	68%	36%	50%
	W	Borboleta	34%	61%	16%	46%	38%
VI	W, D1	Pele de animal	44%	39%	59%	87%	33%
	W	Instr. musical	—	35%	—	—	—
VII	D9	Cabeça Humana	41%	62%	21%	59%	41%
VIII	D1	Animal	83%	84%	90%	94%	85%
IX	D3	Figura Humana ou Humanóide	4%	6%	4%	54%	—
X	D1	Aranha	16%	13%	24%	42%	19%
	D1	Caranguejo	18%	8%	8%	37%	19%

Se compararmos os resultados das listas dos cinco países, poderemos verificar:

- No cartão I, em W, a resposta Morcego tem resultados positivos em todas as listas, entre 33 e 59%. A resposta Borboleta apenas cumpre o critério em Portugal e nos E. U. A. (Exner, 1986). A amostra Japonesa (Tsugawa, Nakamura, et al., 2000), obtém apenas

22%, a Finlandesa (Mattlar, 1995) 25% e a Espanhola (Sangro, 1997) obtém uma frequência de 21%.

- No cartão II, em D1, a resposta Animal é Popular em todas as listas. Em W ou Dd99, a lista Japonesa tem uma resposta nova, 2 Pessoas, com 38%. A lista Finlandesa, nessa resposta, com 32%, quase cumpre o critério de Popular.

- No cartão III, nas localizações D1 ou D9, a resposta Figura Humana obtém resultados entre 78 e 98%, cuja frequência só foi superada pela resposta P do cartão VIII.

- No cartão IV, em W ou D7, a resposta Figura Humana ou Humanóide, cumpre o critério de P em todas as listas, excepto na Finlandesa onde obtém apenas 30%.

- No cartão V, em W, a resposta Morcego é P em todas as listas com resultados entre 36 e 58%. A resposta Borboleta alcança, em todas as listas, o critério de P, em W, com valores entre 34 e 61%, exceptuada a lista da Finlândia cuja percentagem reduzida de 16% nos surpreendeu.

- No cartão VI, em W ou D1, a resposta Pele de Animal é considerada P em todas as listas com resultados entre 33 e 87%. O estudo Japonês apresenta como P, em W, a resposta Instrumento Musical, com um resultado de 35%.

- No cartão VII, em D9, a resposta Cabeça Humana, tem apenas 21% na amostra Finlandesa, sendo considerada P nas restantes listas, com resultados entre 41 e 62%.

- No cartão VIII, em D1, a resposta Animal quadrúpede ou, se for específico, pertencendo às espécies canina, felina ou roedora, tem resultados muito elevados com 94% para os E. U. A., 90% para a Finlândia, 85% para Espanha, 84% para o Japão e 83% para Portugal,

- No cartão IX, em D3, a resposta Figura Humana ou Humanóide apenas é considerada P na amostra de norte-americana, com 54%. Nas listas Portuguesa, Japonesa e Finlandesa este tipo de resposta alcança, respectivamente, 4%, 6% e 4%. A lista Espanhola não refere qualquer valor.

- No cartão X, como foi acima mencionado, em D1, as respostas Aranha e Caranguejo têm resultados de 42 e 37% na amostra dos E. U. A., na amostra Portuguesa 16 e 18%, na Japonesa 13 e 8%, na Finlandesa 24 e 8% e na Espanhola 19 e 19%.

Poderemos concluir que estes resultados são surpreendentes por apresentarem respostas Populares nos cartões IX e X, apenas no estudo normativo dos E. U. A. (Exner, 1986). Existem pequenas diferenças nos restantes oito cartões que poderão ser atribuídas a especificidades culturais e ambientes, nomeadamente nas amostras Japonesa e Finlandesa. A amostra Espanhola surpreende por não apresentar no Cartão I, a resposta Borboleta como Popular.

2.1 Comparação entre os Resultados da Amostra Portuguesa e os da de Exner (2005), em 80 Variáveis

No Quadro 6.2 temos as médias e desvios padrão de 80 variáveis da amostra Portuguesa ($n = 309$) e da amostra dos E .U. A. ($n = 450$) (Exner & Erdberg, 2005, pp.471-472) (Pires, 1996, 2001). Esta amostra de Exner constitui uma actualização do estudo normativo americano elaborado em 1974. Vamos proceder a uma comparação sumária entre os valores das 80 variáveis obtidos nos dois estudos normativos.

Anos de Educação:

Há uma diferença importante entre as médias em anos de escolaridade nas duas amostras, Portugal (média = 9.33, DP = 4.23) e E. U. A. (Média = 14.00, DP = 1.99).

R

As diferenças entre o número total de respostas das duas amostras não é muito importante, embora exista alguma diferença, dado que em Portugal, R (média = 22.07, DP = 7.88) e que nos E. U. A. a média é de 23.36 e o DP = 5.68

Localização, Qualidade de Desenvolvimento e Frequência de Z

Nas variáveis de localização, W (média = 7.02) e D (média = 9.78) têm valores inferiores aos da amostra de Exner com médias de, respectivamente, 9.10 e 12.66. Em contrapartida a amostra Portuguesa tem valores superiores em Dd, com uma média de 5.27, ao passo que, na amostra americana, a média é de apenas 1.60.

O total de respostas com espaço branco (S) tem valores relativamente semelhantes nas duas amostra. Nos resultados da amostra nacional, as respostas com espaço branco (S) têm uma média de 2.26, (DP = 2.22) e na amostra de Exner a média é de 2.37 com um DP = 1.97.

Relativamente à Qualidade do Desenvolvimento, temos valores mais baixos em DQ+ com uma média de 5.15 (DP = 3.39) e na amostra de Exner a média é de 8.43 (DP = 3.07). Em DQv, na nossa amostra, a média é 0.89 (DP = 1.35) e na de Exner, a média é de 0.37 (DP = 0.72). A qualidade de desenvolvimento "sintetizada" demonstra

complexidade perceptiva com manifesta capacidade de análise e síntese a nível de processamento de informação, enquanto DQv indica a ausência de análise e de síntese e indica a presença de um pensamento vago ou simplista. Com valores mais baixos na amostra Portuguesa, nas variáveis W e DQ+, não é surpresa verificar que a Frequência de Z (Zf), que significa capacidade para manter esforço cognitivo, tem também valores inferiores na nossa população, com uma média 10.56 (DP = 4.82) face à de 13.45 (DP = 4.22) em Exner.

Os Determinantes

O Movimento humano (M), indicador de ideação deliberada, na nossa amostra tem uma média muito baixa, de apenas 2.85 (DP = 2.60) em comparação com a média de Exner de 4.83 (DP = 2.18). Na soma de movimento animal com movimento de objecto (FM + m), os nossos resultados (média = 4.96, DP = 3.54), não são muito diferentes dos da amostra americana com uma média de 5.61 (DP = 2.51).

Na soma ponderada de cor (WSum C), relacionada com a capacidade de expressão emocional, temos resultados bem mais baixos com uma média de 2.81 (DP = 2.45) em relação à de 4.54 (DP = 1.98).

Os resultados de M e WSum C, mais baixos na nossa amostra explicam os valores de EA - Experiência Efectiva.

A relação movimento humano passivo e activo - $M_p > M_a$, ocorre em 22% da população portuguesa e 23% da população americana.

Na área dos sombreados (shading) temos resultados ligeiramente mais baixos em Sum C' (médias de 1.32 e 1.62 respectivamente). Na textura (Sum T), os nossos resultados são nitidamente mais baixos com médias respectivas de 0.68 e de 1.01 na amostra de Exner. A ausência de textura - Sum T = 0, ocorre em 50% da população portuguesa e apenas em 19% da população norte-americana. Na soma de respostas Vista - Sum V e de sombreado de difusão - Sum Y, temos resultados mais elevados com médias de 0.59 e 1.20, em relação às de Exner de 0.35 e 0.97. Na soma de sombreados -

Sum shading, temos resultados semelhantes com uma média na nossa amostra de 3.78 em relação à de 3.94, no estudo de Exner.

Os valores de sombreado explicam que na es (experiência de estimulação), os nossos resultados (média = 8.74), em comparação com 9.55, não são muito diferentes, a pequena diferença deve-se possivelmente aos valores mais elevados da textura na amostra de Exner.

Na frequência das respostas Forma pura (F) temos valores mais elevados com uma média de 9.62, em relação à de 7.91. Estes resultados estão relacionados com os valores de Lambda que na nossa amostra são muito elevados (média = 1.21) em relação à média 0.58.

Nas variáveis relacionadas com a egocentricidade, as respostas par (2) e as reflexo (Fr+rF), estas últimas indicadoras de tendências narcisistas, temos resultados ligeiramente diferentes. Nas respostas (2), temos médias de 1.46 e 1.43 respectivamente, o que mostra que têm valores bastante próximos. Nas respostas Fr+rF, os nossos valores são ligeiramente mais elevados, média = 0.35, em comparação com 0.20 de Exner. Estas variáveis são os elementos principais do índice de egocentricidade $(3r+(2)/R)$ em que as médias nas duas amostras são iguais com 0.40.

A resposta FD (forma dimensão) indicador de capacidade introspectiva promotora de uma auto avaliação adaptativa, tem resultados semelhantes aos da amostra americana, com médias de 1.46 e 1.43 respectivamente.

Combinações de Determinantes (Blends) e Rácio Afectivo (Afr)

As combinações de determinantes indicam complexidade psicológica e os nossos resultados são mais baixos com médias respectivas de 3.53 contra 5.56 de Exner. Nas combinações cor-sombreado, os resultados não diferem muito com médias de 0.66 e 0.67.

No rácio afectivo (Afr), os nossos resultados são mais baixos com médias de 0.56 na população portuguesa e 0.61 na população americana.

Qualidade Formal e Respostas Populares

Os valores de XA e WDA% estão relativamente próximos dos resultados americanos, com médias de 0.87 e 0.88 em comparação com 0.88 e 0.91.

Na variável X-% temos valores semelhantes com médias de 0.12 (DP = 0.07) na população portuguesa e 0.11 (DP = 0.07) no estudo norte americano.

A variável X+% tem valores inferiores com médias respectivas de 0.50 e 0.68, em contrapartida em Xu% temos valores mais elevados com uma média de 0.37 em comparação com a de 0.20 de Exner. Nestas duas variáveis, parece haver um deslocamento da qualidade formal comum (FQo e FQ+) para a qualidade formal menos frequente (FQu).

Outro indicador de convencionalidade, são as respostas Populares em que obtivemos resultados mais baixos, média de 4.93) em comparação com a de 6.28. O indicador de fraca convencionalidade ($P < 4$) ocorre em 22% da nossa população, em comparação com 4% da americana. O indicador de convencionalidade elevada ($P > 7$) está presente em 7% da população portuguesa e 18% da americana.

Conteúdos

Na figura humana inteira (H puro), temos valores mais baixos (média = 1.90) em comparação com a média de 3.18. Na variável Total de conteúdos humanos - (H+(H)+Hd+(Hd), também temos resultados inferiores com médias respectivas de 4.26 e 6.29. A ausência de H (H puro = 0) ocorre em 20% da nossa população e 4% da norte-americana. O H puro < 2 está presente em 52% da nossa amostra, em comparação com 17% da americana.

Nos outros conteúdos, Animal inteiro "A"- tem valores semelhantes, assim como Sangue "Bl", Explosão "Ex" e Alimento "Fd". Temos resultados ligeiramente mais baixos em Fi (fogo ou fumo).

No total de anatomia mais radiografia (An+Xy), os nossos resultados são ligeiramente superiores.

Codificações Especiais Críticas

As codificações especiais críticas são indicadores de perturbações do pensamento, muitas vezes acompanhados de falhas de lógica (Exner, 2000a) e com alguma surpresa, verificamos que tanto na frequência - Sum 6 Sp Sc, como na soma ponderada das seis codificações especiais críticas - WSum 6, temos valores inferiores aos da amostra de Exner. com médias respectivas de 1.12 e 2.88 na população portuguesa em comparação com 2.54 e 7.12 da americana.

Codificações Especiais

Com a resposta abstracta (AB), os resultados não são muito diferentes com médias respectivas de 0.23 e 0.21.

Os nossos resultados são muito mais baixos em COP com médias de 0.91 em Portugal e 2.07 nos E. U. A. Em AG (médias de 0.59 e 0.89). Aparecem diferenças importantes nos indicadores $COP = 0$ e $COP > 2$ em que as frequências são respectivamente 42 % e 6% da nossa população, em comparação com 11 e 36% da população dos E. U. A. Nos indicadores de ausência de movimentos agressivos ($AG = 0$), temos uma frequência de 61% na nossa população e de 44% na americana. Em $AG > 2$, os valores estão relativamente próximos, com uma ocorrência de 4% na nossa amostra e de 7% na americana.

Em GHR, os nossos resultados são muito inferiores com médias de 2.95 na nossa população e 5.06 nos Estados Unidos. Com PHR temos valores muito próximos, médias de 2.10 e 2.12 respectivamente. O indicador de superioridade de GHR em relação a PHR ($GHR > PHR$), verifica-se em 59% da nossa população e 85% da americana.

Na resposta mórbida (MOR), os nossos resultados são ligeiramente superiores, médias de 1.25 e 0.93 respectivamente. A variável $MOR > 2$, indicador de pessimismo, está presente em 14% da nossa amostra, em comparação com 7% da americana.

As respostas personalizadas - PER e de perseveração - PSV, são relativamente raras e as médias são de 1.11 e 0.14 na população portuguesa e de 0.99 e 0.12 na população dos E. U. A.

Estilos de Resposta

O estilo introversivo ocorre em 20% da nossa população e 38% da americana. O estilo extratensivo está presente em 16% da população portuguesa e 31% da americana. O estilo ambigüal ocorre em 28% da nossa população e 18% da americana. O estilo evitativo domina na população portuguesa com 36% e a americana tem 13%.

Índices de Depressão, Deficit de Coping e Constelação Suicida

O índice de depressão positivo (DEPI = 5, 6 ou 7) pode significar que existe uma depressão ou apenas alguma perturbação ou instabilidade emocional ocorre em 32% da nossa população e em 14% da americana.

A constelação suicida positiva indica a probabilidade da existência de ideação suicida e está presente em 7% da nossa amostra e 2% da americana.

O deficit de coping positivo apresenta resultados muito elevados na nossa população com 48% dos sujeitos em comparação com os 9% da população americana.

Quadro 6.2 - Comparação entre os estudos de Portugal e E. U. A. em 80 variáveis

Variável	Pires - Portugal (n=309)		Exner - USA (n=450)	
	Média	DP	Média	DP
Anos Educação	9.33	4.23	14.00	1.99
R	22.07	7.88	23.36	5.68
W	7.02	4.20	9.10	3.70
D	9.78	5.60	12.66	4.75
Dd	5.27	4.37	1.60	2.06
S	2.26	2.22	2.37	1.97
DQ+	5.15	3.39	8.43	3.07
DQv	0.89	1.35	0.37	0.72
M	2.85	2.60	4.83	2.18
FC	1.25	1.52	2.97	1.78
CF	1.80	1.80	2.80	1.64
C	0.26	0.57	0.17	0.45
SUM C	3.32	2.76	5.95	2.47
WSUM C	2.81	2.45	4.54	1.98
FM+m	4.96	3.54	5.61	2.51
SUM C'	1.32	1.53	1.60	1.33
SUM T	0.68	0.80	1.01	0.69
SUM V	0.59	1.03	0.35	0.77
SUM Y	1.20	1.54	0.97	1.20
Sum Shading	3.78	3.33	3.94	2.45
Fr+F	0.35	0.91	0.20	0.67
FD	1.46	1.48	1.43	1.15
F	9.62	4.58	7.91	3.70
(2)	7.73	4.82	8.82	3.08
3r+(2)/R	0.40	0.18	0.40	0.10
Lambda	1.21	1.71	0.58	0.37
EA	5.65	4.20	9.37	3.00
es	8.74	5.42	9.55	4.01
Zf	10.56	4.82	13.45	4.22
BLENDS	3.53	3.00	5.56	2.55
ColShblends	0.66	1.05	0.67	0.93
Afr	0.56	0.23	0.61	0.17
P	4.93	1.82	6.28	1.53
XA%	0.87	0.07	0.88	0.07
WDA%	0.88	0.08	0.91	0.06
X+%	0.50	0.13	0.68	0.11
X-%	0.12	0.07	0.11	0.07
XU%	0.37	0.12	0.20	0.09
Isolate/R	0.22	0.17	0.19	0.09
H	1.90	1.83	3.18	1.70
All H CONT	4.26	3.45	6.29	2.66
A	8.59	3.71	8.18	2.56
Bl	0.25	0.53	0.24	0.51
Ex	0.18	0.53	0.21	0.47
Fi	0.45	0.82	0.81	0.84

Food	0.24	0.50	0.26	0.55
An+Xy	1.60	1.84	0.95	1.10
Sum 6 Sp Sc	1.12	1.19	2.54	1.90
WSum6	2.88	3.38	7.12	5.74
AB	0.23	0.64	0.21	0.56
COP	0.91	1.02	2.07	1.30
AG	0.59	0.95	0.89	1.02
GHR	2.95	2.18	5.06	2.09
PHR	2.10	2.41	2.12	1.81
MOR	1.25	1.33	0.93	1.01
PER	1.11	0.30	0.99	1.10
PSV	0.14	0.36	0.12	0.38
Variável	N	%	N	%
Introversivo	62	20	173	38
Extratensivo	49	16	138	31
Ambigüal	87	28	80	18
Evitativo	111	36	59	13
DEPI Positivo	100	32	62	14
DEPI=5	60	19	44	10
DEPI = 6	38	12	16	4
DEPI = 7	2	1	2	0
S-CON Positivo	22	7	11	2
CDI=4	90	29	30	7
CDI=5	58	19	9	2
Sum T = 0	155	50	86	19
P < 4	68	22	16	4
P > 7	22	7	81	18
COP = 0	130	42	49	11
COP > 2	19	6	164	36
AG = 0	187	61	196	44
AG > 2	12	4	32	7
MOR > 2	44	14	30	7
GHR > PHR	182	59	384	85
H puro < 2	160	52	76	17
H puro = 0	61	20	18	4
Mp > Ma	69	22	103	23

Os resultados da amostra dos E.U.A. foram extraídos de Exner (2005, 2007).

No conjunto destas variáveis em comparação, a nossa população tem resultados mais elevados em 24 variáveis, semelhantes ou próximos em 22 e inferiores em 31. Tendo em conta os critérios de interpretação, a nossa população preenche critérios negativos em 53 variáveis e positivos em 24.

Apesar desta comparação sumária, não podemos negar que existem diferenças significativas entre os resultados do estudo normativo da população adulta portuguesa e

o estudo da população adulta norte americana, através deste trabalho de John Exner (Exner & Erdberg, 2005).

Antes de chegar à conclusão de que há diferenças significativas entre os resultados da nossa amostra e da americana, temos que explorar os nossos resultados tendo em conta o género, os grupos etários, os locais de residência e os níveis de escolaridade. Como os resultados deste tipo de amostras poderão não ser homogéneos, dadas as diferenças dos subgrupos que compõem a amostra, não podemos excluir a possibilidade de os resultados poderem ser influenciados por algum grupo específico de sujeitos, quer seja a idade, o género ou outros. No caso destes resultados serem homogéneos e de não haver grandes diferenças "intraculturais", poderemos chegar à conclusão sobre a amplitude das diferenças "interculturais" entre a população portuguesa e a norte americana.

Também estamos interessados na questão da produtividade representada por R. Dado que esta variável é fundamental para os cálculos de quase todos os rácios, iremos realizar uma comparação entre os resultados dos protocolos curtos, médios e longos.

Como a média de Lambda é muito elevada na amostra total, também iremos analisar os resultados na perspectiva desta variável.

3. Análise dos Resultados por Subgrupos

3.1 Género

Para compararmos os resultados por género, utilizamos os testes não paramétricos Mann-Whitney U e Wilcoxon W e as diferenças entre homens e mulheres são pouco significativas. Em 141 variáveis em análise, apenas aparecem diferenças em seis. Com $p < 0.01$ temos 2 conteúdos: Ay e Ex. Estes conteúdos ocorrem com pouca frequência pois na amostra total, Ay (antropologia) tem uma média de 0.25 (DP = 0.61) e é produzido por 56 sujeitos ou 18% da amostra. O conteúdo Ex (explosão) tem uma média de 0.18 (DP = 0.53), observado em 41 sujeitos ou 13% da amostra. Nas variáveis Ay e Ex, os resultados mais elevados são do género masculino.

Outras diferenças entre géneros, significativas a nível de $p < 0.05$, encontrámos a variável de localização D, na variável “Par”, (2),, em “Total de variáveis T”, SumT e em “Rácio Afectivo”, Afr. Em todas estas variáveis, os resultados mais elevados pertencem ao sexo feminino.

Com esta comparação podemos afirmar que as diferenças dos resultados por género não são relevantes, porque por um lado o nível de significância não é dos mais elevados e além disso, como foi referido anteriormente, em 141 variáveis, apenas seis é que mostram resultados significativamente diferentes.

3.2 Grupos Etários

Temos seis grupos etários, que se iniciam aos 18 anos e com intervalos de 10 anos, a partir dos 25.

Grupo 1: 18-25 anos;

Grupo 2: 26-35 anos;

Grupo 3: 36-45 anos;

Grupo 4: 46-55 anos;

Grupo 5: 56-65 anos;

Grupo 6: + 65 anos.

Para comparar os resultados dos seis grupos etários, utilizamos o Teste Kruskal-Wallis e temos diferenças significativas em 10 variáveis:

Diferenças entre grupos etários muito significativas, ao nível de 0.01, encontraram-se entre as médias das seguintes variáveis: H, Bl, Ex, Sum V e Lambda. Os resultados mais elevados verificam-se:

H e Sum V - Grupo 6 (+65 anos)

Bl - Grupo 5 (56-65 anos)

Ex - Grupo 1 (18-25 anos)

Lambda - Grupo 2 (26-35 anos)

Diferenças significativas entre médias de diferentes grupos etários ao nível de 0.05 foram encontradas nas seguintes variáveis: FM, Sum C', Sx, Blends, H+(H)+Hd+(Hd). Os resultados mais levados por grupos etários:

FM e Sx - Grupo 6 (+65 anos)

Blends, Sum C' e Total Conteúdos Humanos - Grupo 1 (18-25 anos)

São os dois grupos etários extremos (1 e 6), os que apresentam resultados mais elevados.

Como reflexão geral provisória, pode dizer-se que o número de diferenças significativas entre médias de variáveis, tendo em consideração o género e a idade, é relativamente reduzido, principalmente pelo número de variáveis.

3.3 Regiões De Residência

Conforme a descrição no capítulo 5, a amostra nacional inclui indivíduos de seis regiões:

Região 1: Interior Norte;

Região 2: Grande Porto;

Região 3: Litoral Centro;

Região 4: Grande Lisboa;

Região 5: Interior Sul;

Região 6: Litoral Sul.

Ao compararmos os resultados dos sujeitos pela região de residência, observamos 16 variáveis com diferenças significativas:

Uma diferença muito significativa ao nível de 0.001, entre as seis regiões e favorável à região Interior Norte, verifica-se na variável de conteúdo Sc.(Ciência)

Diferenças entre médias significativas ao nível de 0.01, entre as seis regiões – encontraram-se nas variáveis P (Popular), favorável à Grande Lisboa e de conteúdo Cg (Vestuário), favorável ao Interior Sul.

Diferenças significativas entre médias ao nível de 0.05 entre as seis regiões dão-se nas variáveis R (Número de respostas por protocolo), DQv (Qualidade do Desenvolvimento de nível vago), FQx+ (Qualidade forma superior), M (Movimento Humano), Idio (Conteúdo idiográfico), ALOG (Lógica inadequada), Sum 6 Sp Sc (Soma dos valores das seis cotações especiais), PHR (Representação Humana Má), Afr (Quociente Afectivo), Lambda e Xu% (Percentagem das respostas de Forma Incomum. Os resultados mais elevados por variável e região:

R, FQx+, Xu% - região Interior Sul.

DQv - Grande Lisboa.

Lambda - Interior Norte.

M, H, Idio, ALOG, Sum 6, PHR, Afr, Xu% - Região Interior Sul.

As regiões do sul, Alentejo e Algarve têm os resultados mais elevados em 12 variáveis do universo de 16 com diferenças significativas por região de residência.

O número de diferenças significativas é mais elevado que na análise por género e ligeiramente maior que na comparação por grupos etários, mas tendo em conta a importância e a amplitude de variáveis do teste de Rorschach, não podemos considerar que estes resultados sejam tão significativos que justifiquem um questionamento devido às regiões de residência.

3.4 Níveis de Escolaridade

No início deste estudo normativo, a hipótese principal estava relacionada com o facto de haver diferenças interculturais entre países, povos de línguas e geografias diferentes e estas diferenças poderem ter alguma influência na estruturação da personalidade (Pires, 2000).

Outra questão que colocámos, estava relacionada com possíveis diferenças entre indivíduos em função do género, dos grupos etários e de regiões diferentes. Pela observação da vida quotidiana, pode-se constatar algumas diferenças entre homens e mulheres, jovens e idosos e até entre indivíduos residentes em regiões diferentes do mesmo país. Claro que também se colocava a questão de o Teste de Rorschach ter ou não sensibilidade para detectar tais diferenças.

Embora a amostra fosse estratificada tendo em conta os níveis de escolaridade em substituição dos níveis socioeconómicos (Pires, 2000, 2005, 2007) e se tivesse ponderado a exploração dos resultados tendo em conta as principais variáveis de estratificação da amostra, não esperávamos que a análise dos resultados em função desta variável pudesse clarificar ou apresentar alguma explicação significativa para os dados. Por um lado, em alguma literatura dos anos 50 do século XX, havia a ideia que este teste seria "livre de cultura", e se poderia aplicar a todos os indivíduos, qualquer que fosse a sua origem ou cultura. Por outro lado, o facto de este teste não exigir competências de literacia, se apoiar na percepção visual em que bastava que o indivíduo relatasse o que via, fazia com que muitos psicólogos, incluindo o autor, pensassem que este teste poderia ser aplicado independentemente do nível de literacia, quer com indivíduos analfabetos quer com doutorados.

No nosso estudo, verificámos que, na população portuguesa, com o Teste de Rorschach não existiam uma amplitude de diferenças significativas por género, grupos etários ou região de residência. Existem algumas diferenças significativas, mas em relação à totalidade das variáveis (141), o número de variáveis que apresentam diferenças são em número relativamente reduzido.

Constatámos algumas diferenças ao compararmos os nossos resultados tanto com os resultados do estudo normativo dos E. U. A. de Exner (2001), (Pires, 2000) como com os do estudo normativo mais recente (Exner & Erdberg, 2005). Contudo um dos elementos que nos despertaram a atenção nas amostras de Exner foi a estratificação por nível de escolaridade. No estudo normativo português, tendo em conta os protocolos considerados válidos, o nível de escolaridade básico tem 44%, o secundário 36% e o superior 20%. Na amostra mais recente de Exner com 450 sujeitos, os indivíduos com menos de 12 anos de escolaridade representam apenas 2% do total da amostra, com 12 anos são 26% e com nível de superior (+ de 12 anos) representam 72%.

Estas diferenças de níveis de escolaridade das amostras portuguesa e americana, levantou a possibilidade de comparação dos resultados de sujeitos em função dos níveis de escolaridade e de levantar a questão se haveria alguma homogeneidade de resultados dentro de cada nível.

Os resultados foram analisados tendo em conta os três níveis de escolaridade, básico de 0 a 6 anos de escolaridade para os indivíduos com mais de 30 anos de idade e de 0 a 9 anos para os menores de 30 ($n = 137$, 44%). O nível secundário, de 7 a 12 anos para os maiores de 30 anos e de 10 a 12 anos de escolaridade para os menores de 30 anos ($n = 111$, 36%) O grupo superior era constituído pelos indivíduos com 13 ou mais anos de escolaridade ($n = 61$, 20% da amostra).

Para a análise estatística utilizou-se o programa estatístico SPSS 18, módulos de conversão dos resultados do programa RIAP 3.0 e o teste Kruskal-Wallis para comparar os resultados entre os três níveis de escolaridade.

A constatação da influência do nível de escolaridade nos resultados da amostra normativa da população adulta portuguesa, foi apresentada no XVI Congresso Internacional de Rorschach e Métodos Projectivos, realizado em Amsterdão, em Julho de 1999, no Simpósio: *An international symposium on Rorschach nonpatient data: Findings from around the world*, com a comunicação: The Rorschach Normative Study in Portugal, publicado em Pires (2000). A análise dos resultados, mais elaborada, foi publicada em Pires (2007).

Quadro 6.3.4.1 -. Frequências de 35 variáveis, da amostra total (N = 309) e das três subamostras de níveis de escolaridade: nível 1 - Básico (n = 137), nível 2 - Secundário (n = 111); nível 3 - Superior (n = 61).

	Frequência				Porcentagem			
	Total	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Total	Nível 1	Nível 2	Nível 3
ESTILOS								
Introversivo	62	15	25	22	20%	11%	23%	36%
Pervasive Introversivo	35	11	14	10	11%	8%	13%	16%
Ambigüal	87	36	33	18	28%	26%	30%	30%
Extratensivo	49	15	20	14	16%	11%	18%	23%
Pervasive Extratensivo	31	11	13	7	10%	8%	12%	11%
Evitativo	111	71	33	7	36%	52%	30%	11%
D-SCORES								
D Score > 0	23	7	8	8	7%	5%	7%	13%
D Score = 0	138	67	42	29	45%	49%	38%	48%
D Score < 0	148	63	61	24	48%	46%	55%	39%
D score < -1	82	33	36	13	27%	24%	32%	21%
Adj D Score > 0	38	11	14	13	12%	8%	13%	21%
Adj D Score = 0	158	71	50	37	51%	52%	45%	61%
Adj D Score < 0	113	55	47	11	37%	40%	42%	18%
Adj D score < -1	50	22	23	5	16%	16%	21%	8%
Zd > +3.0 (Overincorp)	47	20	18	9	15%	15%	16%	15%
Zd < -3.0 (Underincorp)	91	40	33	18	29%	29%	30%	30%
QUALIDADE FORMAL								
XA% > .89	118	48	43	27	38%	35%	39%	44%
XA% < .70	3	2	1	0	1%	1%	1%	0%
WDA% < .85	88	43	31	14	28%	31%	28%	23%
WDA% < .75	13	6	4	3	4%	4%	4%	5%
X+% < .55	198	96	61	41	64%	70%	55%	67%
Xu% > .20	284	125	99	60	92%	91%	89%	98%
X-% > .20	42	23	10	9	14%	17%	9%	15%
X-% > .30	2	1	1	0	1%	1%	1%	0%
FC:CF+C RATIO								
FC > (CF+C)+2	15	6	7	2	5%	4%	6%	3%
FC > (CF+C)+1	36	11	14	11	12%	8%	13%	18%
(CF+C) > FC+1	104	39	40	25	34%	28%	36%	41%
(CF+C) > FC+2	65	16	26	23	21%	12%	23%	38%
S-Constellation Positive	22	8	8	6	7%	6%	7%	10%

CAPÍTULO VI: Análise Dos Resultados Da População Portuguesa

	Total	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Total	Nível 1	Nível 2	Nível 3
HVI Positive	9	1	4	4	3%	1%	4%	7%
OBS Positive	3	0	2	1	1%	0%	2%	2%
PTI = 5	0	0	0	0	0%	0%	0%	0%
PTI = 4	0	0	0	0	0%	0%	0%	0%
PTI = 3	0	0	0	0	0%	0%	0%	0%
DEPI = 7	2	0	1	1	1%	0%	1%	2%
DEPI = 6	38	12	14	12	12%	9%	13%	20%
DEPI = 5	60	18	26	16	19%	13%	23%	26%
CDI = 5	58	34	22	2	19%	25%	20%	3%
CDI = 4	90	57	23	10	29%	42%	21%	16%
Variáveis Mistas								
R < 17	86	45	31	10	28%	33%	28%	16%
R > 27	63	14	29	20	20%	10%	26%	33%
DQv > 2	36	9	15	12	12%	7%	14%	20%
S > 2	100	33	40	27	32%	24%	36%	44%
Sum T = 0	155	84	50	21	50%	61%	45%	34%
SumT > 1	47	10	20	17	15%	7%	18%	28%
3r+(2)/R < .33	107	43	45	19	35%	31%	41%	31%
3r+(2)/R > .44	108	46	40	22	35%	34%	36%	36%
Fr+rF > 0	55	16	24	15	18%	12%	22%	25%
Pure C > 0	61	17	27	17	20%	12%	24%	28%
Pure C > 1	16	5	4	7	5%	4%	4%	11%
Afr < .40	79	39	24	16	26%	28%	22%	26%
Afr < .50	128	60	41	27	41%	44%	37%	44%
(FM+m) < Sum Shading	99	27	40	32	32%	20%	36%	52%
(2AB+ART+AY) > 5	28	3	8	17	9%	2%	7%	28%
Populares < 4	68	40	18	10	22%	29%	16%	16%
Populares > 7	22	5	8	9	7%	4%	7%	15%
COP = 0	130	76	39	15	42%	55%	35%	25%
AG = 0	187	94	65	28	61%	69%	59%	46%
AG > 2	12	5	1	6	4%	4%	1%	10%
MOR > 2	44	12	16	16	14%	9%	14%	26%
Level 2 Sp.Sc. > 0	3	1	1	1	1%	1%	1%	2%
GHR > PHR	182	70	76	36	59%	51%	68%	59%
Pure H < 2	160	95	48	17	52%	69%	43%	28%

	Total	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Total	Nível 1	Nível 2	Nível 3
Pure H = 0	61	40	16	5	20%	29%	14%	8%
p > a+1	31	13	14	4	10%	9%	13%	7%
Mp > Ma	69	32	23	14	22%	23%	21%	23%

No quadro 6.3.4.1, das frequências de 35 variáveis do Sistema Integrativo, verificamos que o incremento do nível de escolaridade indica um aumento do número de respostas e de recursos internos, a nível de ideação e de capacidade de expressão emocional, como é representado pela variável EA (Experiência Efectiva).

Notaram-se diferenças nas frequências dos estilos de resposta. O estilo introversivo representa 20% da amostra total, desce para 11% no nível básico, aumenta para 23% no secundário e 36% no superior. A frequência deste estilo aumenta significativamente com o nível educacional e é um resultado esperado, dado que a capacidade de pensamento abstracto melhora com a escolaridade.

O estilo extratensivo segue a mesma direcção de aumentar segundo o nível de escolaridade, com 16% na amostra total, 11% no nível básico, 18% no secundário e 23% no superior.

O estilo ambigüal é relativamente estável com 28% na amostra total, 26% no básico e 30% no secundário e superior.

O estilo evitativo tem um comportamento diferente pois diminui em função do aumento do nível de escolaridade, com 36% na amostra total, 52% no básico, 30% no secundário e 11% no superior.

Há alterações significativas na variável Índice de Défice de Confrontação (CDI). O CDI positivo ($CDI > 3$) diminui com o nível de escolaridade, com 67% no básico, desce para 41% no secundário e 19% no superior. Em contrapartida verifica-se o contrário com o DEPI positivo que se eleva com o nível de escolaridade, de 22% no básico para 37% no secundário e 48% no superior. O aumento de recursos parece favorecer alguma instabilidade emocional.

Em conclusão, o nível de escolaridade mais elevado favorece o aumento significativo dos introversivos e dos extratensivos e a diminuição significativa dos

evitativos, porque são os indivíduos com escolaridade que dão mais respostas com mais recursos psicológicos a nível de ideação (total de M) e de expressão emocional (WSum C), e são também os que apresentam menor percentagem de respostas descritivas (F puro), relacionadas com um estilo que utiliza uma espécie de economia psicológica, evitando a complexidade e a ambiguidade. É o grupo de escolaridade mais elevada que apresenta o valor médio de Lambda mais baixo (0.58). O estilo introversivo tem uma evolução espantosa por níveis de escolaridade, no nível básico temos 11% de indivíduos com estilo introversivo, aumenta para 23% no secundário e para 36% no nível de escolaridade superior. O estilo extratensivo também está presente em 11% dos indivíduos de nível básico e aumenta de forma menos espectacular para 18% dos indivíduos do secundário e 23% no nível superior. Embora estes dois estilos tenham a mesma percentagem no nível de escolaridade básico, o estilo extratensivo aumenta significativamente com o aumento da escolaridade mas de forma menos dramática que o estilo introversivo. Uma possível explicação para estes resultados, pode estar relacionada com o facto do aumento de escolaridade favorecer as características do estilo introversivo, capacidade para reflectir, pensar, processar informação e favorecer a capacidade de abstracção.

Os ambíguais mantêm-se estáveis, com 26% no nível básico e 30% tanto no nível secundário como no superior. A análise destes resultados antes da reformulação dos estilos de coping (Exner, 2000a, 2001), em que na versão anterior, não existia o estilo evitativo e os indivíduos com Lambda alto estavam distribuídos pelos estilos introversivo, ambigual e extratensivo. Na versão anterior com três estilos de coping, a maioria dos indivíduos com Lambda alto estava concentrado no estilo ambigual e então como poderá no quadro 6.4.3.2, o estilo extratensivo era muito estável em todos os estilos de coping e na amostra total, o estilo introversivo aumentava muito significativamente e o estilo ambigual descia com o aumento do nível de escolaridade.

Quadro 6.4.3.2 - Percentagens de estilos de resposta, na amostra total e por níveis de escolaridade, segundo a versão do Sistema Integrativo anterior a 2000.

Variável	Amostra total n = 309		Básico N 1 n= 137		Secundário N 2 n= 111		Superior N3 n = 61	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Introversivo	85	28	29	21	32	29	24	39
Ambigüal	155	50	80	58	53	48	22	36
Extratensivo	69	22	28	20	26	23	15	25

O aumento de recursos internos, demonstrado por protocolos mais ricos diminui o Défice de Confrontação (CDI) e aumenta o índice de depressão (DEPI).

No quadro 6.3.4.3, temos os resultados das comparações dos três grupos em 141 variáveis (Pires, 2007) e os resultados foram surpreendentes. Nas 141 variáveis em estudo encontramos diferenças significativas em 85 (60%):

Com $p < 0.001$ temos 57 variáveis, $p < 0.01$ encontramos 18 variáveis e $p < 0.05$ - 10 variáveis.

Os resultados mostram que uma única variável, o nível de educação, tem um impacto significativo sobre os resultados (Pires, 2007). Com o aumento do nível de escolaridade, aumentam também as variáveis relacionadas com maiores recursos internos. A média de EA aumenta de 3.71 no básico, 5.87 no secundário e para 9.62 no superior e a de WSumC tem uma média de 1.91 no nível básico, 2.95 no secundário e 4.55 no superior. A média de M é de 1.80 no básico, 2,92 no secundário e aumenta para 5.07 no superior. A média da Soma de T (Sum T) aumenta de 0.41 no básico para 0.76 no secundário e 1.02 no superior.

A influência do nível de escolaridade também se verifica em R, com uma média 20.32 no nível básico, 22.32 no secundário e 25.57 no superior. Este aumento das médias em função da escolaridade mais elevada também se constata em W (médias de 5.86 no básico, de 7.13 no secundário e 9.39 no superior), na soma de sombreados (médias de 2.41, 4.24 e 6.05), no índice de intelectualização (médias de 1.49, 2.28 e

3.84), em Zf (médias de 8.94, 10.66 e 14.02), nas Blends (médias de 2.15, para 3.81 e 6.19), nas respostas populares (médias de 4.39, 5.21 e 5.66), no conteúdo H puro (médias de 1.26, 2.10 e 2.98), na soma do total dos conteúdos humanos (médias de 3.11, 4.36 e 6.64). O mesmo se verifica nos movimentos COP (médias de 0.62, 0.96 e 1.46), em GHR (médias de 2.01, 3.29 e 4.43), MOR (médias de 0.93, 1.40 e 1.70). Neste grupo de variáveis, nota-se uma progressão nítida com o aumento da escolaridade.

Nota-se a diminuição das médias de algumas variáveis com o aumento do nível de escolaridade, nomeadamente o Lambda com uma média 1.73 no básico, 0.90 no secundário e 0.58 no superior.

O nível de escolaridade não tem influência nas variáveis relacionadas com a qualidade formal, no índice de egocentricidade, no conteúdo A e em An+Xy.

Torna-se evidente que o nível de escolaridade tem uma grande influência nos resultados da amostra e que o seu aumento favorece a produção de protocolos mais elaborados. Numa perspectiva radical, poder-se-ia pensar que o Rorschach só se poderia aplicar a indivíduos com escolaridade média ou longa e geralmente são eles que estão mais à vontade na situação de aplicação deste teste. Não podemos esquecer que, apesar destes resultados, temos indivíduos com escolaridade baixa com protocolos bastante elaborados e ricos. O grupo de escolaridade básico é a maioria da nossa população e se-lo-á durante algumas décadas, enquanto não houver uma grande substituição geracional e partindo do princípio que nas novas gerações se verificará um incremento substancial da escolaridade média e longa.

Estes dados permitem-nos ter acesso a informação sobre o tipo e qualidade dos protocolos de cada grupo em função da escolaridade, sendo aconselhável utilizar os resultados de cada um desses três grupos como referência para analisar os protocolos individuais nos diferentes contextos.

Quadro 6.3.4.3 - Diferenças significativas entre as três níveis de escolaridade: nível 1 - Básico (n = 137), nível 2 - Secundário (n = 111); nível 3 - Superior (n = 61).

VARIÁVEL	Médias			DPs		
	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 1	Nível 2	Nível 3
Idade	39.37	34.28	37.87	13.99	11.84	13.39
Anos Escolaridade	5.52	10.49	15.80	2.02	1.27	1.11
R ***	20.32	22.32	25.57	6.68	7.55	9.67
W ***	5.86	7.13	9.39	3.51	4.06	4.88
D	9.10	10.18	10.61	4.53	5.81	7.11
Dd	5.36	5.00	5.57	[4.32]	[4.02]	[5.09]
S ***	1.75	2.32	3.28	[1.81]	[2.09]	[2.87]
DQ+ ***	4.17	5.18	7.31	2.71	3.41	3.74
DQo	15.32	16.01	17.00	6.27	6.32	7.59
DQv	0.69	0.97	1.20	[1.14]	[1.53]	[1.38]
DQv/+ *	0.14	0.15	0.07	[0.39]	[0.43]	[0.25]
FQx+ ***	0.10	0.23	0.54	0.29	1.14	0.94
FQxo ***	9.65	10.97	11.59	3.41	3.67	4.55
FQxu **	7.74	8.11	10.23	3.96	4.57	5.68
FQx-	2.69	2.70	2.84	1.92	1.81	2.27
FQxNone **	0.15	0.31	0.38	[0.45]	[0.60]	[0.76]
MQ+ ***	0.04	0.06	0.33	0.19	0.31	0.72
MQo ***	1.07	1.82	2.44	1.20	1.28	1.61
MQu ***	0.49	0.82	1.43	0.77	1.40	1.51
MQ- ***	0.20	0.18	0.71	[0.58]	[0.53]	[1.12]
MQNone ***	0.00	0.04	0.16	[0.00]	[0.19]	[0.55]
SQual- **	0.47	0.50	0.75	[0.71]	[0.87]	[1.34]
M ***	1.80	2.92	5.07	1.76	2.51	2.95
FM	3.39	3.70	3.98	2.77	2.50	3.63
m ***	1.01	1.47	1.84	1.41	1.41	1.76
FC ***	0.91	1.20	2.13	1.33	1.41	1.78
CF ***	1.22	1.92	2.87	1.36	1.81	2.13
C *	0.16	0.29	0.41	[0.46]	[0.56]	[0.74]
Cn	0.00	0.04	0.02	[0.00]	[0.30]	[0.13]
Sum Color ***	2.29	3.44	5.43	2.00	2.57	3.31
WSumC ***	1.91	2.95	4.55	1.72	2.35	3.00
FC' ***	0.49	1.00	1.36	[0.86]	[1.14]	[1.28]
CF **	0.32	0.50	0.66	[0.72]	[0.80]	[0.96]
C'	0.02	0.01	0.07	[0.17]	[0.10]	[0.31]
FT ***	0.45	0.71	0.90	[0.65]	[0.79]	[0.83]
TF *	0.02	0.05	0.11	[0.12]	[0.21]	[0.37]
T	0.00	0.00	0.00	[0.00]	[0.00]	[0.00]
FV ***	0.27	0.36	1.02	[0.70]	[0.67]	[1.27]
VF	0.06	0.22	0.15	[0.27]	[0.77]	[0.40]
V	0.01	0.00	0.00	[0.09]	[0.00]	[0.00]
FY **	0.53	0.79	1.08	[1.03]	[1.14]	[1.19]
YF ***	0.22	0.49	0.67	[0.57]	[0.82]	[0.93]
Y	0.04	0.12	0.03	[0.19]	[0.38]	[0.18]
Fr	0.17	0.34	0.46	[0.52]	[0.85]	[0.99]
rF **	0.07	0.07	0.03	[0.31]	[0.35]	[0.18]

CAPÍTULO VI: Análise Dos Resultados Da População Portuguesa

VARIÁVEL	Médias			DPs		
	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 1	Nível 2	Nível 3
Sum T ***	0.47	0.76	1.02	[0.65]	[0.81]	[0.96]
Sum V ***	0.34	0.58	1.16	[0.78]	[1.01]	[1.32]
Sum Y ***	0.78	1.40	1.79	[1.28]	[1.73]	[1.48]
Sum Shading ***	2.41	4.23	6.05	2.46	3.37	3.51
Fr+rF *	0.24	0.41	0.49	[0.77]	[0.95]	[1.07]
FD ***	1.12	1.64	1.90	[1.32]	[1.67]	[1.26]
F **	10.59	9.12	8.36	4.85	4.39	3.84
(2)	7.28	7.55	9.08	4.58	4.64	5.48
3r+(2)/R	0.40	0.39	0.41	0.18	0.19	0.16
Lambda ***	1.73	0.90	0.58	2.33	0.86	0.39
PureF%	0.52	0.41	0.34	0.18	0.17	0.13
FM+m *	4.40	5.17	5.82	3.32	3.07	4.54
EA ***	3.71	5.87	9.62	2.53	4.02	4.65
Es ***	6.81	9.40	11.87	4.42	4.98	6.48
D Score	-0.85	-1.07	-0.62	1.38	1.48	1.58
AdjD **	-0.57	-0.52	0.05	1.16	1.26	1.15
a (active) ***	4.01	5.20	7.20	2.75	3.60	4.67
p (passive) ***	2.23	2.96	3.75	2.35	2.08	3.20
Ma ***	1.07	1.83	3.31	1.18	1.70	2.34
Mp ***	0.74	1.12	1.80	1.06	1.35	1.61
Intellect ***	1.49	2.28	3.84	1.68	2.56	3.43
Zf ****	8.94	10.66	14.02	4.06	4.33	5.42
Zd	-1.10	-1.25	-1.01	4.32	4.39	4.99
Blends ***	2.15	3.81	6.13	1.91	2.84	3.42
Blends/R ***	0.11	0.18	0.24	0.09	0.13	0.12
Col-Shd Blends ***	0.32	0.75	1.28	[0.64]	[0.98]	[1.52]
Afr	0.54	0.59	0.57	0.21	0.25	0.22
Populars ***	4.39	5.21	5.66	1.73	1.67	1.94
XA%	0.86	0.87	0.88	0.08	0.07	0.07
WDA%	0.88	0.88	0.89	0.08	0.07	0.08
X+%	0.49	0.52	0.49	0.13	0.13	0.14
X-%	0.13	0.12	0.11	0.08	0.07	0.07
Xu%	0.37	0.35	0.39	0.12	0.12	0.12
Isolate/R	0.23	0.21	0.22	0.19	0.15	0.15
H ***	1.26	2.10	2.98	1.36	1.85	2.12
(H) ***	0.49	0.90	1.25	0.67	1.03	1.21
HD	1.19	1.04	1.79	1.66	1.23	2.33
(Hd) **	0.17	0.32	0.62	0.39	0.75	0.95
Hx ***	0.09	0.20	0.66	[0.43]	[0.77]	[0.96]
H+(H)+Hd+(Hd)**	3.11	4.36	6.64	2.53	3.00	4.62
*						
(H)+Hd+(Hd) ***	1.85	2.26	3.66	1.88	1.92	3.36
A	8.46	8.83	8.44	3.72	3.63	3.83
(A) **	0.12	0.23	0.36	[0.39]	[0.53]	[0.58]
Ad	2.80	2.47	2.72	[2.73]	[1.77]	[2.20]
(Ad)	0.07	0.08	0.08	[0.25]	[0.31]	[0.33]
An	1.34	1.39	1.46	[1.57]	[1.76]	[1.78]
Art ***	1.16	1.60	2.21	1.31	1.74	1.92

CAPÍTULO VI: Análise Dos Resultados Da População Portuguesa

VARIÁVEL	Médias			DPs		
	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 1	Nível 2	Nível 3
Bl	0.23	0.20	0.38	[0.54]	[0.42]	[0.66]
Bt	1.52	1.39	1.69	1.65	1.57	1.59
Cg **	0.91	1.30	1.90	1.12	1.35	2.03
Cl	0.30	0.21	0.26	[0.61]	[0.49]	[0.60]
Ex *	0.11	0.23	0.26	[0.43]	[0.59]	[0.60]
Fi **	0.30	0.53	0.64	[0.78]	[0.74]	[1.00]
Food	0.20	0.22	0.34	[0.46]	[0.46]	[0.66]
Ge	0.22	0.32	0.43	[0.68]	[0.87]	[0.81]
Hh **	0.49	0.72	0.89	0.86	0.96	1.05
Ls	0.80	0.83	0.77	1.14	1.09	1.16
Na	0.72	0.92	1.03	[1.04]	[1.19]	[1.41]
Sc **	0.51	0.70	0.98	[1.04]	[1.16]	[1.37]
Sx **	0.36	0.28	0.89	[0.82]	[0.68]	[1.35]
Xy	0.27	0.18	0.20	[0.79]	[0.58]	[0.48]
Idiographic	0.62	0.60	0.62	0.99	0.81	0.95
An+Xy	1.61	1.57	1.66	[1.88]	[1.82]	[1.83]
DV *	0.43	0.23	0.18	[0.69]	[0.48]	[0.39]
INCOM	0.24	0.40	0.33	[0.51]	[0.83]	[0.63]
DR	0.07	0.18	0.23	[0.29]	[0.56]	[0.59]
FABCOM *	0.25	0.23	0.41	[0.51]	[0.52]	[0.59]
DV2	0.00	0.00	0.02	[0.00]	[0.00]	[0.13]
INC2	0.01	0.00	0.00	[0.09]	[0.00]	[0.00]
DR2	0.00	0.00	0.00	[0.00]	[0.00]	[0.00]
FAB2	0.01	0.01	0.00	[0.09]	[0.10]	[0.00]
ALOG	0.04	0.08	0.11	[0.21]	[0.27]	[0.32]
CONTAM	0.00	0.00	0.00	[0.00]	[0.00]	[0.00]
Sum 6 Sp Sc	1.05	1.13	1.28	1.14	1.25	1.17
Lvl 2 Sp Sc	0.02	0.01	0.02	[0.17]	[0.10]	[0.13]
WSum6 *	2.42	2.96	3.77	3.14	3.48	3.56
AB ***	0.07	0.19	0.67	[0.28]	[0.61]	[0.99]
AG **	0.46	0.51	1.02	0.82	0.84	1.26
COP ***	0.62	0.96	1.46	0.84	1.03	1.13
CP **	0.01	0.03	0.13	[0.09]	[0.16]	[0.43]
GHR ***	2.01	3.29	4.43	1.44	2.24	2.47
PHR **	1.77	1.81	3.38	2.18	1.90	3.23
MOR ***	0.93	1.40	1.70	[1.21]	[1.27]	[1.53]
PER	1.09	1.14	1.10	1.30	1.20	1.48
PSV	0.18	0.12	0.08	[0.39]	[0.35]	[0.28]
PTI Total ***	0.08	0.07	0.21	0.32	0.29	0.41
DEPI Total ***	3.49	4.06	4.34	1.26	1.25	1.32
CDI Total ***	3.74	3.17	2.28	1.05	1.31	1.27
SCon Total	4.90	5.29	5.31	1.67	1.41	1.59
HVI Total ***	1.80	2.01	2.77	1.00	1.43	1.60
OBS Total (1-5)	0.96	1.12	1.62	0.80	0.94	0.97
WD+ ***	0.10	0.19	0.49	0.29	0.88	0.89
WDo ***	8.29	9.71	10.34	3.02	3.37	3.98
WDu ***	4.73	5.29	7.02	2.29	2.97	3.57

CAPÍTULO VI: Análise Dos Resultados Da População Portuguesa

		Médias			DPs	
VARIÁVEL	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 1	Nível 2	Nível 3
WDNone *	0.14	0.29	0.34	0.41	0.58	0.75

(*): $p < 0.05$

(**): $p < 0.01$

(***): $p < 0.001$

4. Resultados por Grupos de Dimensão de Protocolos - Curtos, Médios e Longos.

Para analisar os resultados de uma amostra heterogénea como a nossa e a grande maioria de amostras de estudos normativos, é importante ter em consideração a variável número de respostas por protocolo (R). Muitas das possibilidades de interpretação de variáveis do Teste de Rorschach, são elaboradas tendo em consideração o número médio de respostas entre 20 e 22. Mas os sujeitos dão um número de respostas muito diverso. Na nossa amostra para uma média de R de 22.07, temos um DP = 7.88 e uma amplitude entre o mínimo de 14 e o máximo de 61.

Tendo em consideração a definição de teste psicológico, de Anastasi, como sendo a recolha de uma amostra padronizada do comportamento (Anastasi & Urbina, 2000), nos protocolos curtos, a amostra recolhida é reduzida e podemos ter uma coarctação da presença de muitas variáveis, o que se poderá considerar como um protocolo muito pobre. Como o teste de Rorschach tem sempre o mesmo número de cartões, o aumento de respostas por protocolo possibilita naturalmente a presença de maior pluralidade de variáveis. Tendo esta perspectiva em consideração, os protocolos mais longos seriam os que teriam uma maior quantidade e variedade de variáveis Rorschach.

Vários estudos conduzidos por Exner (1988), indicaram que os protocolos com $R < 14$ teriam pouca consistência e estabilidade, tendo como consequência a falta de fiabilidade no teste – reteste. Quando no reteste o mesmo sujeito dava um protocolo com maior número de respostas, os resultados deste não punham em causa os resultados do protocolo curto, mas mostravam uma maior riqueza e permitiam uma descrição psicológica muito mais interessante (Weiner, 1998b, pp.61-63), pois o R mais elevado constituía uma amostra mais representativa do comportamento do sujeito.

Os trabalhos de Exner também permitiram afirmar que os protocolos com mais de 50 respostas, não acrescentavam nada de novo, excepto perturbar as proporções de algumas variáveis. A tentativa de evitar protocolos demasiado curtos ou demasiado

longos levou a alterações no método de aplicação do teste em 1990, publicadas na terceira edição do “Workbook for the Comprehensive System (Exner, 1990).

A alteração da metodologia da aplicação do Teste de Rorschach, no SIR, para evitar protocolos demasiado curtos com $R < 14$, consistia na possibilidade de se repetir a fase de respostas antes de se iniciar o inquérito, em que a instrução dada ao sujeito referia explicitamente que o número de resposta era insuficiente. Para evitar protocolos demasiado longos, considerando que o sujeito poderia pensar que deveria dar muitas respostas, sempre que o cliente desse cinco respostas no cartão I e não mostrasse intenção de o devolver, o psicólogo com muita simpatia, deveria retirar o cartão. Esta intervenção far-se-ia até haver um cartão em que o sujeito desse menos de cinco respostas ou, dando este número, entregasse o cartão espontaneamente.

Além disso, vários autores entre os quais Kinder (1992), alertou para a necessidade de se controlar a variável R , na análise dos resultados de investigações conduzidas com o Teste de Rorschach.

Exner elaborou uma classificação dos protocolos tendo em conta o número de respostas (Exner, 2000a, Weiner, 1998b): eram considerados protocolos curtos os que tivessem $R < 17$; eram considerados protocolos médios os que tivessem um $R > 16$ e < 28 ; eram considerados protocolos longos os que tivessem um $R > 27$.

As variáveis estruturais serão analisadas tendo em conta as respectivas Médias ou frequências da amostra total e tendo em conta os protocolos curtos, médios e longos.

4.1 Variáveis Estruturais

R (Número de Respostas por Protocolo)

Como se pode verificar no Quadro 6.1.1 (resultados totais), a média de R é de 22.07, e a mediana = 20.

No Quadro 6.1.2. os protocolos médios com R entre 17 e 27, representam 52% da nossa amostra. Os protocolos curtos e longos constituem 48% da amostra, e distribuem-se respectivamente por 28% de protocolos curtos e 20% de protocolos longos. Os sujeitos que deram um número de respostas diferente da classificação

“protocolo médio”, representam quase metade da amostra, o que justifica a análise das variáveis estruturais tendo em conta esta classificação dos protocolos.

Quadro 6.4.1 - Distribuição de N por protocolos curtos, médios e longos.

Amostra total M = 22.07		Protocolos curtos R < 17		Protocolos médios R > 16 e < 28		Protocolos longos R > 27	
N	%	N	%	N	%	N	%
309	100	86	28	160	52	63	20

O Quadro 6.4.1 apresenta a distribuição dos protocolos curtos, médios e longos e respectivas percentagens dentro da amostra total

O Quadro 6.4.2 apresenta a distribuição de protocolos na amostra total e, por número de respostas, nos protocolos curtos, médios e longos, segundo o sexo e o nível de escolaridade dos indivíduos. Tomando o critério de referência género (Quadro 6.4.2), não se verificaram diferenças significativas entre homens e mulheres em nenhum dos grupos de protocolos. Como seria de esperar e em função dos dados constantes do Quadro 6.3.4.1, que mostram que os indivíduos com mais escolaridade dão maior número de protocolos médios e longos, verifica-se, agora, que o maior número de protocolos curtos se encontra no grupo de mais baixo nível de escolaridade, representando 55% do total de protocolos que preenchem este grupo.

Quadro 6.4.2 - Frequências e percentagens por género e nível de escolaridade, na amostra total e por protocolos curtos, médios e longos.

	Prot. Curtos R < 17 N = 86		Prot. Médios R > 16 e < 28 N = 160		Prot. longos R > 27 N = 63	
Género	N	%	N	%	N	%
Masculino	43	50	81	51	31	49
Feminino	43	50	79	49	32	51
Anos Escolar.						
Até 9 anos	56	66	94	58	21	34
10 – 12 anos	20	23	35	22	22	35
+ 12 anos	10	12	31	19	20	32

Deve, por outro lado, salientar-se que o grupo de protocolos médios é aquele que reúne o maior número de protocolos, 52% do total, obviamente um número relativamente baixo. Se, no entanto, formos mais além na análise das frequências, em função do nível da escolaridade, verificamos que apenas o grupo com escolaridade de mais de 12 anos obtém um número de protocolos médios superior a metade do seu número total, 51%. O grupo com escolaridade de 10 a 12 anos apresenta uma distribuição de protocolos quase simétrica: 26% de protocolos curtos, 45% de protocolos médios e 29 % de protocolos longos, significando isto que, mesmo no nível de escolaridade médio, se verifica uma tendência para uma frequência alta de protocolos curtos.

Localizações e Qualidade de Desenvolvimento

A resposta de localização global (W) apresenta, na amostra global, uma média de 7.2 e uma mediana de 6.0. O aumento de respostas nos três grupos de protocolos não mostra grandes diferenças, pois a média de W está entre 6.37 para os protocolos curtos e 7.92 para os protocolos longos.

Quadro 6.4.3 - Resultados das Localizações e Qualidade de Desenvolvimento, na amostra total e por dimensão de protocolos.

Variável	Amostra total N = 309		Prot. Curtos R < 17 N = 86		Prot. Médios R >16 e < 28 N = 160		Prot. longos R > 27 N = 63	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
W	7.02	4.20	6.37	2.96	7.01	4.13	7.92	5.51
D	9.78	5.60	6.08	2.41	8.99	3.93	16.84	6.07
Dd	5.27	[4.37]	2.67	[1.95]	4.89	[3.08]	9.81	[5.89]
S	2.26	[2.22]	1.38	[1.29]	2.18	[1.93]	3.64	[3.12]
DQ+	5.15	3.39	3.78	2.42	4.74	2.93	8.08	3.90
DQo	15.90	6.58	10.67	2.60	15.24	4.04	24.70	6.78
DQv	0.89	[1.35]	0.58	[1.10]	0.77	[1.15]	1.64	[1.80]
DQv/+	0.13	[0.38]	0.09	[0.36]	0.14	[0.38]	0.16	[0.41]

Como se pode verificar no quadro 6.4.3., a influência da progressão do número de respostas verifica-se mais nas localizações D (detalhe frequente) e Dd (detalhe raro), pois a subida da média destas duas variáveis é muito acentuado no grupo de protocolos longos quando comparada com a dos protocolos curtos e médios. Tudo parece indicar que a possibilidade de aumento do número de respostas W é limitada em comparação com o aumento claramente elevado de respostas com localização em D e Dd.

Nos protocolos curtos e médios, os resultados médios de D são muito semelhantes à média de resposta global (W), a média de D aumenta muito nos protocolos longos. Quanto a Dd, temos uma média razoável nos protocolos curtos (2.67), aumenta para 4.89 nos protocolos médios e para 9.81 nos protocolos longos, o que neste último grupo, a média de Dd é mesmo muito elevada. Nos protocolos longos, o aumento do número de respostas não é provocado pelas respostas W, cuja média se mantém estável nos três grupos, o aumento de resposta provoca um aumento significativo da frequência das respostas D e Dd, onde se alteram totalmente as proporções em comparação com os protocolos médios. Estes resultados permite-nos levantar a questão se o aumento de respostas nos protocolos longos não será uma fonte de "perturbação" muito forte ao nível das proporções, relativamente aos protocolos médios.

Quanto à variável S, o seu comportamento revela um aumento da frequência com a subida do número de respostas, comportamento que corresponde ao esperado, já que a frequência desta variável é de si geralmente baixa nos protocolos, não sendo por conseguinte de esperar que ela seja elevada em protocolos curtos. Poder-se-ia ainda referir a sua ligação com o nível de escolaridade que é geralmente baixo na maioria dos protocolos curtos

Na qualidade de desenvolvimento existe uma progressão elevada dos protocolos curtos para os longos, quer na variável DQ+ e, principalmente, na variável DQo. As variáveis DQv e DQv/+, com uma interpretação menos positiva relativamente à qualidade do processamento de informação, apresentam um aumento de valores médios relativamente fraco, quando comparadas com as variáveis DQ+ e DQo, que são interpretadas como indicadoras de qualidade do processamento de informação.

Determinantes, Relações e Proporções

Globalmente, os determinantes têm valores médios muito mais elevados nos protocolos com maior número de respostas. Empiricamente, quando se recolhem protocolos, verifica-se que a maioria dos que têm R superior à média, têm uma frequência de maior número de variáveis e algumas destas com valores médios elevados.

No grupo dos determinantes, verifica-se um movimento ascendente das médias, na progressão dos protocolos curtos para os longos. Exceptuam-se as variáveis obtidas através de relações ou proporções, em que o movimento ascendente das médias não é tão nítido como é o caso do índice de egocentricidade ($3r+(2)/R$), do Quociente Afectivo (Afr). Verifica-se que a resposta P apresenta também o mesmo comportamento, embora não seja obtida através de proporções. No caso da variável EA (Experiência Efectiva), resultante da soma de duas variáveis capitais, M (Movimento Humano) e WSumC (soma ponderada das respostas de cor cromática), encontramos uma progressão muito forte que traduz idêntica progressão destas variáveis.

A combinação de determinantes (Blend), aparentemente, mostra uma progressão razoável, mas quando verificámos a variável Blends/R (proporção de combinação de determinantes em relação às respostas do protocolo), constata-se uma grande estabilidade, com a média de 0.15 para os protocolos curtos, 0.16 para os médios e 0.17 para os longos. Esta variável está relacionada com a complexidade psicológica e naturalmente aumenta a sua frequência nos protocolos com maior número de R.

O Lambda (relação entre as respostas com determinante F puro e as restantes respostas), mostra um movimento inverso ao das outras variáveis, diminui com o aumento de R nos protocolos, na proporção inversa dos outros determinantes. São os protocolos mais curtos que têm o valor de Lambda mais elevado; são protocolos mais pobres, quanto à variedade e quantidade de determinantes, mas dotados de boa qualidade formal.

Quadro 6.4.4 - Resultados dos Determinantes e de alguns rácios, na amostra total e por dimensão de protocolos.

Variáveis	Amostra total N = 309		Prot. Curtos R < 17 N = 86		Prot. Médios R >16 e < 28 N = 160		Prot. longos R > 27 N = 63	
Determinantes	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
M	2.85	2.60	1.80	1.70	2.59	2.12	4.90	3.50
FM	3.62	2.87	2.63	1.66	3.21	2.08	6.02	4.29
m	1.34	1.51	0.72	0.97	1.32	1.42	2.22	1.91
Sum C	3.32	2.76	2.05	1.67	2.99	2.21	5.89	3.50
WSum C	2.81	2.45	1.83	1.67	2.50	2.03	4.92	3.05
Sum C'	1.32	[1.53]	0.98	[1.23]	1.31	[1.53]	1.79	[1.79]
Sum T	0.68	[0.80]	0.56	[0.70]	0.57	[0.72]	1.13	[0.98]
Sum V	0.59	[1.03]	0.26	[0.53]	0.53	[0.93]	1.19	[1.47]
Sum Y	1.20	[1.54]	0.52	[0.75]	1.14	[1.42]	2.27	[2.02]
SumShading	3.78	3.33	2.31	1.87	3.55	3.05	6.38	4.03
Fr+rF	0.35	[0.91]	0.21	[0.74]	0.39	[0.94]	0.46	[1.00]
FD	1.46	[1.48]	1.00	[1.16]	1.42	[1.42]	2.17	[1.73]
F	9.62	4.58	7.03	2.89	9.54	4.07	13.35	5.17
Rácios	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
3r+(2)/R	0.40	0.18	0.39	0.19	0.39	0.18	0.42	0.14
Lambda	1.21	1.71	1.33	1.85	1.29	1.88	0.82	0.77
EA	5.65	4.20	3.63	2.47	5.09	3.21	9.83	5.34
Intelect.	2.24	2.58	1.44	1.81	2.07	2.20	3.75	3.57
Zf	10.56	4.82	8.72	3.31	10.10	4.19	14.24	6.05
Blends	3.53	3.00	2.24	1.90	3.36	2.77	5.71	3.59
Blends/R	0.16	0.12	0.15	0.12	0.16	0.13	0.17	0.10
Afr	0.56	0.23	0.50	0.19	0.56	0.24	0.66	0.23
P	4.93	1.82	4.62	1.71	4.79	1.82	5.73	1.75
XA%	0.87	0.07	0.87	0.09	0.87	0.07	0.85	0.06
WDA%	0.88	0.08	0.88	0.09	0.89	0.08	0.87	0.06
X-%	0.12	0.07	0.12	0.09	0.12	0.07	0.13	0.06

O índice de egocentricidade ($3r+(2)/R$) tem uma média de 0.40 (DP = 0.18, Mediana = 0.39). Na nossa amostra, tendo em consideração a dimensão dos protocolos, este índice tem valores aparentemente bastante estáveis, mas como resultam de números de indivíduos bastante diferentes (86, 160, 63), traduzem efectivamente um aumento da frequência de índices positivos, revelando claramente que, nos protocolos longos o índice é mais frequentemente positivo.

Segundo Exner (2000a, 2003), a maioria das pessoas tem valores nesta variável de 0.33 a 0.44. Os dados do Quadro 6.1.2 mostram que a grande maioria dos sujeitos da amostra total (65%), tem valores superiores a 0.33, mas 35% têm valores inferiores a 0.33, e 35% tem $3r+(2)/R$ superior a 0.44. Apenas 30% da amostra tem valores neste índice entre 0.33 e 0.44, o que não constitui a maioria. Se considerarmos a dimensão dos protocolos, apenas se verifica uma alteração nos protocolos com $R > 27$, em que diminui o número de sujeitos com o índice de egocentricidade inferior a 0.33, sendo de 25% , mas aumenta para 38% os que têm este índice superior a 0.44, tendo assim neste grupo de protocolos, 37% de sujeitos com valores entre 0.33 e 0.44, valor que não constitui tão pouco a maioria (Quadro 6.4.8).

Na amostra total, as variáveis que compõem o EA (Experiência Efectiva), têm valores médios baixos: M apresenta uma média de 2.84 e WSumC uma média de 2.81. Nos protocolos longos estas médias aumentam,

Aparentemente, nos resultados por dimensão de protocolos, os recursos internos disponíveis nas áreas ideacional e emocional não são muito elevados, excepto nos protocolos longos, como se poderá ver no Quadro 6.4.4. A explicação, abordada anteriormente, pode dever-se aos indivíduos com baixa escolaridade e Lambda elevado. Nos protocolos longos, devido ao aumento de respostas, aumenta também a probabilidade de maior quantidade e variedade de variáveis.

A Sum T é relativamente baixa (M = 0.68), havendo 50% dos sujeitos com Sum T = 0 e 15% com Sum T > 1. No Quadro 6.4.8, tendo em conta a dimensão de respostas do protocolo, temos uma distribuição de T = 0 e T > 1, em que com o aumento de R,

diminui $T = 0$, passando de 55% e 56% nos protocolos curtos e médios para 29% nos protocolos longos. Verifica-se uma progressão inversa em $T > 1$, verificando-se os valores de 9%, 13% e 30%, respectivamente nos protocolos curtos, médios e longos (estes dados não constam do Quadro 6.4.4).

Assim pode-se concluir que os protocolos com maior R têm uma maior frequência de respostas sombreado de textura com médias de 0.56, 0.57 e 1.13, respectivamente nos protocolos curtos, médios e longos (Quadro 6.4.4). Nesta variável não se verifica uma progressão linear com o aumento de R , mas antes uma grande diferença entre os protocolos longos e os outros. O mesmo se verifica com o número de protocolos com ausência de textura, pois apenas nos protocolos com $R > 27$ se verifica uma grande diminuição em relação aos protocolos curtos e médios.

A distribuição das variáveis Sum C', Sum V e Sum Y é diferente da Sum T. Nas três variáveis anteriores, as médias vão aumentando progressivamente no movimento dos protocolos curtos, médios e longos. Em cada uma destas variáveis, os protocolos médios têm uma frequência de praticamente o dobro da dos protocolos curtos e os longos têm o dobro da frequência dos médios.

As respostas Popular (P) têm uma média de 4.93 (DP = 1.82, Mediana = 5.0). Tendo em conta a dimensão dos protocolos temos médias de P, de 4.62, 4.79 e 5.73, respectivamente nos protocolos curtos, médios e longos. A maior diferença verifica-se nos protocolos longos, quando comparado com os outros dois.

Se consultarmos o Quadro 6.1.2, na amostra total verifica-se também que 68 sujeitos (22%) têm $P < 4$ e apenas 22 sujeitos (7%) têm um valor de Popular > 7 . A distribuição destes resultados parciais segundo a dimensão dos protocolos (Quadro 6.4.8) revela uma diminuição sensível nos protocolos longos, pois o resultado parcial $P < 4$ ocorre em 27%, 24% e apenas 10%, respectivamente nos protocolos curtos, médios e longos.

Por sua vez o resultado parcial Popular > 7 deixa transparecer o aumento significativo na transição dos protocolos curtos para os médios, pois esta variável está presente em 3%, 11% e 13%, respectivamente nos protocolos curtos, médios e longos.

Torna-se, pois, muito claro que, nos protocolos curtos, o valor de P é realmente maioritariamente baixo

As variáveis relacionadas com a qualidade formal (XA%, WDA% e X-%), apresentam uma estabilidade surpreendente em todo o tipo de protocolos, independentemente da dimensão do protocolo, do nível de escolaridade ou do estilo de coping. Dado que o Rorschach utiliza estímulos perceptivos em relação aos quais, os sujeitos devem ver elementos, objectos etc., e depois exprimir verbalmente o que viram. Na interpretação dos protocolos, estas variáveis traduzem uma certa convencionalidade e em certa medida, a relação dos indivíduos com a realidade, mostrando também uma certa consistência dos julgamentos. Quando existe perturbação do pensamento, estas variáveis podem ter os resultados alterados no sentido negativo da interpretação. Por exemplo, nas perturbações do espectro esquizofrénico, estas variáveis alteram-se, com os valores XA% e WDA% muito mais baixos e X-% muito elevado. A explicação possível para estes resultados, apesar das diferenças de idade, género, escolaridade, estilos de coping, entre os indivíduos da nossa amostra, a grande maioria deles tem uma relação com a realidade bastante boa, assim como uma boa convencionalidade, que é o se espera de indivíduos que aparentemente estão relativamente bem adaptados, não mostram sinais evidentes de perturbação ou instabilidade mental. Na construção da amostra, o critério de "normalidade" / ausência aparente de patologia, foi bastante bem controlado, o que resultou numa certa homogeneidade em relação à convencionalidade e a uma relação com a realidade aceitável, da amostra normativa, constituída por indivíduos não pacientes.

As restantes variáveis apresentam um comportamento esperado tendo em conta o aumento de número de respostas, que aumenta a probabilidade de frequência de uma maior quantidade de variáveis. Como se poderá constatar ao consultar o Quadro 6.4.4, isto acontece com as variáveis: reflexo (Fr+rF), Forma dimensão (FD), Forma pura (F), Intelectualização (2AB+Art+Ay), a frequência de Z (Zf), e o rácio Afectivo (Afr).

Conteúdos

Os conteúdos Humanos são considerados importantes na interpretação de um protocolo, nomeadamente no âmbito dos “clusters” Percepção Interpessoal e Percepção de Si Próprio. São bons indicadores do interesse pelos outros, aspectos qualitativos da relação consigo próprio e com os outros, na análise da projecção de aspectos positivos ou negativos em relação a si próprio e da percepção de si numa perspectiva realista ou distorcida (Exner, 2000a, 2003, Weiner, 1998b).

Como se poderá constatar no Quadro 6.4.5., na amostra total, o valor de H puro é baixo ($M = 1.90$). Os valores destes resultados parciais diminuem com o aumento de R por protocolo. $H < 2$ ocorre em 51%, 43% e 29% dos protocolos curtos, médios e longos; no caso de $H = 0$, os valores são respectivamente, 26%, 19% e 13%. Neste caso, também se verifica uma maior diferença se compararmos os protocolos longos com os protocolos curtos e médios.

A soma de todos os conteúdos humanos, na amostra total, ainda é relativamente baixa ($M = 4.26$, $DP = 3.45$). Se tivermos em linha de conta os protocolos por amplitude de R, (Quadro 6.4.5) constatamos que a média de H puro é de 1.40 nos protocolos com $R < 17$, 1.86 nos protocolos com $R = 17$ a 27 e 2.71 nos protocolos com $R > 27$. A soma de todos os conteúdos humanos apresenta médias de 2.7, 3.99, 6.81, respectivamente nos protocolos curtos, médios e longos.

Quadro 6.4.5 - Resultados dos Conteúdos Humanos

Variável	Amostra total N = 309		Prot. Curtos R < 17 N = 86		Prot. Médios R > 16 e < 28 N = 160		Prot. longos R > 27 N = 63	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
H	1.90	1.83	1.40	1.25	1.86	1.82	2.71	2.23
(H)	0.79	0.97	0.52	0.79	0.78	0.89	1.17	1.24
Hd	1.25	1.70	0.78	0.96	1.11	1.42	2.27	2.55
(Hd)	0.31	0.69	0.17	0.47	0.26	0.56	0.65	1.05
Todos Conteúd. Hum.	4.26	3.45	2.87	2.01	3.99	2.89	6.81	4.77

Como o número de respostas por protocolo tem influência sobre a frequência das diversas variáveis, apresentamos no Quadro 6.4.6 as médias das categorias de conteúdos Humanos por dimensão do protocolo e Estilos de Resposta.

Constatamos que a progressão da frequência das categorias de conteúdo humano se mantém com o aumento da amplitude R em protocolos curtos e longos, mas o estilo de resposta Introversivo produz uma quantidade de respostas de conteúdo humano muito superior a qualquer outro estilo. O estilo ambigüal tem uma frequência mais baixa de conteúdos humanos mas superior à dos estilos extratensivo e evitativo. O estilo extratensivo é o que apresenta menor frequência de conteúdos humanos. Numa breve comparação com os resultados americanos de Exner (2000a, pág. 266), apenas os nossos sujeitos com estilo introversivo, têm um total de conteúdos humanos equivalente, embora tenham uma média inferior em H puro. No nosso estudo, não constatámos que os sujeitos de estilo evitativo tivessem resultados superiores aos de estilo ambigüal.

Quadro 6.4.6 - Médias das codificações de conteúdo Humano divididos por dimensão de protocolos e Estilos de Resposta.

R = 14 a 16					R = 17 a 27					R = 28 a 61				
Estilos de Resposta*					Estilos de Resposta*					Estilos de Resposta*				
	I	A	E	L		I	A	E	L		I	A	E	L
N =	13	23	11	39		33	46	24	57		16	18	14	15
Categoria de codificação														
H	2.92	1.26	0.91	1.10		3.70	1.83	1.08	1.14		4.19	2.94	1.79	1.73
(H)	0.69	0.78	0.55	0.31		1.00	0.78	0.92	0.58		2.00	0.94	1.07	0.67
Hd	1.23	0.61	0.73	0.74		1.48	1.26	0.58	0.98		4.06	1.67	0.71	2.53
(Hd)	0.39	0.22	0.00	0.13		0.39	0.17	0.38	0.19		0.75	1.22	0.21	0.27
Todos Cont. Humanos	5.23	2.87	2.18	2.28		6.58	4.04	2.96	2.90		11.0	6.78	3.79	5.20

* I = Introversivo; A = Ambigüal; E = Extratensivo; L = Evitativo

Os valores de COP ($M = 0.91$, $DP = 1.02$) e de AG ($M = 0.59$, $DP = 0.95$) também são bastante baixos. No Quadro 6.4.7 considerando a dimensão dos protocolos, temos médias de 0.72, 0.84 e 1.35, respectivamente nos protocolos curtos, médios e longos. Uma vez mais, verifica-se um valor médio mais elevado nos protocolos longos, quando comparado com o dos protocolos curtos e médios.

No quadro 6.1.2, verifica-se que 42% dos sujeitos da amostra tem $COP = 0$, esta ausência de movimentos de cooperação é demasiado elevada. Se tivermos em consideração a dimensão dos protocolos, a ausência de respostas de movimento cooperativo diminui significativamente nos protocolos longos, pois $COP = 0$ ocorre em 51%, 43% e 29%, dos protocolos curtos, médios e longos (Quadro 6.4.8).

Passando, agora à análise dos resultados das variáveis com codificação especial, Soma Ponderada das Seis Cotações Especiais (WSum6) movimento cooperativo (COP), movimento agressivo (AG), boa representação humana (GHR) e representação humana pobre (PHR) (Quadro 6.47).

Quadro 6.4.7 - Médias e desvios padrão de algumas codificações especiais

Variável	Amostra total		Prot. Curtos		Prot. Médios		Prot. longos	
	N = 309		R < 17 N = 86		R > 16 e < 28 N = 160		R > 27 N = 63	
Cod. Especiais	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
WSum6	2.88	3.38	2.02	2.27	2.92	3.62	3.97	3.70
COP	0.91	1.02	0.72	0.93	0.84	0.90	1.35	1.30
AG	0.59	0.95	0.41	0.69	0.51	0.80	1.03	1.39
GHR	2.95	2.18	2.10	1.59	2.85	1.88	4.33	2.85
PHR	2.10	2.41	1.31	1.27	1.85	1.95	3.81	3.61

Quanto à variável WSum6, temos uma média de 2.88 ($DP = 3.38$) que é bastante baixa, o que indica pouca incidência de indicadores de alterações do pensamento e de falhas de lógica. Esta conclusão é positiva, mas é a que seria de esperar numa amostra de indivíduos considerados “normais”.

Em todas estas variáveis de codificação especial, nota-se o aumento da sua frequência média com o aumento da amplitude de respostas por protocolo.

O Quadro 6.4.8 apresenta os resultados das variáveis diversas e de alguns rácios.

Quadro 6.4.8 - Resultados das Variáveis Mistas por dimensão de protocolos.

Variáveis Mistas	Prot. Curtos R < 17 N = 86		Prot. Médios R > 16 e < 28 N = 160		Prot. longos R > 27 N = 63	
	N	%	N	%	N	%
DQv > 2	6	7	12	8	18	29
S > 2	11	13	57	36	32	51
Sum T = 0	47	55	90	56	18	29
Sum T > 1	8	9	20	13	19	30
3r+(2)/R < .33	31	36	60	38	16	25
3r+(2)/R > .44	31	36	53	33	24	38
Fr + rF > 0	9	10	32	20	14	22
PureC > 0	15	17	22	14	24	38
PureC > 1	5	6	5	3	6	10
Afr < .40	30	35	41	26	8	13
Afr < .50	43	50	67	42	18	29
(FM+m) < Sum Shd	25	29	52	33	22	35
(2AB+Art+Ay) > 5	3	3	12	8	13	21
Populars < 4	23	27	39	24	6	10
Populars > 7	3	3	11	7	8	13
COP = 0	44	51	68	43	18	29
COP > 2	3	3	7	4	9	14
AG = 0	58	67	101	63	28	44
AG > 2	1	1	5	3	6	10
MOR > 2	7	8	22	14	15	24
Level 2 Sp.Sc. > 0	0	0	2	1	1	2
GHR > PHR	48	56	95	59	39	62
Pure H < 2	52	60	86	54	22	35
Pure H = 0	22	26	31	19	8	13
p > a+1	9	10	14	9	8	13
Mp > Ma	12	14	38	24	19	30

Há variáveis que aumentam a frequência através do aumento de respostas e outras que têm o comportamento inverso.

A variável $DQ_v > 2$ só aumenta significativamente dos protocolos médios para os longos, com 7% dos sujeitos nos protocolos curtos, 8% nos médios e 29% nos longos.

$S > 2$ aumenta significativamente através do aumento de respostas por protocolo, o mesmo se verificando com $MOR > 2$.

Com Soma $T = 0$ há uma grande diminuição dos protocolos médios para os curtos, enquanto o oposto se verifica com Soma $T > 1$ em que o grande aumento de sujeitos que dá esta variável, se observa dos protocolos médios para os longos. Esta situação também se observa com $COP = 0$, $COP > 1$, $AG = 0$ e $AG > 1$. Embora haja alguma diferença no número de sujeitos entre os protocolos curtos e médios, a alteração significativa verifica-se com o aumento de respostas, nos protocolos longos.

Nas respostas reflexo ($Fr+rF$), não há grande diferença entre os protocolos médios longos, são os protocolos curtos onde se verifica menor ocorrência desta variável.

Em $C \text{ puro} > 0$ e $C \text{ puro} > 1$, verifica-se uma ligeira diminuição dos protocolos curtos para médios e depois aumenta significativamente nos protocolos longos.

No índice Afectivo, tanto $Afr < 0.40$ como $Afr < 0.50$, existe uma diminuição progressiva dos protocolos curtos para longos.

A variável $(FM+m) < \text{Soma Sombreado}$ mostra uma certa estabilidade, não se alterando muito pelo aumento do número de respostas e o mesmo se verifica com $GHR > PHR$. O aumento do número de respostas provoca apenas um ligeiro incremento destas variáveis.

O $H \text{ puro} < 2$ diminui ligeiramente dos protocolos curtos para médios e diminui significativamente dos médios para os longos. $H \text{ puro} = 0$ tem uma diminuição progressiva com o aumento de respostas.

Curiosamente $Mp > Ma$ aumenta bastante dos protocolos curtos para médios e a progressão é menos intensa dos médios para os longos. A variável $p > a+1$ é estável nos protocolos curtos e médios, 10% e 9% respectivamente e aumenta para 13% nos protocolos longos.

Estilos de Resposta, Constelações e Índices

No S.I.R. existe a classificação de quatro estilos de resposta: introversivo, ambigüal, extratensivo e evitativo.

Os estilos de resposta são um elemento central na análise dos dados estruturais de um protocolo, tendo em vista a compreensão do funcionamento psicológico do indivíduo, e tomam em consideração como características fundamentais a flexibilidade e a consistência. O conceito de *Estilo EB*, elaborado e desenvolvido empiricamente no S.I.R., partiu de uma base de trabalho, que correspondia a um componente muito importante desenvolvida por H. Rorschach (Rorschach, 1921/1978), que, com o nome de *Erlebnistypus*, traduzido como tipo vivencial ou tipo de ressonância íntima, constituía a relação ou balanceamento entre as respostas M (Movimento Humano), representando a actividade ideativa, e a Soma Ponderada das respostas de Cor Cromática, representante da componente afectiva e emocional. Estas duas componentes foram consideradas por Exner como indicadores dos recursos internos disponíveis e acessíveis, para lidar com o stress, com situações de tomada de decisão e de resolução de problemas.

A análise do estilo EB está relacionada com consistência e flexibilidade adaptativa. A consistência implica um estilo de personalidade com coesão e certas preferências na forma como o indivíduo lida com a experiência em situações simples (Weiner, 1998b), o que pode contribuir para uma relativa previsibilidade comportamental, principalmente em situações de *coping* da vida quotidiana. O reconhecimento da presença de flexibilidade e consistência nos estilos de resposta deriva da expressão de balanceamento entre o peso da variável indicadora de Ideação e o peso da variável indicadora da dimensão Afectivo-emocional. A consistência de um estilo requer a presença de um mínimo de recursos e que a diferença entre os valores dos

dois polos do EB seja pelo menos de dois pontos ou de mais de dois pontos consoante o valor da Experiência Efectiva (EA) se situe entre 4 e 10 ou superior a este último valor. Em qualquer caso, o valor mínimo de EA é de 3.5 e nenhum dos polos pode ter um valor de zero. Isto tem como implicação que apenas os estilos introversivo e extratensivo são consistentes e flexíveis, porquanto dispõem de recursos disponíveis suficientes para enfrentar as exigências do quotidiano e possibilidade de recorrer a diferentes estratégias de resposta. Tal não ocorre nos ambíguos caracterizados sobretudo pela hesitação e insegurança no acto da resposta àquelas exigências.

Por sua vez a característica flexibilidade é assegurada por um valor de EA de 4, por um valor de Lambda inferior a 1.00 e pela diferença entre os valores dos dois polos de EB acima referida. Se tal acontecer e a diferença entre ambos for muito elevada, estamos diante de um indicador de rigidez ou de falta de flexibilidade na resposta. Este quociente entre o polo mais elevado de EB e o menos elevado constitui a variável EBPer, (*EB Pervasive*), que foi traduzido por EB Invasor. A existência de flexibilidade adaptativa traduz-se por um EBPer inferior a 2.5 e permite uma boa utilização da ideação e a modulação do afecto enquanto recursos acessíveis e disponíveis. Se $EBPer = > 2.5$, teremos um dos pólos em posição dominante o que implica uma grande rigidez na utilização de recursos que poderá ser um obstáculo a um estilo de resposta adaptativo tanto na tomada de decisões como na resolução de problemas.

A variável Lambda tornou-se muito importante para a definição dos estilos de resposta, pois, quando o seu valor é superior a 0.99 (Exner, 2000a, 2003), temos o estilo evitativo, da complexidade e da ambiguidade. Pode-se distinguir entre o estilo evitativo como defensivo em relação à aplicação do teste e o estilo evitativo da complexidade e da ambiguidade como estilo de resposta habitual. O estilo evitativo é classificado em três sub-estilos: evitativo-introversivo, evitativo-extratensivo e evitativo-ambiguo (Sendin Bande, 2007). A componente evitativa sobrepõe-se à vertente introversiva, extratensiva ou ambiguo (Exner, 2000a).

O estilo evitativo define-se por uma pobreza de recursos e falta de flexibilidade adaptativa, o que não significa ausência de capacidades adaptativas relativamente ao meio que lhe é familiar e desde que esse meio não exija demasiados recursos e não

imponha uma pressão demasiado elevada através da necessidade de tomadas de decisão e de resolução de problemas de complexidade mais elevadas.

Em síntese, podemos dizer que estamos diante de consistência e flexibilidade adaptativa, quando o EB se traduz por estilos introversivo ou extratensivo, que implicam um $\Lambda < 1.0$, $EB_{Per} < 2.5$, $EA > 3.5$ e representatividade mínima dos pólos ideativo ($M > 0$) e emocional ($W_{SumC} > 0$).

Os Estilos Introversivo e Extratensivo

Os estilos introversivo e extratensivo são definidos como representando pólos opostos. O primeiro recorre preferencialmente à ideação, à capacidade de reflectir para tomar decisões, enquanto o segundo recorre mais aos afectos e emoções. Nos manuais do S.I.R. não existe uma preferência por qualquer destes estilos, desde que sejam suficientemente flexíveis. Nestes dois estilos de resposta existe uma consistência de julgamento e tomada de decisão que não existe no estilo ambigüal devido à existência de uma presença idêntica dos dois ideativo e emocional, o que torna os indivíduos com este estilo de resposta hesitantes, inseguros na tomada de decisões.

O estilo evitativo é o menos flexível, mais limitado a nível da mobilização de recursos internos, quer os introversivos quer os extratensivos. A tendência para simplificar e evitar a complexidade e a ambigüidade permite uma certa economia psicológica, mas não permite o desenvolvimento de competências para gerir situações ou enfrentar problemas que exijam tomadas de decisão de um grau de complexidade elevado.

Na interpretação de um protocolo, os estilos evitativo e ambigüal são indicadores descritivos de um funcionamento psicológico menos eficaz e mais pobre, em comparação com os estilos introversivo e extratensivo.

Se tivermos em consideração a dimensão de R dos protocolos, o Quadro 6.4.9, mostra que o estilo ambigüal tem uma estabilidade surpreendente com 27% nos protocolos curtos e 29% tanto nos protocolos médios como longos. O estilo introversivo aumenta na mesma progressão de R, com 15%, 21% e 25% nos protocolos curtos,

médios e longos. O mesmo acontece com o estilo extratensivo mas em menor proporção, com 13%, 15% e 22% nas três classificações de protocolos por número de R.

O estilo evitativo tem um comportamento oposto, pois diminui com a subida de R. Nos protocolos curtos, este estilo representa 45%, nos médios 36% e nos longos 24%.

Dos três tipos de protocolos por amplitude de R, são os longos que têm maior percentagem nos estilos introversivo e extratensivo, que no conjunto representam 47%. Os estilos ambigual e evitativo, embora estejam menos representados do que nos protocolos curtos e médios, têm em conjunto uma percentagem de 53%.

Quadro 6.4.9 - Estilos de resposta por dimensão de protocolos

	Prot. Curtos R < 17 N = 86		Prot. Médios R > 16 e < 28 N = 160		Prot. longos R > 27 N = 63	
Estilos de Resposta	N	%	N	%	N	%
Introversivo	13	15	33	21	16	25
Ambigual	23	27	46	29	18	29
Extratensivo	11	13	24	15	14	22
Evitativo	39	45	57	36	15	24

O que se evidencia é a diminuição do estilo evitativo, com o aumento de R por protocolo. Pode ainda apontar-se o facto de que este estilo é altamente predominante no grupo de indivíduos de escolaridade básica, que são a maioria na amostra portuguesa, com as consequências que tal dado acarreta para o uso, análise e interpretação do Rorschach.

Do total da amostra de 309 sujeitos, N = 22 (7%) obtiveram a constelação suicida (S-CON) positiva. Esta constelação indica a potencialidade de se cometer suicídio ou a presença de oito das doze variáveis que compõem esta constelação, indica a possibilidade de uma ideação auto-destrutiva. Nem todos os indivíduos com S-CON positiva tentam cometer suicídio e torna-se muito difícil detectar os falsos positivos e os falsos negativos, mas, quando esta constelação é positiva num protocolo do Teste de

Rorschach, considera-se sempre a existência de uma perigosidade potencial de possibilidade de atentado contra a própria vida. (Exner, 2000a, pp. 342,343)

A distribuição da constelação de potencialidade suicida por dimensão de protocolos, expressa-se da seguinte forma: nos protocolos curtos encontram-se 7 (8%) protocolos; nos protocolos médios encontram-se 8 (5%) protocolos e nos protocolos longos encontram-se 7 (11%) protocolos.

Quadro 6.4.10 - Resultados do Índice de Constelação Suicida (S-CON) por amplitude de R.

Variáveis Diversas	Prot. Curtos R < 17 N = 86		Prot. Médios R > 16 e < 28 N = 160		Prot. longos R > 27 N = 63	
	N	%	N	%	N	%
S-CON	7	8	8	5	7	11

No relatório da OMS de 1984, Portugal tem uma taxa de suicídio de 9.7 por 100.000 habitantes (Sampaio, 1998, pp. 33-35). A nível europeu, os países nórdicos têm taxas muito elevadas, nomeadamente a Hungria com 44.9 suicídios por 100.000 habitantes. Nas estatísticas publicadas no site da Sociedade Portuguesa de Suicidologia (www.spsuicidologia.pt), no ano de 2004, em Portugal ocorreram 11.5 suicídios por 100.000 habitantes, descendo para 8.4 / 100.000 em 2006. Na Europa, são os países nórdicos que têm a taxa de suicídio mais elevada em contraste com os países mediterrânicos, mas em Portugal são as regiões do sul onde ocorrem mais suicídios. Atribui-se uma menor taxa às regiões do Norte, devido a uma maior religiosidade (Saraiva, 1999). Comparando os dois extremos em Portugal, no distrito de Braga ocorrem dez vezes menos suicídios do que no distrito de Beja, neste último, em 1993, observou-se uma taxa de 46.2 por 100.00 hab., com mais suicídios que a Hungria, o país europeu com a taxa mais elevada (Saraiva, 1999, pp. 72-78).

Tendo em consideração a constelação de potencialidade suicida do Teste de Rorschach, como indicador de risco de suicídio, de tentativa de suicídio ou apenas da existência de ideias de auto-destruição, teria interesse consultar as taxas de para-suicídio e de tentativa de suicídio. Em Portugal, não parecem existir estatísticas nacionais sobre

comportamentos suicidas, nomeadamente, para-suicídio, mas, segundo Saraiva (1999, pág. 81), para o período 1989-1992, a taxa ponderada europeia de para-suicídio, era de 133 para os homens e de 184 para as mulheres por cada 100.000 habitantes. As mulheres apresentam taxas de para-suicídio mais elevados. Por cidades europeias, Guipozcoa (Espanha) tem a taxa mais baixa com 72 para-suicídios e Cergy-Pontoise (França), tem a taxa mais elevada com 542 para-suicídios por cada 100.00 hab.

Tendo em conta estes dados, é difícil confirmar ou infirmar os resultados de potencialidade suicida da nossa amostra (7%).

No Quadro 6.4.11, comparámos os resultados da Constelação Suicida positiva em diversos países (Pires, 2007, Raez, 2007, Lunazzi & col., 2007, Nascimento, 2007, Mattlar & col., 2007, Nakamura & col., 2007, Campo & Vilar, 2007, Exner, 2007, Shaffer & col., 2007). A maioria situa-se entre 4% e 6% das respectivas amostras, exceptuando-se os E.U.A. – Exner com 2% e a Argentina com 1% e Portugal com 7%.

Quadro 6.4.11 - Frequência da Constelação Suicida (S-CON) Positiva em 9 estudos normativos de 8 Países.

S-CON Positiva																	
Portugal N = 309		Espanha N = 517		Argentin a N = 506		Brasil N= 409		Finlândi a N = 343		Japão N= 240		Peru N= 233		U.S.A. Exner N= 450		U.S.A Shaffer N= 283	
N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
22	7	22	4	6	1	15	4	19	6	6	3	10	4	11	2	10	4

Os índices de Hipervigilância (HVI) e de Estilo obsessivo (OBS) positivos, têm valores muito baixos, respectivamente 3% (N = 9) e 1% (N = 3), que podem estar presentes nos resultados de um estudo normativo e cuja frequência não é significativa, dado o reduzido número de sujeitos com estes índices positivos.

O índice de Depressão (DEPI) tem catorze variáveis. Cinco variáveis estão relacionadas com afecto, seis estão relacionadas com características cognitivas, duas

com relações interpessoais e uma com complexidade psicológica. Estas variáveis estão agrupadas em sete subgrupos e considera-se positivo desde que haja pelo menos cinco condições positivas, considerando-se três classificações, segundo o grau de gravidade: DEPI = 5, DEPI = 6 e DEPI = 7 (Exner, 2000a).

A interpretação do índice de depressão positivo nunca afasta a hipótese de uma depressão instalada, mas incide mais sobre a existência de problemas afectivos ou perturbações afectivas, cujo nível de gravidade ou deterioração poderá indicar a existência de depressão. Um DEPI positivo poderá apenas indicar uma perturbação afectiva, sem a existência de uma depressão, o que é bastante frequente com DEPI = 5. Com os dois graus de maior gravidade, DEPI = 6 e DEPI = 7, a hipótese da presença da depressão torna-se mais séria, com a agravante de um índice de *défice de coping* positivo.

Na nossa amostra, temos 32% dos sujeitos (N = 100), com o DEPI positivo, tendo 19% com DEPI = 5, 12% com DEPI = 6 e 1% com DEPI = 7. Por dimensão de protocolos, (Quadro 6.4.12) temos que, nos protocolos curtos, ocorrem 27% com DEPI positivo, valor este, que cresce com o o número de respostas, verificando-se a presença de 34% e de 38% de protocolos médios e longos com DEPI positivo.

Podemos considerar que são valores muito elevados e pensámos que não correspondem a depressão instalada que necessite de tratamento. Todos os protocolos com este índice positivo, foram revistos cuidadosamente e no momento de transmitir os resultados aos sujeitos, nenhum deles admitiu a necessidade de tratamento para a depressão, apenas que às vezes se sentiam “um pouco em baixo”. Tivemos o cuidado de, na sessão de transmissão dos resultados, termos aplicado a 40 sujeitos com DEPI positivo, o Iaclide – Inventário de Avaliação Clínica da Depressão (Vaz Serra, 1994).

Os resultados obtidos no Iaclide não foram minimamente concordantes com os resultados do Índice de depressão, tivemos a impressão que os sujeitos tinham alguma dificuldade em assumir os sintomas que constituem este Inventário. Destes 40 sujeitos, apenas 10 tiveram resultados no Iaclide entre 12 e 15, quando o ponto de corte para diagnosticar a depressão é um resultado = 20. Os restantes 30 sujeitos tiveram resultados inferiores a 10 e destes, 20 sujeitos tiveram resultados de 0 pontos. Depois

desta experiência, decidimos aplicar o Iacide apenas quando o sujeito admitisse que se sentia mal e precisava de tratamento, o que não aconteceu com nenhum caso.

Se eliminarmos os protocolos com DEPI=5 e considerarmos apenas os DEPI de 6 e 7 pontos, obtemos uma distribuição mais consentânea com a realidade, obtendo-se a seguinte distribuição por dimensão de R: 13% na amostra total, 6% nos protocolos curtos, 16% nos protocolos médios e 16% nos protocolos longos.

Quadro 6.4.12 - Resultados do Índice de depressão (DEPI) por amplitude de R

Variáveis Diversas	Prot. Curtos R < 17 N = 86		Prot. Médios R >16 e < 28 N = 160		Prot. longos R > 27 N = 63	
	N	%	N	%	N	%
DEPI = 7	0	0	1	1	1	2
DEPI = 6	5	6	24	15	9	14
DEPI = 5	18	21	28	18	14	22

Outro resultado que nos surpreendeu foi o índice de Déficit de *Coping* (CDI) positivo em 48% da amostra total (n = 148), tendo o CDI = 4 em 29% da amostra (n= 90) e o CDI = 5 em 19% (n = 58).

Se analisarmos os resultados do CDI positivos, por dimensão de protocolos, verificamos que, nos protocolos curtos, a incidência deste índice é muito mais elevada, 59%, do que nos protocolos médios com 49% e nos protocolos longos com 30%. O CDI = 5 representa 23% dos protocolos curtos, 19% dos médios e 13% dos longos.

Quadro 6.4.13 - Resultados do Índice de Deficit de Coping (CDI), na amostra total e por amplitude de R.

Variáveis Diversas	Prot. Curtos R < 17 N = 86		Prot. Médios R >16 e < 28 N = 160		Prot. longos R > 27 N = 63	
	N	%	N	%	N	%
CDI = 5	20	23	30	19	8	13
CDI = 4	31	36	48	30	11	17

5. O LAMBDA ELEVADO

5.1 Introdução

O Estudo Normativo do Teste de Rorschach na população adulta portuguesa tem uma percentagem elevada de sujeitos com o Lambda alto (Pires, 2000, 2005, 2007). Em 309 protocolos válidos, 36% ($n = 111$) têm $\text{Lambda} > 0,99$. Obtiveram-se resultados similares com uma amostra de crianças portuguesas (Silva, 1993, 1996), e com uma amostra de adultos da Venezuela (Ephraim, Riquelme & Occupati, 1992).

Quem são estes sujeitos com um estilo de coping Evitativo?

Não há diferenças significativas por género, masculino = 53% e feminino = 47%. Como se verificou em Pires (1999, 2000, 2001, 2005, 2007), a característica proeminente dos sujeitos com Lambda alto é o nível de escolaridade. A maioria ($n=85$), 77%, tem uma escolaridade entre 0 e 9 anos, 19 sujeitos representando 17% têm entre 10 e 12 anos de escolaridade e apenas 6% ($n=7$) têm 13 anos ou mais. Aproximadamente metade do total dos protocolos com Lambda alto, $n=54$ ou (49%), são de indivíduos com uma escolaridade igual ou inferior a 6 anos.

Por grupos etários, a maioria dos indivíduos com Lambda alto tem entre 26 e 45 anos de idade (59%). Os grupos etários com menor percentagem de Lambda alto são os de 18-25 e os de 56-65 anos. Os indivíduos do grupo etário 18-25 anos são os que apresentam a escolaridade mais elevada e o grupo dos 56-65 anos foi aquele onde encontrámos mais dificuldades em encontrar sujeitos disponíveis para lhe ser aplicado o teste.

Por estilo de *coping* a maioria, 61% têm um estilo de resposta evitativo-ambigüal.

A maioria destes protocolos pretence a indivíduos com um nível sócio-económico baixo e médio baixo e residem em áreas rurais ou nos subúrbios.

Estes resultados são confirmados pelo do Quadro 6.5.1. onde se verificam diferenças significativas por estilo de resposta. A média de Lambda diminui drasticamente com o aumento do nível de escolaridade, sendo de 1.73 para o nível

básico, de 0,90 para o nível secundário e de 0.58 para o nível superior. Em contrapartida as médias das variáveis de número total de respostas - R, movimento humano – M, Soma ponderada de cor cromática – WSUMC, Soma de Textura e Experiência Actual – EA, aumentam significativamente com o nível de escolaridade.

Quadro 6.5.1 - Resultados por níveis de escolaridade em 8 variáveis

Variável	Educ. Nível 1 (n=137)		Educ. Nível 2 (n=111)		Educ. Nível 3 (n=61)	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Anos Educ	5.52	2.02	10.49	1.27	15.80	1.11
R ***	20.32	6.68	22.31	7.55	25.57	9.67
M ***	1.80	1.76	2.92	2.51	5.07	2.95
WSUM C ***	1.91	1.72	2.95	2.35	4.55	3.00
SUM T ***	0.47	0.65	0.76	0.81	1.02	0.96
Lambda ***	1.73	2.33	0.90	0.86	0.58	0.39
EA ***	3.71	2.53	5.87	4.02	9.61	4.65
T=0	61%		45%		34%	
CDI=4	42%		21%		16%	
CDI=5	25%		20%		3%	

(*): $p < 0.05$.(**): $p < 0.01$ (***): $p < 0.001$

5.2 O Lambda Alto – Estilo de Coping Evitativo

Quando se verifica um Lambda >0.99 em adultos e especialmente se for maior que 1.2, isto significa, resumidamente, um evitamento da complexidade e/ou da ambiguidade do campo (Exner, 2000a). Esta característica torna-se dominante e sobrepõe-se às propriedades dos estilos introversivo, extratensivo e ambiguo, podendo considerar-se o estilo evitativo como dominante e a qualidade introversiva, extratensiva

ou ambigüal como secundária, dando lugar a estilos evitativo-ambigüal, evitativo-introversivo ou evitativo-extratensivo.

Embora todos os indivíduos com Lambda alto ($>0,99$) sejam “classificados” como tendo um estilo evitativo, segundo Exner (2000a) é muito importante diferenciar a defesa ou desconfiança situacional ligada à aplicação do teste, do estilo evitativo “consistente”. Os indivíduos com “defensividade” situacional são desconfiados perante situações novas ou desconhecidas, enquanto no “verdadeiro” estilo evitativo teremos um evitamento da complexidade / ambigüidade mais consistente, estável e previsível.

A defensividade situacional é caracterizada pelo $\text{Lambda} > 0,99$, $R < 17$ e $\text{EA} < 4,0$. Na nossa amostra temos 30 indivíduos ou 27% dos protocolos de Lambda alto ($n=111$).

O estilo de resposta evitativo define-se através de duas características:

1 – $\text{Lambda} > 0,99$ e $\text{EA} > 3,5$, que nós denominámos de Evitativo 1, $n=31$ ou 28% dos protocolos com Lambda elevado.

2 – $\text{Lambda} > 0,99$, $R > 16$ e $\text{EA} < 4,0$, denominado Evitativo 2, $n=50$ ou 45% dos protocolos com Lambda elevado.

O que distingue estes dois grupos de evitativos não defensivos é apenas o EA ser muito baixo ($< 4,0$) ou ser $> 3,5$. Esta distinção diferencia os indivíduos com EA muito baixo (ponto de corte 4,0), que os caracteriza como tendo muitos poucos recursos psicológicos (ideação e capacidade emocional) e susceptíveis de ter pouca tolerância ao stress e fraco controle de comportamento. Os indivíduos que têm EA igual ou superior a 4,0 têm recursos internos disponíveis em quantidade razoável, o que em princípio, lhes dá maior capacidade de tolerância ao stress. Em termos qualitativos, pensamos que esta distinção é razoável, porque se constatou que através da psicoterapia o Lambda alto pode diminuir (Weiner & Exner, 1991) para valores inferiores aos que caracteriza o estilo evitativo. Assim o estilo evitativo transforma-se em introversivo ou ambigüal ou extratensivo. Pensamos que esta evolução desenvolvimental se poderá processar não só através da psicoterapia, mas também através de qualquer experiência de vida que promova o desenvolvimento psicológico e possivelmente, serão os evitativos com maiores recursos internos ($\text{EA} > 3,5$) que terão características psicológicas para propiciar esta evolução.

Quadro 6.5.2 - Distribuição dos sujeitos de Lambda elevado

	Total Estilo Evitativo N=111		Defensivos: Lamba > 0.99 R < 17 EA < 4.0 n=30		Evitativos 1: Lambda > 0.99 EA > 3.5 n=31		Evitativos 2: Lambda > 0.99 R > 16 EA < 4.0 n=50	
	N	%	N	%	N	%	N	%
	111	100	30	27	31	28	50	45

Analisando estes resultados, verificamos, pelo Quadro 6.5.3, que os estilos defensivo situacional e evitativos 2, ambos caracterizados pelo EA baixo, têm resultados similares. O estilo evitativo 1, caracterizado por ter o EA > 3.5 tem resultados mais elevados que os outros dois grupos que têm EA mais baixo, principalmente nas variáveis R, M, WSoma C, EA, Afr, Blends, COP e AG.

Analisando os resultados e percentagens do Quadro 6.5.3, podemos constatar que o estilo evitativo 1, caracterizado por EA mais elevado, no caso 5,61, tem resultados mais positivos do que os estilos defensivo situacional e estilo evitativo 2 e do que toda a sub-amostra de Lambda elevado, com média de 9,10 anos de escolaridade, como o revelam os seguintes dados: R (média =22,71), M (média =2,61), WSumC (média =3,00), Afr (média =0,64), Blends (média =2,19), COP (média =1,00), AG (média =0,42) e obviamente EA (5,61). No que respeita à variável de sombreado Textura, não ocorreram diferenças entre os diferentes subgrupos com Lambda elevado.

Quadro 6.5.3- Comparação de 10 variáveis entre os grupos de Lambda elevado.

Variável	Lambda Elev. (n=111)		Defensivos situacionais: Lambda > 0.99 R < 17 EA < 4.0 (n=30)		Evitativo 1: Lambda > 0.99 EA > 3.5 (n=31)		Evitativo 2: Lambda > 0.99 R > 16 EA < 4.0 (n=50)	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Anos Educ	7,55	3,52	6,73	3,18	9,10	3,74	7,08	3,33
R	20,26	5,92	15,03	0,81	22,71	6,97	21,88	5,02
M	1,37	1,38	0,60	0,89	2,61	1,50	1,06	1,00
WSUM C	1,52	1,65	0,80	0,83	3,00	2,19	1,03	0,89
SUM T	0,43	0,60	0,43	0,57	0,42	0,62	0,44	0,61
EA	2,89	2,20	1,40	1,05	5,61	1,85	2,09	1,17
AFR	0,58	0,25	0,52	0,17	0,64	0,27	0,58	0,28
BLENDS	1,48	1,37	0,90	0,92	2,19	1,38	1,38	1,41
COP	0,53	0,77	0,30	0,60	1,00	0,86	0,38	0,70
AG	0,26	0,50	0,17	0,38	0,42	0,62	0,22	0,46
	N	%	N	%	N	%	N	%
DEPI>4	20	18	5	17	10	32	5	10
T=0	69	62	18	60	20	65	31	62
CDI>3	75	67	24	80	9	29	42	84
Educ: 0-9 anos	85	77	25	83	19	61	41	82
Educ: 10-12 anos	19	17	4	13	8	26	7	14
Educ: 13+ anos	7	6	1	3	4	13	2	4
Masculino	59	53	19	63	17	55	23	46
Feminino	52	47	11	37	14	45	27	54
Evitativo-Introversv.	23	21	4	13	11	35	8	16
Evitativo - Ambigual	68	61	22	73	8	26	38	76
Evitativo - Extratens	20	18	4	13	12	39	4	8

O estilo Evitativo-ambigual é muito alto nos subgrupos com o EA baixo, situacional e evitativo 2, (73% e 76% respectivamente) ao passo que os estilos Evitativo-introversivo (35%) e Evitativo-extratensivo (39%) são mais frequentes no subgrupo evitativo 1, com EA mais elevado.

Os níveis de escolaridade são mais baixos nos subgrupos com EA mais baixo, 84% dos defensivos situacionais e 82% dos evitativos 2. Evitativo 1 (EA alto) tem mais sujeitos de níveis de escolaridade mais elevados.

Os indivíduos com Lambda alto e EA maior que 3,5 têm protocolos mais ricos, com as componentes secundárias, introversiva e extratensiva mais elevadas do que a componente secundária ambigüal.

O subgrupo de defensivos situacionais, caracterizado pelo EA < 4,0 e número de resposta baixo (R < 17), é o que apresenta os protocolos mais pobres.

No Quadro 6.5.4, apresenta-se a distribuição dos resultados dos indivíduos com Lambda elevado (N=111) nas variáveis Índice de Depressão (DEPI) e Índice de Défice de *Coping* (CDI). Como se pode observar, o valor mais elevado de DEPI ocorre nos indivíduos com estilo evitativo1, onde encontramos uma percentagem de 19% dos indivíduos com um DEPI superior a 5.

Quadro 6.5.4 - Distribuição dos sujeitos com Lambda elevado

Variável	Total Estilo Evitativo n=111		Defensivos: Lambda > 0.99 R < 17 EA < 4.0 n=30		Evitativos 1: Lambda > 0.99 EA > 3.5 n=31		Evitativos 2: Lambda > 0.99 R > 16 EA < 4.0 n=50	
	N	%	N	%	N	%	N	%
DEPI>4	20	18	5	17	11	32	5	10
DEPI=5	13	12	5	<u>17</u>	5	13	4	8
DEPI>5	7	6	0	0	6	<u>19</u>	1	2
CDI>3	75	67	24	80	9	29	42	84
CDI=4	49	44	16	<u>53</u>	5	16	28	<u>56</u>
CDI=5	26	23	8	<u>27</u>	4	13	14	<u>28</u>

No total da amostra, o grupo de Lambda alto (n=111) é o que apresenta menor número de protocolos com DEPI positivo. Entre os que têm Lambda alto, são os evitativos 1 (com EA mais elevado) que apresentam a maior percentagem de DEPI positivo.

Com respeito ao CDI, verifica-se que as percentagens de indivíduos dos subgrupos evitativo-situacional e evitativo 2 com $CDI > 3$ não só são elevadas mas também idênticas, 80% e 84%. O mesmo acontece com as condições de $CDI = 4$ e $CDI = 5$ no que respeita à semelhança das percentagens daqueles dois sub-grupos de evitativos. Por sua vez, os indivíduos do subgrupo evitativo 1 apresentam as percentagens claramente mais baixas nas três condições de CDI referidas.

i) Questões e tentativa de explicação

A presença de um Lambda alto na amostra total portuguesa pode encontrar a sua justificação no facto de uma percentagem elevada da mesma dispor de um nível baixo de escolaridade. Existem, no entanto, outros elementos que podem igualmente concorrer para este facto.

- Para indivíduos com baixa escolaridade e que deixaram de frequentar a escola há muito tempo, a aplicação do Rorschach é uma experiência muito diferente relativamente ao seu quotidiano. Os indivíduos com escolaridade elevada estão habituados a situações de avaliação formal e sentem-se mais à vontade em qualquer situação de aplicação de testes psicológicos.

- Têm dificuldade em confiar neste tipo de situação e pedem-lhes par ver coisas em manchas de tinta, o que pode ser difícil de compreender e assimilável a “coisas de gente louca”?

- Geralmente, os indivíduos com baixa escolaridade têm uma amplitude de vocabulário menor e a expressão verbal pode não ser fácil na presença de “estranhos” como o psicólogo que aplica o teste. O material obtido através do Teste de Rorschach é maioritariamente o resultado da expressão verbal. Podemos colocar algumas questões:

- Será apenas um problema de vocabulário?

- Têm dificuldade em expressar o que vêem, sentem ou pensam face aos cartões do Rorschach?

- Ou apenas têm dificuldade em sentir e expressar verbalmente com os cartões Rorschach, porque estão desligados das situações reais da sua vida quotidiana, tais como situações de resolução de problemas?

- As pessoas têm consciência que aquilo que vêem nos cartões do Rorschach não é “verdadeiramente real” ou exactamente igual a objectos e situações reais e para eles é mais económico ver apenas Forma pura?

Se estas quatro questões se confirmassem e houvesse uma grande diferença entre os resultados do Rorschach e o auto-conceito, ou aquilo que pensam que são ou como se comportam ou como sentem, não estariam de acordo com os seus próprios resultados do Rorschach, quando comunicados pelo investigador principal deste projecto.

Na comunicação dos resultados, 95% dos sujeitos concordaram com os seus resultados que foram comunicados individualmente. A comunicação oral foi muito cuidada tanto a nível dos conteúdos como na utilização de linguagem facilmente compreensível.

Possivelmente poderá haver outra explicação: comportam-se, sentem e vivem como as pessoas com características de Lambda alto, porque não necessitam de um nível de maior complexidade psicológica relativamente às exigências de complexidade do seu meio ambiental ou às exigências da sua vida social.

Se o seu meio não for mais exigente, será que necessitam de uma maior complexidade psicológica? Esta poderá ser uma hipótese a explorar.

Em algumas localidades do interior do país, ficamos surpreendidos com alguns protocolos muito complexos e ricos e resultados de Lambda muito baixos.

Ao analisar a informação biográfica destes indivíduos encontramos alguns elementos comuns. Têm a mesma profissão (agricultores) e nível de escolaridade baixo que os seus pares com Lambda alto, mas existe uma diferença: são líderes locais e têm alguma facilidade na expressão verbal e

mesmo sem um vocabulário tão extenso como os indivíduos de maior escolaridade, gostam de se expressar verbalmente e têm maiores competências verbais do que a maioria das pessoas da sua comunidade.

Pensamos que a interpretação dos resultados do Rorschach e de outros testes deve considerar o contexto. A grande maioria dos indivíduos desta amostra, com resultados de Lambda alto, não tem dificuldades de adaptação ao meio, na sua profissão, na sua vida social e familiar.

Poderá haver apenas um problema, se o nível de stress ou o nível de dificuldades da sua vida for demasiado elevado, alguns poderão mostrar-se impulsivos, passar ao acto, se não tiverem apoio suficiente de familiares ou amigos. Geralmente, no meio rural, vive-se em família alargada ou com um grande grupo de amigos e vizinhos que têm a mesma função da família

Se estas pessoas mudarem para meios mais complexos e mais exigentes, sem o apoio de outros significativos, alguns poderão ter problemas, mas também não podemos subestimar as capacidades de adaptação.

A grande maioria dos indivíduos desta amostra, quando se recolheram os protocolos, não tinham problemas psicológicos mas ninguém poderá garantir que os não terão no futuro.

6. Os Resultados por Estilo de Resposta

O Quadro 6.6.1 apresenta a distribuição dos estilos de *coping*, Ambigual, Introversivo, Extratensivo e Evitativo, na amostra total, em 26 variáveis consideradas de importância maior no que respeita à avaliação da personalidade. Como se pode ver, com excepção das variáveis GHR, PHR, integradas na variável H, e de Lambda, SumT, SumV, Fr+rF e T=0, observam-se diferenças significativas entre os resultados obtidos nos dois subgrupos com estilo Introversivo e Extratensivo ou em pelo menos um deles e os do grupos Evitativo e Ambigual.

Os resultados destes dois estilos confirmam ou reforçam a respectiva conceptualização como pólos opostos, pois as variáveis relacionadas com as emoções e os afectos (WSumC, CF+C>FC, SumC', SumYC e ColShBlends), têm os resultados médios mais elevados no grupo dos extratensivos ao passo que as variáveis relacionadas com a Ideação (M, H, Activo, Passivo, COP, AG) têm os resultados mais elevados no subgrupo dos Introversivos.

Registe-se, como complemento desta informação principal que, no estilo Ambigual, os valores de todas as variáveis são igualmente superiores aos do estilo evitativo o que confere a este último características muito particulares. Por outro lado, tomando como referência o nível de escolaridade, é de notar que neste subgrupo de estilo Ambigual, o número de indivíduos com nível de escolaridade mais baixo representa mais de metade dos que formam este subgrupo, permitindo considerar que a variável nível de escolaridade tem alguma influência na frequência deste estilo.

Quanto aos níveis de escolaridade, os indivíduos com nível mais baixo são maioritários nos grupos de estilos de resposta ambigual e evitativo e com o aumento da escolaridade, diminuem os ambiguaes e os evitativos e aumentam os introversivos. A percentagem de 57% de ambiguaes é manifestamente mais elevada do que a dos subgrupos com estilo Introversivo (30%) e Extratensivo (36%).

Quadro 6.6.1 - Comparação entre estilos de resposta em 28 variáveis.

Variável	Ambigüal (n = 87)		Introversivo (n=62)		Extratensivo (n=49)		Evitativo (n=111)	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Média	DP
Anos Escolaridade	9.52	4.23	<u>11.27</u>	4.38	10.59	3.99	7.55	3.52
R **	21.75	7.52	<u>25.18</u>	11.01	22.84	6.49	20.26	5.92
W ***	7.45	3.85	7.98	4.84	<u>9.16</u>	4.27	5.19	3.28
M ***	3.05	2.26	<u>5.92</u>	2.63	1.94	1.76	1.37	1.38
WSUM C ***	3.09	2.10	2.30	2.05	<u>5.86</u>	2.26	1.52	1.65
CF+C>FC	41%		18%		<u>80%</u>		16%	
FM+m ***	6.03	3.45	<u>7.00</u>	4.51	5.00	2.74	2.95	1.99
SUM T***	0.80	0.91	0.71	0.86	<u>0.98</u>	0.80	0.43	0.60
SUM C' ***	1.69	1.49	1.48	1.58	<u>2.29</u>	1.80	0.50	0.91
SUM V***	0.74	1.09	0.82	1.22	0.88	1.32	0.21	0.49
SUM Y ***	1.19	1.40	1.58	1.66	<u>1.96</u>	2.08	0.66	1.02
Lambda ***	0.57	0.22	0.51	0.23	0.52	0.22	2.39	2.42
EA ***	6.14	4.26	<u>8.22</u>	4.40	7.80	3.68	2.89	2.20
ES ***	10.46	4.70	<u>11.60</u>	6.16	11.10	5.00	4.76	2.77
Fr+rF**	0.38	0.95	0.53	1.04	0.57	1.22	0.13	0.49
(2)**	7.37	3.92	<u>10.06</u>	6.01	6.08	4.08	7.45	4.62
EGO ***	0.39	0.16	<u>0.47</u>	0.17	0.34	0.18	0.38	0.18
FD ***	1.71	1.32	<u>2.27</u>	1.93	1.41	1.26	0.83	1.07
ACTIVE ***	6.16	3.58	<u>8.19</u>	4.04	4.47	3.04	2.72	1.70
PASSIVE ***	2.99	2.14	<u>4.84</u>	3.41	2.47	1.67	1.63	1.62
BLENDS ***	4.19	3.01	<u>5.13</u>	3.23	4.98	2.81	1.48	1.37
ColShblends ***	0.80	1.15	0.60	0.88	<u>1.31</u>	1.43	0.31	0.63
P ***	4.98	1.50	<u>5.81</u>	1.96	4.73	1.85	4.49	1.80
H ***	1.91	1.66	<u>3.66</u>	2.18	1.24	1.11	1.21	1.26
All H CONT***	4.30	3.25	<u>7.43</u>	4.03	3.02	2.16	2.99	2.47
COP ***	0.98	0.83	<u>1.64</u>	1.28	0.71	0.96	0.53	0.77
AG ***	0.80	1.04	<u>1.00</u>	1.32	0.41	0.70	0.26	0.50
GHR ***	2.90	1.64	<u>5.03</u>	2.51	2.53	1.90	2.00	1.65
PHR ***	1.64	2.48	<u>3.81</u>	2.91	1.14	1.31	1.39	1.86
	N	%	N	%	N	%	N	%
Educ: 0-9 Anos	49	57	19	30	18	36	85	77
Educ: 10-12 Anos	20	23	21	34	17	35	19	17
Educ: 13+ Anos	18	21	22	35	14	29	7	6

(*): $p < 0.05$ (**): $p < 0.0$ (***): $p < 0.001$

Como se notava uma grande diferença entre os resultados dos introversivos e dos extratensivos, em comparação com os ambíguais e os evitativos, no Quadro 6.6.2,

apresentamos os resultados com as diferenças significativas entre os estilos introversivo e extratensivo.

Quadro 6.6.2 - Comparação entre estilos de resposta introversivo e extratensivo, em 28 variáveis.

Variável	Introversivo (n=62)		Extratensivo (n=49)	
	Média	DP	Média	DP
Anos Escolaridade	11.27	4.38	10.59	3.99
R	25.18	11.01	22.84	6.49
W	7.98	4.84	9.16	4.27
M ***	<u>5.92</u>	2.63	1.94	1.76
WSUM C ***	2.30	2.05	<u>5.86</u>	2.26
CF+C>FC	18%		<u>80%</u>	
FM+m *	<u>7.00</u>	4.51	5.00	2.74
SUM T	0.71	0.86	0.98	0.80
SUM C' *	1.48	1.58	<u>2.29</u>	1.80
SUM V	0.82	1.22	0.88	1.32
SUM Y	1.58	1.66	1.96	2.08
Lambda	0.51	0.23	0.52	0.22
EA	8.22	4.40	7.80	3.68
ES	11.60	6.16	11.10	5.00
Fr+rF	0.53	1.04	0.57	1.22
(2)***	<u>10.06</u>	6.01	6.08	4.08
EGO ***	<u>0.47</u>	0.17	0.34	0.18
FD *	<u>2.27</u>	1.93	1.41	1.26
ACTIVE ***	<u>8.19</u>	4.04	4.47	3.04
PASSIVE ***	<u>4.84</u>	3.41	2.47	1.67
BLENDS	5.13	3.23	4.98	2.81
ColShblends **	0.60	0.88	<u>1.31</u>	1.43
P *	<u>5.81</u>	1.96	4.73	1.85
H ***	<u>3.66</u>	2.18	1.24	1.11
All H CONT***	<u>7.43</u>	4.03	3.02	2.16
COP ***	<u>1.64</u>	1.28	0.71	0.96
AG **	<u>1.00</u>	1.32	0.41	0.70
GHR ***	<u>5.03</u>	2.51	2.53	1.90
PHR ***	<u>3.81</u>	2.91	1.14	1.31

(*): $p < 0.05$

(**): $p < 0.01$

(***): $p < 0.001$

Em primeiro lugar podemos constatar que as médias de anos de escolaridade dos introversivos e dos extratensivos são similares, médias de 11.27 e 10.59 para introversivos e extratensivos.

Os resultados mostram que existem diferenças significativas entre estes dois estilos nas variáveis que conceptualmente os caracterizam como opostos. Existe uma diferença muito significativa ($p < 0.001$), nas variáveis, M, WSoma C, movimentos activos, movimentos passivos, H, total de conteúdos humanos, COP, GHR e PHR.

Na variável M, os introversivos têm o resultado mais elevado (média = 5.92 nos introversivos e de 1.94 nos extratensivos), assim como as variáveis que directa ou indirectamente poderão estar associados ao movimento humano, que caracteriza a ideação. Assim movimentos activos e passivos, movimentos COP e AG, estão directamente associados aos movimentos, também se verificam resultados mais altos nos introversivos, embora menos significativos, nas variáveis FM e m.

Os introversivos também dão maior frequência de respostas com conteúdo humano, tanto H puro como no total dos conteúdos, o que também se compreende por estarem razoavelmente associados ao movimento humano. O mesmo acontece com as variáveis associadas a M e H, como GHR e PHR. Na resposta FD, a diferença é significativa entre os dois estilos ($p < 0.05$) e os introversivos têm uma média de 2.27 e os extratensivos 1.41. Como o FD indica capacidade introspectiva, conceptualmente os introversivos terão maior capacidade de se auto avaliarem habitualmente, que os extratensivos. A variável Soma V também está relacionada com a introspecção mas negativa e não há diferenças significativas entre os dois estilos.

Na WSoma C, os extratensivos têm resultados muito mais elevados ($M = 5.86$), enquanto os introversivos têm uma média de 2.30. Se compararmos M e WSum C, têm resultados similares na direcção dos respectivos estilos. Em Soma C', existe diferença significativa menor, com resultados mais elevados nos extratensivos. Compreende-se, porque esta variável está relacionada com a actividade emocional periférica. Nas outras variáveis sombreado, Soma T, Soma V e Soma Y, não há diferenças significativas entre os dois estilos.

O índice de egocentricidade ($3r+(2)/R$), apresenta uma grande estabilidade, mesmo nos indivíduos com níveis de escolaridade diferentes, as médias situam-se nos 0.40. Nesta variável existe uma diferença significativa entre os estilos introversivo e extratensivo, médias de 0.47 para os primeiros e 0.34 para os segundos, mas numa das componentes deste índice, as respostas reflexo não mostra uma diferença significativa, mas resposta (2) a diferença é muito grande em que os introversivos dão uma média de 10.06, em comparação com a média de 6.08 dos extratensivos. São os indivíduos deste estilo de resposta que têm o resultado médio de par (2) mais baixo, porque os ambíguais têm 7.37 e os evitativos 7.45.

As combinações de determinantes (blends) são um indicador da complexidade psicológica, não há diferenças significativas, nas combinações cor-sombreado (color shading blends) já se verifica uma diferença significativa em que os extratensivos dão um resultado mais elevado.

As respostas Popular mostram alguma diferença significativa, em que a média mais elevada se encontra nos introversivos.

Nas variáveis R, W, EA, es, não mostram diferenças significativas. Curiosamente, tanto EA que indica a totalidade dos recursos internos disponível tem médias de 8.22 e 7.80, nos introversivos e extratensivos respectivamente. Se compararmos estas médias da EA com as médias da população portuguesa de 5.65, verificamos que este resultado é muito influenciado pelos indivíduos com estilos de resposta ambigüal e evitativo, que são a maioria devido ao peso dos sujeitos com baixa escolaridade. Na experiência sentida (es), as médias são de 11.60 e 11.10 para introversivos e extratensivos.

7. Discussão dos Resultados

A nossa hipótese inicial sobre a influência da cultura na personalidade, o que provocaria especificidades de funcionamento psicológico nos indivíduos pertencendo a contextos culturais diferentes e implicava a elaboração de estudos normativos de testes psicológicos e a comparação dos resultados numa perspectiva intercultural. Também admitia a influência *intracultural*, em que se pudessem observar diferenças de resultados devido ao género, idade ou nível sócio-cultural, mas para mim era muito claro que as diferenças interculturais seriam sempre maiores que as intraculturais.

A análise dos resultados obtidos é a vários títulos surpreendente, se tomamos como termo de comparação os resultados obtidos por Exner cuja metodologia foi rigorosamente seguida. Com efeito, as diferenças acentuadas observadas em múltiplas variáveis fundamentais como sejam a Qualidade Formal, grande número dos determinantes, a elevação de Lambda, etc., dificultam se não mesmo impedem a adopção de muitas das propostas e limites de frequência de variáveis com determinado significado interpretativo, já que as distribuições encontradas se afastam muito das indicadas.

Antes de retirar conclusões sobre a influência intercultural no Rorschach, na análise dos resultados dos diferentes subgrupos da nossa amostra observamos diferenças significativas num número reduzido de variáveis, na comparação dos resultados por género, grupo etário ou região de residência.

Na análise por níveis de escolaridade, observaram-se diferenças estatisticamente significativas em 85 das 141 variáveis analisadas neste estudo. A variável demográfica nível de escolaridade era responsável pela grande maioria das diferenças significativas e tinha implicações a vários níveis:

- Produtividade: A diferença de produtividade nos protocolos do Rorschach é explicada pelos níveis de escolaridade. Os protocolos curtos são produzidos maioritariamente pelos indivíduos com o nível de escolaridade básico. Os indivíduos com o nível de escolaridade secundário e superior produzem mais protocolos médios e longos. Os protocolos curtos concentram os resultados de Lambda elevado, fracos

recursos internos (EA), e CDI positivo. Os protocolos longos mostram uma maior riqueza a nível de qualidade, quantidade e amplitude de variáveis, mas tendem a desequilibrar os rácios e demais proporções.

- Lambda elevado: A maioria dos indivíduos com esta característica tem um nível de escolaridade baixo. Entre os evitativos com níveis de escolaridade secundário e superior, a grande maioria tem mais recursos internos a nível de ideação e capacidade emocional, traduzido em $EA > 3.5$.

- Estilos de resposta: O estilo evitativo é dominante entre os indivíduos com escolaridade básica com 52% deste subgrupo. No nível secundário são 30% e no superior 11%. Os estilos introversivo e extratensivo, caracterizados por representarem um funcionamento psicológico mais rico e mais adequado, com maior quantidade e qualidade de recursos internos, observam-se maioritariamente nos indivíduos com os níveis de escolaridade secundário e superior. No nível básico apenas 11 % são introversivos, 23% pertencem ao nível secundário e 36% ao superior. No estilo extratensivo, ao nível básico pertencem 11%, 18% ao secundário e 23% ao superior. O estilo ambigüal é relativamente estável nos três níveis de escolaridade, com 26% no básico, 30% no secundário e 30% no superior.

Como a grande maioria da amostra do estudo normativo de Exner tem mais de 12 anos de escolaridade e se compararmos novamente os seus resultados com a nossa subamostra de escolaridade superior, as grandes diferenças iniciais nas comparações por amostras globais, diminuem substancialmente.

Embora se verifiquem diferenças explicadas pela influência da cultura, podemos considerar que a nossa hipótese inicial não se confirmou, pelo menos como era esperado e que as diferenças suscitadas pelo nível de escolaridade, na nossa população adulta, são muito mais importantes.

CONCLUSÃO GERAL

Objectivo da investigação

A elaboração deste estudo normativo do Teste de Rorschach na população adulta, foi aliciante, com várias dificuldades, principalmente a recolha de dados que se revelou muito morosa. O objectivo principal de elaboração do estudo normativo foi conseguido, permitiu-nos o acesso a um conjunto de dados sobre a população portuguesa que é muito rico e extenso. A acumulação de experiência no terreno, a análise comparativa de resultados dos vários estudos internacionais e os contactos com vários investigadores sobre este tema, permitiu-nos relativizar toda a nossa conceptualização inicial sobre o estudo normativo do Rorschach, assim como os desafios que este teste nos colocou, relativamente à compreensão de aspectos fundamentais, tal como o processo de resposta.

Aspectos Teóricos

Processo de Resposta

À medida que a análise dos resultados se ia "complicando", sentimos a necessidade de melhorar a nossa compreensão sobre o processo de resposta, todo o processo psicológico que leva à formulação de respostas suscitadas por um estímulo perceptivo, constituído por manchas de tinta. O que nos intrigou mais em todo este processo foram as questões levantadas pelos resultados dos indivíduos com baixa escolaridade em comparação com os de escolaridade média e longa. Aparentemente, bastava ler o que Exner escreveu sobre o processo de resposta, cujas perspectivas são inovadoras e foram fundamentadas com estudos empíricos.

A conceptualização do processo de resposta como uma tarefa perceptivo cognitiva foi quase um regresso às origens, a H. Rorschach e fez-nos compreender que a acção do sujeito durante a formulação da resposta era menos "ingénua", mais complexa e inserida num processo de tomada de decisões. A relativização da ambiguidade dos cartões através da conceptualização dos "critical bits" assim como o papel limitado, sem

deixar de ser importante, da projecção nas respostas do Rorschach, mostra a primazia da percepção.

Alguns autores sugeriram a possibilidade do processo de resposta poder estar ancorado na representação. A percepção continua a ter um papel fundamental, básico e a representação pode ir para além da percepção na construção de significado. A perspectiva de Schachtel sobre a dinâmica interpessoal tem alguma actualidade na compreensão do contexto da interacção psicólogo / cliente e a sua possível influência na produção de respostas.

O enquadramento conceptual da verbalização no processo de resposta do Rorschach, provoca uma reflexão sobre a interacção entre a percepção e a expressão verbal com todas as implicações ao nível do funcionamento cerebral e a investigação neuropsicológica sobre a percepção e a linguagem. Esta perspectiva ajudou-nos a compreender o tipo de resultados da nossa subamostra de indivíduos com escolaridade baixa, em que possivelmente, o que existe é uma dificuldade de interacção entre a percepção e a produção verbal sobre o que é percebido. Para ampliar a compreensão nesta área tem interesse projectos de investigação neuropsicológica sobre o funcionamento do cérebro em indivíduos iletrados ou que não aprenderam a ler e escrever durante a infância (Castro-Caldas et al., 1998, Petersson et al., 2007).

A Validade do Teste de Rorschach

Entre os investigadores do Rorschach, desde há vários anos que se desenvolveu uma reflexão sobre os problemas da produtividade no Rorschach, relacionada com a variabilidade do número de respostas por protocolo.

Kinder (1992) e Meyer (1992) apontaram a necessidade de se controlar a variabilidade de R, porque nos protocolos curtos ou longos, através da contracção ou da dilatação de respostas, surgirem problemas de investigação e de interpretação dos resultados individuais, tendo em conta que os dados normativos estão optimizados para os protocolos médios. Existem vantagens na transformação da variável R em constante, principalmente na recolha de dados com variáveis de distribuição normal e a possibilidade de utilização de testes paramétricos. As desvantagens também são

importantes, a primeira é a de que ao controlar a produção de respostas, teria que ser investigado os efeitos que isso poderá ter na validade do teste. Também se retira ao sujeito, uma certa liberdade de produzir as respostas que quiser. A outra desvantagem, está relacionada com a "inutilização" dos dados normativos produzidos com a standardização do teste em que R é variável. A partir do momento que R passar a ser constante, serão necessários novos estudos normativos. Para se adoptar R como constante, teriam que se eliminar as desvantagens e provar os méritos das vantagens.

As polémicas entre defensores da validade do Teste de Rorschach e os críticos têm-se reacendido por várias vezes, nos últimos quarenta anos, têm permitido um incremento do número de estudos, da sua qualidade e do nível de exigência das metodologias de análise.

A última polémica, cuja fase mais produtiva na produção de literatura sobre a matéria, ocorreu entre 1996 e 2003 e permitiu fazer o ponto da situação sobre a validade do Rorschach.

Tanto os estudos de validade "singulares" como as meta-análises permitiram concluir que o Rorschach é um teste com provas de validade e utilidade em várias áreas e em relação a muitos critérios, principalmente relacionados com as suas escalas individuais. Como teste instrumento multidimensional não tem muita utilidade a validação global, mas é útil a validação de cada uma das escalas individuais com variáveis directas, relacionadas com o comportamento. A correlação critérios da DSM-IV não é brilhante devido a diferenças de conceptualização. Os critérios da DSM estão relacionados com os critérios de auto relato.

Várias meta-análises provaram que os testes psicológicos são tão válidos como os testes médicos e o Rorschach tem uma validade semelhante à dos outros testes de avaliação da personalidade.

Estudo empírico

Os resultados deste estudo normativo causaram algumas surpresas, em primeiro lugar, as diferenças significativas entre os resultados da amostra global portuguesa e a

Conclusões

amostra norte-americana, provocaram alguma perplexidade nos Profs. John Exner e Irving Weiner.

As análises efectuadas segundo os critérios da amostra, mostraram que o género, as idades e as regiões de residência não permitiram salientar um grande número de diferenças significativas entre os diferentes subgrupos da amostra.

A análise dos resultados evidenciou que o nível de escolaridade esclarecia a especificidade dos resultados da amostra portuguesa. A progressão da escolaridade favorece a produção de protocolos com maior produtividade, com maior quantidade de variáveis, com maior qualidade e quantidade de recursos internos (EA, etc.). A análise em função da dimensão dos protocolos, mostrou que os protocolos curtos eram produzidos em maior número pelos sujeitos de escolaridade baixa e tinham o Lambda mais elevado. Evidenciam-se diferenças significativas entre os níveis de escolaridade, mas as maiores diferenças ocorrem entre o nível básico por um lado e os níveis secundário e superior por outro.

Os protocolos curtos, nesta amostra têm um número muito importante, 28% do total, têm resultados mais pobres, com menor quantidade e amplitude de variáveis. Os protocolos longos são mais ricos pela quantidade de variáveis, mas parece haver um efeito de amplificação suscitado pelo aumento de respostas, o que altera os rácios e quase todas as proporções, o que provoca dificuldades na interpretação dos protocolos individuais, porque o maior número de respostas aumenta a probabilidade de ocorrência de mais variáveis, o que dá origem a que alguns índices e constelações possam ser positivos e nos levanta dúvidas sobre a possibilidade de estarmos perante um falso positivo. A nível de investigação, tanto os protocolos curtos como os longos provocam alguma turbulência na análise estatística, o que segundo Meyer (1992) dificultam a distribuição e inviabilizam a utilização de testes paramétricos.

O Lambda elevado foi um dos resultados que suscitou maior surpresa, porque na mostra total, a média era muito elevada, muito superior ao ponto de corte de 0.99. A análise dos resultados permitiu mostrar que os protocolos evitativos eram realmente pobres, apresentavam poucos recursos internos e 27% apresentam características de evitativos defensivos, 73% são evitativos consistentes. Na análise estatística, estes

Conclusões

resultados são explicados pelo nível de escolaridade. A maioria dos sujeitos evitativos têm uma escolaridade baixa e a minoria de escolaridade mais elevada têm em grande medida resultados de $EA > 3.5$.

Como foi referido, há todo o interesse em explorar esta vertente de resultados, com a ajuda de resultados de investigação neuropsicológica, pois a possível explicação para limitações e alguma diferença de funcionamento cerebral entre letrados e não letrados e talvez entre indivíduos com literacia razoável e indivíduos sem literacia.

A análise dos estilos de resposta, mostrou também que os indivíduos com maior escolaridade têm estilos considerados com maiores recursos internos que possibilitam maiores capacidades a nível ideativo e emocional. Os resultados dos introversivos e dos extratensivos comparados com os dos ambíguais e dos evitativos mostram diferenças qualitativas notórias. Novamente a variável escolaridade explica estes resultados, porque a grande maioria dos indivíduos de escolaridade básica são evitativos, enquanto a maioria dos introversivos e extratensivos têm escolaridade média ou alta. O aumento da escolaridade favorece o estilo introversivo, conceptualmente tem lógica, dado que a escolaridade longa favorece as capacidades de conceptualização deliberada e de abstracção.

A comparação dos resultados entre introversivos e extratensivos, mostra que as diferenças significativas se situam nas variáveis que conceptualmente representam as características ideativas e emocionais, tendo os introversivos resultados mais elevados nas variáveis associadas directa ou indirectamente à ideação e os extratensivos apresentam maiores resultados nas variáveis associadas à capacidade de sentir e exprimir emoções. Na variável associada à quantidade de recursos internos (EA), não há diferença significativa, o que demonstra que cada um dos estilos, na sua especificidade própria, sendo aparentemente muito diferentes, têm recursos totais suficientes para terem uma maior eficácia.

As análises efectuadas puseram em evidência a heterogeneidade da amostra, designadamente com uma ampla faixa de indivíduos com um nível de escolaridade baixa, a presença de uma percentagem elevada de Lambda alto e um número elevado de protocolos curtos, com R inferior a 17.

Conclusões

Esta heterogeneidade não resulta directamente de um problema de cálculo da amostra, mas da heterogeneidade da população portuguesa e uma amostra normativa representativa de uma população reflecte as características desta. A grande maioria da população portuguesa tem um nível de escolaridade baixo e não podemos ignorar isto.

Se tentássemos calcular uma amostra homogénea, quer com homogeneidade de baixa ou alta escolaridade, além de não ser representativa da população, apenas nos permitiria constatar os resultados mas não nos daria mais informação relevante sobre as diferenças de funcionamento psicológico dos indivíduos com níveis de escolaridade diferente. Esta heterogeneidade permitiu realçar as diferenças provocadas pelos níveis de escolaridade.

A questão que estes dados normativos colocam, é se devemos utilizar os resultados da amostra total, como referência para analisar e interpretar os protocolos individuais. Apesar destes resultados serem representativos da heterogeneidade da população portuguesa, não se devem utilizar os resultados da amostra total como referência, mas utilizar os dados normativos do nível de escolaridade equivalente ao do sujeito a avaliar. Neste caso, a utilização como referência dos resultados "homogéneos" de cada nível de escolaridade, tem mais utilidade para ajudar a compreender o funcionamento psicológico do indivíduo, que está a ser objecto de uma avaliação da personalidade

BIBLIOGRAFIA

- ABEL, T. (1973). *Psychological testing in cultural contexts*. New Haven, CT: College and University Press.
- ACKLIN, M. (1996). Contributions of cognitive science to the Rorschach Technique: Cognitive and neuropsychological correlates of the response process. *Journal of Personality Assessment*, 67, 169-178.
- ACKLIN, M. W. & OLIVEIRA-BERRY, J. (1996). Return to the source: Rorschach Psychodiagnostics. *Journal of Personality Assessment*, 67(2), 427-433.
- ACKLIN, M. W. (1994). Some contributions of cognitive science to the Rorschach Test. *Rorschachiana*, 19, 129-145.
- ALLEN, J., & DANA, R. H. (2004). Methodological issues in cross-cultural and multicultural Rorschach research. *Journal of Personality Assessment*, 82, 189-206.
- ANASTASI, A. & URBINA, S. (2000) *Testagem Psicológica* (7ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- ANZIEU, D. (1976). *Les Méthodes Projectives*. (5ème éd.). Paris: PUF.
- ARCHER, R. P., & GORDON, R. A. (1988). MMPI and Rorschach indices of schizophrenic and depressive diagnoses among adolescents inpatients. *Journal of Personality Assessment*, 52, 276-287.
- ARCHER, R. P., KRISHNAMURTHY, R. (1997). MMPI-A and Rorschach indices related to depression and conduct disorder: An evaluation of the incremental validity hypotheses. *Journal of Personality Assessment*, 69, 517-533.
- ARCHER, R. P., KRISHNAMURTHY, R. (1999). Reply to Meyer on the convergent validity of the MMPI and the Rorschach. *Journal of Personality Assessment*, 73(3), 319-321.
- ARONOW, E. (2001). CS Norms, psychometrics, and possibilities for the Rorschach technique. *Clinical Psychology: Science and Practice*. 8, 383-385.
- ARONOW, E., REZNIKOFF, M. & RAUCHWAY, A.(1979). Some old and new directions in Rorschach Testing. *Journal of Personality Assessment*, 43, (3), 227-234.
- ATKINSON, L. (1986). The comparative validities of the Rorschach and MMPI: A meta-analysis. *Canadian Psychology*, 27, 238-247.
- ATKINSON, L., QUARRINGTON, B., ALP, I. E., & CYR, J. J. (1986). Rorschach validity: An empirical approach to the literature. *Journal of Clinical Psychology*, 42, 360-362.
- BECK, S. J. (1952). *Rorschach Test III. Advances in Interpretation*. New York: Grune & Straton.
- BEIZMANN, C. (1982). *Le Rorschach de l'Enfant à l'Adulte* (3e Ed.). Paris: Delachaux & Niestlé.

- BLAIS, M., HILSENROTH, M., CASTLEBURY, F., FOWLER, C., & BAILEY, M. (2001). Predicting DSM-IV Cluster B personality disorder criteria from MMPI-2 and Rorschach data: A test of incremental validity. *Journal of Personality Assessment*, 76, 150-168.
- BLASHFIELD, R. K. (1998). Diagnostic Models and Systems. In M. Hersen & A. Bellack (Series Eds.) & C. Reynolds (Vol. Ed.), *Comprehensive clinical psychology: Vol. 4. Assessment* (pp. 57-79). London: Elsevier Science Press.
- BLATT, S. J. (1975). The validity of projective techniques and their research and clinical contribution. *Journal of Personality Assessment*, 39, 4, 327-343.
- BLATT, S. J. (1990). The Rorschach: A test of perception or an evaluation of representation. *Journal of Personality Assessment*, 55(3&4), 394-416.
- BORNSTEIN, R. F., ROSSNER, S. C., HILL, E. L., & STEPANIAN, M. L. (1994). Face validity and fakability of objective and projective measures of dependency. *Journal of Personality Assessment*, 67, 324-340.
- BORNSTEIN, R. F. (2001). Clinical utility of the Rorschach Inkblot Method: Reframing the debate. *Journal of Personality Assessment*, 77(1), 39-47.
- BUCCI, W., & FREEDMAN, N. (1978). Language and hand: The dimension of Referential Competence. *Journal of Personality*, 46, 594-602.
- BUCCI, W., & FREEDMAN, N. (1981). The Language of depression. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 45, 334-358.
- CAMPO, V. & VILAR, N. (2007). Rorschach Comprehensive System data for a sample of 517 adults from Spain (Barcelona). *Journal of Personality Assessment*, 89(S1), S149-S153.
- CASTRO-CALDAS, A., PETERSSON, K. M., REIS, A., STONE-ELANDER, S., & INGVAR, M. (1998). The illiterate brain, Learning to read and write during childhood influences the functional organization of the adult brain. *Brain*, 121, 1053-1063.
- COFFIN, T. E. (1941). Some conditions of suggestion and suggestibility: A study of certain attitudinal and situational factors in the process of suggestion. *Psychological Monographs*, 53, N° 241.
- CRONBACH, L. J. (1949). Statistical methods applied to Rorschach scores: A Review. *Psychological Bulletin*, 46, 393-429.
- DANA, R. (1993). *Multicultural assessment perspectives for professional psychology*. Boston: Allyn & Bacon
- DAO, T. K. & PREVATT, F. (2006). A Psychometric evaluation of the Rorschach Comprehensive System's Perceptual Thinking Index. *Journal of Personality Assessment*, 86(2), 180-189.
- DAWES, R. M. (1994). *House of Cards: Psychology and psychotherapy built in myth*. New York: Free Press.
- DAWES, R. M. (1999). Two methods for studying the incremental validity of a Rorschach variable. *Psychological Assessment*, 11(3), 297-302.

- DAWES, R. M. (2001). Incremental validity of the Ego Impairment Index: It's fine when it's there. *Psychological Assessment*, 13, 408-409.
- ELLENBERGER, H. (1954). The Life and Work of Hermann Rorschach (1884-1922). *Bulletin of the Menninger Clinic*, 18, 173-219.
- EPHRAIM, D., RIQUELME, J., OCCUPATI, R. (1992). Características psicológicas de habitantes de Caracas según el Sistema Comprehensivo del Rorschach. *Boletín de la AVEPSO*, Vol. XV, 1-3, 98-108.
- EPSTEIN, S. (1994). Integration of the cognitive and psychodynamic unconscious. *American Psychologist*, 49, 709-724.
- ERICSSON, K. A., & SIMON, H. A. (1980) Verbal reports as data. *Psychological Review*, 87, 215-251.
- EXNER, J. E. (1990). *A Rorschach Workbook for the Comprehensive System* (3rd ed.). Asheville: Rorschach Workshops.
- EXNER, J. E. (1991).). *The Rorschach: A Comprehensive System. Volume 2: Interpretation*. (2nd ed.). New York: Wiley.
- EXNER, J. E. (1999). The Rorschach: Measurement concepts and issues of validity. In S. E. Embretson and S. L. Herschberger (Eds.), *The New Rules of Measurement: What Every Psychologist and Educator Should Know* (pp.159-183). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- EXNER, J. E. (Ed.) (1995). *Issues and Methods in Rorschach Research*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- EXNER, J. E. Jr. (1992). R in Rorschach research: A ghost revisited. *Journal of Personality Assessment*, 58(2), 245-251.
- EXNER, J. E., & EXNER, D. E. (1972). How clinicians use the Rorschach. *Journal of Personality Assessment*, 36, 403-408.
- EXNER, J. E., Jr. & ONA, N. (1995). *Riap 3 Plus. Rorschach Interpretation Assistance Program Version 3.1*. Odessa: Psychological Assessment Resources, Inc.
- EXNER, J. E., Jr. & SENDIN, C. (1995). *Manual de Interpretation del Rorschach*. Madrid: Psimática.
- EXNER, J. E., Jr. & WEINER, I. B. (1982). *The Rorschach: A Comprehensive System. Volume 3: Assessment of Children and Adolescents*. New York: Wiley.
- EXNER, J. E., Jr. & WEINER, I. B. (1995). *The Rorschach: A Comprehensive System. Volume 3: Assessment of Children and Adolescents* (2nd ed.). New York: Wiley.
- EXNER, J. E., Jr. (1962). The effect of color on productivity in Cards VIII, IX, X of the Rorschach. *Journal of Projective Techniques*, 26(1), 418-425.
- EXNER, J. E., Jr. (1969). *The Rorschach Systems*. New York: Grune & Stratton.
- EXNER, J. E., Jr. (1974). *The Rorschach: A Comprehensive System. Vol. 1*. New York: Wiley.

- EXNER, J. E., Jr. (1980) But it's only an inkblot. *Journal of Personality Assessment*, 44, 563-576.
- EXNER, J. E., Jr. (1983). Rorschach Assessment. In I. B. Weiner (Ed.), *Clinical Methods in Psychology*. New York: Wiley.
- EXNER, J. E., Jr. (1986). *The Rorschach: A Comprehensive System*. (Vol. I, 2nd ed.). New York: Wiley.
- EXNER, J. E., Jr. (1988). Problems with brief Rorschach protocols. *Journal of Personality Assessment*, 52(4), 640-647.
- EXNER, J. E., Jr. (1989). Searching for projection in the Rorschach. *Journal of Personality Assessment*, 53(3), 520-536.
- EXNER, J. E., Jr. (1989/2000b). *Structural Summary Blank*. Asheville, NC: Rorschach Workshops.
- EXNER, J. E., Jr. (1993). *The Rorschach: A Comprehensive System. Vol. 1: Basic Foundations*. (3rd Ed.). New York: Wiley.
- EXNER, J. E., Jr. (1994). *El Rorschach Um Sistema Comprehensivo: Volumen 1: Fundamentos Básicos*. Tercera Edición. Madrid: Psimática.
- EXNER, J. E., Jr. (1996). Critical Bits and the Rorschach Response Process. *Journal of Personality Assessment*, 67(3), 464-477.
- EXNER, J. E., Jr. (2000a). *A Primer for Rorschach Interpretation*. Asheville: Rorschach Workshops.
- EXNER, J. E., Jr. (2001). *A Rorschach Workbook for the Comprehensive System. 5th ed.* Asheville: Rorschach Workshops.
- EXNER, J. E., Jr. (2003). *The Rorschach: A Comprehensive System. Volume 1: Basic Foundations and Principles of Interpretation*. (4th ed.). New York: Wiley.
- EXNER, J. E., Jr. (2007). A new U.S. adult nonpatient sample. *Journal of Personality Assessment*, 89 (S1), S154 – S158.
- EXNER, J. E., Jr., & ANDRONIKOF-SANGLADE, A. (1992). Rorschach changes following Brief and Short-Term therapy. *Journal of Personality Assessment*, 59(1), 59-71.
- EXNER, J. E., Jr., ARMBRUSTER, G. & MITTMAN, B. (1978). The Rorschach Response Process. *Journal of Personality Assessment*, 42, 1, 27-38.
- EXNER, J. E., Jr. & ERDBERG, P. (2005). *The Rorschach: A Comprehensive System: Vol. 2. Advanced Interpretation* (3rd ed.). Hoboken: Wiley.
- EYSENCK, H. J. (1959). Review of the Rorschach Inkblot Test. In O. K. Buros (Ed.), *The Fifth Mental Measurements Yearbook* (pp. 276-278). Highland Park, NJ: Gryphon Press.
- FRANK, L. K. (1939), Projective Methods for the study of personality. *The Journal of Psychology*, 8, 389-413.
- FREUD, S. (1913/1976). *Totem et Taboo*. Paris: Payot.

- GARB, H. N., FLORIO, C. M., & GROVE, W. M. (1998). The validity of the Rorschach and the Minnesota Multiphasic Personality Inventory: Results from meta-analyses. *Psychological Science*, 9, 402-404.
- GARB, H. N., WOOD, J. M., LILIENFIELD, S. O., & NEZWORSKI, M. T. (2005). Roots of the Rorschach controversy. *Clinical Psychology Review*, 25, 97-118.
- GOLD, J. M. (1987). The Role of the Verbalization in the Rorschach Response Process: A Review. *Journal of Personality Assessment*, 51(4), 489-505.
- GRØNNERØD, C. (2004). Rorschach assessment of changes following psychotherapy: A meta-analytic review. *Journal of Personality Assessment*, 83(3), 256-276.
- HARTMANN, E., SUNDE, T., KRISTENSEN, W., & MARTINUSSEN, M. (2003). Psychological measures as predictors of military training performance. *Journal of Personality Assessment*, 80, 88-99.
- HILLER, J. B., ROSENTHAL, R., BORNSTEIN, R. F., & BERRY, D. T. (1999). A comparative meta-analyses of Rorschach and MMPI validity. *Psychological Assessment*, 11, 3, 278-296.
- HILSENROTH, M. J., HANDLER, L., TOMAN, K. M., & PADAWAR, J. R. (1995). Rorschach and MMPI indices of early psychotherapy termination. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 63, 956-965.
- HOLT, R. R. (1967). Diagnostic testing: Present status and future prospects. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 144(6), 444-465.
- HOLTZMAN, W. H., THORPE, J. S., SWARTZ, J. D., & HERRON, E. W. (1961). *Inkblot Perception and Personality*. Austin: University of Texas Press.
- HORIUCHI, H. (1961). A Study of Perceptual Process of Rorschach Cards by Tachistoscopic Method on Movement and Shading Responses. *Journal of Projective Techniques*, 25, 44-53.
- HUNSLEY, J. & BAILEY, J. M. (1999). The clinical utility of the Rorschach: unfulfilled promises and an uncertain future. *Psychological Assessment*, 11(3), 266-277.
- HUNSLEY, J. & BAILEY, J. M. (2001). Whither the Rorschach? An analysis of the evidence. *Psychological Assessment*, 13, 472-485.
- INE (1993). *Censos 1991. XIII Recenseamento Geral da População*. Lisboa: INE.
- INE (2002). *Censos 2001. XIV Recenseamento Geral da População*. Lisboa: INE
- JACKSON, C. W. & WOHL, J. (1966). A Survey of the Rorschach teaching in the University. *Journal of Projective Techniques and Personality Assessment*, 30, 115-134.
- JANSON, H. (2003). *Rorschach Research Utilities. Version 1.0.0, 2003, User's guide*. (Não publicado). Oslo: University of Oslo.
- JANSON, H. (2004, Aug, 23). *Rorschach Research Utilites* (Interscorer agreement software). Version 1.0.2. Oslo: University of Oslo.

- JENSEN, A. R. (1965). Review of the Rorschach Inkblot Test. In O. K. Buros (Ed.), *The Sixt Mental Measurements Yearbook* (pp. 501-509). Highland Park, NJ: Gryphon Press.
- KAHNEMAN, D. (2012). *Pensar, Depressa e Devagar (2ª Ed.)*. Lisboa: Temas e Debates - Circulo de Leitores.
- KINDER, B. N. (1992). The problems of R in clinical settings and in research: Suggestions for the future. *Journal of Personality Assessment*, 58(2), 252-259.
- KRIS, E. (1952). *Psychoanalytic Explorations in Art*. New York: University Press.
- LEICHTMAN, M. (1996). The Nature of the Rorschach Task. *Journal of Personality Assessment*, 67(3), 478-493.
- LEICHTMAN, M. (1996b). *The Rorschach: A Developmental Perspective*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- LEICHTMAN, M. (1998). The Rorschach contributions of Ernest Schachtel: uncommon sense, phenomenology, and the testing relationship. *Journal of Personality Assessment*, 71(2), 149-159.
- LERNER, P. M. (2000). A Nonreviewer's Comment: On the Rorschach and Baseball. *Journal of Clinical Psychology*. 56(3), 439.
- LEVINE, R. (1973). *Culture, behavior and personality*. Chicago: Aldine.
- LINDZEY, G. (1961). *Projective techniques and cross-cultural research*. New York: Appleton Century Crofts.
- LUNAZZI, H. A., URRUTIA, M. I., LA FUENTE, M. G., ELIAS, D., FERNSNDEZ, F. & LA FUENTE, S. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a Sample of 506 Adult Nonpatients From Argentina. *Journal of Personality Assessment*, 89(S1), S7-S12.
- MATSUMOTO, D.(1996). *Culture and psychology*. Pacific Grove: Brooks/Cole.
- MATTLAR, C.-E., CARLSSON, A., FORSANDER, C., NORRLUND, L., OIST, A. S., MAKI, J. & ALANEN, E. (1995) Rorschach Content and Structural Summary Features Characteristics of Adult Finns, in Cross-Cultural Comparison. *Proceedings Book of the XIV International Congress of Rorschach and Projective Methods*, Moita, V. & Pires, A. A. Ed. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Rorschach.
- MATTLAR, C.-E., FORSANDER, C., CARLSSON, A., NORRLUND, L., VESALA, P., LEPPANEN, T., OIST, A.- S., MAKI, J. & ALANEN, E. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a Sample of 343 Adults From Finland. *Journal of Personality Assessment*, 89(S1), S57-S60.
- MEYER, G. J. & ARCHER, R. P. (2001). The Hard Science of Rorschach Research: What Do We Know and Where Do We Go?. *Psychological Assessment*, 13(4), 486-502.
- MEYER, G. J. (1992). Response Frequency Problems in the Rorschach: Clinical and Research Implications with suggestions for the future. *Journal of Personality Assessment*, 58(2), 231-244.

- MEYER, G. J. (1996). The Rorschach and the MMPI: Toward a more scientifically differentiated understanding of cross-method assessment. *Journal of Personality Assessment*, 67, 598-628.
- MEYER, G. J. (1997). On the integration of personality assessment methods: The Rorschach and MMPI-2. *Journal of Personality Assessment*, 68, 297-330.
- MEYER, G. J. (1999). The convergent validity of MMPI and Rorschach scales: An extension using profile scores to define response-character styles on both methods and a re-examination of simple Rorschach response frequency. *Journal of Personality Assessment*, 72, 1-35.
- MEYER, G. J. (2000a). Incremental validity of the Rorschach Prognostic Rating Scale over the MMPI Ego Strength Scale and IQ. *Journal of Personality Assessment*, 74, 356-370.
- MEYER, G. J. (2000b). On the Science of Rorschach Research. *Journal of Personality Assessment*, 75(1), 46-81.
- MEYER, G. J. (2004). The reliability and validity of the Rorschach and Thematic Apperception Test (TAT) compared to other psychological and medical procedures: An analysis of systematically gathered evidence. In M. Hersen (Series Ed.) & M. J. Hillsenroth, D. L. Segal (Vol. Eds.), *Comprehensive Handbook of Psychological Assessment: Vol. 2. Personality Assessment*. (pp. 315-342). Hoboken, NJ: Wiley.
- MEYER, G. J., & RESNICK, G. D. (1996, Fevereiro). *Assessment ego impairment: Do scoring procedures make a difference?*. Comunicação apresentada na 15th International Research Conference, Boston.
- MEYER, G. J., FINN, S. E., EYDE, L. D., KAY, G. G., MORELAND, K. L., DIES, R. R., EISMAN, E. J., KUBISZYN, T. W., & REED, G. M. (2001). Psychological testing and psychological assessment. *American Psychologist*, 56, 2, 128-165.
- MEYER, G. J., HILSENROTH, M. J., BAXTER, D., EXNER, J. E., FOWLER, J. C., PIERS, C.C. & RESNICK, J. (2002). An Examination of Interrater Reliability for Scoring the Rorschach Comprehensive System in Eight Data Sets. *Journal of Personality Assessment*, 78(2), 219-274.
- MEYER, G. J., RIETHMILLER, R. J., BROOKS, R. D., BENOIT, W. A. & HANDLER, L. (2000). A Replication of Rorschach and MMPI-2 Convergent Validity. *Journal of Personality Assessment*, 74(2), 175-215.
- MEYER, G. J. & VIGLIONE, D. J. (2008). An Introduction to Rorschach Assessment. In R. P. Archer and S. R. Smith (Eds.), *A Guide to Personality Assessment: Evaluation, Application and Integration* (pp. 281-336). New York, NY: Routledge.
- MIHURA, J. L., MEYER, G. J., DUMITRASCU, N., & BOMBEL, G. (2013). The validity of individual Rorschach variables: systematic reviews and meta-analyses of the Comprehensive System. *Psychological Bulletin*, 139, 3, 548-605.

- MIRALLES SANGRO, F. (1996). *Rorschach: Tablas de localización y calidad formal en una muestra española de 470 sujetos*. Universidad Pontificia Comillas, Madrid, UPCo.
- MIRALLES SANGRO, F. (1997); Location Tables, Form Quality, and Popular Responses in a Spanish Sample of 470 Subjects. *Rorschachiana*, Vol 22(1), 1997. pp. 38-66.
- MURSTEIN, B. I. (1960). Factor Analysis of the Rorschach. *Journal of Consulting Psychology*, 24(3), 262-275.
- NAKAMURA, N., FUCHIGAMI, Y. & TSUGAWA, R. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a Sample of 240 Adult Nonpatients From Japan. *Journal of Personality Assessment*, 89(S1), S97-S102.
- NASCIMENTO, R. S. G. F. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a Sample of 409 Adult Nonpatients From Brazil. *Journal of Personality Assessment*, 89(S1), S35-S41.
- NEZWORSKI, M. T., & WOOD, J. M. (1995). Narcissism in the Comprehensive System for the Rorschach. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 2, 179-199.
- O Plano Nacional de Saúde 2004-2010, Vol. 2. (http://www.dgsaude.min-saude.pt/pns/vol2_227.html) - Lisboa: DGS.
- ORTIZ QUINTANA, P., CAMPO, V. (1993). The Present Status of the Rorschach Test in Spain. *Rorschachiana*, 18(1), 26-44
- PAIVIO, A. (1971). *Imagery and Verbal Processes*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- PAIVIO, A. (1978). The Relationship between Verbal and Perceptual Codes. In E. C. Carterette & M. D. Friedman (Eds.), *Handbook of Perception: Vol. 8. Perceptual Coding* (375-397). New York: Academic.
- PAIVIO, A. (1986). *Mental Representations: A Dual Coding Approach*. New York: Oxford University Press.
- PARKER, K. C., HANSON, R. K., & HUNSLEY, J. (1988). MMPI, Rorschach and WAIS: A meta-analytic comparison of reliability, stability and validity. *Psychological Bulletin*, 103, 367-373.
- PERRY, W. (2003). Comment. Let's call the whole thing off: A response to Dawes (2001). *Psychological Assessment*, 15, 4, 582-585.
- PERRY, W., & VIGLIONE, D. J. (1991). The Ego Impairment Index as a predictor of outcome in melancholic depressed patients treated with tricyclic antidepressants. *Journal of Personality Assessment*, 56, 487-501.
- PERRY, W., MOORE, D., & BRAFF, D. L. (1995). Gender differences on thought disturbance measures in schizophrenia. *American Journal of Psychiatry*, 152, 1298-1301.
- PETERSSON, K. M., SILVA, C., CASTRO-CALDAS, A., INGVAR, M., REIS, A. (2007). Literacy: A cultural influence on functional left-right differences in the inferior parietal cortex. *European Journal of Neuroscience*, 26, 791-799.

- PINA, L. (1938). O Psicodiagnóstico de Rorschach em Criminologia. *Separata dos Institutos de Criminologia*, 1-29.
- PIRES, A. A. (1987). *O Teste de Rorschach na Avaliação Psicológica: Fundamentação, validade e estudo normativo na população portuguesa*. Porto: FPCE-UP.
- PIRES, A. A. (1996, Jul.). *The Rorschach Normative Study in Portugal: Cross-Cultural Comparison with the U.S.A. Normative Data*. Comunicação apresentada no XV International Congress of Rorschach and Projective Methods, em Boston – U.S.A.
- PIRES, A. A. (1999). *The Rorschach Normative Study in Portugal*. Work presented on the XVI International Congress of Rorschach and Projective Methods. Amsterdam – Netherlands
- PIRES, A. A. (2000) National Norms for the Rorschach Comprehensive System in Portugal. In R. Dana (Ed.) *Handbook of Cross-Cultural and Multicultural Personality Assessment*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- PIRES, A. A. (2001). *The Rorschach Normative Study: Methodological Issues and Results*. Work presented on the SPA (Society for Personality Assessment) 2001 Midwinter Meeting. Philadelphia – U.S.A.
- PIRES, A. A. (2004, Ago.). *Methodological issues of the Rorschach Normative Study (Adults) in Portugal*. Comunicação apresentada no Special Symposium on Methodological Issues in Normative Data Collection, do VII ERA (European Rorschach Association) Congress. Estocolmo (27-8-2004).
- PIRES, A. A. (2005). Estudo Normativo do Teste de Rorschach na População Adulta Portuguesa. *Psicologia, Educação e Cultura*, 9, 2, 401-419.
- PIRES, A. A. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a Sample of 309 Adult Nonpatients From Portugal. *Journal of Personality Assessment*, 89(S1), S124-S130.
- RAEZ, M. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a Sample of 233 Adult Nonpatients From Peru. *Journal of Personality Assessment*, 89(S1), S119-S123.
- RAUSCH DE TRAUBENBERG, N. (1990). *La Pratique du Rorschach*, (6e. Ed.). Paris: PUF.
- RIQUELME, J. & RUOS, M. (1996, July). *Intra-cultural Rorschach interpretation beyond cross-cultural research*. Paper presented at the 15th International Congress of Rorschach and Projective Methods. Boston. MA.
- RORSCHACH, H. (1921/1978). *Psicodiagnóstico. Método e Resultados de uma Experiência Diagnóstica de Percepção (Interpretação de Formas Fortuitas)*. (Tradução de “Psychodiagnostik”. 8ª Ed. 1921). 3ª Edição. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- ROSENTHAL, R., & ROSNOW, R. L. (1975). *The volunteer subject*. New York: Wiley.

- ROSENTHAL, R., HILLER, J. B., BORNSTEIN, R. F., BERRY, D. T., & BRUNELL-NEULEIB, S. (2001). Meta-analytic methods, the Rorschach and the MMPI. *Psychological Assessment*, 13, 4, 449-451.
- SAMPAIO, D. (1998). *Ninguém Morre Sózinho. O adolescente e o suicídio*. (8ª ed.). Lisboa: Editorial Caminho.
- SARAIVA, C. B. (1999). *Para-Suicídio*. Coimbra: Quarteto Editora.
- SCHACHTEL, E. G. (1945). Subjective definitions of the Rorschach test situation and their effect on test performance. *Psychiatry*, 8, 419-448.
- SCHACHTEL, E. G. (1966/2001). *Experiential Foundations of Rorschach's Test*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- SENDÍN BANDE, M. C. (2007). *Manual del Interpretación del Rorschach para el Sistema Comprehensivo*, (3a. Ed.). Madrid: Psimática.
- SHAFFER, R. (1954). *Psychoanalytic Interpretation in Rorschach Testing*. New York: Other Press.
- SHAFFER, T. W., ERDBERG, P. & HAROIAN, J. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a Sample of 283 Adult Nonpatients From the United States. *Journal of Personality Assessment*, 89(S1), S159-S165.
- SHAPIRO, J. P., LEIFER, M., MARTONE, M. W., & KASSEN, L. (1990). Multi-method assessment of depression in sexually abused girls. *Journal of Personality Assessment*, 55, 234-248.
- SILVA, D. (1993). *Dados para um estudo de normas do Rorschach em crianças portuguesas dos 6 aos 10 anos*. Work presented on XIV International Congress of Rorschach and Projective Methods. Lisboa, Portugal.
- SILVA, D. (1996). *Cultural Differences between Rorschach Responses of Portuguese and American Children*. Work presented on XV International Congress of Rorschach and Projective Methods. Boston, USA.
- SILVA, D. R. & DIAS, A. M. (2007). Rorschach Comprehensive System Data for a Sample of 357 Portuguese Children at Five Ages. *Journal of Personality Assessment*, Supplement, 89, 131-141.
- SILVA, D. R. & FERREIRA, A. S. (2014). The Effect of Color on the Production of Responses to Rorschach Cards VIII, IX and X in Age Groups of 11-12 and 15-16 Years. *Journal of Personality Assessment*, 96(4), 426-431.
- SILVA, D. R. & PIRES, A. A. (2009). Un Experimento en Niños Portugueses, com dos Tablas de Calidad Formal en el Rorschach. *Revista de la Sociedad Española del Rorschach y Métodos Proyectivos*, nº 22, pp.35-43.
- SILVA, D. R. & PIRES, A. A. (2011). One More Datum on Rorschach Form Quality. *Journal of Personality Assessment*, Vol. 93(3), 316-322.
- SILVA, D. R. (1983). Análise dos Estudos sobre a Validade do Rorschach em Psicologia Clínica. *Separata da Revista Portuguesa de Psicologia*, 17/18/19.

- SILVA, D. R. (1986). Exner e Reposição do Teste de Rorschach. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XX, 135-168.
- SILVA, D. R. (2002). The Effect of Color on Productivity on Card X of the Rorschach. *Rorschachiana*, 25(1), 123-138.
- Sociedade Portuguesa de Suicidologia (2009). Estatísticas de Suicídio. www.spsuicidologia.pt.
- STEIN, M. I. (1949). Personality Factors Involved in the Temporal Development of Rorschach Responses. *Rorschach Research Exchange*, 32, 13, 355-414.
- TEGLASI, H. (1998). Assessment of schema and problem-solving strategies with projective techniques. In M. Hersen & A. Bellack (Series Eds.) & C. Reynolds (Vol. Ed.), *Comprehensive clinical psychology: Vol. 4. Assessment* (pp. 459-499). London: Elsevier Science Press.
- TSUGAWA, R., FUCHIGAMI, Y., NAKAMURA, N., NISHIO, H., TAKAHASHI, Y., & TAKAHASHI, M. (2000). Japanese nonpatient Rorschach popular responses by the Comprehensive System. *Journal of Japanese Clinical Psychology*, 18, 445-453.
- VAZ SERRA, A. (1994). *Inventário da Avaliação Clínica da Depressão*. Coimbra: Psiquiatria Clínica.
- VIGLIONE, D. J. & HILSENROTH, M. J. (2001). The Rorschach: Facts, Fictions and Future. *Psychological Assessment*, 13(4), 452-471.
- VIGLIONE, D. J. (1999). A Review of Recent Research Addressing the Utility of the Rorschach. *Psychological Assessment*, 11(3), 251-265.
- WEINER, I. (1991). Editor's Note: Interscorer Agreement in Rorschach Research. *Journal of Personality Assessment*, 56(1), 1.
- WEINER, I. (1995a). Variable Selection in Rorschach Research. In Exner, J. (Ed.). *Issues and Methods in Rorschach Research*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- WEINER, I. (1995b). Methodological Considerations in Rorschach Research. *Personality Assessment*. Vol.7, 3, 330-337.
- WEINER, I. B. & EXNER, J. E., Jr. (1991). Rorschach Changes in Long-Term and Short-Term Psychotherapy. *Journal of Personality Assessment*, 56(3), 453-465.
- WEINER, I. B. (1977). Approaches to Rorschach Validation. In M. A. Rickers-Ovsiankina (Ed.). *Rorschach Psychology* (2nd ed.) (pp. 575-608). Huntington, NY: Krieger.
- WEINER, I. B. (1983). The Future of Psychodiagnosis Revisited. *Journal of Personality Assessment*, 47, 5, 451-461.
- WEINER, I. B. (1996). Some Observations on the Validity of the Rorschach Inkblot Method. *Psychological Assessment*, 8(2), 206-213.

- WEINER, I. B. (1998a). Teaching the Rorschach Comprehensive System. In Handler, L. & Holsenroth, M. J. (Eds.). *Teaching and Learning Personality Assessment*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- WEINER, I. B. (1998b) *Principles of Rorschach Interpretation*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- WEINER, I. B. (2000). Using the Rorschach Properly in Practice and Research. *Journal of Clinical Psychology*, 56(3), 435-438.
- WEINER, I. B. (2001). Advancing the Science of psychological Assessment: The Rorschach Inkblot Method as Exemplar. *Psychological Assessment*, 13(4), 423-432.
- WEINER, I. B. (2004). Monitoring psychotherapy with performance-based measures of personality functioning. *Journal of Personality Assessment*, 83(3), 323-331.
- WEINER, I. B., SPIELBERGER, C. D. & ABELES, N. (2002). Scientific Psychology and the Rorschach Inkblot Method. *The Clinical Psychologist*, 55(4), 7-12.
- WERNER, H., & KAPLAN, B. (1963). *Symbol Formation: An Organismic-developmental Approach to Language and Thought*. New York: Wiley.
- WOOD, J. M., & LILIENFIELD, S. O. (1999). The Rorschach Inkblot Test: A Case of Overstatement?. *Assessment*, 6, 341-349.
- WOOD, J. M., NEZWORSKI, M. T., & STEJSKAL, W. J., (1996a). The Comprehensive System for the Rorschach: A critical examination. *Psychological Science*, 7, 3-10.
- WOOD, J. M., NEZWORSKI, M. T., & STEJSKAL, W. J., (1996a). The Comprehensive System for the Rorschach: A critical examination. *Psychological Science*, 7, 3-10.
- ZUBIN, J., ERON, L. D., & SCHUMER, F. (1965). *An Experimental Approach to Projective Techniques*. New York: Wiley.

ANEXOS

RESULTADOS POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE

RESULTADOS: NÍVEL DE ESCOLARIDADE BÁSICO
(N = 137)

DEMOGRAPHY VARIABLES

MARITAL STATUS			AGE			RACE		
Single	25	18%	18-25	27	20%	White	136	99%
Lives w/S.O. ..	1	1%	26-35	33	24%	Black	0	0%
Married	101	74%	36-45	31	23%	Hispanic ..	0	0%
Separated	5	4%	46-55	24	18%	Asian	0	0%
Divorced	0	0%	56-65	17	12%	Other	1	1%
Widowed	5	4%	OVER 65 ...	5	4%	Unlisted ..@xx	@xx%	
Unlisted	0	0%						
			EDUCATION					
SEX			UNDER 7 ..	102	74%			
Male	77	56%	7-9 Years..	35	26%			
Female	60	44%	10-12 Yrs .	0	0%			
			13+ Yrs ...	0	0%			

RATIOS, PERCENTAGES AND SPECIAL INDICES

STYLES				FORM QUALITY DEVIATIONS			
Introversive	15	11%		XA% > .89	48	35%	
Pervasive Introversive ..	11	8%		XA% < .70	2	1%	
Ambitent	36	26%		WDA% < .85	43	31%	
Extratensive	15	11%		WDA% < .75	6	4%	
Pervasive Extratensive ..	11	8%		X+% < .55	96	70%	
Avoidant	71	52%		Xu% > .20	125	91%	
				X-% > .20	23	17%	
				X-% > .30	1	1%	
D-SCORES							
D Score > 0	7	5%					
D Score = 0	67	49%		FC:CF+C RATIO			
D Score < 0	63	46%		FC > (CF+C) + 2	6	4%	
D Score < -1	33	24%		FC > (CF+C) + 1	11	8%	
				(CF+C) > FC+1	39	28%	
Adj D Score > 0	11	8%		(CF+C) > FC+2	16	12%	
Adj D Score = 0	71	52%					
Adj D Score < 0	55	40%					
Adj D Score < -1	22	16%					
				S-Constellation Positive ...			
Zd > +3.0 (Overincorp)	20	15%		8			
Zd < -3.0 (Underincorp)	40	29%		HVI Positive			
				1			
				OBS Positive			
				0			
				0%			
PTI = 5	0	0%	DEPI = 7	0	0%	CDI = 5	34
PTI = 4	0	0%	DEPI = 6	12	9%	CDI = 4	57
PTI = 3	0	0%	DEPI = 5	18	13%		

MISCELLANEOUS VARIABLES

R < 17	45	33%	(2AB+Art+Ay) > 5	3	2%
R > 27	14	10%	Populars < 4	40	29%
DQv > 2	9	7%	Populars > 7	5	4%
S > 2	33	24%	COP = 0	76	55%
Sum T = 0	84	61%	COP > 2	3	2%
Sum T > 1	10	7%	AG = 0	94	69%
3r+(2)/R < .33	43	31%	AG > 2	5	4%
3r+(2)/R > .44	46	34%	MOR > 2	12	9%
Fr + rF > 0	16	12%	Level 2 Sp.Sc. > 0	1	1%
PureC > 0	17	12%	GHR > PHR	70	51%
PureC > 1	5	4%	Pure H < 2	95	69%
Afr < .40	39	28%	Pure H = 0	40	29%
Afr < .50	60	44%	p > a+1	13	9%
(FM+m) < Sum Shading	27	20%	Mp > Ma	32	23%

RESULTADOS: NÍVEL DE ESCOLARIDADE BÁSICO
(n = 137)

VARIABLE	MEAN	SD	MIN	MAX	FREQ	MEDIAN	MODE	SK	KU
Age	39.37	13.99	18.00	71.00	137	39.00	26.00	0.36	-0.92
Years Ed	5.52	2.02	1.00	10.00	137	4.00	4.00	0.46	-0.63
R	20.32	6.68	14.00	50.00	137	18.00	16.00	2.06	5.04
W	5.86	3.51	0.00	18.00	133	5.00	5.00	0.78	0.63
D	9.10	4.53	0.00	24.00	135	8.00	7.00	1.00	1.32
Dd	5.36	[4.32]	0.00	24.00	133	4.00	3.00	1.79	4.03
S	1.75	[1.81]	0.00	9.00	100	1.00	0.00	1.67	3.59
DQ+	4.17	2.71	0.00	11.00	128	4.00	3.00	0.36	-0.70
DQo	15.32	6.27	6.00	45.00	137	15.00	12.00	1.67	4.22
DQv	0.69	[1.14]	0.00	5.00	53	0.00	0.00	2.07	4.31
DQv/+	0.14	[0.39]	0.00	2.00	17	0.00	0.00	2.85	8.00
FQx+	0.10	0.29	0.00	1.00	13	0.00	0.00	2.79	5.90
FQxo	9.65	3.41	3.00	22.00	137	9.00	8.00	0.88	1.09
FQxu	7.74	3.96	2.00	25.00	137	7.00	6.00	1.37	2.64
FQx-	2.69	1.92	0.00	10.00	122	2.00	2.00	1.04	1.45
FQxNone	0.15	[0.45]	0.00	3.00	16	0.00	0.00	3.67	15.72
MQ+	0.04	0.19	0.00	1.00	5	0.00	0.00	4.99	23.32
MQo	1.07	1.20	0.00	5.00	82	1.00	0.00	1.18	0.78
MQu	0.49	0.77	0.00	4.00	50	0.00	0.00	1.86	4.01
MQ-	0.20	[0.58]	0.00	3.00	19	0.00	0.00	3.32	11.52
MQNone	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
SQual-	0.47	[0.71]	0.00	3.00	50	0.00	0.00	1.41	1.47
M	1.80	1.76	0.00	8.00	100	1.00	0.00	1.32	1.99
FM	3.39	2.77	0.00	19.00	121	3.00	3.00	1.93	7.62
m	1.01	1.41	0.00	7.00	72	1.00	0.00	1.92	3.83
FC	0.91	1.33	0.00	10.00	71	1.00	0.00	3.16	16.47
CF	1.22	1.36	0.00	6.00	84	1.00	0.00	1.28	1.43
C	0.16	[0.46]	0.00	2.00	17	0.00	0.00	2.93	8.03
Cn	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
Sum Color	2.29	2.00	0.00	11.00	109	2.00	2.00	1.25	2.40
WSumC	1.91	1.72	0.00	7.50	109	1.50	0.00	0.97	0.54
FC'	0.49	[0.86]	0.00	4.00	43	0.00	0.00	1.98	3.91
C'F	0.32	[0.72]	0.00	3.00	28	0.00	0.00	2.35	4.91
C'	0.02	[0.17]	0.00	2.00	1	0.00	0.00	11.70	137.00
FT	0.45	[0.65]	0.00	3.00	51	0.00	0.00	1.30	1.21
TF	0.02	[0.12]	0.00	1.00	2	0.00	0.00	8.18	65.94
T	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
FV	0.27	[0.70]	0.00	5.00	26	0.00	0.00	3.97	20.24
VF	0.06	[0.27]	0.00	2.00	7	0.00	0.00	4.94	26.54
V	0.01	[0.09]	0.00	1.00	1	0.00	0.00	11.70	137.00
FY	0.53	[1.03]	0.00	6.00	41	0.00	0.00	2.65	8.44
YF	0.22	[0.57]	0.00	3.00	23	0.00	0.00	3.22	11.77
Y	0.04	[0.19]	0.00	1.00	5	0.00	0.00	4.99	23.32
Fr	0.17	[0.52]	0.00	3.00	15	0.00	0.00	3.32	10.93
rF	0.07	[0.31]	0.00	2.00	8	0.00	0.00	4.66	22.77
Sum C'	0.83	[1.17]	0.00	5.00	59	0.00	0.00	1.41	1.31
Sum T	0.47	[0.65]	0.00	3.00	53	0.00	0.00	1.24	1.07
Sum V	0.34	[0.78]	0.00	5.00	30	0.00	0.00	3.21	12.84
Sum Y	0.78	[1.28]	0.00	6.00	54	0.00	0.00	2.05	4.43
Sum Shading	2.41	2.46	0.00	12.00	103	2.00	0.00	1.50	2.81
Fr+rF	0.24	[0.77]	0.00	5.00	16	0.00	0.00	3.83	16.15
FD	1.12	[1.32]	0.00	8.00	83	1.00	0.00	1.89	5.73
F	10.59	4.85	4.00	28.00	137	9.00	7.00	1.16	1.49
(2)	7.28	4.58	0.00	32.00	133	7.00	7.00	2.03	8.28
3r+(2)/R	0.40	0.18	0.00	0.90	135	0.38	0.33	0.26	0.27
Lambda	1.73	2.33	0.23	19.00	137	1.00	1.00	4.76	29.13
PureF%	0.52	0.18	0.19	0.95	137	0.50	0.50	0.36	-0.71
FM+m	4.40	3.32	0.00	21.00	128	4.00	3.00	1.76	5.59

RESULTADOS: NÍVEL DE ESCOLARIDADE BÁSICO
(n = 137)

VARIABLE	MEAN	SD	MIN	MAX	FREQ	MEDIAN	MODE	SK	KU
EA	3.71	2.53	0.00	12.50	126	3.50	3.00	0.74	0.52
es	6.81	4.42	0.00	25.00	135	6.00	5.00	1.45	2.93
D Score	-0.85	1.38	-7.00	2.00	70	0.00	0.00	-1.49	2.90
AdjD	-0.57	1.16	-7.00	2.00	66	0.00	0.00	-1.98	7.55
a (active)	4.01	2.75	0.00	16.00	130	3.00	2.00	0.99	1.58
p (passive)	2.23	2.35	0.00	14.00	109	2.00	1.00	2.33	8.30
Ma	1.07	1.18	0.00	5.00	82	1.00	0.00	1.24	1.42
Mp	0.74	1.06	0.00	4.00	59	0.00	0.00	1.45	1.36
Intellect	1.49	1.68	0.00	8.00	86	1.00	0.00	1.35	1.86
Zf	8.94	4.06	1.00	23.00	137	9.00	11.00	0.33	0.40
Zd	-1.10	4.32	-13.00	16.00	130	-1.00	-1.00	-0.03	1.21
Blends	2.15	1.91	0.00	8.00	111	2.00	1.00	1.03	0.66
Blends/R	0.11	0.09	0.00	0.43	111	0.07	0.00	1.00	0.86
Col-Shd Blends	0.32	[0.64]	0.00	3.00	33	0.00	0.00	2.14	4.44
Afr	0.54	0.21	0.19	1.25	137	0.50	0.50	0.85	0.81
Populars	4.39	1.73	0.00	10.00	136	4.00	4.00	0.22	0.41
XA%	0.86	0.08	0.63	1.00	137	0.87	1.00	-0.23	-0.30
WDA%	0.88	0.08	0.63	1.00	137	0.88	1.00	-0.34	-0.35
X+%	0.49	0.13	0.21	0.84	137	0.50	0.50	0.19	-0.18
X-%	0.13	0.08	0.00	0.31	122	0.13	0.00	0.13	-0.49
Xu%	0.37	0.12	0.13	0.68	137	0.38	0.33	0.38	0.01
Isolate/R	0.23	0.19	0.00	0.94	121	0.19	0.00	0.92	0.68
H	1.26	1.36	0.00	8.00	97	1.00	1.00	2.12	6.68
(H)	0.49	0.67	0.00	3.00	55	0.00	0.00	1.18	0.83
HD	1.19	1.66	0.00	14.00	83	1.00	0.00	3.86	25.42
(Hd)	0.17	0.39	0.00	2.00	22	0.00	0.00	2.15	3.75
Hx	0.09	[0.43]	0.00	3.00	7	0.00	0.00	5.63	33.48
H+(H)+Hd+(Hd)	3.11	2.53	0.00	17.00	124	3.00	3.00	1.90	6.64
(H)+Hd+(Hd)	1.85	1.88	0.00	15.00	109	1.00	1.00	2.96	16.89
A	8.46	3.72	3.00	29.00	137	8.00	6.00	1.65	6.06
(A)	0.12	[0.39]	0.00	2.00	14	0.00	0.00	3.34	11.15
Ad	2.80	[2.73]	0.00	21.00	116	2.00	1.00	2.80	14.38
(Ad)	0.07	[0.25]	0.00	1.00	9	0.00	0.00	3.54	10.72
An	1.34	[1.57]	0.00	7.00	87	1.00	0.00	1.56	2.42
Art	1.16	1.31	0.00	6.00	81	1.00	0.00	1.16	0.96
Ay	0.20	[0.51]	0.00	3.00	21	0.00	0.00	2.93	9.31
Bl	0.23	[0.54]	0.00	2.00	23	0.00	0.00	2.35	4.48
Bt	1.52	1.65	0.00	10.00	95	1.00	0.00	2.22	8.16
Cg	0.91	1.12	0.00	4.00	69	1.00	0.00	1.07	0.06
Cl	0.30	[0.61]	0.00	3.00	31	0.00	0.00	2.08	3.91
Ex	0.11	[0.43]	0.00	3.00	11	0.00	0.00	5.05	29.05
Fi	0.30	[0.78]	0.00	6.00	27	0.00	0.00	4.13	22.82
Food	0.20	[0.46]	0.00	2.00	25	0.00	0.00	2.16	4.08
Ge	0.22	[0.68]	0.00	5.00	19	0.00	0.00	4.47	24.21
Hh	0.49	0.86	0.00	5.00	45	0.00	0.00	2.26	6.30
Ls	0.80	1.14	0.00	7.00	64	0.00	0.00	2.10	6.57
Na	0.72	[1.04]	0.00	5.00	55	0.00	0.00	1.37	1.37
Sc	0.51	[1.04]	0.00	5.00	38	0.00	0.00	2.43	5.56
Sx	0.36	[0.82]	0.00	5.00	33	0.00	0.00	3.47	14.96
Xy	0.27	[0.79]	0.00	6.00	23	0.00	0.00	4.46	24.59
Idiographic	0.62	0.99	0.00	6.00	53	0.00	0.00	2.17	6.62
An+Xy	1.61	[1.88]	0.00	10.00	92	1.00	0.00	1.75	3.64
DV	0.43	[0.69]	0.00	3.00	44	0.00	0.00	1.45	1.19
INCOM	0.24	[0.51]	0.00	2.00	28	0.00	0.00	2.03	3.40
DR	0.07	[0.29]	0.00	2.00	9	0.00	0.00	4.21	18.98
FABCOM	0.25	[0.51]	0.00	3.00	30	0.00	0.00	2.31	6.51
DV2	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
INC2	0.01	[0.09]	0.00	1.00	1	0.00	0.00	11.70	137.00

RESULTADOS: NÍVEL DE ESCOLARIDADE BÁSICO
(n = 137)

VARIABLE	MEAN	SD	MIN	MAX	FREQ	MEDIAN	MODE	SK	KU
DR2	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
FAB2	0.01	[0.09]	0.00	1.00	1	0.00	0.00	11.70	137.00
ALOG	0.04	[0.21]	0.00	1.00	6	0.00	0.00	4.50	18.59
CONTAM	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
Sum 6 Sp Sc	1.05	1.14	0.00	6.00	84	1.00	0.00	1.35	2.51
Lvl 2 Sp Sc	0.02	[0.17]	0.00	2.00	1	0.00	0.00	11.70	137.00
WSum6	2.42	3.14	0.00	20.00	84	2.00	0.00	2.31	8.20
AB	0.07	[0.28]	0.00	2.00	8	0.00	0.00	4.55	22.30
AG	0.46	0.82	0.00	4.00	43	0.00	0.00	2.18	5.17
COP	0.62	0.84	0.00	5.00	61	0.00	0.00	1.71	4.63
CP	0.01	[0.09]	0.00	1.00	1	0.00	0.00	11.70	137.00
Good HR	2.01	1.44	0.00	7.00	112	2.00	2.00	0.43	0.02
Poor HR	1.77	2.18	0.00	15.00	99	1.00	1.00	2.71	10.99
MOR	0.93	[1.21]	0.00	7.00	73	1.00	0.00	2.01	5.86
PER	1.09	1.30	0.00	6.00	81	1.00	0.00	1.41	1.66
PSV	0.18	[0.39]	0.00	1.00	25	0.00	0.00	1.66	0.78
PTI Total	0.08	0.32	0.00	2.00	9	0.00	0.00	4.35	19.88
DEPI Total	3.49	1.26	1.00	6.00	137	3.00	3.00	0.46	-0.69
CDI Total	3.74	1.05	1.00	5.00	137	4.00	4.00	-0.63	-0.32
SCon Total	4.90	1.67	1.00	10.00	137	5.00	5.00	0.22	-0.22
HVI Total	1.80	1.00	0.00	5.00	127	2.00	2.00	0.55	0.52
OBS Total (1-5)	0.96	0.80	0.00	3.00	94	1.00	1.00	0.42	-0.48
WD+	0.10	0.29	0.00	1.00	13	0.00	0.00	2.79	5.90
WDo	8.29	3.02	2.00	18.00	137	8.00	8.00	0.59	0.69
WDu	4.73	2.29	1.00	11.00	137	4.00	3.00	0.55	-0.03
WD-	1.70	1.27	0.00	6.00	111	2.00	2.00	0.71	0.67
WDNone	0.14	0.41	0.00	2.00	16	0.00	0.00	3.05	9.21
EII-2	-0.54	0.59	-2.51	1.68	137	-0.57	-0.48	0.74	2.61
HRV	0.24	2.44	-14.00	5.00	108	1.00	1.00	-2.02	8.70

RESULTADOS: NÍVEL DE ESCOLARIDADE SECUNDÁRIO
(N = 111)

DEMOGRAPHY VARIABLES

MARITAL STATUS			AGE			RACE		
Single	40	36%	18-25	35	32%	White	111	100%
Lives w/S.O. ..	1	1%	26-35	28	25%	Black	0	0%
Married	62	56%	36-45	26	23%	Hispanic ..	0	0%
Separated	1	1%	46-55	16	14%	Asian	0	0%
Divorced	6	5%	56-65	5	5%	Other	0	0%
Widowed	1	1%	OVER 65 ...	1	1%	Unlisted ..@xx	@xx%	
Unlisted	0	0%						
SEX			EDUCATION					
Male	49	44%	UNDER 7 ...	0	0%			
Female	62	56%	7-9 Years .	35	32%			
			10-12 Yrs .	76	68%			
			13+ Yrs ...	0	0%			

RATIOS, PERCENTAGES AND SPECIAL INDICES

STYLES				FORM QUALITY DEVIATIONS				
Introversive	25	23%		XA% > .89	43	39%		
Pervasive Introversive ..	14	13%		XA% < .70	1	1%		
Ambitent	33	30%		WDA% < .85	31	28%		
Extratensive	20	18%		WDA% < .75	4	4%		
Pervasive Extratensive ..	13	12%		X+% < .55	61	55%		
Avoidant	33	30%		Xu% > .20	99	89%		
				X-% > .20	10	9%		
				X-% > .30	1	1%		
D-SCORES								
D Score > 0	8	7%		FC:CF+C RATIO				
D Score = 0	42	38%		FC > (CF+C) + 2	7	6%		
D Score < 0	61	55%		FC > (CF+C) + 1	14	13%		
D Score < -1	36	32%		(CF+C) > FC+1	40	36%		
				(CF+C) > FC+2	26	23%		
Adj D Score > 0	14	13%						
Adj D Score = 0	50	45%						
Adj D Score < 0	47	42%						
Adj D Score < -1	23	21%						
				S-Constellation Positive ...				
Zd > +3.0 (Overincorp)	18	16%			8	7%		
Zd < -3.0 (Underincorp)	33	30%		HVI Positive	4	4%		
				OBS Positive	2	2%		
PTI = 5	0	0%	DEPI = 7	1	1%	CDI = 5	22	20%
PTI = 4	0	0%	DEPI = 6	14	13%	CDI = 4	23	21%
PTI = 3	0	0%	DEPI = 5	26	23%			

MISCELLANEOUS VARIABLES

R < 17	31	28%	(2AB+Art+Ay) > 5	8	7%
R > 27	29	26%	Populars < 4	18	16%
DQv > 2	15	14%	Populars > 7	8	7%
S > 2	40	36%	COP = 0	39	35%
Sum T = 0	50	45%	COP > 2	6	5%
Sum T > 1	20	18%	AG = 0	65	59%
3r+(2)/R < .33	45	41%	AG > 2	1	1%
3r+(2)/R > .44	40	36%	MOR > 2	16	14%
Fr + rF > 0	24	22%	Level 2 Sp.Sc. > 0	1	1%
PureC > 0	27	24%	GHR > PHR	76	68%
PureC > 1	4	4%	Pure H < 2	48	43%
Afr < .40	24	22%	Pure H = 0	16	14%
Afr < .50	41	37%	p > a+1	14	13%
(FM+m) < Sum Shading	40	36%	Mp > Ma	23	21%

RESULTADOS: NÍVEL DE ESCOLARIDADE SECUNDÁRIO
(n = 111)

VARIABLE	MEAN	SD	MIN	MAX	FREQ	MEDIAN	MODE	SK	KU
Age	34.28	11.84	18.00	66.00	111	32.00	39.00	0.57	-0.47
Years Ed	10.49	1.27	7.00	12.00	111	11.00	9.00	-0.38	-0.81
R	22.32	7.55	14.00	61.00	111	21.00	16.00	1.65	5.10
W	7.13	4.06	0.00	23.00	109	7.00	3.00	0.66	0.93
D	10.18	5.81	1.00	32.00	111	9.00	8.00	1.01	1.45
Dd	5.00	[4.02]	0.00	26.00	107	4.00	2.00	1.89	6.10
S	2.32	[2.09]	0.00	13.00	95	2.00	2.00	1.97	6.23
DQ+	5.18	3.41	0.00	19.00	108	5.00	5.00	1.28	2.60
DQo	16.01	6.32	4.00	44.00	111	16.00	13.00	0.93	2.37
DQv	0.97	[1.53]	0.00	8.00	50	0.00	0.00	2.17	5.49
DQv/+	0.15	[0.43]	0.00	2.00	14	0.00	0.00	2.92	8.26
FQx+	0.23	1.14	0.00	11.00	11	0.00	0.00	8.16	74.31
FQxo	10.97	3.67	3.00	28.00	111	11.00	10.00	0.93	3.31
FQxu	8.11	4.57	1.00	30.00	111	7.00	4.00	1.39	3.69
FQx-	2.70	1.81	0.00	11.00	101	3.00	2.00	1.08	3.01
FQxNone	0.31	[0.60]	0.00	3.00	28	0.00	0.00	2.33	6.41
MQ+	0.06	0.31	0.00	2.00	5	0.00	0.00	5.28	28.66
MQo	1.82	1.28	0.00	6.00	95	2.00	1.00	0.66	0.40
MQu	0.82	1.40	0.00	8.00	46	0.00	0.00	2.77	9.83
MQ-	0.18	[0.53]	0.00	3.00	14	0.00	0.00	3.24	10.91
MQNone	0.04	[0.19]	0.00	1.00	4	0.00	0.00	5.04	23.90
SQual-	0.50	[0.87]	0.00	6.00	39	0.00	0.00	3.02	14.12
M	2.92	2.51	0.00	15.00	100	2.00	1.00	1.83	5.09
FM	3.70	2.50	0.00	15.00	104	3.00	2.00	1.16	2.82
m	1.47	1.41	0.00	6.00	79	1.00	1.00	1.01	0.60
FC	1.20	1.41	0.00	6.00	66	1.00	0.00	1.37	1.62
CF	1.92	1.81	0.00	7.00	84	2.00	1.00	1.03	0.48
C	0.29	[0.56]	0.00	3.00	27	0.00	0.00	2.14	5.21
Cn	0.04	[0.30]	0.00	3.00	2	0.00	0.00	9.29	90.25
Sum Color	3.44	2.57	0.00	11.00	102	3.00	1.00	0.86	0.29
WSumC	2.95	2.35	0.00	9.50	102	2.50	2.50	0.97	0.43
FC'	1.00	[1.14]	0.00	5.00	64	1.00	0.00	1.33	1.89
C'F	0.50	[0.80]	0.00	3.00	38	0.00	0.00	1.61	1.92
C'	0.01	[0.10]	0.00	1.00	1	0.00	0.00	10.53	111.00
FT	0.71	[0.79]	0.00	3.00	58	1.00	0.00	0.78	-0.25
TF	0.05	[0.21]	0.00	1.00	5	0.00	0.00	4.44	18.11
T	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
FV	0.36	[0.67]	0.00	4.00	31	0.00	0.00	2.36	7.51
VF	0.22	[0.77]	0.00	6.00	14	0.00	0.00	5.38	34.20
V	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
FY	0.79	[1.14]	0.00	4.00	48	0.00	0.00	1.40	0.95
YF	0.49	[0.82]	0.00	4.00	37	0.00	0.00	1.91	3.76
Y	0.12	[0.38]	0.00	2.00	11	0.00	0.00	3.40	11.77
Fr	0.34	[0.85]	0.00	5.00	23	0.00	0.00	3.29	12.16
rF	0.07	[0.35]	0.00	2.00	5	0.00	0.00	5.00	24.60
Sum C'	1.50	[1.56]	0.00	7.00	73	1.00	0.00	1.16	1.39
Sum T	0.76	[0.81]	0.00	3.00	61	1.00	0.00	0.78	-0.14
Sum V	0.58	[1.01]	0.00	6.00	41	0.00	0.00	2.79	10.23
Sum Y	1.40	[1.73]	0.00	8.00	68	1.00	0.00	1.65	2.67
Sum Shading	4.23	3.37	0.00	16.00	102	4.00	4.00	1.29	1.91
Fr+rF	0.41	[0.95]	0.00	5.00	24	0.00	0.00	2.66	7.20
FD	1.64	[1.67]	0.00	9.00	82	1.00	1.00	1.75	4.12
F	9.12	4.39	1.00	20.00	111	9.00	6.00	0.33	-0.47
(2)	7.55	4.64	0.00	27.00	109	7.00	5.00	1.04	2.04
3r+(2)/R	0.39	0.19	0.07	1.14	111	0.38	0.43	0.74	1.34
Lambda	0.90	0.86	0.06	5.67	111	0.70	0.55	3.00	11.23
PureF%	0.41	0.17	0.06	0.85	111	0.41	0.38	0.27	0.00
FM+m	5.17	3.07	0.00	17.00	109	5.00	4.00	1.01	1.80

RESULTADOS: NÍVEL DE ESCOLARIDADE SECUNDÁRIO
(n = 111)

VARIABLE	MEAN	SD	MIN	MAX	FREQ	MEDIAN	MODE	SK	KU
EA	5.87	4.02	0.00	24.50	109	5.00	5.00	1.77	4.92
es	9.40	4.98	1.00	32.00	111	8.00	8.00	1.19	3.02
D Score	-1.07	1.48	-6.00	2.00	69	-1.00	0.00	-0.91	0.76
AdjD	-0.52	1.26	-4.00	3.00	61	0.00	0.00	-0.18	0.92
a (active)	5.20	3.60	0.00	21.00	107	5.00	2.00	1.51	3.90
p (passive)	2.96	2.08	0.00	11.00	100	3.00	2.00	0.96	1.47
Ma	1.83	1.70	0.00	9.00	89	1.00	1.00	1.57	3.47
Mp	1.12	1.35	0.00	7.00	64	1.00	0.00	1.66	3.65
Intellect	2.28	2.56	0.00	12.00	79	2.00	0.00	1.89	4.36
Zf	10.66	4.33	3.00	27.00	111	10.00	12.00	0.74	1.05
Zd	-1.25	4.39	-13.50	11.50	108	-1.50	-3.50	-0.27	0.56
Blends	3.81	2.84	0.00	15.00	102	3.00	3.00	1.17	1.99
Blends/R	0.18	0.13	0.00	0.67	102	0.15	0.00	1.13	1.79
Col-Shd Blends	0.75	[0.98]	0.00	3.00	51	0.00	0.00	1.12	0.14
Afr	0.59	0.25	0.23	1.63	111	0.55	0.36	1.34	2.80
Populars	5.21	1.67	2.00	9.00	111	5.00	6.00	-0.15	-0.44
XA%	0.87	0.07	0.69	1.00	111	0.87	0.88	-0.23	-0.29
WDA%	0.88	0.07	0.63	1.00	111	0.88	0.92	-0.54	0.68
X+%	0.52	0.13	0.22	0.86	111	0.53	0.41	-0.01	-0.28
X-%	0.12	0.07	0.00	0.31	101	0.12	0.00	0.33	-0.12
Xu%	0.35	0.12	0.06	0.74	111	0.35	0.29	0.15	0.22
Isolate/R	0.21	0.15	0.00	0.68	98	0.21	0.00	0.54	-0.05
H	2.10	1.85	0.00	10.00	95	2.00	1.00	1.71	4.01
(H)	0.90	1.03	0.00	5.00	64	1.00	0.00	1.33	1.93
HD	1.04	1.23	0.00	7.00	65	1.00	0.00	1.73	4.50
(Hd)	0.32	0.75	0.00	5.00	25	0.00	0.00	3.42	15.13
Hx	0.20	[0.77]	0.00	6.00	11	0.00	0.00	5.42	34.02
H+(H)+Hd+(Hd)	4.36	3.00	0.00	19.00	105	4.00	4.00	1.71	5.57
(H)+Hd+(Hd)	2.26	1.92	0.00	13.00	91	2.00	3.00	1.88	7.96
A	8.83	3.63	2.00	19.00	111	9.00	6.00	0.43	-0.44
(A)	0.23	[0.53]	0.00	3.00	20	0.00	0.00	2.70	8.14
Ad	2.47	[1.77]	0.00	10.00	104	2.00	1.00	1.31	2.64
(Ad)	0.08	[0.31]	0.00	2.00	8	0.00	0.00	4.03	17.35
An	1.39	[1.76]	0.00	11.00	69	1.00	0.00	2.35	8.59
Art	1.60	1.74	0.00	9.00	75	1.00	0.00	1.64	3.75
Ay	0.30	[0.71]	0.00	4.00	22	0.00	0.00	2.94	9.60
Bl	0.20	[0.42]	0.00	2.00	21	0.00	0.00	1.89	2.62
Bt	1.39	1.57	0.00	8.00	71	1.00	0.00	1.44	2.35
Cg	1.30	1.35	0.00	5.00	72	1.00	0.00	0.96	0.12
Cl	0.21	[0.49]	0.00	2.00	19	0.00	0.00	2.36	4.92
Ex	0.23	[0.59]	0.00	3.00	18	0.00	0.00	2.65	6.69
Fi	0.53	[0.74]	0.00	3.00	45	0.00	0.00	1.28	1.08
Food	0.22	[0.46]	0.00	2.00	22	0.00	0.00	1.96	3.17
Ge	0.32	[0.87]	0.00	7.00	23	0.00	0.00	5.08	33.33
Hh	0.72	0.96	0.00	4.00	52	0.00	0.00	1.48	2.19
Ls	0.83	1.09	0.00	4.00	52	0.00	0.00	1.17	0.35
Na	0.92	[1.19]	0.00	4.00	55	0.00	0.00	1.24	0.55
Sc	0.70	[1.16]	0.00	6.00	44	0.00	0.00	2.22	5.44
Sx	0.28	[0.68]	0.00	4.00	21	0.00	0.00	3.00	10.42
Xy	0.18	[0.58]	0.00	4.00	14	0.00	0.00	4.36	22.54
Idiographic	0.60	0.81	0.00	4.00	48	0.00	0.00	1.49	2.47
An+Xy	1.57	[1.82]	0.00	11.00	76	1.00	0.00	2.10	6.71
DV	0.23	[0.48]	0.00	2.00	22	0.00	0.00	2.05	3.57
INCOM	0.40	[0.83]	0.00	5.00	29	0.00	0.00	2.87	9.95
DR	0.18	[0.56]	0.00	4.00	14	0.00	0.00	4.17	21.50
FABCOM	0.23	[0.52]	0.00	3.00	22	0.00	0.00	2.58	7.92
DV2	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
INC2	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----

RESULTADOS: NÍVEL DE ESCOLARIDADE SECUNDÁRIO
(n = 111)

VARIABLE	MEAN	SD	MIN	MAX	FREQ	MEDIAN	MODE	SK	KU
DR2	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
FAB2	0.01	[0.10]	0.00	1.00	1	0.00	0.00	10.53	111.00
ALOG	0.08	[0.27]	0.00	1.00	9	0.00	0.00	3.11	7.82
CONTAM	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
Sum 6 Sp Sc	1.13	1.25	0.00	6.00	72	1.00	1.00	1.60	2.93
Lvl 2 Sp Sc	0.01	[0.10]	0.00	1.00	1	0.00	0.00	10.53	111.00
WSum6	2.96	3.48	0.00	16.00	72	2.00	0.00	1.52	2.59
AB	0.19	[0.61]	0.00	5.00	15	0.00	0.00	5.24	35.73
AG	0.51	0.84	0.00	7.00	46	0.00	0.00	4.42	31.64
COP	0.96	1.03	0.00	6.00	72	1.00	1.00	1.92	6.10
CP	0.03	[0.16]	0.00	1.00	3	0.00	0.00	5.91	33.58
Good HR	3.29	2.24	0.00	12.00	104	3.00	3.00	1.31	2.52
Poor HR	1.81	1.90	0.00	14.00	82	2.00	0.00	2.70	14.31
MOR	1.40	[1.27]	0.00	6.00	84	1.00	1.00	1.28	1.95
PER	1.14	1.20	0.00	6.00	70	1.00	0.00	1.20	1.79
PSV	0.12	[0.35]	0.00	2.00	12	0.00	0.00	3.04	9.24
PTI Total	0.07	0.29	0.00	2.00	7	0.00	0.00	4.40	20.81
DEPI Total	4.06	1.25	1.00	7.00	111	4.00	4.00	-0.12	-0.28
CDI Total	3.17	1.31	0.00	5.00	109	3.00	3.00	-0.22	-0.70
SCon Total	5.29	1.41	2.00	8.00	111	5.00	5.00	0.06	-0.47
HVI Total	2.01	1.43	0.00	7.00	100	2.00	1.00	0.99	1.01
OBS Total (1-5)	1.12	0.94	0.00	4.00	78	1.00	1.00	0.49	-0.32
WD+	0.19	0.88	0.00	8.00	11	0.00	0.00	7.30	60.18
WDo	9.71	3.37	2.00	26.00	111	9.00	9.00	1.03	4.27
WDu	5.29	2.97	0.00	16.00	109	5.00	4.00	0.93	1.22
WD-	1.84	1.34	0.00	6.00	93	2.00	1.00	0.41	-0.54
WDNone	0.29	0.58	0.00	3.00	27	0.00	0.00	2.46	7.52
EII-2	-0.72	0.54	-2.11	0.57	111	-0.67	-0.84	-0.16	-0.23
HRV	1.48	2.15	-3.00	8.00	94	2.00	2.00	0.35	0.59

RESULTADOS: NÍVEL DE ESCOLARIDADE SUPERIOR
(N = 61)

DEMOGRAPHY VARIABLES							
MARITAL STATUS				AGE		RACE	
Single	19	31%		18-25	12 20%	White	61 100%
Lives w/S.O. ..	0	0%		26-35	20 33%	Black	0 0%
Married	38	62%		36-45	14 23%	Hispanic ..	0 0%
Separated	0	0%		46-55	6 10%	Asian	0 0%
Divorced	4	7%		56-65	6 10%	Other	0 0%
Widowed	0	0%		OVER 65 ...	3 5%	Unlisted ..@xx	@xx%
Unlisted	0	0%					
				EDUCATION			
SEX				UNDER 7 ..	0 0%		
Male	29	48%		7-9 Years .	0 0%		
Female	32	52%		10-12 Yrs .	0 0%		
				13+ Yrs ...	61 100%		

RATIOS, PERCENTAGES AND SPECIAL INDICES							
STYLES				FORM QUALITY DEVIATIONS			
Introversive	22	36%		XA% > .89	27	44%	
Pervasive Introversive ..	10	16%		XA% < .70	0	0%	
Ambitent	18	30%		WDA% < .85	14	23%	
Extratensive	14	23%		WDA% < .75	3	5%	
Pervasive Extratensive ..	7	11%		X+% < .55	41	67%	
Avoidant	7	11%		Xu% > .20	60	98%	
				X-% > .20	9	15%	
D-SCORES				X-% > .30	0	0%	
D Score > 0	8	13%		FC:CF+C RATIO			
D Score = 0	29	48%		FC > (CF+C) + 2	2	3%	
D Score < 0	24	39%		FC > (CF+C) + 1	11	18%	
D Score < -1	13	21%		(CF+C) > FC+1	25	41%	
Adj D Score > 0	13	21%		(CF+C) > FC+2	23	38%	
Adj D Score = 0	37	61%					
Adj D Score < 0	11	18%		S-Constellation Positive ...	6	10%	
Adj D Score < -1	5	8%		HVI Positive	4	7%	
Zd > +3.0 (Overincorp)	9	15%		OBS Positive	1	2%	
Zd < -3.0 (Underincorp)	18	30%					
PTI = 5	0	0%		DEPI = 7	1 2%	CDI = 5	2 3%
PTI = 4	0	0%		DEPI = 6	12 20%	CDI = 4	10 16%
PTI = 3	0	0%		DEPI = 5	16 26%		

MISCELLANEOUS VARIABLES							
R < 17	10	16%		(2AB+Art+Ay) > 5	17	28%	
R > 27	20	33%		Populars < 4	10	16%	
DQv > 2	12	20%		Populars > 7	9	15%	
S > 2	27	44%		COP = 0	15	25%	
Sum T = 0	21	34%		COP > 2	10	16%	
Sum T > 1	17	28%		AG = 0	28	46%	
3r+(2)/R < .33	19	31%		AG > 2	6	10%	
3r+(2)/R > .44	22	36%		MOR > 2	16	26%	
Fr + rF > 0	15	25%		Level 2 Sp.Sc. > 0	1	2%	
PureC > 0	17	28%		GHR > PHR	36	59%	
PureC > 1	7	11%		Pure H < 2	17	28%	
Afr < .40	16	26%		Pure H = 0	5	8%	
Afr < .50	27	44%		p > a+1	4	7%	
(FM+m) < Sum Shading	32	52%		Mp > Ma	14	23%	

RESULTADOS: NÍVEL DE ESCOLARIDADE SUPERIOR
(n = 61)

VARIABLE	MEAN	SD	MIN	MAX	FREQ	MEDIAN	MODE	SK	KU
Age	37.87	13.39	18.00	76.00	61	35.00	25.00	0.88	0.22
Years Ed	15.80	1.11	13.00	18.00	61	16.00	16.00	-0.66	0.58
R	25.57	9.67	14.00	61.00	61	24.00	25.00	1.30	2.07
W	9.39	4.88	2.00	28.00	61	9.00	9.00	1.06	2.30
D	10.61	7.11	1.00	32.00	61	8.00	4.00	0.91	0.32
Dd	5.57	[5.09]	0.00	28.00	60	4.00	1.00	2.25	6.88
S	3.28	[2.87]	0.00	14.00	54	2.00	2.00	1.49	2.68
DQ+	7.31	3.74	1.00	18.00	61	7.00	11.00	0.47	-0.08
DQo	17.00	7.59	5.00	46.00	61	15.00	13.00	1.23	2.70
DQv	1.20	[1.38]	0.00	5.00	34	1.00	0.00	0.94	-0.13
DQv/+	0.07	[0.25]	0.00	1.00	4	0.00	0.00	3.59	11.32
FQx+	0.54	0.94	0.00	4.00	19	0.00	0.00	1.80	2.76
FQxo	11.59	4.55	2.00	24.00	61	11.00	10.00	0.24	-0.08
FQxu	10.23	5.68	1.00	30.00	61	8.00	8.00	1.74	3.53
FQx-	2.84	2.27	0.00	11.00	56	3.00	1.00	1.28	2.11
FQxNone	0.38	[0.76]	0.00	3.00	16	0.00	0.00	2.34	5.38
MQ+	0.33	0.72	0.00	3.00	13	0.00	0.00	2.40	5.40
MQo	2.44	1.61	0.00	7.00	54	2.00	2.00	0.55	0.21
MQu	1.43	1.51	0.00	8.00	39	1.00	0.00	1.54	4.44
MQ-	0.71	[1.12]	0.00	4.00	22	0.00	0.00	1.51	1.32
MQNone	0.16	[0.55]	0.00	3.00	6	0.00	0.00	3.73	14.34
SQual-	0.75	[1.34]	0.00	8.00	27	0.00	0.00	3.32	14.38
M	5.07	2.95	0.00	12.00	58	5.00	5.00	0.34	-0.47
FM	3.98	3.63	0.00	18.00	59	3.00	2.00	2.26	6.05
m	1.84	1.76	0.00	6.00	41	2.00	0.00	0.65	-0.56
FC	2.13	1.78	0.00	6.00	51	2.00	1.00	0.87	-0.04
CF	2.87	2.13	0.00	10.00	56	2.00	1.00	0.91	0.94
C	0.41	[0.74]	0.00	3.00	17	0.00	0.00	1.73	2.15
Cn	0.02	[0.13]	0.00	1.00	1	0.00	0.00	7.81	61.00
Sum Color	5.43	3.31	0.00	15.00	60	5.00	5.00	0.77	0.16
WSumC	4.55	3.00	0.00	13.00	60	4.00	2.50	0.77	0.05
FC'	1.36	[1.28]	0.00	5.00	44	1.00	1.00	1.01	0.70
C'F	0.66	[0.96]	0.00	4.00	25	0.00	0.00	1.55	2.01
C'	0.07	[0.31]	0.00	2.00	3	0.00	0.00	5.15	28.12
FT	0.90	[0.83]	0.00	3.00	39	1.00	1.00	0.54	-0.42
TF	0.11	[0.37]	0.00	2.00	6	0.00	0.00	3.44	12.35
T	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
FV	1.02	[1.27]	0.00	6.00	33	1.00	0.00	1.57	3.02
VF	0.15	[0.40]	0.00	2.00	8	0.00	0.00	2.80	7.83
V	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
FY	1.08	[1.19]	0.00	4.00	35	1.00	0.00	0.88	-0.10
YF	0.67	[0.93]	0.00	4.00	27	0.00	0.00	1.49	2.11
Y	0.03	[0.18]	0.00	1.00	2	0.00	0.00	5.38	27.86
Fr	0.46	[0.99]	0.00	4.00	15	0.00	0.00	2.44	5.33
rF	0.03	[0.18]	0.00	1.00	2	0.00	0.00	5.38	27.86
Sum C'	2.08	[1.81]	0.00	7.00	48	2.00	1.00	0.72	-0.28
Sum T	1.02	[0.96]	0.00	4.00	40	1.00	1.00	0.79	0.36
Sum V	1.16	[1.32]	0.00	6.00	38	1.00	0.00	1.49	2.59
Sum Y	1.79	[1.48]	0.00	6.00	47	2.00	1.00	0.66	-0.05
Sum Shading	6.05	3.51	0.00	15.00	60	5.00	4.00	0.87	0.30
Fr+rF	0.49	[1.07]	0.00	5.00	15	0.00	0.00	2.56	6.48
FD	1.90	[1.26]	0.00	7.00	57	2.00	1.00	1.27	3.09
F	8.36	3.84	2.00	19.00	61	8.00	5.00	0.55	0.06
(2)	9.08	5.48	1.00	30.00	61	8.00	5.00	1.23	2.47
3r+(2)/R	0.41	0.16	0.05	1.00	61	0.41	0.29	0.70	2.69
Lambda	0.58	0.39	0.07	2.00	61	0.48	0.50	1.70	3.39
PureF%	0.34	0.13	0.07	0.67	61	0.33	0.24	0.48	0.01
FM+m	5.82	4.54	0.00	24.00	60	4.00	3.00	1.95	4.83

RESULTADOS: NÍVEL DE ESCOLARIDADE SUPERIOR
(n = 61)

VARIABLE	MEAN	SD	MIN	MAX	FREQ	MEDIAN	MODE	SK	KU
EA	9.62	4.65	2.00	21.00	61	9.50	10.00	0.48	-0.42
es	11.87	6.48	1.00	32.00	61	10.00	8.00	0.91	0.65
D Score	-0.62	1.58	-5.00	3.00	32	0.00	0.00	-0.81	1.21
AdjD	0.05	1.15	-3.00	4.00	24	0.00	0.00	0.17	2.76
a (active)	7.20	4.67	0.00	22.00	60	6.00	3.00	1.02	0.74
p (passive)	3.75	3.20	0.00	19.00	56	3.00	1.00	1.99	7.22
Ma	3.31	2.34	0.00	9.00	53	3.00	2.00	0.45	-0.48
Mp	1.80	1.61	0.00	7.00	46	1.00	1.00	0.82	0.37
Intellect	3.84	3.43	0.00	15.00	52	3.00	3.00	1.19	1.34
zf	14.02	5.42	6.00	34.00	61	13.00	16.00	1.02	2.13
Zd	-1.01	4.99	-13.50	12.00	59	-0.50	1.00	-0.09	0.73
Blends	6.13	3.42	1.00	15.00	61	6.00	4.00	0.45	-0.43
Blends/R	0.24	0.12	0.04	0.59	61	0.24	0.21	0.39	0.02
Col-Shd Blends	1.28	[1.52]	0.00	7.00	38	1.00	0.00	1.72	3.55
Afr	0.57	0.22	0.21	1.08	61	0.54	0.47	0.38	-0.81
Populars	5.66	1.94	3.00	11.00	61	6.00	6.00	0.45	-0.19
XA%	0.88	0.07	0.71	1.00	61	0.88	0.86	-0.48	-0.32
WDA%	0.89	0.08	0.69	1.00	61	0.92	1.00	-0.80	0.55
X+%	0.49	0.14	0.19	0.88	61	0.48	0.40	0.12	0.24
X-%	0.11	0.07	0.00	0.27	56	0.10	0.05	0.54	-0.40
Xu%	0.39	0.12	0.06	0.73	61	0.36	0.28	0.52	0.82
Isolate/R	0.22	0.15	0.00	0.59	57	0.19	0.00	0.59	-0.25
H	2.98	2.12	0.00	9.00	56	3.00	3.00	0.92	0.78
(H)	1.25	1.21	0.00	5.00	42	1.00	1.00	0.97	0.58
HD	1.79	2.33	0.00	11.00	41	1.00	0.00	2.20	5.60
(Hd)	0.62	0.95	0.00	4.00	23	0.00	0.00	1.55	1.98
Hx	0.66	[0.96]	0.00	4.00	25	0.00	0.00	1.55	2.01
H+(H)+Hd+(Hd)	6.64	4.62	1.00	22.00	61	5.00	3.00	1.52	2.43
(H)+Hd+(Hd)	3.66	3.36	0.00	14.00	60	2.00	2.00	1.78	2.79
A	8.44	3.83	3.00	19.00	61	8.00	5.00	0.90	0.51
(A)	0.36	[0.58]	0.00	2.00	19	0.00	0.00	1.37	0.97
Ad	2.72	[2.20]	0.00	13.00	55	2.00	2.00	1.98	6.86
(Ad)	0.08	[0.33]	0.00	2.00	4	0.00	0.00	4.42	20.77
An	1.46	[1.78]	0.00	8.00	39	1.00	0.00	1.88	4.16
Art	2.21	1.92	0.00	9.00	48	2.00	0.00	0.97	1.26
Ay	0.28	[0.61]	0.00	3.00	13	0.00	0.00	2.52	6.93
Bl	0.38	[0.66]	0.00	3.00	18	0.00	0.00	1.89	3.65
Bt	1.69	1.59	0.00	6.00	46	1.00	1.00	1.18	1.14
Cg	1.90	2.03	0.00	9.00	43	1.00	0.00	1.43	2.27
Cl	0.26	[0.60]	0.00	2.00	11	0.00	0.00	2.18	3.48
Ex	0.26	[0.60]	0.00	3.00	12	0.00	0.00	2.65	7.63
Fi	0.64	[1.00]	0.00	4.00	23	0.00	0.00	1.61	1.91
Food	0.34	[0.66]	0.00	3.00	16	0.00	0.00	2.07	4.35
Ge	0.43	[0.81]	0.00	3.00	17	0.00	0.00	2.02	3.53
Hh	0.89	1.05	0.00	5.00	35	1.00	0.00	1.66	3.64
Ls	0.77	1.16	0.00	5.00	28	0.00	0.00	2.12	4.96
Na	1.03	[1.41]	0.00	6.00	31	1.00	0.00	1.62	2.32
Sc	0.98	[1.37]	0.00	6.00	32	1.00	0.00	1.91	3.70
Sx	0.89	[1.35]	0.00	6.00	25	0.00	0.00	1.71	2.74
Xy	0.20	[0.48]	0.00	2.00	10	0.00	0.00	2.46	5.60
Idiographic	0.62	0.95	0.00	3.00	23	0.00	0.00	1.43	0.97
An+Xy	1.66	[1.83]	0.00	8.00	42	1.00	0.00	1.79	4.02
DV	0.18	[0.39]	0.00	1.00	11	0.00	0.00	1.70	0.94
INCOM	0.33	[0.63]	0.00	2.00	15	0.00	0.00	1.74	1.87
DR	0.23	[0.59]	0.00	3.00	10	0.00	0.00	2.95	9.30
FABCOM	0.41	[0.59]	0.00	2.00	22	0.00	0.00	1.12	0.32
DV2	0.02	[0.13]	0.00	1.00	1	0.00	0.00	7.81	61.00
INC2	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----

RESULTADOS: NÍVEL DE ESCOLARIDADE SUPERIOR
(n = 61)

VARIABLE	MEAN	SD	MIN	MAX	FREQ	MEDIAN	MODE	SK	KU
DR2	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
FAB2	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
ALOG	0.11	[0.32]	0.00	1.00	7	0.00	0.00	2.47	4.28
CONTAM	0.00	[0.00]	0.00	0.00	0	0.00	0.00	----	----
Sum 6 Sp Sc	1.28	1.17	0.00	5.00	44	1.00	1.00	0.97	0.79
Lvl 2 Sp Sc	0.02	[0.13]	0.00	1.00	1	0.00	0.00	7.81	61.00
WSum6	3.77	3.56	0.00	13.00	44	4.00	0.00	0.93	0.41
AB	0.67	[0.99]	0.00	4.00	26	0.00	0.00	1.75	2.98
AG	1.02	1.26	0.00	5.00	33	1.00	0.00	1.37	1.43
COP	1.46	1.13	0.00	4.00	46	1.00	2.00	0.35	-0.54
CP	0.13	[0.43]	0.00	2.00	6	0.00	0.00	3.43	11.60
Good HR	4.43	2.47	0.00	13.00	59	4.00	4.00	0.69	1.28
Poor HR	3.38	3.23	0.00	12.00	52	2.00	1.00	1.14	0.51
MOR	1.70	[1.53]	0.00	6.00	45	1.00	0.00	0.80	0.08
PER	1.10	1.48	0.00	7.00	32	1.00	0.00	1.77	3.59
PSV	0.08	[0.28]	0.00	1.00	5	0.00	0.00	3.12	8.03
PTI Total	0.21	0.41	0.00	1.00	13	0.00	0.00	1.43	0.07
DEPI Total	4.34	1.32	1.00	7.00	61	4.00	4.00	-0.35	-0.39
CDI Total	2.28	1.27	0.00	5.00	59	2.00	1.00	0.26	-0.94
SCon Total	5.31	1.59	2.00	9.00	61	5.00	5.00	0.13	-0.49
HVI Total	2.77	1.60	0.00	6.00	59	2.00	2.00	0.51	-0.52
OBS Total (1-5)	1.62	0.97	0.00	4.00	54	2.00	1.00	0.15	-0.57
WD+	0.49	0.89	0.00	4.00	18	0.00	0.00	1.94	3.69
WDo	10.34	3.98	2.00	21.00	61	10.00	7.00	0.17	-0.24
WDu	7.02	3.57	1.00	20.00	61	6.00	5.00	1.23	2.39
WD-	1.80	1.39	0.00	5.00	50	1.00	1.00	0.44	-0.89
WDNone	0.34	0.75	0.00	3.00	14	0.00	0.00	2.51	6.10
EII-2	-0.57	0.82	-1.78	2.09	60	-0.59	-0.72	0.86	1.21
HRV	1.05	3.11	-9.00	7.00	50	1.00	3.00	-0.79	0.96